



Da lista de mais vendidos do *The New York Times*

O que você faria se encontrasse dentro de uma mala
um menino de 3 anos nu e dopado, mas vivo?

O MENINO DA MALA

LENE KAABERBØL
E AGNETE FRIIS



ARQUEIRO



**O
MENINO
DA MALA**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial,

lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

**O
MENINO
DA MALA**

LENE KAABERBØL
E AGNETE FRIIS



Título original: *Drengen I Kufferten*

Copyright © 2008 por Lene Kaaberbøl e Agnete Friis

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Ana Lucia Machado, Luis Américo Costa e Magda Tebet

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Christiano Menezes

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

K11m

Kaaberbøl, Lene

O menino da mala [recurso eletrônico] /
Lene Kaaberbøl, Agnete Friis [tradução de
Marcelo Mendes]; São Paulo: Arqueiro,
2013.

recurso digital

Tradução de: Drengen I kufferten

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital
Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-184-3 (recurso
eletrônico)

1. Ficção dinamarquesa. 2. Livros
eletrônicos. I. Friis, Agnete. II. Mendes,
Marcelo. III. Título.

13-01373

CDD: 839.813

CDU: 821.113.4

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Créditos

O menino da mala

Agradecimentos

Sobre as autoras

Conheça outros títulos da Editora
Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora
Arqueiro

Informações sobre os próximos
lançamentos

EMPURRANDO A PORTA DE VIDRO com os quadris e arrastando a mala atrás de si, ela desceu a escada que levava ao estacionamento do subsolo. O suor escorria sob sua camiseta. O interior do prédio não estava muito mais fresco que as ruas abafadas, escaldadas pelo sol, e como se não bastasse o calor, o ambiente se empestava com o cheiro pútrido de algum hambúrguer descartado numa lixeira qualquer.

Não havia elevadores. Depois de todo o esforço para transpor a escada com a mala pesada, ela enfim se deu conta de que não queria guardá-la no carro sem saber o que havia dentro. Escondeu-se atrás de algumas caçambas de lixo, fora do alcance das câmeras de segurança e do olhar dos curiosos. A mala não estava trancada a cadeado,

apenas protegida por dois fechos metálicos e uma correia resistente. Mesmo com as mãos trêmulas – uma delas dormente por causa do peso carregado de tão longe –, ela conseguiu abri-la.

O susto foi tão grande que ela caiu para trás, batendo as costas contra o plástico duro de uma das caçambas. Dentro da mala havia um menino nu. Cabelos claros e finos, mais ou menos 3 anos de idade. Os joelhos se flexionavam contra o peito, como se alguém os tivesse dobrado à maneira de uma camisa. De outra forma não teriam conseguido acomodá-lo ali, ela supôs. Os olhos estavam fechados e a pele parecia ainda mais pálida sob a luz azulada das lâmpadas fluorescentes do teto. Foi preciso que o menino entreabrisse os lábios para que ela se desse conta de que ele ainda estava vivo.

AGOSTO

A CASA SE EMPOLEIRAVA À BEIRA de um penhasco com uma visão panorâmica da baía. Jan sabia muito bem que os habitantes locais se referiam a ela como “a Fortaleza”. Mas não era por isso que ele ficava melancólico sempre que olhava para aqueles muros brancos. Os moradores que pensassem o que bem entendessem; não eram eles que importavam.

Com linhas modernas e funcionais (projetadas por um arquiteto famoso, claro), a casa era uma releitura do estilo *funkis* dos suecos. Neofunkis, como dizia Anne, que à época da construção lhe havia mostrado fotos de outras casas no mesmo estilo para fazê-lo entender, pelo menos até certo

ponto, o que era aquilo. Linhas retas, nenhuma decoração. A vista deveria falar por si própria através das janelas enormes que tragavam para os diversos cômodos toda a luz e beleza que vinham de fora. Assim havia sentenciado o arquiteto, e Jan achara aquilo mais do que razoável. Após comprar o terreno e botar abaixo o chalé de verão dos antigos proprietários, ele havia enfrentado os burocratas da prefeitura até convencê-los de que seria um bom negócio para o município tê-lo como um de seus novos contribuintes e enfim conseguir todas as permissões de que precisava para tocar a obra. Chegara ao ponto de apresentar a agência nacional de proteção ambiental com um cheque tão gordo que a representante local, ao ver o montante, quase engasgara com o chazinho de ervas que estava tomando. Ora, que motivo teria ele para não criar ali uma reserva ambiental? Não lhe interessava que outras pessoas viessem em hordas para perturbar sua paz

com piqueniques ou construções na vizinhança. Então lá estava ela agora, em sua casa de muros brancos, sua fortaleza neofunkis bem iluminada e arejada, de design sóbrio. Exatamente do jeito que ele havia planejado.

No entanto, não era bem isso que ele desejara. Aquela não era exatamente a casa dos seus sonhos. Ele ainda sentia uma vaga e estranha pontada de remorso ao pensar no imóvel que quisera comprar inicialmente, um casarão palaciano que misturava o novo-riquismo de 1912 com o total despropósito das reformas realizadas na década de 1960, caríssimo só porque ficava na esnobe Strandvejen, o endereço à beira-mar da elite financeira de Copenhague. Mas não era essa a causa de seu remorso. Endereços e elites não significavam nada para ele. O grande atrativo era o fato de que logo ao lado, separada apenas por uma malcuidada sebe de acácias, ficava a casa em que Anne havia crescido. Jan vinha acalentando

todo tipo de sonhos para quando se mudasse para lá com a mulher: a numerosa família de Anne reunida para um churrasco à sombra das macieiras; ele e o sogro fumando seu tabaco da Virgínia, ambos empunhando um bom uísque escocês; os cunhados sentados com seus respectivos filhos em torno da mesa longa e branca do pátio; a sogra no balanço de varanda, embrulhada no seu lindo xale indiano, cercada pelos quatro ou cinco filhos que ele ainda teria com Anne, o caçula dormindo nos braços da mãe. Por vezes ele também os imaginava em torno de uma fogueira no próprio quintal, celebrando com parentes ou amigos a chegada do verão, um número suficiente de vozes para sustentar a cantoria de praxe, ou talvez numa noite comum de quinta-feira, só porque lhes dera na veneta comer do lado de fora, só porque naquela manhã eles haviam encontrado camarões frescos para comprar no pír.

Acima de tudo, ele visualizava Anne feliz, relaxada, sorrindo.

Jan deu uma longa tragada no cigarro enquanto passava os olhos pela baía, o vento lambendo seus cabelos, marejando-lhe a vista. As águas estavam escuras e solenes, aqui e ali estriadas pela espuma branca. Ele já havia convencido o proprietário a vender o casarão, os papéis já estavam prontos para serem assinados. Mas Anne havia fincado o pé.

O que era difícil de entender. A família era *dela*! Não eram elas, as mulheres, que costumavam dar tanta importância a esse tipo de coisa? Proximidade, raízes, relações bem próximas. Coisas que numa família como a de Anne pareciam tão... certas. Saudáveis. Amorosas. Sólidas. Keld e Inger, ainda tão visivelmente apaixonados após quase quarenta anos de casamento. Os dois irmãos de Anne, que sempre apareciam para uma visitinha aos pais, ora com mulher e filhos, ora

sozinhos, apenas porque ainda jogavam tênis no clube da vizinhança. Fazer parte de tudo aquilo, e de um modo tão fácil, apenas comprando a casa do outro lado da sebe... Como era possível que Anne se recusasse? Mas foi o que aconteceu. Teimosamente, apenas dizendo não, sem oferecer nenhum argumento. Bem a seu estilo: não quero e ponto final.

Portanto, lá estavam eles agora. Era ali que eles viviam com Aleksander, à beira de um penhasco. O vento uivava em torno dos muros brancos sempre que soprava na direção noroeste, acentuando ainda mais o isolamento do lugar. Afastados demais da cidade, eles raramente recebiam a visita inesperada de algum amigo ou parente, não se encaixavam na rotina fácil das coisas, não tinham acesso àquela saborosa vidinha familiar, a não ser nas quatro ou cinco vezes anuais em que os encontros eram previamente agendados.

Jan deu uma última tragada e jogou o cigarro no chão, apagando-o com o calcanhar para não atear fogo na grama seca. Ficou ali por mais um tempo, deixando que o vento dissipasse das roupas e dos cabelos o cheiro da nicotina. Anne ainda não sabia que ele havia voltado a fumar.

Retirou a foto da carteira. Deixava-a ali porque sabia que a mulher era refinada demais para sair bisbilhotando os bolsos do marido. O mais sensato seria rasgar ou queimar aquela foto, mas de vez em quando ele precisava admirá-la, precisava sentir o misto de esperança e terror que ela lhe inspirava.

O garoto olhava diretamente para a câmera. Os ombros nus derreavam-se para a frente como se retraídos à vista de algum perigo. Não havia pista alguma sobre onde ele se encontrava: atrás dele, apenas um fundo escuro. No canto da boca ainda se viam os restos de algo que ele acabara de comer, provavelmente um chocolate.

Lentamente, Jan correu a ponta do indicador sobre a foto, depois a guardou de volta na carteira. Eles tinham enviado um celular, um Nokia velho que ele jamais teria comprado por iniciativa própria. O mais provável era que o aparelho fosse roubado. Ele digitou o número e esperou.

– Sr. Marquart. – A voz do outro lado tinha um leve sotaque e o tom era formal. – Já se decidiu?

Embora já estivesse resolvido, Jan hesitou.

– Sr. Marquart? – insistiu o interlocutor.

Ele pigarreou.

– Sim. Eu aceito.

– Ótimo. Vou lhe passar as instruções.

Jan ouviu as instruções curtas e precisas, anotou números e valores. Foi educado, assim como o homem com quem falava. Terminada a ligação, no entanto, ele enfim pôde dar vazão à raiva e à revolta represadas até ali. Num gesto de fúria, arremessou o telefone para longe. O aparelho alçou

voo sobre a cerca, quicou do outro lado e sumiu no mato da encosta.

Jan voltou ao carro e subiu para casa.



Dali a menos de uma hora, ele engatinhava pela encosta à procura do maldito celular. Anne apareceu no terraço dianteiro da casa e debruçou-se na grade.

- O que você está fazendo aí? – berrou ela.
- Deixei cair uma coisa – respondeu ele.
- Quer que eu ajude a procurar?
- Não precisa.

Anne permaneceu onde estava. O vento soprava encosta acima, enfunando seu vestido de linho pêssago, bagunçando seus cabelos, erguendo as madeixas, dando a impressão de que ela caía. Uma queda livre sem paraquedas, pensou Jan, mas imediatamente fez um esforço para

espantar os maus pensamentos. Tudo terminaria bem. Anne nem sequer ficaria sabendo.

Ele levou quase uma hora e meia para encontrar a porcaria do aparelho, e dali a pouco ligou para a companhia aérea. Definitivamente não era o caso de deixar que a secretária cuidasse daquela viagem.

- Para onde você está indo? – quis saber Anne.
- Uma viagem rápida a Zurique.
- Algum problema?
- Não – apressou-se em dizer. Foi um reflexo automático quando viu o medo nos olhos da mulher e procurou acalmá-la. – São só negócios. Uns fundos aí que preciso levantar. Segunda-feira estou de volta.

Como era possível que eles tivessem chegado àquele ponto? Subitamente, e de um modo intenso, Jan se lembrou daquele sábado de maio, mais de uma década antes, em que vira a mulher ser levada ao altar pelo pai. Ela estava linda, como

num conto de fadas, com seu vestido branco de uma simplicidade sublime, os cabelos pontilhados com minúsculos botões de rosa. Imediatamente ele percebera que o buquê que havia escolhido era grande demais, espalhafatoso demais, mas não dera a isso nenhuma importância. Estava apenas a alguns minutos de ouvi-la dizer o tão esperado “sim” e, num breve instante em que trocara olhares com o sogro, pensara ter visto na expressão dele uma clara mensagem de aprovação, de boas-vindas à família. *Vou cuidar muito bem dela*, foi a promessa que ele mentalmente fizera ao radiante homenzarrão. E acrescentara outras duas que não estavam incluídas nos votos formais: ele daria a Anne tudo que ela quisesse e a protegeria de todo o mal que pudesse haver neste mundo.

Essa ainda era sua vontade, pensava ele agora, jogando o passaporte na mala que fazia para ir a Zurique. Custasse o que custasse.

ÀS VEZES JUČAS SONHAVA com uma família: a mãe, o pai, um casal de crianças. Quase sempre eles estavam à mesa, comendo o jantar preparado pela mãe. Moravam numa casa com jardim, onde havia macieiras e pés de amora. Todos sorriam, sinal de que eram felizes.

Ele, Jučas, se achava do lado de fora da casa, olhando para o interior. Mas sempre tinha a impressão de que sua presença ali seria percebida a qualquer instante e o pai viria à porta, abrindo um sorriso ainda mais largo para dizer: “Finalmente você chegou! Entre, entre!”



Juças não fazia a menor ideia de quem seriam. Tampouco se lembrava da aparência de cada um. Mas, quando acordava, invariavelmente sentia uma nostalgia difusa, uma ansiedade que o acompanhava dia afora como um aperto no coração.

Nos últimos tempos, aquele sonho vinha se repetindo ainda mais. Para ele, a culpa era de Barbara, que volta e meia vislumbrava o futuro: os dois numa casinha nos subúrbios de Cracóvia, próxima o bastante para que a mãe dela pudesse tomar apenas um ônibus para visitá-los, mas afastada o suficiente para que existisse um mínimo de privacidade. E haveria filhos, é claro. Porque era tudo o que Barbara mais queria.

Na véspera do dia marcado eles haviam festejado. Tudo estava pronto. As malas já estavam no carro, todos os preparativos já haviam sido feitos. Naquela altura, somente um inesperado desvio na rotina da putinha poderia detê-los.

E mesmo que isso viesse a acontecer, bastaria que eles esperassem mais uma semana.

– Que tal fazermos um passeio? – sugeriu Barbara. – Algum lugar em que a gente possa deitar na grama, ficar a sós...

De início ele recusou, alegando que uma variação da rotina não seria aconselhável. As pessoas se lembrariam depois. Para que alguém passasse totalmente despercebido, era preciso que ele ou ela fizesse apenas aquelas coisas que sempre fazia. Mas então ele se deu conta de que, se tudo saísse como planejado, aquele seria seu último dia na Lituânia. Além disso, ele não estava com a menor vontade de passar o dia vendendo sistemas de alarme para os executivos do terceiro escalão de Vilna.

Então ligou para o cliente que teria de encontrar e desmarcou, dizendo que a empresa mandaria alguém na segunda ou na terça. Barbara também ligou para o emprego, dizendo que

estava “muito gripada”. Já seria segunda-feira quando todos em Klimka percebessem que ambos haviam faltado ao trabalho, e nessa altura isso não teria a menor importância.

Eles pegaram o carro e foram para o lago Didžiulis. No passado, o lugar era utilizado como camping para os filhos dos colonos, mas agora eram os escoteiros que acampavam ali, e num dia de semana comum como aquele, no fim de agosto, não havia ninguém por perto. Jučas estacionou à sombra de uns pinheiros para evitar que o Mitsubishi estivesse um forno quando eles voltassem. Barbara desceu e imediatamente se espreguiçou, deixando à mostra um pouco da barriguinha bronzeada. Foi o que bastou para Jučas sentir uma comichão entre as pernas. Ele nunca havia conhecido uma mulher capaz de excitá-lo assim tão rápido. Aliás, jamais conhecera uma mulher como Barbara, e ponto final. Ainda se

perguntava por que diabos ela havia escolhido alguém como ele.

Caminhando na direção oposta à dos chalés de madeira, que pareciam prestes a desmoronar, eles foram seguindo pela trilha que cortava a colina e mais adiante se embrenhava no bosque. Inalando o cheiro de resina e das árvores ressecadas pelo sol, Juças se viu por um instante na companhia de sua avó Edita na fazenda em que ela morava, próximo a Visaginas. Passara os primeiros sete anos de vida ali. Era terrivelmente frio e solitário no inverno, mas, no verão, Rimantas vinha passar as férias com a avó dele na fazenda vizinha e o bosque de pinheiros entre as duas propriedades se transformava ora na selva africana de Tarzan, ora na floresta sem fim de Hawkeye, o último dos moicanos.

– Acho que ali está bom para nadar.

Barbara apontou para a margem do lago onde uma velha plataforma de madeira invadia as águas como um dedo ligeiramente torto.

Juças devolveu a fazenda de Visaginas à caixa de onde ela havia escapado, uma das muitas de sua memória. Raramente a abria e não havia motivo algum para que o fizesse justamente ali, naquelas circunstâncias.

– Deve ter sanguessugas – falou, apenas para amedrontá-la.

Ela fez uma careta.

– Claro que não. Se tivesse, não iam deixar as crianças nadarem aqui.

Só então ele se deu conta da besteira que tinha dito: por pouco não fizera com que ela desistisse de se despir.

– Tem razão, tem razão – concordou rapidamente.

Barbara respondeu com um sorrisinho maroto, como se soubesse exatamente o que se passava na

cabeça de Jučas. Enquanto ele observava, ela lentamente foi desabotoando a blusa, tirando a saia cor de areia, descalçando as sandálias. Vestia apenas a calcinha e o sutiã, ambos brancos, quando foi para a beira da água.

– Será que a gente tem mesmo que nadar agora?
– perguntou Jučas.

– Claro que não – respondeu ela, aproximando-se. – Nós nadamos depois.

Jučas tinha tanto desejo por aquela mulher que às vezes apressava as coisas, atabalhado como um adolescente. Mas dessa vez ele soube se conter. Beijou-a sem nenhuma pressa. Tocou-a onde era preciso tocar. Queria deixá-la tão excitada quanto ele próprio. Chegada a hora, pescou a carteira do bolso para tirar a camisinha que, por insistência dela, sempre carregava consigo. Porém, foi ela quem o deteve.

– O dia está tão lindo... – comentou ela. – Este lugar é tão lindo... Acho que podemos fazer um filho lindo também, você não acha?

Juças não encontrou o que dizer. Deixou a carteira de lado e a abraçou por um bom tempo antes de deitá-la na relva e tentar dar à namorada o que ela tanto queria.



Por fim, eles se jogaram nas águas profundas e geladas do lago. Barbara não era uma exímia nadadora, na verdade nunca havia aprendido a nadar, então apenas chapinhava na água, fazendo o possível para não se afogar. Ela cruzou as mãos na nuca de Juças e deixou que ele a rebocasse enquanto nadava de costas. Olhando diretamente nos olhos dele, perguntou:

– Você me ama?

– Muito.

– Mesmo sabendo que sou uma velha decrepita?

Barbara era nove anos mais velha que ele e incomodava-se com isso. Ele, por sua vez, não estava nem aí.

– Amo você loucamente. E você não é nenhuma velha.

– Promete que vai cuidar de mim? – indagou ela, e deitou a cabeça no peito dele.

Juças ficou surpreso com a intensidade do carinho que sentiu naquele momento.

– Sempre a seu serviço – sussurrou.

Então pensou que a família daquele sonho recorrente talvez fosse a que ele próprio formaria com Barbara numa casinha nos subúrbios de Cracóvia. Muito em breve.

Mas antes havia algo que ele precisava fazer.

OS SÁBADOS ERAM OS DIAS de maior solidão para Sigita.

A semana passava num piscar de olhos. Havia o trabalho, e também havia Mikas. Após as seis da tarde, quando ela buscava o filho no jardim de infância, tudo se desenrolava numa rotina quase militar: cozinhar, comer, dar banho no menino, botá-lo para dormir, separar as roupinhas que ele usaria no dia seguinte, arrumar a casa, lavar a louça, ver um pouco de TV. Havia noites em que ela adormecia com o blá-blá-blá dos telejornais.

Mas os sábados... eles pertenciam aos avós. Logo de manhãzinha ela via no estacionamento diante do prédio a movimentação dos pais que iam recheando seus respectivos carros com filhos, malas e caixotes vazios que no domingo

voltariam repletos de batatas, alfaces, repolhos, por vezes até com ovos frescos e potes de mel. Todos partiam para “o campo”, isto é, para o sítio ou a fazenda dos avós.

Sigita não ia a lugar nenhum nos fins de semana. Comprava todas as suas hortaliças no supermercado. E, quando via a pequenina Sofija, de apenas 4 anos, atravessar a rua e se jogar nos braços de sua avó de pele bronzeada e cabelos tingidos de hena, sentia uma dor tão aguda que parecia ter perdido um dos braços.

Naquele sábado em particular, recorrera ao expediente de sempre: preparara um café da manhã, uma garrafa térmica e levava Mikas para o parquinho da escola. As copas frondosas das bétulas junto à cerca rebrilhavam sob o sol forte. Havia chovido durante a noite e alguns estorninhos se banhavam nas poças turvas que haviam se formado sob a gangorra.

– Mamãe, mamãe! *Olhaláopassarinhotomandobanho!* – exclamou Mikas, apontando com entusiasmo.

Nos últimos tempos, ele vinha falando sem parar e tão rápido que por vezes era difícil entender o que dizia.

– Pois é. Acho que ele quer ficar bem limpinho. Será que ele sabe que amanhã é domingo?

Sigita gostaria de ter encontrado outras crianças no parquinho, mas naquele sábado, como de hábito, não havia ninguém além deles. Ela entregou ao filho o caminhãozinho de plástico, o balde vermelho e a pá. Mikas ainda gostava de brincar no tanque de areia, onde costumava passar horas na construção de ambiciosos projetos que envolviam estradas e fossos; pequenos ramos fincados na areia faziam as vezes de árvores ou talvez fortificações.

Exausta, Sigita acomodou-se na borda do tanque e fechou os olhos. Segundos depois, no

entanto, sentiu no rosto uma saraivada de areia molhada.

– Mikas!

Sabia que o filho havia feito de propósito: podia ver o brilho no olhar dele, o riso que ele tentava reprimir.

– Mikas, meu filho, não faça uma coisa dessas!

Alheio ao que acabara de ouvir, o menino fincou a pá na areia e mais uma vez atirou outro punhado contra a mãe, acertando-a diretamente no peito. Sigita sentiu a areia escorrendo sob sua blusa.

– *Mikas!*

Ele não pôde se conter mais: deixou escapar uma gargalhada adorável e contagiante. Sigita ficou em pé de um salto e exclamou:

– Vou te pegar!

Mikas deu um gritinho de contentamento e se levantou, correndo o mais rápido que lhe permitiam as perninhas de 3 anos. Deixando que o

filho tomasse uma pequena dianteira, Sigita saiu no encalço dele, agarrou-o pouco depois e o ergueu para apertá-lo num demorado abraço. De início ele tentou se desvencilhar, mas depois cedeu, envolvendo o pescoço da mãe com os braços e enterrando a cabeça sob o queixo dela. Seus cabelinhos ralos e dourados cheiravam a xampu e a suor. Sigita cobriu-o de beijos ruidosos e intensos, fazendo com que o pequeno Mikas voltasse a rir e espernear.

– Me solta, me solta!

Somente mais tarde, quando eles já haviam voltado para o tanque de areia e Sigita se servia de um primeiro copo de café, foi que o cansaço voltou. Ela levou o copo de plástico ao nariz e inalou o aroma como se tivesse à sua frente uma carreira de cocaína. Mas aquele cansaço não era do tipo que podia ser aplacado com um simples café.

Seria sempre assim?, perguntou-se ela. Apenas eu e Mikas? Sozinhos no mundo? Não era assim que deveria ser. Ou era?

De repente, Mikas irrompeu na direção da cerca, onde agora se achava uma mulher jovem e alta, vestindo um casaco claro de verão, a cabeça envolta num lenço de estampa floral como se estivesse indo a uma missa. Mikas corria até ela com determinação. Sigita chegou a pensar que fosse uma das professoras da escola, mas viu que não. Hesitante, levantou-se e foi caminhando ao encontro dela.

Só então percebeu que a mulher trazia algo na mão. A embalagem metálica reluzia sob o sol e Mikas havia escalado a cerca de um modo apressado e guloso. Chocolate.

Sigita surpreendeu-se com a própria fúria. Com dez ou doze passadas largas, chegou à cerca e com um gesto brusco tomou o filho no colo.

Mikas armou um beijo de revolta. Seu rosto já estava sujo de chocolate.

– O que é isso que você deu para ele?

A mulher desconhecida fitou-a com uma expressão de surpresa.

– Só um chocolate...

Tinha um leve sotaque, talvez russo, o que em nada diminuía o rancor de Sigita.

– Meu filho não tem permissão para aceitar doces de estranhos – afirmou ela.

– Desculpa. É que... ele é tão fofo...

– Das outras vezes foi você também? Ontem e no outro dia?

Sigita já havia encontrado manchas de chocolate na camiseta do filho e por causa disso tivera uma acalorada discussão com as diretoras da escola, que juraram de pés juntos nunca ter dado algum tipo de doce a Mikas ou a quem quer que fosse. A regra da escola era bem clara: doces, apenas uma vez por mês. Segundo tinham dito,

elas nem sequer haviam cogitado quebrar essa regra, e pelo visto tinham falado a verdade.

– Sempre passo por aqui. Moro logo ali – informou a mulher, apontando para um dos prédios de concreto vizinhos do parquinho. – Sempre trago chocolate para as crianças.

– Por quê?

A mulher ficou olhando para Mikas durante um bom tempo. Parecia um tanto nervosa agora, como se a tivessem flagrado fazendo algo errado.

– Não tenho filhos – respondeu ela afinal.

Apesar da fúria, Sigita sentiu uma pontada de compaixão.

– Eles ainda virão – replicou. – Você ainda é jovem.

A mulher fez que não com a cabeça.

– Trinta e seis – falou com um ar de tragédia.

Só então Sigita percebeu a maquiagem que deliberadamente escondia as ruguinhas em torno dos olhos e da boca da mulher. Num gesto

automático, apertou o filho ainda mais entre os braços. Pelo menos tenho Mikas, pensou ela. Pelo menos isso.

– Por favor, não faça isso outra vez – repreendeu-a, mas com menos firmeza do que havia planejado. – Açúcar não faz bem à saúde.

– Sinto muito – respondeu a mulher, com os olhos marejados. – Não vai acontecer de novo. – E se afastou com passos rápidos.

Coitada, pensou Sigita. Pelo visto não foi só comigo que o destino foi ingrato.



Ela limpou as manchas de chocolate com um lenço umedecido. Mikas se retorceu feito uma minhoca, acintosamente irritado.

– *Maischocolate! Maischocolate!*

– Não – retrucou Sigita. – Nada de chocolate.

Percebendo que o filho já ensaiava uma birra, ela correu os olhos à sua volta em busca de

alguma distração. Apontou para o balde vermelho e sugeriu:

– Que tal a gente construir um castelo?

Então ficou brincando com ele até vê-lo sucumbir de novo ao eterno fascínio da água, da areia e dos galhos, de tudo aquilo que era possível fazer com eles. O café já havia esfriado, mas ela o bebeu mesmo assim. Grãos de areia a espetavam sob o elástico do sutiã; discretamente, tentou varrê-los dali. As bétulas desenhavam sombras escuras sobre a areia cinzenta, onde Mikas, engatinhando, empurrava seu caminhão ao mesmo tempo que imitava, de maneira bastante realista, um ronco de motor.

Sua lembrança desse dia pararia aí.

UMA GAIVOTA, PENSOU JAN. Uma maldita gaivota!

Ele já deveria estar de volta à Dinamarca havia mais de uma hora. Em vez disso, esperava pelo que deveria ter sido o voo de 7h45 para Copenhague, torrando no interior de um tubo de alumínio superaquecido junto com outros 122 infelizes. As comissárias serviam refrescos a todo instante, mas nada era capaz de arrefecer seu desespero.

O avião havia chegado de Copenhague no horário, mas o embarque havia sido postergado, primeiro por quinze minutos, depois por outros quinze, depois por mais trinta. Jan já começara a suar. Tinha uma agenda apertada a cumprir. Mas os funcionários da companhia aérea insistiam em

dizer que o problema era temporário, solicitando que os passageiros permanecessem junto ao portão. Quando anunciaram que o embarque seria adiado de novo, dessa vez por uma hora inteira, e sem explicação alguma, Jan perdeu as estribeiras e exigiu que sua mala fosse devolvida de modo que ele tentasse pegar outro voo para Copenhague. A exigência foi negada com educação. Toda a bagagem já se achava no interior da aeronave e, claro, ninguém se daria o trabalho de encontrar a mala dele entre as demais 122. Dane-se a mala, pensou Jan, agora exigindo que o deixassem sair da sala de embarque. De imediato, dois seguranças o cercaram para dizer que, se a mala iria partir naquele avião, ele teria que partir junto. Algum problema?

Claro que não, respondeu ele servilmente, nem um pouco disposto a ser levado para alguma saleta sem janelas e ficar trancafiado nela por mais não sei quantas horas. Não era nenhum

terrorista, explicou, apenas um empresário com importantes negócios à sua espera em Copenhague. A segurança aeroportuária também era um negócio muito importante, retrucaram eles. Sem mais o que dizer, Jan aquiesceu e foi se sentar numa das cadeiras azuis do saguão, mentalmente amaldiçoando o 11 de Setembro e todas as mudanças que aquele fatídico dia havia impingido ao mundo.

Ao cabo do que parecera uma eternidade, eles enfim deram início ao embarque. Agora tudo precisava ser feito à velocidade da luz. Dois funcionários se juntaram ao primeiro para agilizar o processo e outros tantos começaram a monitorar os passageiros de modo que ninguém se perdesse ou se afastasse para alguma providência de última hora. Aliviado, Jan jogou-se na sua confortável poltrona da classe executiva e consultou o relógio. Ele ainda chegaria a tempo.

As turbinas já se aqueciam enquanto os comissários de bordo repetiam o texto de praxe sobre os procedimentos de emergência. Dali a pouco, o avião se pôs em movimento.

Mas de repente parou. E permaneceu parado por tanto tempo que Jan, aflito, mais uma vez conferiu as horas. Tirem essa bosta do chão!

Nesse mesmo instante, o capitão anunciou pelos alto-falantes:

– Senhores passageiros, lamento informar que houve outro imprevisto. No voo até aqui, colidimos com uma gaivota. A aeronave não sofreu nenhum dano aparente, mas, em obediência às normas da aviação, tivemos que fazer uma inspeção nas turbinas antes de recebermos a autorização para decolar. Por isso o atraso até agora. O avião foi inspecionado e devidamente autorizado a voar.

Então por que não estamos voando?!, pensou Jan, rangendo os dentes.

– Ocorre que nossa companhia possui um programa de controle de qualidade, o qual nos obriga a enviar por fax toda a documentação da inspeção mecânica antes que a central nos dê a permissão final para decolagem. Neste exato momento, no plantão de Copenhague, há apenas uma pessoa qualificada para concedê-la, e por algum motivo essa pessoa não se encontra em sua mesa...

A frustração do piloto era bastante audível, mas nada que se comparasse ao desespero que Jan sentia. Seu coração batia tão forte que parecia doer no peito. Se eu tiver um infarto, será que me deixam descer desta porra?, cogitou ele, já pensando se deveria ou não fingir um ataque cardíaco. Mesmo que o deixassem sair, ele levaria algum tempo até conseguir outro voo, ainda que abrisse a carteira para pagar o custo de um jatinho particular. Ele precisava se conformar com o fato de que não iria dar certo.

Mas algo precisava ser feito. Cada vez mais aflito, Jan se perguntava quem poderia ajudá-lo àquela altura dos acontecimentos. Com quem ele poderia entrar em contato? Quem seria fiel e competente o bastante para fazer o que precisava ser feito? E Anne? Seria o caso de ligar para ela?

Não. Anne, não. Karin teria que se virar sozinha: já estava relativamente envolvida na história, e quanto menos pessoas soubessem, melhor. Jan pegou o celular na maleta e ligou para a secretária.

A comissária o atacou como uma águia:

– Por favor, desligue o celular, senhor.

– Estamos parados – observou ele. – E a menos que a companhia aérea queira responder a um processo de seis dígitos, sugiro que a senhorita me deixe em paz para que eu possa ligar para minha empresa *agora*.

Notando as veias que latejavam no pescoço dele, a comissária enfim decidiu que a diplomacia seria o melhor caminho.

– Então seja rápido, senhor. Mas depois dessa ligação o aparelho terá que ser desligado – exigiu, e ficou plantada ao lado dele.

Jan cogitou pedir que ela se afastasse, mas estava cercado de outros passageiros, portanto não havia privacidade possível. Procurando ser sucinto, instruiu Karin a ir até o banco em Copenhague e sacar o montante que ele acabara de transferir de Zurique.

– Você vai ter que fornecer uma senha; vou mandá-la numa mensagem de texto daqui a pouco. Leve com você uma das minhas maletas, a que tiver as trancas mais seguras. É uma quantia bem grande. – Constrangido com a presença da comissária, e sem saber como dizer o resto sem ser confundido com o personagem de um filme de espionagem, acrescentou: – Na verdade, acho

melhor mandar tudo por texto. São muitos dados e números. Confirme depois o recebimento da minha mensagem.

Embora não houvesse mais o que ouvir, a comissária permaneceu acintosamente nas imediações enquanto ele digitava sua mensagem e esperava pela confirmação, que, de forma inexplicável, demorou a chegar:

“Ok. Mas você agora me deve um grande favor.”

“Eu sei”, respondeu ele.

Jan ficou se perguntando quanto aquilo lhe custaria, sobretudo o silêncio de Karin, que havia aprendido a gostar das coisas boas da vida. No fundo era uma pessoa bondosa e fiel, pensou ele para se tranquilizar, e além disso tinha bons motivos para permanecer ao seu lado. Afinal, até então ele havia sido bastante generoso como chefe – e como outras coisas também.

Pouco depois, o avião deu um solavanco e começou a avançar. Jan receou ter-se precipitado ao envolver Karin, mas logo viu que eles não estavam se preparando para decolar e, sim, taxiando para uma área lateral. O capitão explicou que o movimento no aeroporto era grande e eles haviam perdido o lugar na fila de decolagem; agora teriam de esperar indefinidamente até que recebessem a permissão de Copenhague e então pudessem pleitear um novo lugar na fila. Falou ainda que sentia muito, mas seria obrigado a desligar o ar-condicionado da aeronave durante a espera.

Jan fechou os olhos e xingou em três línguas diferentes: *Fandens. Scheisse. Puta merda.*

NINA FITOU O HOMEM diretamente nos olhos.
– Acho melhor o senhor ir embora.

Em vão. Ele se aproximou ainda mais, avultando-se sobre ela. Nina podia sentir o perfume da loção pós-barba que ele estava usando. Fosse outras as circunstâncias, teria gostado.

– Sei que ela está aqui – disse o homem. – Quero ver minha noiva *agora*.

Era um dia quente de agosto, e no vaso azul sobre a mesa dela havia rosas brancas colhidas no jardim. Do lado de fora do Ellen's Place, o sol deitava sua luz sobre os gramados ressecados e os bancos brancos. Algumas das crianças do Bloco A jogavam futebol. Os jogadores de um dos times gritavam em urdu, e os do outro, quase todos, em romeno; apesar disso, pareciam se entender

perfeitamente. Um pensamento surgiu na cabeça de Nina, numa das longínquas esquinas de seu cérebro: hora do recreio. Seus colegas Magnus e Pernille já a haviam abandonado para ir à cafeteria e de onde estava ela podia ver a psicóloga Susanne Marcussen almoçando na área de piquenique com a nova chefe de enfermagem do distrito. Eram 11h55, e a não ser pelo jogo de futebol, pairava uma tranquilidade de *siesta* sobre o Centro Furesø da Cruz Vermelha Dinamarquesa, também conhecido como Coal House Camp. Pelo menos era essa a sensação até o homem avançar clínica adentro quatro minutos antes. Nina olhou de relance para o telefone sobre sua mesa, mas para quem poderia ligar? Para a polícia? Até então, o homem não havia cometido nenhuma infração.

Aparentando quase 50 anos, ele trazia os cabelos castanhos penteados para trás, tinha a pele bronzeada e usava uma gravata sobre a impecável

camisa Hugo Boss de mangas curtas. Ao que tudo indicava, não ocorrera a ninguém barrá-lo na portaria.

– Saia do meu caminho – ordenou ele. – Vou buscá-la eu mesmo.

Nina não se intimidou. Caso fosse agredida, pensou, poderia chamar a polícia. Valeria a pena arriscar.

– Isto aqui não é um lugar público – retrucou. – Vou ter que pedir ao senhor que se retire imediatamente.

De novo, em vão. Como se ela não estivesse ali, o homem agora olhava para o corredor atrás.

– Natasha! – chamou ele. – Vem, meu amor. Rina já está esperando no carro.

No carro? Nina buscou o olhar dele.

– Rina está na escola! – berrou.

Ele baixou os olhos para ela, estampando nos lábios um sorriso de tal modo presunçoso que Nina sentiu engulhos.

– Não mais – replicou ele.

Nina ouviu uma porta se abrir às suas costas. Não precisou se virar para saber que Natasha havia saído ao corredor.

– Por favor, não a machuque – pediu Nina.

– Jamais faria uma coisa dessas, querida – disse o homem. – Então, vamos para casa? Passei na confeitaria e comprei aqueles folhados que você adora.

Natasha fez um breve gesto de assentimento.

Como num reflexo, Nina tentou detê-la, mas a jovem ucraniana, loura e miúda, passou direto por ela, sem ao menos fitá-la. Nina sabia que ela tinha 24 anos, mas naquele momento a moça parecia uma adolescente apavorada.

– Vou com ele – afirmou ela.

– Natasha! Você pode denunciá-lo se quiser!

Natasha balançou a cabeça.

– Denunciar para quê?

O homem pousou a mão no pescoço fino da ucraniana e a puxou para um beijo acintosamente apaixonado. Nina podia *ver* que ela se retesava de aflição. Em seguida o homem foi baixando as mãos pelas costas da moça até passá-las pela cintura da calça e apertar ambas as nádegas dela, as manzorras se avolumando sob o tecido. Num gesto abrutalhado, forçou a pélvis dela contra a sua.

A essa altura, Nina estava a ponto de vomitar. Sua vontade era pegar o vaso azul à sua frente e arremessá-lo contra a cabeça do filho da puta, mas ela se conteve. Sabia que o homem estava fazendo aquilo para irritá-la, para se vangloriar de uma suposta vitória. Quanto mais ela demonstrasse algum tipo de reação, tanto mais duraria aquele espetáculo grotesco.

Nina ainda se lembrava da felicidade da ucraniana ao exibir seu anel de noivado. “Agora posso

ficar na Dinamarca”, dissera com um sorriso radiante. “Meu marido é cidadão dinamarquês.”

Quatro meses depois ela havia aparecido na clínica com uma mala feita às pressas e a filhinha de 6 anos, Rina, a tiracolo. Dava a impressão de que havia fugido de alguma zona de guerra. Não havia nenhum sinal externo de violência a não ser por alguns pequenos hematomas. Tudo indicava que a tara do homem não era bem a agressão física. Natasha se recusava a dizer o que ele fizera; apenas chorava copiosamente. Mas depois de um tempo, em razão de fortes dores no abdômen, concedera em ser examinada por Magnus.

Nina jamais vira o colega tão furioso.

– *Jävla skitstöfel* – vociferou ele. – *Fy fan*, se eu tivesse um taco de beisebol agora...

Quando estava muito irritado, Magnus tinha o hábito de recorrer ao sueco, sua língua natal.

– O que ele fez com ela? – perguntara Nina.

– Se o filho da puta se contentasse apenas em usar o pinto... Você devia ver as lesões que ela tem na vagina e no reto. Nunca vi nada igual.

Pois agora o Filho da Puta estava bem ali à sua frente, encarando-a ao mesmo tempo que apertava as nádegas de Natasha com as mãos gulosas. A Nina, só restava desviar o olhar. Era bem capaz de matar aquele sujeito. Matar, castrar, esquartejar. Mesmo sabendo que isso não levaria a nada.

Havia milhares de outros canalhas iguais. Não exatamente iguais, mas canalhas que rondavam suas presas feito tubarões à espera do momento certo para explorar o desespero e a vulnerabilidade das mulheres expatriadas e cravar os dentes nas carnes delas.

Por fim, ele tirou as mãos das calças de Natasha.

– Tenha um bom dia – disse, e saiu com a ucraniana como se a levasse numa coleira.

Nina logo pegou o telefone e discou um número interno do centro.

- Sala dos professores, Ulla falando.
- É verdade que aquele filho da puta que vai se casar com a Natasha passou aí e levou a Rina? – perguntou ela.

Seguiu-se um silêncio do outro lado da linha.

- Vou dar uma olhada – respondeu a professora de inglês. Nina esperou seis minutos até Ulla Svenningsen voltar. – Sinto muito, mas ele apareceu logo depois que tocou o sinal do recreio. Segundo contaram as outras crianças, ele acenou com um picolé para a menina, e ela foi correndo para ele.

– Porra, Ulla...

- Desculpa. Mas isto aqui não é uma prisão, certo? A liberdade é parte do conceito.

Nina desligou sem se despedir. Tremia de tanta raiva. Não estava nem um pouco disposta a ouvir explicações ou discursos politicamente corretos sobre a importância da interação com a comunidade.

Magnus surgiu à porta. Com os óculos tortos no nariz, ofegava de tanto correr e suava por toda parte no rosto enorme que lembrava o de um cachorro afável.

– Natasha... Acabei de vê-la entrando num carro...

– Eu sei – replicou Nina. – Ela voltou para o Filho da Puta.

– *For helvete da!*

– Primeiro ele pegou a Rina. Então a Natasha teve que ir com ele.

Magnus se jogou na cadeira mais próxima.

– E claro que ela não vai denunciar o cara...

– Não, não vai. Mas será que *nós* não podemos fazer a denúncia?

Magnus retirou os óculos e, de forma displicente, limpou as lentes na lapela do jaleco.

– Basta ele dizer que não temos nada a ver com o fato de ele e a noiva curtirem sexo selvagem – disse o médico com repulsa. – Se ela não o

contrariar... não há nada que a gente possa fazer. Ele não bate nela. Não há nenhuma radiografia de costelas ou braços quebrados que a gente possa enfiar no rabo dele.

– Além disso, ele não abusa da menina... – acrescentou Nina, suspirando.

Magnus balançou a cabeça.

– Pois é. Se fosse esse o caso, aí sim poderíamos fazer uma denúncia. – Ele consultou o relógio de parede. Meio-dia e cinco. – Você não vai almoçar?

– Acho que perdi o apetite.

Nesse momento, o celular de Nina vibrou no bolso.

– Nina – atendeu ela.

Ninguém se identificou do outro lado da linha e Nina não reconheceu de imediato a voz da mulher:

– Você precisa me ajudar.

– Ajudar... com o quê?

– Você precisa ir lá buscar. Você entende dessas coisas.

Só então ela percebeu que se tratava de Karin, vista pela última vez na bebedeira de uma festinha de Natal que terminara em muita discussão e gritaria.

– Karin, o que aconteceu? Você não está falando coisa com coisa.

– Estou na cafeteria da Magasin – respondeu Karin, referindo-se à mais antiga loja de departamentos de Copenhague. – O único lugar que me ocorreu. Então, você vem me ver?

– Estou trabalhando.

– Eu sei. Mas você vem?

Nina refletiu um instante e diversas lembranças vieram à tona: favores devidos, contas a acertar. Então percebeu que não teria como recusar ao menos aquele auxílio.

– Tudo bem. Chego aí em vinte minutos.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

– Tenho que almoçar, não tenho? – questionou ela. – Mas acho que vou demorar... hum... pelo menos uma hora.

O médico assentiu, mas sem convicção.

– Ok, ok, nós seguramos as pontas por aqui.

— **S**RA. RAMOŠKIENĖ!
Um dos olhos de Sigita foi ofuscado pela luz forte de uma lanterna. Ela tentou virar o rosto, mas percebeu que isso não era possível, pois alguém segurava sua cabeça com firmeza, imobilizando-a.

— Sra. Ramoškienė, está me ouvindo?

Ela não conseguiu responder. Não conseguia sequer abrir os olhos por conta própria.

— Não adianta — disse uma segunda pessoa. — Está apagada.

— Eca. Que fedor é esse?

Exatamente, pensou Sigita. Apesar de grogue, ela podia sentir o cheiro acre que a cercava, de vômito misturado ao álcool de alguma bebida

forte. Aquele lugar estava precisando de uma boa limpeza.



– Sra. Ramoškienė. Será bem mais fácil se a senhora puder nos ajudar.

Ajudar em quê? Ela não entendia. Onde ela estava? Onde estava Mikas?

– Precisamos inserir um tubo na sua garganta. Se puder engolir enquanto o empurrarmos, o desconforto será bem menor.

Um tubo? Por que diabos ela ia querer engolir um tubo? Na confusão mental que a aturdiava, Sigita lembrou-se das apostas absurdas que ela e os colegas costumavam fazer nos tempos de escola. “Você ganha 1 litas se engolir esta lesma viva. Não vai engolir, é? Covarde! Amarelou!” Mas dali a pouco recobrou o pouco de lucidez que ainda lhe restava. Ela devia estar em um

hospital... Ela *estava* em um hospital e queriam que ela engolissem um tubo de plástico. Mas por quê?

Chegou a tentar, mas não conseguiu. Aquilo estava além das suas forças. Numa espécie de reflexo, começou a se debater e foi aí que sentiu uma dor nova, forte o bastante para atravessar a neblina espessa de sua embriaguez. Meu braço... Santo Deus, meu braço!

É muito difícil gritar com um tubo de plástico enfiado na garganta, constatou ela.



- Mikas...
- O que ela disse?
- Onde está Mikas?

Sigita abriu os olhos. Sentia-os pesados, estranhos, mas ainda assim encontrou forças para abri-los. A luz a cegou, tão branca quanto o leite. Vislumbrava apenas o vulto de duas mulheres, duas

manchas escuras em meio à brancura a seu redor. Enfermeiras, ou auxiliares de enfermagem, ela não sabia dizer ao certo. Estavam fazendo a cama a seu lado.

– Onde está Mikas? – repetiu ela, esforçando-se o quanto podia para ser clara.

– A senhora precisa descansar, Sra. Ramoškienė.

Um acidente, pensou ela. Sofri um acidente. Com o carro, ou talvez no ônibus elétrico. Por isso ela não se lembrava de nada. Então foi acometida de um medo súbito. O que teria acontecido a Mikas? Estaria machucado? Estaria *morto*?

– Onde está meu filho? – gritou. – O que vocês fizeram com ele?

– Por favor, se acalme, Sra. Ramoškienė. E fique *deitada*, por favor!

Uma pessoa tentou imobilizá-la, mas Sigita estava apavorada demais para se deixar imobilizar.

Levantou-se. Um dos braços estava mais pesado que o outro. O estômago se retorcia com as ondas de náusea, o ácido fazia arder o esôfago já tão machucado. As dores roubaram-lhe o suporte das pernas e todo o controle do corpo, de modo que ela se esborrachou no chão, junto da cama, agarrando-se aos lençóis, ainda tentando ficar de pé.

– Mikas. Eu quero ver Mikas!

– Ele não está aqui, Sra. Ramoškienė. Provavelmente está com a avó ou então com algum parente. Talvez com algum vizinho. Ele está bem, a senhora não precisa se preocupar. Agora, por favor, volte para a cama e pare com essa gritaria. Há outros pacientes aqui, alguns em estado muito grave, e a senhora não pode incomodá-los dessa maneira.

A enfermeira ajudou-a a se deitar. De início, Sigita ficou aliviada: Mikas estava bem! Mas depois ela se deu conta de que havia algo de errado

naquilo tudo. Tentou ver melhor o rosto da enfermeira. Havia algo naquela mulher – a rispidez com que ela vinha falando, a rigidez do semblante – que não denotava exatamente compaixão, mas o contrário disso: desprezo.

Decerto ela sabe, pensou Sigita, ainda confusa. Decerto sabe o que eu fiz. Mas como? Como era possível que uma enfermeira desconhecida, num hospital qualquer de Vilna, soubesse o que ela havia feito? Afinal, tantos anos já haviam se passado...

– Preciso voltar para casa – afirmou ela, com a voz engrolada, sentindo náuseas.

Mikas não poderia estar com a avó, claro. O mais provável era que estivesse com a Sra. Mažekienė, a vizinha, que naquela altura já deveria estar irritada com a demora.

– Meu filho precisa de mim.

A segunda enfermeira, que vinha ajeitando os travesseiros da cama ao lado com golpes rápidos e precisos, lançou-lhe um olhar torto.

– Então a senhora deveria ter pensado nisso antes – falou.

– Antes... antes do quê? – gaguejou Sigita. Teria sido ela a culpada pelo acidente?

– Antes de tentar se matar de tanto beber. Já que a senhora perguntou.

Beber?

– Mas eu não bebo – retrucou Sigita. – Quer dizer... quase nunca.

– *Sei*. Será que foi por engano que fizeram uma lavagem estomacal na senhora? Será que o nível de álcool no seu sangue não estava em 2,8?

– Mas... eu *realmente* não bebo.

Aquilo não estava certo. Não podia ser dela que estavam falando.

– Procure descansar um pouco – recomendou a primeira enfermeira, cobrindo-lhe as pernas com

um cobertor. – O médico vai passar aqui mais tarde. Talvez a senhora receba alta ainda hoje.

– O que há de errado comigo? O que aconteceu?

– Acho que caiu de alguma escada. Concussão e uma fratura no antebraço esquerdo. Teve sorte: poderia ser muito pior.

Escada? Sigita não se lembrava de escada alguma. Lembrava-se apenas do café que estava tomando enquanto Mikas empurrava seu caminhãozinho no tanque de areia.

SAIR DA CLÍNICA ATÉ que era um alívio, pensou Nina, subindo a rampa para o estacionamento da Magasin e tentando parar seu pequeno Fiat no espaço pouco generoso entre uma pilastra de concreto e um Mercedes de traseira grande. Por vezes se sentia cansada de tanta impotência. Que espécie de país era aquele em que moças feito Natasha eram obrigadas a se entregar a homens como o Filho da Puta só para obter um visto de residência?

Pegou um estreito elevador até o último andar da loja e, ao sair dele, foi assaltada pelo cheiro de café, gordura e carne de porco que permeava a cafeteria. Correu os olhos pelo lugar até avistar a cabeleira loura de sua amiga Karin, que ocupava uma mesa junto às janelas, usando um vestidinho

branco que mais parecia uma versão sem mangas de um uniforme de enfermeira. Em vez de uma das bolsinhas chiques que costumava usar, Karin trazia consigo uma maleta preta que havia deixado na cadeira ao lado e protegia com uma das mãos enquanto, com a outra, brincava nervosamente com a xícara de café à sua frente.

– Olá – cumprimentou Nina. – Então, o que houve?

Karin ergueu o rosto. Os olhos brilhavam tensos, com uma emoção que Nina não sabia identificar.

– Você precisa buscar uma coisa para mim – afirmou ela, e depôs sobre a mesa uma ficha redonda, de plástico, com a inscrição de dois números.

Nina começou a se irritar.

– Quanto mistério, caramba! O que você quer que eu busque?

Karin hesitou um pouco antes de responder:

– Uma mala. No guarda-volumes da Estação Central. Não abra até que tenha saído da estação. E, quando abrir, não deixe que ninguém veja. Mas tem que ser já!

– Porra, Karin, do jeito que você está falando, até parece que tem cocaína nessa mala!

Karin balançou a cabeça.

– Não é nada disso. É que... – Calou-se de repente, mas com uma expressão de pânico que não conseguiu reprimir. – O acordo não era esse – falou afinal, de um modo febril. – Não vou conseguir. Nem sei como fazer. Mas você sabe. – Levantou-se como se estivesse prestes a ir embora.

Nina cogitou puxá-la de volta à cadeira e impedi-la de partir, tal como tivera vontade de fazer com Natasha pouco antes. Em vez disso, baixou os olhos para a ficha preta à sua frente, com a marcação “37-43” em branco.

– Você adora salvar as pessoas, não é? – indagou Karin com uma pitada de sarcasmo. – Bem, aqui está a sua chance. Mas vai ter que se apressar.

– Para onde você está indo?

– Vou para casa e pedirei demissão – respondeu Karin, seca. – E depois vou viajar para algum lugar, ficar fora por um tempo.

Então saiu na direção do elevador, ziguezagueando entre as mesas. Segurava a maleta embaixo do braço em vez de carregá-la pela alça, o que era bastante estranho.

Nina esperou que ela sumisse de vista, depois voltou os olhos para a ficha sobre a mesa. Uma mala no guarda-volumes da estação. *Você adora salvar as pessoas, não é?*

– Karin, Karin... Em que roubada você foi se meter? – sussurrou ela.

Sua intuição dizia que o melhor a fazer seria deixar aquela ficha ali mesmo e simplesmente ir embora. Mas...

– Foda-se – esbravejou, e guardou a ficha no bolso.

— SRA. MAŽEKIENĖ? Aqui é Sigita.
Seguiu-se um curto silêncio até que a Sra. Mažekienė respondesse:

- Sigita. Deus seja louvado. Como você está?
- Bem melhor agora. Mas só vão me dar alta amanhã. Mikas está com a senhora?
- Ah, não, meu amor. Está com o pai dele.
- Com *Darius*?
- Sim, claro. Ele pegou o menino *antes* do seu acidente. Você não se lembra, querida?
- Não. Eles disseram que eu tive uma concussão. Não me lembro de muita coisa.

Mas... Darius estava na Alemanha, trabalhando. Ou será que não? Nem sempre avisava quando voltava à Lituânia. Oficialmente, eles ainda estavam casados, mas a única coisa que tinham em

comum era Mikas. Teria levado o menino com ele para a Alemanha? Ou para a casa da mãe dele em Tauragė? Darius não tinha um endereço fixo em Vilna, e era bastante improvável que seus amigos de farra na cidade, que em geral o hospedavam, se dispusessem a receber um moleque de 3 anos.

Sigita sentia dores terríveis na cabeça. Não conseguia raciocinar com clareza e não gostava nem um pouco de saber que Mikas estava com Darius, mas pelo menos sabia com quem ele estava.

– Que susto você me deu, meu amor! – disse a Sra. Mažekienė. – Achei que tivesse morrido! Só de imaginar que você passou a noite inteira no pé daquela escada... Mas agora você está nesse hospital, recebendo todos os cuidados. Tente descansar um pouco e fique aí até que esteja se sentindo melhor.

– Está bem, Sra. Mažekienė. Obrigada pelo apoio.

Sigita desligou o celular. Recuperá-lo havia sido uma façanha e tanto, e levá-lo às escondidas para o banheiro também não havia sido fácil. Os celulares eram proibidos no interior do hospital, exceto numa determinada área do saguão que, para Sigita, equivalia à Lua, tamanha a dificuldade que ela tinha para andar, apoiando-se nas paredes.

Meio desajeitada, ela voltou a abrir o aparelho e digitou o número de Darius com o polegar da mão direita. Estava com a esquerda engessada e, portanto, não podia usá-la de modo eficaz para segurar o telefone e fazer a ligação.

Darius sempre parecia feliz e carinhoso, mesmo numa estúpida mensagem de caixa postal: “Você ligou para Darius Ramoška, mas, mas, mas... não estou aqui agora. Tente de novo mais tarde!”

Para Sigita, a última frase resumia muito bem a história da vida dele, ou pelo menos a história do relacionamento entre eles: não estou aqui agora, tente de novo mais tarde.



Eles haviam começado a namorar no verão em que ela terminava o ensino fundamental e ele estava prestes a começar o segundo ano do ensino médio no Centro Educacional de Tauragė. O verão daquele ano havia sido bem mais quente que o normal. No asfalto escaldante do pátio da escola, apenas os mais endiabrados se dispunham a brincar e correr. De calças jeans e camisas com as mangas enroladas até o cotovelo, os mais velhos se recostavam no muro cinza de cimento para jogar conversa fora, sentindo-se muito adultos.

– Você vai viajar nestas férias, Sigita?

Era Milda quem perguntava. Sabia muito bem que a resposta era não.

– Talvez – respondeu Sigita. – Ainda não resolvemos.

– Estou indo para Palanga com a minha família – juntou Daiva. – Vamos ficar num hotel!

– É mesmo? Que chique – ironizou Milda. –
Porque nós só estamos indo para Miami...

Formou-se então, ao redor dela, um silêncio de admiração, respeito e inveja, quase tão visíveis quanto o ar quente que tremeluzia junto ao asfalto. Miami. O espaço sideral talvez fosse mais acessível para a maioria das outras. Para Daiva, por exemplo, uma viagem de férias se resumia a duas semanas num resort de Palanga ou, com sorte, uma excursão para o mar Morto. Ninguém de sua idade jamais havia ido muito mais longe do que isso.

– Tem certeza? – perguntou Daiva.

– Claro que tenho! As passagens já estão até compradas.

Ninguém precisou perguntar de onde havia saído tanto dinheiro. Todas sabiam: o pai e o tio de Milda traziam carros usados da Alemanha para a Lituânia, os consertavam e depois vendiam para os russos. Desde o início ficara mais do que

evidente que o negócio era bom: primeiro pelas roupas que as crianças da família usavam, depois pela bicicleta nova de Milda, pelo BMW dos pais e, por fim, pela mansão construída nas imediações da cidade. Mesmo assim... Miami?

– Eu preferiria ir para Nova York – Sigita ouviu a si mesma dizer, e imediatamente desejou que aquelas palavras não tivessem saído e que as pudesse engolir sílaba por sílaba.

Milda jogou a cabeça para trás e riu.

– Então vai lá e fala com seu pai. Ele vai comprar uma passagem para você na mesma hora... com a mesma rapidez que vende aquelas camisas.

Sigita sentiu as faces queimarem. As malditas camisas... Até quando duraria aquele pesadelo? Até o fim dos seus dias, era o que tudo indicava. As camisas estavam por toda parte no apartamento. Haviam sido compradas de uma fábrica falida na Polônia, e “por uma ninharia”, como seu pai gostava de dizer. Uma ninharia que ainda

assim os havia obrigado a vender o carro da família. E por mais que o pai de Sigita insistisse em dizer que a mercadoria era “de primeira” e ressaltar o “corte clássico” das roupas, ele não havia conseguido vender mais que uma dúzia delas. Por quase dois anos o encalhe vinha abarrotando o apartamento em araras improvisadas com arames e cabos de vassoura chumbados à parede, farfalhando em razão do plástico que as cobria; outras, “recém-chegadas da fábrica”, viviam jogadas no encosto dos sofás, nas camas e até mesmo no banheiro. Fazia tempo que Sigita não convidava alguém para visitá-la: aquilo era muito vergonhoso. Mas não tão vergonhoso quanto ser obrigada a levar “amostras” para a escola na esperança de que os pais das amigas tivessem um súbito interesse pelas malditas camisas.

O pai de Sigita ficara em maus lençóis desde que os russos haviam voltado para casa. Naquela

época, na era soviética, ele tinha sido capataz na fábrica de conservas. O salário não era lá muito maior que o dos operários sob seu comando, mas naquele tempo não era exatamente o dinheiro que importava, mas os contatos que se tinha. As pessoas não compravam o que queriam, mas aquilo que podia ser negociado por alguém. E na maioria das vezes era o pai de Sigita quem fazia as negociações.

Mas agora a fábrica estava fechada. Ainda estava lá, do outro lado de uma cerca de arame farpado, uma casca cinzenta com janelas ocas e mato crescendo por entre as rachaduras no concreto. Os contatos de outrora já não tinham utilidade alguma. As pessoas que agora prosperavam eram aquelas que sabiam barganhar, consertar e organizar, tanto no mercado negro quanto no oficial.

Sigita se levantou. O sol a golpeava como um martelo, e uma vez de pé, ela se deu conta de que não tinha para onde ir.

– Já vai, é? – perguntou Milda. – Ah... com certeza está com pressa para voltar para casa e reservar um hotel em Nova York.

Foi nesse momento que ele apareceu para salvá-la.

– Sigita, não esquece que estamos indo para Ca-
liningrado no sábado, ok?

Darius. Louríssimo, bronzado e com aquela segurança ao mesmo tempo natural e ensaiada que nenhum dos outros garotos possuía. A camisa estava displicentemente desabotoada, revelando a camiseta branca que ele trazia por baixo, nenhuma das duas comprada na Polônia.

– Claro que não vou esquecer – respondeu ela.
– Vai ser muito divertido. Sabia que Milda vai tirar férias em Miami?

– Ah, é? – indagou ele. – Então diga ao meu tio que mandei um abraço, Milda. Ele mora lá.



Sigita levava anos para perceber que a armadura de Darius não passava de uma casca de ovo. Não se tratava de um cavaleiro que pudesse salvá-la do que quer que fosse. Só Deus sabia o que ele estava fazendo com Mikas naquele exato momento. O mais provável era que estivesse com o menino num bar qualquer, tomando cerveja com os amigos de farra. Pensando nisso, Sigita estremeceu. Precisava sair o mais rápido possível daquele maldito hospital.

A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA se apinhava com o contingente de passageiros de segunda-feira, ainda mais irritadiços e agressivos em razão do calor, que fazia a roupa grudar em seus corpos suados. Quase era possível ver uma neblina de hálitos e suores pairando sobre o saguão principal; os alto-falantes informavam que o trem das 13h11 para Elsinore estava atrasado em aproximadamente vinte minutos. Aflita, Nina se ressentia ainda mais da proximidade física de tantos desconhecidos. Tentava se deslocar de modo que ninguém a tocasse, o que era quase impossível. Por fim, alcançou a escada que descia para o guarda-volumes do subsolo. O cheiro dos produtos químicos de limpeza, bem mais brando ali, era insuficiente para mascarar o fedor de

urina que impregnava o lugar. Os armários velhos e arranhados margeavam as paredes, fileiras compridas de metal branco com os números pintados em preto: 56, 55... Nina mais uma vez conferiu o número da ficha que trazia consigo. 37-43. Onde diabos ficaria a seção 37?

Ela enfim a encontrou num tranquilo corredor sem saída, afastado da passagem principal, mais movimentada. Naquele exato momento, havia apenas duas pessoas ali, um casal de jovens que penava para enfiar uma enorme mochila no espaço exíguo do armário.

– Não vai caber – afirmou a moça. – Eu falei. É grande demais.

A julgar pelo sotaque, Nina deduziu que os dois eram americanos ou talvez canadenses. Cogitou

se deveria esperá-los sair. Porém, outros passageiros surgiriam mais tarde, e pelo menos aquela dupla de estrangeiros parecia concentrada o suficiente na Batalha da Mochila Gigante. Ela inseriu a ficha no sistema automatizado que controlava a seção 37 e ouviu o clique metálico quando o armário 43 se abriu.

No interior havia uma mala velha e um tanto antiquada. Um rasgo comprido no couro marrom deixava à mostra o tecido verde do forro; fora isso, não havia nada que pudesse diferenciá-la de outra qualquer. Nenhuma etiqueta de endereço, claro. Nina sabia que seria má ideia abri-la de imediato. Quem abriria uma mala recém-tirada de um armário apenas para ver o que havia dentro? Além disso, Karin já a tinha advertido de que não a abrisse na estação. Ah, Karin... Que diabos ela teria aprontado? Dificilmente teria se metido em algo sério ou sinistro. Karin era tão... “Pacata” não era bem a palavra, mas não dava

para imaginar a afável e hedonista Karin envolvida em algo sujo, ilegal ou perigoso. De qualquer modo, ela ainda se lembrava do pânico que a amiga havia traído na voz ao dizer *O acordo não era esse*. O que aquilo poderia significar?

Nina puxou a mala para fora do armário. Achou-a mais pesada do que havia imaginado; calculou que tivesse pelo menos 20 quilos. Não seria nada fácil carregá-la até onde quer que fosse, muito menos até o Fiat que se achava a duas quadras de distância, no estacionamento subterrâneo da rua Nyropsgade. Mas não havia remédio: na Estação Central de Copenhague não havia carrinhos de cortesia como nos aeroportos.

A essa altura, o casal de estrangeiros começara a retirar coisas da mochila para que não ocupasse tanto espaço quando o rapaz deixou cair a nécessaire da moça, fazendo com que os objetos se espalhassem pelo chão: rímel, lápis, perfume. O

bastão de desodorante saíra rodopiando até estacionar diante de Nina.

– Merda – praguejou o americano. – Desculpe.

Nina deu-lhe um sorriso protocolar, cravou as mãos na alça da mala e saiu caminhando com ela, tentando parecer o mais natural possível. Caramba, como era pesada a porcaria da mala. O que haveria ali?



Só foi abri-la quando enfim chegou ao estacionamento.

Lá estava o garoto. Inconsciente. A temperatura corporal estava baixa, mas não de um modo alarmante. Por costume da profissão, Nina tomou o pulso dele, cuja frequência estava baixa, mas não muito, a respiração também lenta, as pupilas ligeiramente contraídas. Decerto havia sido drogado. Não iria morrer nos braços dela, mas precisava de cuidados: soro, e talvez algum

antídoto, caso fosse possível descobrir o que tinham dado a ele. Nina sacou o celular, digitou os dois primeiros dígitos do serviço de emergência, mas se interrompeu.

Mais uma vez olhou para a mala. Uma mala tão comum, tão ordinária. O rasgo no couro havia permitido que o menino respirasse, mas ela não sabia se o haviam feito com esse fim específico. Pessoas que colocam garotos em malas, pensou Nina, não costumam se preocupar muito com o bem-estar deles.

Perto dali, alguém entrou num carro e deu partida no motor, o ronco ecoando nas paredes de concreto do estacionamento. Instintivamente, Nina procurou se esconder atrás da caçamba. Mas por quê? Por que se esconder em vez de correr e gritar por ajuda? Era isso que ela deveria ter feito. Ficou onde estava e esperou até ver de relance o carro ir embora.

Precisava levar o menino para seu próprio carro, mas como? Não teria estômago para fechá-lo de novo na mala e carregá-lo como se tivesse nas mãos uma bagagem qualquer. Então correu até o Fiat, voltou com a toalha de piquenique que buscara no porta-malas e embrulhou o garoto nela para depois tomá-lo no colo. Mãe e filho, pensou. Se alguém a visse, ali estava apenas uma mãe que acabara de buscar o filhinho exausto na escola.

Estranhamente, o menino era muito mais leve em seus braços do que no interior da mala. Tão leve quanto uma pluma. Nina podia sentir no próprio pescoço o ar quente que ele soprava em preguiçosas lufadas. Meu Deus. Quem seria capaz de fazer uma coisa dessas a uma criança?

Após deitar o menino no banco traseiro do Fiat, ela voltou a tomar seu pulso e ficou aliviada ao ver que ele já começava a reagir ao novo ambiente. Em seguida pegou a garrafa de água que

havia deixado entre os dois bancos dianteiros e molhou a boquinha dele com o dedo. O menino correu a língua entre os lábios. Não estava tão inconsciente assim.

Hospital, polícia. Polícia, hospital. Mas se fosse apenas o caso de chamar a emergência, por que Karin não o havia feito por conta própria? Porra, Karin, pensou Nina. Você está metida nessa sujeira toda? *Nem sei como fazer. Mas você sabe, ela tinha dito. O que exatamente eu devo fazer agora?*

SIGITA ENFIM TEVE ALTA na manhã de segunda-feira. Já havia ligado para Darius pelo menos umas dez vezes, mas em todas elas caíra na ridícula gravação da caixa postal.

Ainda não entendia o que havia acontecido. Realmente não tinha o hábito de beber, muito menos a ponto de cair da escada em estado de total inconsciência. E por que ela deixara Darius levar Mikas? Isso ocorrera antes da queda, segundo informara a Sra. Mažekienė. Sigita já vinha sentindo uma persistente comichão de medo. E se Darius não lhe devolvesse o menino? E *como* ela fora parar ao pé de uma escada com um braço quebrado e uma concussão? Darius jamais a agredira, nem uma única vez, nem mesmo durante as brigas mais violentas. Era pouco provável

que ele o tivesse feito agora. Um acidente, talvez? Se havia neste mundo de Deus alguém capaz de fazê-la beber, esse alguém com certeza era Darius.

Sigita cogitou tomar um táxi de volta para sua casa em Pašilaičiai, mas os hábitos adquiridos ao longo de tantos anos de aperto financeiro não eram lá muito fáceis de abolir. Além disso, o ônibus elétrico parava quase à porta de casa. Nas primeiras paradas, ainda no centro de Vilna, o veículo parecia uma lata de sardinhas de tão lotado; o braço engessado lhe rendera a oferta de um assento, que ela havia aceitado com gratidão, mas ainda assim a pressão de tantos corpos à sua volta vinha trazendo de volta os engulhos, e ela já receava não ser capaz de conter o vômito. Mais uma parada, ela disse a si mesma. Se depois disso eu não me sentir melhor, desço e chamo um táxi. Mas, à medida que se afastava do centro, o ônibus foi se esvaziando, e agora o movimento era maior no sentido contrário. Quando enfim desceu na

rua Žemynos, Sigita precisou sentar-se um instante no banco do ponto, apenas para respirar um pouco até se sentir capaz de seguir a pé.

Tocou a campainha da Sra. Mažekienė antes de subir para seu apartamento.

– Ah, é você, minha querida. Que bom vê-la de pé. Que susto você nos deu!

– Eu sei, mas... Sra. Mažekienė, quando foi exatamente que Darius pegou Mikas?

– No sábado. Que estranho você não se lembrar...

– A que horas no sábado?

– Pouco depois do meio-dia, eu acho. Sim, foi isso. Eu havia acabado de almoçar quando eles chegaram.

– Eles? Havia mais alguém com Darius?

A Sra. Mažekienė mordeu o lábio, talvez re-creando ter dito mais do que devia.

– Sim. Ele estava com uma mulher...

Sigita não gostou do que ouviu, muito embora tivesse sido ela mesma quem rompera com Darius. Claro que agora havia uma “mulher”. Seria muita ingenuidade dela pensar o contrário.

– Como era essa moça? – perguntou Sigita, pensando na remota hipótese de que se tratasse da irmã ou da mãe de Darius.

– Muito bonita. Jovem, alta, cabelos claros, muito bem-vestida. Nada parecida com essas siri-gaitas de hoje em dia.

Logo, não era a irmã de Darius.

Foi então que algo ocorreu a Sigita. Uma mulher bonita, jovem, alta, de cabelos claros... Havia muitas mulheres assim, mas...

– A senhora se lembra de como ela estava vestida?

– Um casaco leve de verão. Um desses de algodão, eu acho. Com uma echarpe.

A mulher do parquinho. Aquela que tanto queria ter um filho. A vadia afável e dissimulada.

Sigita sentiu um arrepio. E se Darius estivesse namorando alguém que queria a todo custo ter um filho? Ela se lembrou da embalagem prateada do chocolate, do rostinho de Mikas todo lambuzado, do modo como ele havia corrido na direção do fruto proibido. Talvez a mulher nem fosse russa, mas alemã. Alguma Irmgard que Darius havia seduzido lá onde ele agora trabalhava.

– Você está bem, minha filha?

– Estou – respondeu Sigita entre dentes, apesar do vômito que já começava a lhe subir pela garganta. – Mas acho que preciso me deitar um pouco.



O apartamento era o mesmo de sempre. Limpo, branco, moderno, a anos-luz de distância daquele inferno tomado por camisas em Tauragė. Até mesmo os brinquedinhos de Mikas se achavam perfeitamente organizados nas prateleiras.

Apenas um objeto feria a ordem do lugar: uma garrafa de vodca vazia na bancada da cozinha, junto da pia.

Sigita jogou-a no lixo com uma força desnecessária. Seria possível que eles a tivessem embebedado primeiro? Não. Não. Não. Difícil acreditar que ela havia deixado Darius e sua putinha alemã escaparem dali com o pequeno Mikas a tiracolo.

Seu celular tocou.

– Sigita? Onde foi que você se meteu? Dobrovolskij está chegando em meia hora e precisamos daqueles números!

Era Algirdas. Algirdas Janusevičius, um dos dois sócios da Construtora Janus, seu chefe imediato.

– Desculpe – disse ela. – Acabei de sair do hospital.

– *Hospital?* – questionou ele, claramente irritado, mas acrescentou, num tom de preocupação bem mais apropriado: – Nada grave, eu espero.

– Caí da escada, só isso. Mas vou ter que ficar de molho por alguns dias.

Do outro lado da linha se fez um silêncio quase palpável.

– Sinto muito – lamentou Sigita.

– Bem, nesse caso... não há nada a fazer. Mas... e os números?

– No arquivo atrás da minha mesa você vai encontrar uma pasta verde, junto com as outras de Dobrovolskij. As contas estão logo na primeira folha.

– Sigita, pelo amor de Deus, não são *esses* números.

Ela sabia muito bem do que ele estava falando, claro. Quando se trabalhava para alguém como Dobrovolskij, sempre havia contas que não entravam nos registros oficiais. O motivo pelo qual

Sigita se tornara indispensável para Algirdas tão rapidamente era a sua capacidade para guardar tudo na memória. Até mesmo o velho Dobrovol-skij, que não era lá muito fácil de agradar, aprendera a confiar na precisão de Sigita. Ela sabia de tudo que havia sido acordado, até o último litas.

O problema era que agora ela tinha dificuldade para se lembrar até do próprio número de telefone. Naquele momento, só o que ela tinha na cabeça era uma espessa neblina de náusea e confusão mental.

– Realmente sinto muito – falou ela. – Sofri uma pequena concussão.

Dessa vez o silêncio foi ainda mais pesado. Sigita quase podia ouvir o pânico na respiração de Algirdas.

– Por quanto tempo você... – ele arriscou perguntar.

– Segundo me disseram no hospital, as pessoas que batem com a cabeça costumam levar algumas semanas para recuperar a memória por inteiro.

– *Algumas semanas?*

– Algirdas, eu não caí de propósito.

– Eu sei, eu sei. Claro que não. Nós nos viramos por aqui, mas...

– Eu sei. Volto o mais rápido possível.

– Cuide-se. – Ele desligou.

Sigita deixou cair sobre o colo o braço com que vinha segurando o telefone. Sua cabeça doía. Era como se um punho gigante lhe apertasse o cérebro no mesmo ritmo do coração. Mais uma vez tentou falar com Darius.

“Você ligou para Darius Ramoška...”

Por um bom tempo ela ficou ali, sentada numa das cadeiras brancas junto à mesa da cozinha, tentando raciocinar.

Em seguida ligou para a polícia.

O MENINO JAZIA INCONSCIENTE no banco de trás, a toalha de piquenique cobrindo seu corpinho magro e inerte. Karin não estava atendendo o telefone.

Nina fechou os olhos, tentando se concentrar. Deviam ser 13h35... Suas mãos tremiam um pouco quando ela girou o pulso para consultar o relógio. Os algarismos rígidos do mostrador digital diziam 13:36. Quase. Sentindo-se bem mais aliviada, ela enfim conseguiu pensar.

Sinto muito, Karin, mas desta vez você foi longe demais, disse mentalmente à amiga.

Puxou um pouco a toalha para que não ficasse tão óbvio que sob ela dormia uma criança. Abriu uma fresta nas janelas para ventilar o interior do carro, saiu dele, trancou as portas e caminhou em

passadas longas e rápidas, ciente de que estava quase correndo.



Atravessando o saguão principal da estação, dirigiu-se à placa verde e branca da pequena delegacia local e, ao entrar na saleta, ficou se perguntando o que poderia dizer numa situação como aquela. “Boa tarde, acabei de achar uma criança”?

A atendente ao balcão parecia cansada. Com certeza haveria em Copenhague algum trabalho mais fácil que o seu.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou ela.

– É que... estou com uma criança no carro e...

A explicação hesitante foi interrompida por um estalido no rádio da mulher. Nina não pôde ouvir o que foi dito do outro lado, mas a policial respondeu rapidamente “Já estou indo” e seguiu às pressas em direção à porta.

– Por favor, espere aqui – pediu ela antes de sair.

Mas Nina preferiu acompanhá-la e, numa decisão instintiva, juntou-se ao grupo de policiais uniformizadas que disparava rumo à escada que levava ao guarda-volumes do subsolo. Ouviu o alvoroço tão logo alcançou os degraus e sentiu um frio na barriga assim que viu os curiosos que haviam interrompido a acomodação de suas bagagens para se agrupar à entrada do corredor onde ficava o armário 37-43. Não se conteve e foi olhar o que estava acontecendo.

Um homem chutava as portas de metal com assustadora ferocidade. Nina conseguia ver a nuca dele, os cabelos cortados à escovinha, quase raspados, os ombros largos envoltos numa jaqueta de couro, quente demais para o calor que fazia ali. Cercado pelas policiais, o homem empurrou a primeira delas do mesmo modo que uma criança empurra o amiguinho com quem

não quer mais brincar, mas depois tentou se controlar.

– Desculpe, desculpe – disse ele com um sotaque carregado. E ficou imóvel, deixando que os ânimos se acalmassem, disposto a conversar. – Eu pago. Quebrei, eu pago.

De súbito, virou o rosto e olhou diretamente para Nina.

Não fazia ideia do que havia levado o tal sujeito a destacá-la no meio de tanta gente, mas via com clareza o esgar de fúria com que ele a encarava, a ira que a duras penas ele tentava represar. Ela permaneceu imóvel, quieta. Que diabos ela poderia ter feito para ser alvo de tanta raiva? Jamais tinha visto o homem na vida.

No entanto, o armário que ele havia chutado não era um armário qualquer. Era o de número 37-43. De repente, Nina percebeu de onde vinha aquela fúria.

Ela estava com algo que pertencia a ele.



Precisou de todo o seu autocontrole para conter o ímpeto de voltar correndo para o carro. Ele não virá atrás de mim, pensou, a polícia está aqui. Em seguida, saiu andando o mais rápido que podia, sem olhar para trás. A caminho do estacionamento, lembrou-se de como ele havia tentado se desvencilhar das policiais, do mesmo modo que um cachorro se debate para espantar as pulgas que o atormentam. Então se deu conta de que naquele momento só havia uma coisa a fazer: tirar aquele garoto dali o quanto antes.

FAZIA MAIS DE TRÊS HORAS que o avião permanecia no mesmo lugar quando o Nokia roubado tocou na mala de Jan e ele, suando em bicas em sua poltrona da classe executiva, atendeu sem nenhuma hesitação. Dessa vez não foi interpelado por ninguém. Os comissários já haviam desistido de coibir as ligações, e pelo menos vinte outros passageiros faziam suas próprias chamadas, explicando em línguas diferentes o motivo de tanto atraso.

– Sr. Marquart. – Apesar do sinal fraco e dos ruídos, a irritação do homem era mais que evidente.

– Sim...

– Fiz a entrega como combinado. A mulher apareceu e levou a mercadoria. Mas não deixou nenhum dinheiro. O senhor não pagou.

O quê?

Jan protestou. Estava preso num avião, explicou, mas instruía sua assistente a ir no lugar dele e tinha certeza absoluta de que ela havia obedecido.

– Sr. Marquart. O dinheiro não estava lá.

Jan tentou imaginar o que teria acontecido.

– Deve ter havido algum engano – falou, por fim. – Resolvo isso assim que chegar a Copenhague.

– Melhor assim – replicou o homem, e desligou.

A concisão da resposta bastou para que Jan sentisse um frio na espinha a despeito de todo o calor no interior da aeronave. Um homem que não recorria a ameaças era um homem a ser temido.

Furioso, Jan procurou falar com Karin, mas não conseguiu encontrá-la. Seu único recado foi um curto e grosso “Me liga!”.

Por um tempo, não fez mais que olhar cegamente para a poltrona à sua frente, ora tomando um pouco de água, ora bebericando o gim-tônica já quente que aceitara horas antes ao pensar que havia elaborado um Plano B viável. Levou uns bons trinta minutos para aceitar o fato de que precisaria ligar para Anne.

– Você sabe da Karin? – perguntou ele.

Ouviu Anne dizer com sua voz suave que Karin aparecera, sim, mas já havia saído de novo: permanecera não mais que alguns minutos no flat acima da garagem.

– Ela estava carregando alguma coisa? – inquiriu Jan. – Quando chegou? E quando saiu?

– Não reparei – respondeu Anne vagamente. – Algo em particular?

– Não – disse ele. – Deixa pra lá. Quando eu chegar, falo com ela.

Quando enfim a decolagem foi autorizada e o avião começou a se deslocar rumo à pista, Jan recostou-se na poltrona azul de couro, perguntando-se sem parar como podia ter se enganado tanto a respeito de Karin.

Ele mesmo deveria ter feito aquilo, pensava com amargura. Assim era a vida: você faz planos, acha que eles são perfeitos. Mas aí a merda de uma *gaivota* põe tudo a perder.

A CASA EM VEDBÆK TINHA uma localização perfeita, pensou Nina. Não dispunha de vista para o mar, tampouco de um bosque idílico nos fundos, mas, em termos de privacidade, nada podia ser melhor do que aquilo. Cercas vivas perfeitamente podadas protegiam a fachada de tijolos vermelhos e o estacionamento de cascalho do olhar dos curiosos; além disso, a abastada vizinhança residencial transpirava respeitabilidade. Nina não sabia dizer se Allan havia pensado em tudo isso ao montar sua clínica médica nos subúrbios do norte da cidade, já que ele nunca imaginara ter uma clientela de imigrantes ilegais, mas de qualquer modo era dele que ela precisava agora.

Nina olhou pelo espelho retrovisor dentro do carro. O menino não se mexera mais nem produzira qualquer ruído. A toalha permanecia exatamente no mesmo lugar, com apenas algumas mechas loiras escapando de suas dobras.

Toc, toc.

Nina se assustou quando alguém bateu no vidro da janela. Era Allan. Seu físico de atleta bloqueava o sol enquanto ele se dobrava para espiar o interior do carro. Ele bateu mais uma vez na janela, mas, antes que Nina tivesse tempo para reagir, ele se adiantou e agora tentava em vão abrir a porta traseira do carro, que ela decerto havia trancado sem pensar. Nina se deu conta de que ainda apertava o volante, os dedos esbranquiçados pela pressão, e levou alguns segundos para soltá-lo. Com as articulações rígidas da mão, destravou a porta traseira e enfim desceu do carro.

Allan já havia retirado o garoto do banco e agora o carregava no colo, embrulhando-o com a

toalha enquanto deitava a cabecinha dele no ombro.

– O que você sabe? – indagou, já tomando a direção da casa. Nina precisou acelerar para alcançá-lo.

– Nada. Ou quase nada. Alguém o deixou numa mala!

Nina fechou a porta atrás deles e seguiu o médico rumo ao consultório. Desenhos infantis decoravam as paredes, e do outro lado do computador havia um pequeno boneco, um palhaço com ares de gnomo que decerto estava ali para distrair as crianças atendidas.

O palhaço não teria nenhuma serventia naquele momento, pois o menino da mala permanecia desfalecido nos braços de Allan como uma das bonecas de pano pelas quais Ida já não tinha nenhum interesse. Foi isso que Nina pensou enquanto sentia na boca aquele gostinho metálico que sempre a acometia nas situações de medo,

sempre que a adrenalina invadia cada célula de seu corpo, trazendo-lhe à memória os campos de refugiados em Dadaab e Zwangheli e todos os demais infernos onde ela havia vivido para cuidar das crianças de terceiros. (Também se lembrava do dia em que o pai havia morrido.)

Nina afastou os maus pensamentos assim que eles surgiram e voltou sua atenção para Allan e o menino. O médico havia acomodado o corpinho miúdo no sofá e o tocava no pescoço com os dedos médio e indicador para sentir a pulsação. Trabalhava com total concentração, uma gota de suor escorrendo da testa para o peito aberto da camisa. Aquele não era o momento de interrompê-lo.

O aparelho de pressão jazia sobre a mesa de Allan, mas a braçadeira era visivelmente grande demais. Nina encontrou uma menor, fez a troca e a colocou no bracinho fino do menino. Ele permaneceu imóvel enquanto ela a inflava, alheio

aos ruídos e à pressão cada vez maior do aparelho, que indicou 9/5,2. Nina virou o mostrador digital na direção de Allan para que ele pudesse ver.

Preocupado, Allan pousou o estetoscópio no peito branco e suave do menino e, num gesto rápido e preciso, baixou-o até a cavidade abdominal. Em seguida, deitou-o de lado no sofá, mas com tamanha delicadeza que por um instante Nina sentiu um estranho carinho. Allan auscultou de novo o menino, depois voltou a deitá-lo de costas com os bracinhos abertos.

Ainda aquele torpor tão preocupante, pensou Nina. Como se o garoto estivesse preso num limbo qualquer, nem morto nem vivo, apenas um objeto. Com cuidado, Allan ergueu uma das pálpebras dele e examinou a pupila com sua lanterna.

– Ele foi drogado – sentenciou. – Não sei com quê, mas não creio que esteja correndo risco de vida.

– Não seria o caso de darmos naloxona para ele?

Allan fez que não com a cabeça.

– A respiração está ok, a pressão, um pouco baixa e ele está meio desidratado, mas acho que vai continuar apagado até metabolizar a droga e despertar naturalmente. De qualquer modo, não podemos dar nenhum antídoto sem saber qual foi a substância que deram para ele.

Nina assentiu e desviou o olhar; sabia muito bem o que o médico diria a seguir.

– Você vai ter que levá-lo para um hospital.

– Mas você disse que ele vai despertar naturalmente...

Apontando para sua coleção de livros médicos, Allan explicou:

– Tem um milhão de drogas por aí, podem ter dado qualquer coisa para ele. Não fazemos a menor ideia do real estado dele e não estou aparelhado para fazer os exames necessários. Você vai ter que levá-lo para o Hvidovre.

De início, Nina permaneceu calada.

Até então, não tivera tempo para observar o menino direito. Dera-lhe no máximo 3 anos, mas agora, reparando melhor, achou que ele era, na verdade, apenas pequeno para sua idade. Era bem possível que já tivesse 4. Ela acariciou o rosto dele, correu os dedos pelos lábios finos. Os cabelos eram curtos e tão claros que pareciam brancos; a pele, fina como pergaminho e quase azul sob a luz que passava pelas persianas.

– Não sei de onde ele é – falou Nina. – Não creio que seja dinamarquês e sei que tem alguém atrás dele. Alguém que quer... usá-lo para alguma coisa.

Allan franziu a testa de novo.

– Pedofilia?

Nina encolheu os ombros, tentando se lembrar com o máximo de precisão do homem que havia chutado o armário na estação. Um homem enorme, essa havia sido sua primeira impressão. Talvez uns 30 anos, os cabelos tão curtos que era difícil dizer que cor tinham. Castanhos, talvez? Mais ou menos da mesma cor da jaqueta que ele vestia. Ainda que a polícia pudesse fazer um retrato falado, aquela descrição seria vaga demais: quantos homens grandes e de cabelos bem curtos haveria na cidade? Nina imaginou o menino no hospital, abandonado no leito, enquanto algum assistente social ou pediatra preenchia os intermináveis formulários no posto de enfermagem: dificilmente seriam capazes de protegê-lo da fúria que ela vira nos olhos do brutamontes. E depois que o menino despertasse, o que as autoridades dinamarquesas poderiam fazer com ele? Mandá-lo para alguma instituição ou para um centro de

refugiados como o da Cruz Vermelha em Furesø? Nina reprimiu um calafrio. O noivo de Natasha, aquele filho da puta, havia entrado na clínica e retirado Rina da escolinha sem que ninguém desse pela falta dela. Muitos dos “menores desacompanhados”, tal como eram chamados, sumiam dos campos de refugiados após alguns dias, levados por seus “proprietários”.

– Não vou deixar que o mandem para os campos – falou ela com firmeza, correndo os olhos a seu redor. – Quase todo dia tem alguma criança que desaparece desses lugares.

Por fim ela encontrou o que procurava. No interior de um dos pequenos armários de vidro jateado ao lado da porta, viu o contorno do kit especial de emergência de Allan, que certamente continha algumas bolsas de soro intravenoso.

No ano anterior, Allan a havia acompanhado no atendimento a um idoso que, prestes a ser mandado de volta para algum campo de

refugiados no Líbano, escapara do asilo de Sandholm para se esconder com parentes no bairro de Nørrebro, no sótão de um apartamento muito antigo onde não havia mais que um colchão para acomodá-lo. Fazia mais de 45 graus no lugar e, fossem outras as circunstâncias, Allan e Nina teriam nas mãos um simples caso de insolação. Mas na ausência de equipamentos comuns, desses que se acham em qualquer ambulância, por muito pouco o senhor não morreria. Depois disso, Allan nunca mais deixara de incluir bolsas de soro no seu kit de primeiros socorros, e desde então nunca precisara usá-las, pelo menos até onde Nina sabia. Fazia tempo que ele vinha querendo parar com o atendimento aos imigrantes ilegais, mas não havia exatamente uma fila de espera para o cargo que ele, de forma clandestina, ocupava na cidade. Nina sempre andava com o número de telefone dele à mão, na hipótese de alguma emergência. Com um sorriso irônico que

não logrou chegar a seus lábios, ela pensou: na hipótese de que ela encontrasse um menino de 3 anos abandonado no interior de uma mala.

Ela buscou no armário as bolsas de soro e a bomba de infusão. Sentiu uma súbita calma ao ver nas mãos aqueles equipamentos que conhecia tão bem, pois já havia feito aquilo um milhão de vezes. Rasgou a embalagem com um único gesto, retirou a agulha e desenrolou o cateter de plástico. Em seguida procurou algum lugar alto em que pudesse alojar o soro. Decidiu-se pela prateleira acima do sofá, na qual se enfileiravam diversos brinquedos. Por fim tomou o braço inerte do menino, encontrou uma veia sob a pele alva e espetou a agulha nela.

A seu lado, Allan balançou a cabeça e suspirou.

– Vou acabar perdendo minha licença se descobrirem isso. Se alguma coisa acontecer a ele...

– Como iriam descobrir? Fique tranquilo, ele vai ficar bom.

Allan a encarou com uma estranha expressão de dúvida que Nina achou por bem ignorar e só então retirou por completo a toalha que vinha cobrindo o menino até a cintura.

– Ele já estava assim quando você o encontrou?
Nina assentiu.

– Você seria capaz de dizer se fizeram alguma coisa com ele? – perguntou ela. – Se alguém... abusou dele?

Allan deu de ombros e virou de novo o menino para o lado, com as costas voltadas para eles. Mais uma vez Nina sentiu na boca o gosto metálico do medo e, preferindo não olhar, virou o rosto na direção da janela, de onde agora vinha uma brisa quente. As folhas de uma enorme castanheira farfalhavam no jardim, o único ruído que se ouvia por ali. Nenhum carro, nenhum vizinho, nenhuma criança. Os moradores de

Vedbæk com certeza eram mais quietos que os do centro da cidade, pensou Nina, de repente se dando conta do suor que empapava sua camiseta.

Ela ouviu Allan sentenciar às suas costas:

– Não encontrei nenhum sinal de abuso, mas nunca se sabe. Os maníacos podem ser terrivelmente criativos com essas coisas.

Ele despiu as luvas de plástico, cobriu o menino e acariciou sua testa.

– Como médico, Nina, meu conselho é o seguinte... – começou, e pela primeira vez deitou sobre ela os olhos cor de ferrugem.

Meu Deus, pensou Nina, esse homem parece ter saído de algum romance de banca de jornal: o porte atlético e a pele bronzeada só podiam ser fruto de uma rotina saudável, de uma vida de muitas partidas de tênis e longas viagens com o veleiro que ele mantinha no porto de Vedbæk. Somava-se a isso uma pitada de informalidade nos jeans escuros que ele estava vestindo,

ligeiramente puídos na altura dos joelhos, tal como ditava a moda. Um clínico geral bonito e humanitário que só fazia a coisa certa apesar do grande risco que corria ao contribuir com a rede clandestina de assistência aos imigrantes ilegais. Ali estava um homem bom, pensou Nina, e seu lugar era nas trincheiras da medicina.

No entanto, ela sentia uma ponta de animosidade. Dali a um minuto, o bonitão humanitário diria que não poderia mais ajudá-la. Não havia mais nada que ele pudesse fazer pelo garoto.

Allan soltou outro suspiro, quase um sopro.

– Meu conselho como médico é que você leve este menino para o hospital de Hvidovre. E se algo acontecer a ele...

Nina sabia o que ele estava prestes a dizer, mas agora isso não tinha a menor importância, pois ela também sabia que já havia conquistado sua principal vitória: ele não chamaria a polícia.

– Se algo acontecer a ele – repetiu Allan –, e perguntas forem feitas a respeito da minha pessoa e desta clínica, então foi esse o conselho que eu lhe dei. E quero ouvir você dizer que o aceitou.

Nina assentiu sem hesitar.

– Vou levá-lo para o hospital agora mesmo – replicou, obediente, e olhou de relance para o relógio: 15h09. Ela havia ficado ali por mais de trinta minutos.

Allan voltou a encará-la com aquela expressão de ceticismo que tanto a fazia lembrar de suas brigas intermináveis e cansativas com Morten, que aparentemente a julgava incapaz de lidar sozinha com o que quer que fosse. Sobretudo com as crianças. Ele não dizia isso com todas as letras, mas era o que Nina lia nas entrelinhas sempre que ele vinha com aquela torrente de instruções sobre como preparar a merendeira de Ida ou vestir Anton para a escola. Falava devagar, quase escandindo as palavras, tentando prender o olhar

dela como se ali estivesse uma mulher surda, débil mental ou ambas as coisas. Também era isso que ela sentia quando o via fazer as malas para cumprir seu turno mensal nas plataformas petrolíferas do mar do Norte. Deixá-la sozinha com as crianças começava a preocupá-lo.

Ele já não confiava mais nela. Não acreditava em nada que ela dizia.

Da mesma forma que Allan, ao que tudo indicava. Mas pelo menos ele não tinha a intenção de detê-la. O menino da mala não era de sua responsabilidade, e nunca seria. Só por isso ele havia consentido em deixá-la partir.

– Mantenha o soro até a bolsa esvaziar – ordenou o médico. – Depois disso quero que você dê o fora daqui. Não deixe ninguém vê-la saindo. E Nina... – Ele buscou os olhos dela. Nina podia ver que a irritação e a impaciência haviam voltado. – Por favor, não volte a me procurar. Para mim, acabou.

— **A** SENHORA ESTÁ AFIRMANDO, então, que foi seu marido quem sequestrou Mikas?

Evaldas Gužas, da Divisão de Pessoas Desaparecidas, olhava para Sigita com visível ceticismo.

– Somos separados – informou ela.

– Mas ele é o pai da criança?

Sigita enrubesceu.

– Claro que é.

Em razão do calor, mal se respirava no abafado gabinete do policial. Uma mosca zumbia desesperada na janela que dava para a rua, presa entre a persiana e o vidro. A mesa de Gužas parecia uma herança da era soviética, toda arranhada, muitos anos mais velha que o próprio dono. Sigita teria preferido um policial mais velho no lugar daquele moreno de traços bonitos que devia

ter no máximo 30 anos e que, tendo despedido o paletó azul e afrouxado a gravata vermelha, mais parecia o descompromissado cliente de um café qualquer. Não inspirava seriedade. Sigita queria experiência, estabilidade, eficiência, e achava que não estava recebendo nada disso.

– Esse suposto sequestro... você disse que aconteceu no sábado?

– Sim. Na tarde de sábado.

– E você esperou dois dias para nos procurar porque... – Gužas deixou a frase pairando no ar úmido.

Sigita quase baixou os olhos, mas resistiu ao impulso. O policial interpretaria isso como insegurança e ficaria ainda mais cético do que já estava.

– Eu estava hospitalizada até hoje de manhã.

– Entendo. Poderia fornecer mais detalhes sobre as circunstâncias do suposto sequestro?

– Minha vizinha viu quando meu marido e uma mulher desconhecida levaram Mikas para um carro e saíram com ele.

– O menino demonstrava alguma resistência?

– Não... pelo menos a Sra. Mažekienė não notou. Mas essa mulher... ela já havia nos espionado antes, pelo menos duas ou três vezes, e ela trazia chocolate para dar ao Mikas. Isso não é normal!

Gužas vinha clicando sua esferográfica enquanto ouvia e estudava Sigita.

– Onde a senhora estava quando o menino foi levado?

Nesse momento, ela não foi capaz de impedir que sua insegurança transparecesse na voz:

– Eu... Eu não lembro direito. Bati com a cabeça e sofri uma concussão. É possível que... eles tenham me atacado.

As palavras haviam soado estranhas a seus ouvidos, pois ela própria achava difícil que

Darius tivesse feito semelhante barbaridade. Mas a mulher... Ela não sabia nada a respeito da tal mulher.

– Em que hospital a senhora ficou internada?

Sigita sentiu o coração pesar feito uma pedra.

– No Vilkpèdès – respondeu ela, rezando para que o assunto se encerrasse ali. Mas não se encerrou, claro.

Já tirando o telefone do gancho, Gužas perguntou:

– Em que ala do hospital?

– M1.

Mal acomodada em sua cadeira de plástico, e sem nada poder fazer, Sigita ficou esperando enquanto ele fazia a ligação. A mosca ainda zumbia e se debatia contra a janela. Uma vez transferido, Gužas ouviu mais do que falou, mas Sigita podia muito bem adivinhar o que lhe contavam. O nível de álcool no sangue, o tombo na escada.

– Sra. Ramoškienė – disse ele ao desligar –, não seria melhor a senhora voltar para casa e ficar esperando até que seu marido ligue?

– Eu não bebo! – protestou ela, mesmo sabendo que estaria apenas confirmando as suspeitas do policial.

– Por favor, Sra. Ramoškienė. Volte para sua casa.



Mecanicamente, ela saiu do ônibus elétrico de número 17 no ponto da rua T. Ševčenkos. Só então percebeu que, desde muito, deveria ter descido para fazer a baldeação na rua Aguonų. Era como se a cidade na qual ela havia morado por mais de oito anos de repente tivesse se tornado um lugar estranho. O sol forte parecia agulhar seus olhos. Apenas uma vez na vida ela se sentira tão impotente assim.

Por favor, Sra. Ramoškienė. Volte para sua casa.
Para quê? E para quem? Sem Mikas, aquele apartamento com móveis novos não fazia o menor sentido, aliás, nada daquilo pelo que ela havia se esforçado tanto para comprar.

Isso é castigo de Deus, ela ouviu sussurrar uma voz interior.

– Bobagem – falou baixinho, mas sem calar a culpa.

Não ia à missa desde que partira de Tauragė havia oito anos. Não *queria* acreditar em Deus, mas era como se tudo aquilo estivesse impregnado nela: o cheiro forte das velas na igreja, as velhinhas que mal conseguiam se ajoelhar, mas o faziam mesmo assim, as flores no altar, o espírito solene que a emudecia mesmo nos tempos em que, sentada no banco, seus pés de menina, com meias brancas e sapatilhas pretas brilhantes, nem sequer tocavam o chão. A missa de domingo. Aquele dia especial da semana em que as pessoas,

tal como sua mãe gostava de frisar, deviam se esforçar para vestir suas melhores roupas. A primeira comunhão. Ela havia se sentido tão importante... Agora já tinha idade para *pecar*. A palavra esfuziava em sua cabeça, exalando o sulfúrico cheiro da culpa, a pestilência das almas perdidas. Mas acima de tudo o pecado era *interessante*. Tão interessante quanto sua tia Jolita, irmã de sua mãe, que morava em Vilna e havia feito coisas inomináveis que ninguém ousava lhe explicar. Os pecadores eram bem mais interessantes que as pessoas comuns – a própria Bíblia atestava isso. E agora aquele mundo de pecados e confissões estava aberto para ela também. Sigita mal podia conter o frisson quando se juntava ao coro de fiéis para murmurar: “*Esu kaltas, esu kaltas, esu labai kaltas.*” Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Pronunciava as palavras com um ruidoso furor.

“Shhh...”, fazia a mãe, ajeitando-lhe o véu na cabeça. “Alto assim, não!”

Com o tempo ela aprendeu o decoro que se esperava durante o ato penitencial, enunciando a oração não tão alto a ponto de chamar atenção para si, nem tão baixo que pudesse sugerir algum tipo de má vontade, apenas murmurando as palavras com sinceridade e modéstia, sem que elas saíssem ecoando igreja afora. *Esu kaltas*. Havia uma beleza, uma doçura naquelas palavras.

Até o dia em que ela realmente tivera algo a confessar, mas não encontrara coragem para fazê-lo. De início recorrera à rebeldia dos adolescentes, fincando o pé e dizendo que não iria a lugar nenhum. Se tivesse que enfrentar apenas a mãe, talvez tivesse conseguido seu intento. Mas quando sua avó Julija a fitou nos olhos, perguntando se ela estava com algum problema, sua tão inepta tentativa de motim fora por água abaixo. Não, não havia problema algum. Acariciando-a

no braço, a avó dissera que ela era uma boa menina, que os fiéis fraquejavam de vez em quando, que não havia nada de anormal naquilo. Deus não se deixaria abalar com qualquer bobagem. Depois disso, Sigita precisara se apressar para vestir suas roupas de domingo e não atrasar ainda mais a partida da família para a missa. Do lado de fora, tudo continuava como antes. Do lado de dentro, o mundo havia se acabado.



A igreja de São Casimiro agora estava silenciosa e quase vazia. Duas senhoras cuidavam da limpeza. Provavelmente voluntárias, pensou Sigita, lembrando-se das idosas que faziam o mesmo trabalho em Tauragė. Uma delas perguntou se podia ajudá-la.

– Obrigada – respondeu Sigita. – Só quero me sentar aqui um pouquinho.

Ambas assentiram sem nada dizer. Qualquer fiel sabia muito bem o que aquilo significava, aquela necessidade de “sentar um pouquinho”. Sigita sentia-se uma fraude. Fazia tempo que não pertencia mais ao rebanho dos verdadeiros fiéis.

Se é assim, o que você veio fazer aqui?, perguntou-lhe a mesma voz interior de antes.

Ela não sabia explicar. Sentia-se à beira de um abismo, mas não esperava de modo algum que Deus viesse em seu socorro. Pelo contrário. Não acreditava mais em nada daquilo. Mas, ao erguer os olhos para a imagem da Virgem Maria, não conseguiu se conter. A santa acalentava o Menino Jesus com seu comovente semblante de amor. Vendo isso, Sigita caiu de joelhos no piso frio da igreja e chorou compulsivamente, os soluços ecoando nas abóbadas acima dela. *Esu kaltas. Esu labai kaltas.*

Ela havia acabado de deixar a igreja quando sentiu o celular vibrar na bolsa pendurada no braço engessado. Usou a mão boa para vasculhar o conteúdo, deixando cair na calçada todo tipo de tralha: bolsa de maquiagem, pastilhas para a garganta, carteira de dinheiro. Nada daquilo era mais importante que o telefone. A chamada era de Darius, ela logo viu.

– O que aconteceu? – perguntou ele com a afabilidade de sempre. – Você me ligou não sei quantas vezes!

– Quero que você o traga de volta agora. *Já!* – rugiu ela.

– Do que você está falando?

– De Mikas! Se você não o trouxer de volta, chamo a polícia! – retrucou ela, omitindo o fato de que já o tinha feito, mas sem sucesso.

– Sigita, meu anjo, não faço a menor ideia do que você está falando. O que aconteceu com Mikas?

Após anos de convivência, Sigita já podia se considerar uma especialista. Sabia perfeitamente quando Darius estava mentindo ou falando a verdade. E o tom de surpresa na voz dele parecia cem por cento genuíno.

Perdendo a força nas pernas, Sigita desabou de joelhos pela segunda vez naquele mesmo dia, agora em plena calçada, em meio à tralha que deixara cair da bolsa. Em algum lugar que lhe parecia distante, ela ouvia Darius berrar:

– Sigita! Sigita! O que aconteceu? Cadê o Mikas?

Não estava mais à beira de um abismo. Já havia sido inteiramente engolida por ele. Porque, se Mikas não estava com Darius, com quem poderia estar?

CINCO E DEZ DA TARDE.

Será que hoje é meu dia de buscar Anton na creche? De repente Nina não soube dizer. Confusa, sentiu um frio na barriga como se estivesse submergindo, tragada por alguma corrente marítima profunda. Àquela altura, a creche já deveria estar fechada, e Anton decerto esperava ao portão na companhia de alguma funcionária zangada.

Ela ainda se achava no sofá com o menino desconhecido, que repousava a cabeça em seu colo. Ele já começava a suar um pouco nos cabelos. Estava um pouco mais quente e, com o soro correndo nas veias, ele agora parecia mais vivo. Não havia despertado, mas pelo menos dava algum sinal de recuperação. Em dado momento,

havia resmungado algo enquanto remexia o punho e movia as perninhas. Um ótimo sinal, pensara Nina. Não levá-lo para o hospital fora a decisão correta. Ficava cada vez mais convicta disso sempre que se lembrava do brutamontes furioso na estação ferroviária, mas ainda assim sentia um grande alívio: o menino não havia morrido. Estava vivo, e a julgar pelos pequenos espasmos sob as pálpebras, não demoraria muito a ressurgir das profundezas em que o haviam metido.

Mas o alívio também trazia consigo as primeiras inquietações com o futuro imediato. Onde diabos ela estava com a cabeça ao resolver fugir com o garoto daquela estação? Em outro mundo, só podia ser, pensou com ironia, correndo um dedo sob a correia apertada do relógio. O mais importante naquele momento havia sido tirar o menino dali e protegê-lo do grandalhão. Mas agora... Dali a pouco ela teria um menino de 3 ou

4 anos a seu lado, nu e completamente desperto, com o qual não tinha a menor ideia do que fazer.

Precisava ganhar tempo. Inclinando-se um pouco, puxou a bolsa para perto de si e pescou seu celular. Ainda bem que Morten se achava em casa naquela semana. Ele teria que segurar as pontas até que...

Nina hesitou alguns segundos antes de fazer a ligação. Precisava se preparar. Nunca soubera mentir para Morten, e o tempo não havia aprimorado seu talento, apesar da prática frequente. Não que ela quisesse ser capaz de mentir sobre as coisas importantes. Bastavam-lhe aquelas mentirinhas do dia a dia que tanto facilitavam a vida, como dizer que a blusa recém-comprada havia custado 200 coroas, e não 450, ou que não havia sido ela quem se esquecera do piquenique na escola de Anton. Todo mundo recorria a mentirinhas dessa natureza, por que não ela? Nina até que era uma mentirosa

razoavelmente talentosa com os outros, mas nunca com Morten, que era capaz de desmascará-la em questão de segundos. Por algum motivo ela parecia ficar translúcida quando estava com Morten: tinha a impressão de que ele podia ver todos os pensamentos mal-intencionados e mal-acabados borbulhando no interior da sua mente. Por isso ela havia se apaixonado por ele; por isso era tão difícil viver com ele agora. Havia vezes em que uma dessas mentirinhas passava sem comentário algum, não porque ela o tivesse enganado, mas porque ele, achando que a discussão não valeria a pena, fingia não perceber.

O telefone já estava úmido do suor de suas mãos quando enfim ela ligou para o marido. Cuidando para não incomodar o garoto que dormia em seu colo, ela levou o aparelho ao ouvido e ouviu um clique baixinho quando ele atendeu, seguido de um pouco de estática. Morten decerto pelejava com o aparelho.

Ouvindo a algazarra de outras crianças ao fundo, Nina mais uma vez ficou aliviada: ele com certeza estava na creche com Anton, talvez até fosse seu dia de buscar o menino. Ela ainda não conseguia se lembrar.

– Alô – atendeu Morten, ao mesmo tempo irritado e resignado. – Onde você está? – O tom de voz deixava bem claro: ela não merecia mais ser tratada como uma pessoa adulta.

Nina umedeceu os lábios e baixou os olhos para o menino em seu colo. Sabia que precisava inventar algo não muito longe da verdade. Caso contrário, Morten arruinaria suas explicações antes mesmo que elas chegassem ao fim.

– Karin me ligou hoje cedo – disse ela afinal. – Não estava se sentindo bem. Realmente precisava de ajuda. Tive que ficar com ela, caso fosse necessário levá-la para um médico ou alguma coisa assim.

Silêncio no outro lado da linha. Dali a pouco, mais algazarra de crianças, Anton pedindo algo.

– Não – negou Morten, sem baixar o telefone. – Nada de sorvete. Hoje é segunda-feira, e você conhece as regras. – Nina pôde ouvir a birra que o menino já começava a ensaiar e achou que ela viria a calhar. Morten voltou à linha: – Achei que vocês duas nem fossem mais tão próximas assim... – Não parecia irritado, apenas cansado.

– Nós nos conhecemos há quinze anos, Morten. Eu não ia deixá-la na mão, né?

– Tudo bem. Mas você podia ter me avisado em vez de deixar que me chamassem da creche.

Merda. Nina murchou um pouco. Era mesmo o *seu dia* de buscar o menino, só podia ser, e ela teria se sentido melhor, mais segura, se Morten tivesse reclamado ou brigado. Mas só o que ela ouvia agora eram os ruídos do aparelho misturados a trechos indistintos da nova discussão que

ele vinha tendo com Anton. Morten já havia esquecido que ela estava ali.

– Sinto muito – murmurou Nina, apertando o telefone ainda mais contra a orelha. – Simplesmente esqueci...

– Você esqueceu – repetiu ele com frieza. – Achei que tivesse melhorado, que já tivesse parado com essa história de esquecer a família. A que horas você vai chegar em casa?

Nina engoliu em seco. O garoto havia girado um pouco o tronco e agora apertava o braço dela. Os olhos ainda estavam fechados.

– Bem, acho que posso sair daqui lá pelas oito – respondeu ela, esforçando-se ao máximo para soar natural e despreocupada. – Não vou demorar muito, prometo.

– Nos vemos mais tarde, então. Ou não. Depende de você – arrematou ele em tom solene, quase não se fazendo ouvir em meio aos ruídos do vento, da estática e da birra de Anton. Seguiu-

se um demorado silêncio até que a ligação, que já vinha ruim, caiu.

Nina suspirou fundo, deixou o telefone cair na bolsa a seus pés e aos poucos se desvencilhou do menino para ficar de pé. O coração batia forte no peito. Ela precisava agir. Era como se pudesse afugentar a angústia com o movimento, *qualquer* movimento. Mais uma vez pegou o telefone na bolsa e discou outro número enquanto perambulava pela sala, ainda inquieta.

Na sua lista de contatos ele aparecia apenas como “Peter”, e isso era mais ou menos tudo que ela sabia a respeito dele. Sabia também que ele morava em algum lugar em Vanløse. Peter era o único membro da rede do qual ela tinha o número de telefone. De modo geral eram eles que ligavam para ela, não o contrário. Os clandestinos sob a proteção da rede não podiam bater à porta de um médico local, tampouco aparecer com um filho num pronto-socorro qualquer. Na verdade,

não podiam recorrer a nenhum tipo de autoridade. Portanto, sempre que necessário, Nina era chamada. Ela ou Allan. Mas... e se Allan estivesse mesmo falando sério ao dizer que não queria mais colaborar com a rede? Quem poderia substituí-lo? Magnus? Infelizmente, Magnus não dispunha de um consultório discreto e afastado como o de Allan em Vedbæk.

“Oi, aqui é o Peter”, respondeu a animada mensagem da caixa postal, e Nina por muito pouco não a cumprimentou de volta. “Estarei de férias entre os dias 15 e 29 de agosto, portanto você vai ter que se virar sem mim!”

Merda. Nina deixou a testa bater contra a parede e fechou os olhos por um instante. Nunca havia passado por uma situação semelhante. Pelo menos não com uma criança desacompanhada. Havia casos em que a rede encontrava algum porão ou alguma casa de veraneio vazia para acomodar uma família ou a ajudava a atravessar para

a Suécia, coisas que não eram lá muito complicadas. Afinal, essas pessoas eram capazes de cuidar de si mesmas em quase todos os aspectos. Mas quem naquela cidade estaria disposto a acolher um menino de 3 anos? E ainda que essa pessoa existisse, como encontrá-la?

Nina voltou os olhos para o menino e o observou mais uma vez. Ele poderia ser de qualquer lugar, pensou. Norte ou Leste Europeu. Dinamarca, Suécia, Polônia, Alemanha. Nina correu a mão pelos cabelos curtos e escuros, já úmidos de suor. Teria mais informações assim que o menino despertasse, mas, até lá, precisava falar com Karin, que havia começado toda a história. Podia jurar que a amiga sabia muito mais do que estava disposta a dizer na cafeteria daquela loja de departamentos. Vira a aflição dela.

Dessa vez deixou o telefone chamar até o fim; porém, como antes, Karin não atendeu. Com os

dedos, Nina varreu o mostrador do aparelho como se ali houvesse alguma poeira invisível.

O menino se remexeu no sofá, deixando à mostra os ombros nus quando a toalha escorregou.

Roupas, pensou Nina, e sentiu um certo alívio por ter encontrado algo de concreto a fazer. Precisava providenciar roupas para o menino de modo que eles não chamassem mais atenção do que o necessário. Ela examinou a bolsa do soro. Quase vazia, o que significava que eles poderiam sair dali a pouco.

Mais uma vez tentou falar com Karin. Mais uma vez não conseguiu.

Por que diabos ela não estava atendendo o telefone?

JUČAS SABIA QUE SUA IRA era ao mesmo tempo um ponto fraco e um ponto forte. Quando estava treinando na academia, por vezes ele a usava para arregimentar as últimas reservas de energia e atingir aquelas explosões de força que faziam o sangue pulsar e o inebriavam ainda mais que sexo. Depois de uma série dessas, ele podia *ver* as veias latejando por cima dos músculos feito tubos de plástico, o sangue bombeado dentro delas, *bum-bum-bum*, cada fibra do corpo pulsando no mesmo ritmo. Porra, como aquilo era bom. Em momentos assim, ele se sentia forte, precisava conter o desejo de saltar para cima do banco e, como o herói de um daqueles filmes de ação americanos de que tanto gostava, berrar sua

invencibilidade para o resto do mundo: *Sou foda, caralho!*

Mas também havia vezes em que essa mesma ira o induzia a fazer coisas que ele não queria. Ela sempre estava lá, à flor da pele, um poder que ele podia recrutar sempre que necessário. E quando isso acontecia, homens viravam porcos, mulheres viravam putas, e ele fazia o que precisava ser feito. Mas era perigoso dar rédeas a essa ira, porque em ocasiões assim ele perdia totalmente o controle sobre si. Não conseguia parar o que já havia começado, não conseguia raciocinar com a clareza de sempre. Certa vez, deu tanta porrada que o sujeito nunca mais se recuperou, e Klimka dissera que, caso isso voltasse a acontecer, ele, Juças, seria demitido. Demitido da vida. Só então

ele se deu conta de que sua ira poderia ser fatal caso não tomasse cuidado, e a partir daí deixou de ingerir todos os hormônios e anabolizantes que costumava tomar, pois com eles era muito mais difícil se controlar. Também foi mais ou menos nessa época que ele conheceu Barbara.

Quando estava com Barbara, via sua ira tão distante que por vezes conseguia fingir que ela nem existia mais. Chegava a pensar que ela *realmente* deixaria de existir quando ele parasse de trabalhar para Klimka, quando ele e Barbara tivessem sua casinha nos subúrbios de Cracóvia e ele pudesse passar o resto de seus dias cortando a grama do jardim, construindo prateleiras para a sala, comendo os jantares que Barbara prepararia para ele, fazendo amor com a mulher da sua vida.

Mas o dinheiro andava curto. Sempre que pensava no armário vazio, ele sentia sua ira comichar, fincando-lhe o corpo com a precisão e

a força de uma pistola de pregos. Porra, sua vontade era partir o crânio daquela vagabunda.

Ele havia deliberadamente escolhido um armário naquele corredor sem saída que, além de menos frequentado, não podia ser visto pelos funcionários da guarita de segurança. De início, ele próprio havia ficado de guarda no subsolo para ver quando a mala fosse recolhida, e por quem. Mas ficara ali por não mais que uns dez minutos, porque os seguranças começaram a se inquietar com sua presença. Ora um, ora outro aparecia no beco para dar uma olhada. Dali a pouco cochicharam algo entre si e um deles foi para o telefone. Merda. Jučas sacou seu celular e o colocou no rosto, à maneira de um escudo, para não ser reconhecido quando passou pela guarita e voltou ao saguão principal da estação.

Restara-lhe então enviar Barbara para ficar de campana no guarda-volumes enquanto ele viajava do carro as outras duas saídas. Nem de

longe um plano perfeito. O ideal seria que o dinheiro fosse trazido pelo dinamarquês em pessoa, pois ele já o conhecia de vista. Agora teria que lidar com uma mulher que ele nunca tinha visto mais gorda. Paciência. Pelo menos ele poderia reconhecer a mala.

O meio-dia chegou e foi embora sem que nenhuma mulher desse as caras com a tal mala. Volta e meia ele ligava para Barbara, apenas para se certificar, mas logo percebeu que isso a vinha deixando cada vez mais nervosa. Decidiu então estender o prazo em uma hora. Afinal, o dinamarquês fora obrigado a recorrer a um plano de emergência; seu atraso era mais do que compreensível. No fim das contas, ele havia precisado enviar Barbara para finalizar a transação.

Alguns minutos depois, ela surgiu à saída da rua, e mesmo de longe ele pôde notar: algo dera errado. Barbara vinha caminhando na direção

dele com passos curtos e tensos, os ombros caídos para a frente.

– O dinheiro não estava lá – informou ela.

Ele precisava ver com os próprios olhos, claro. De fato o dinheiro não estava lá. De algum modo, a mulher havia conseguido passar despercebida tanto por ele quanto por Barbara. A mala não estava mais no armário e nenhum dinheiro havia sido deixado no lugar dela. Ao constatar o que havia acontecido, ele acabou perdendo as estribeiras, então as porquinhas uniformizadas da polícia já o cercavam, nervosas, e ele precisou abrir um sorriso e pagar para que elas se acalmassem.

E, no meio de toda essa confusão, ele havia sentido. O olhar dela sobre ele. Poderia ter sido apenas uma turista, não fosse pela intensidade do olhar que a destacava da multidão. Ela também estava com medo. Mais que isso, ela havia acin-tosamente reparado o número do armário que ele

esmurrava. Tão logo ela deu as costas e saiu apressada, ele teve certeza. Ela havia levado a mala. Mas por que teria voltado? Por acaso achava que poderia tripudiar sem ser notada? Claro que não, e ele se incumbiria de mostrar isso a ela. Apesar da ira, ele guardara muito bem as feições dela. Magrinha feito um menino, os cabelos muito curtos e escuros. Por um instante, ele se imaginou enrabando aquela aberração, mas só um veado seria capaz de encarar uma putinha assim, com cara e corpo de menino. Ela seria enrabada, sim, mas com outro tipo de ferro.



Imediatamente, ele ligou para o dinamarquês e foi agraciado com uma torrente de desculpas que falavam de atrasos e boas intenções. Poderia acreditar no homem? Difícil dizer. Ele ainda ruminava sua ira quando voltou à rua e passou por três russos que decerto comerciavam alguma

droga. Imbecis. Nem se davam o trabalho de despistar. O maior dos três, que sem dúvida estava ali para preencher a cota de força bruta, olhou com cara de poucos amigos quando o viu passar. Juças até que gostou. Olhe o quanto quiser, camarada. Sou maior do que você.

O calor parecia emanar do asfalto e das fachadas dos prédios. A jaqueta de couro havia sido um equívoco, mas ele imaginara que o verão na Dinamarca fosse mais fresco e agora não se sentia à vontade para tirá-la. Suava muito, como suavam todas as pessoas que estão em boa forma, mas não queria que Barbara o visse com aquelas manchas horríveis debaixo dos braços.

– Andrius? – chamou Barbara pela janela aberta do carro. – Está tudo certo?

Ele se obrigou a respirar fundo algumas vezes. Não chegou a produzir um sorriso, mas pelo menos conseguiu relaxar os dedos que apertavam as chaves do carro, quase as triturando.

– Tudo certo – respondeu ele, enchendo de novo os pulmões. – Ele falou que deve ter sido algum engano. Está voltando para Copenhague e, quando chegar, vai entregar o dinheiro.

– Ótimo – disse Barbara.

Ela o observava com a cabeça um pouco inclinada e talvez por isso seu pescoço parecesse ainda mais comprido e elegante que de costume. Era a única pessoa que o chamava pelo nome de batismo; todas as outras o chamavam pelo sobrenome Jučas. Ele não pensava em si mesmo como Andrius, e assim havia sido desde que a avó morrera e ele fora despachado para morar com o pai em Vilna porque ninguém sabia o que mais fazer com ele. O velho raramente o chamava de outra coisa que não fosse “moleque” ou “garoto”, dependendo do humor, e mais tarde, no orfanato, todos eram chamados pelo sobrenome.

Ele jogou o corpanzil no banco do carro, ao lado de Barbara, e ficou incomodado com o

estofado quente. O Mitsubishi já estava com aspecto de usado depois de dois dias na estrada. Copos de papel e embalagens de sanduíches entulhavam o chão e, no banco de trás, a cadeirinha em que o menino havia sido acomodado não só estava imunda de comida como também fedia a xixi. O mais sensato seria desmontá-la e jogá-la no porta-malas da van, mas o cheiro era tão ruim que ele não queria ficar nem mais um minuto naquele carro.

– Está com fome? – perguntou ele à namorada.
– Melhor a gente fazer alguma coisa enquanto ele não liga de volta.

De súbito, o rosto de Barbara se iluminou.

– O Tivoli! – exclamou ela. – Que tal irmos lá? Eu estava olhando pela cerca mais cedo e parece que é maravilhoso!

Juças não tinha a menor vontade de enfrentar aquela espera na companhia de crianças barulhentas e vendedores de balões e algodão-doce,

mas se deixou dobrar pelo entusiasmo da namorada. Eles pagaram o equivalente ao salário de um dia pelos ingressos, depois comeram uma pizza sete ou oito vezes mais cara do que teria custado em Vilna, tal como ele insistia em repetir. Mas Barbara estava adorando cada minuto do passeio, sorrindo muito mais do que havia sorrido durante toda a viagem de carro, e por causa disso ele aos poucos foi se acalmando. Talvez as coisas ainda pudessem acabar bem. Tudo não passaria de um simples mal-entendido. Afinal, se o dinamarquês estava preso num avião onde pouco ou nada podia fazer, era mais do que natural que alguma merda acabasse acontecendo. Ele iria pagar. Tinha dito que iria pagar. E se não pagasse, Jučas sabia onde ele morava.

– Tem um pouco de orégano no seu queixo – comentou Barbara. – Deixe que eu limpo...

Com o guardanapo xadrez, ela foi limpando os cantos dos lábios dele, sorrindo para os olhos

dele, e com isso a ira de Jučas foi murchando em seu peito até adormecer por completo.

Mais tarde eles fizeram um passeio em torno de um laguinho ridículo no qual alguém havia colocado uma escuna de tamanho desproporcional, tão grande que dificilmente naufragaria caso alguém tivesse a infeliz ideia de botá-la para navegar. Com duas gordas moedas dinamarquesas, Barbara comprou um pacote pequeno de ração que estava à venda numa máquina automática. Bastou que ouvissem o clique da máquina para que os peixes do lago se juntassem rente à borda, fazendo a água ferver com a agitação. Jučas sentiu o estômago revirar ao ver aquilo, mas não soube dizer por quê. Foi nesse instante que seu telefone enfim tocou.

– Acabei de chegar em casa – disse o homem do outro lado da linha. – Nenhum sinal da mercadoria ou do dinheiro. Nem da pessoa que mandei em meu lugar para fazer a transação.

Putá. Porco.

– Fiz a entrega – avisou Juças com a calma que conseguiu reunir. – Agora você vai ter que pagar.

O homem permaneceu mudo por um instante, depois falou:

– Quando me entregar o que eu pedi, você vai receber seu dinheiro.

Juças estava pelejando não só com a ira, mas também com seu modesto vocabulário em inglês. A mão que Barbara pousava em seu braço era o que bastava para que ele vencesse pelo menos uma daquelas duas batalhas.

– Você mandou a mulher. Se ela não obedece você, o problema não é meu.

Mais um momento de silêncio. Maior que o primeiro.

– Ela foi com um carro da empresa – por fim informou o dinamarquês. – Podemos localizá-la com o GPS. Se eu lhe disser onde ela está, você acha que pode ir atrás dela? É bem provável que

ela esteja com a mercadoria ou com o dinheiro. Ou com ambos. No mínimo deve saber onde eles estão. Quero que você traga essa mulher de volta para mim.

– Esse não foi o acordo – retrucou Jučas entre dentes. Queria o dinheiro que lhe era devido, e queria partir o quanto antes daquele país dos infernos em que tudo era estupidamente caro e até os peixes eram gordos.

– Pago 10 mil dólares a mais – ofereceu o homem sem hesitar. – Para que você busque o dinheiro e a mercadoria e traga a mulher de volta.

A gritaria na montanha-russa já começava a dar nos nervos. Mas 10 mil dólares eram 10 mil dólares.

– Tudo bem – aceitou ele. – Me diz onde ela está.

NINA ENVOLVEU O MENINO COM A TOALHA, tomou-o no colo e, com o corpo miúdo entre os braços, saiu do consultório de Allan. Ele era um peso-pena se comparado a Anton, mas, claro, Anton não era mais uma criancinha de colo. Já ia para a escola. Era um garotão.

Ela tomou o cuidado de verificar se a porta principal da clínica havia fechado às suas costas. O estacionamento, graças a Deus, ainda estava vazio. Cuidadosamente, estendeu o menino no banco traseiro do Fiat e fechou a porta com delicadeza. Eram 18h44.

– O que eu faço agora? – resmungou ela, depois se calou, irritada.

Falando sozinha. Coisa de gente doida. Desde os tempos do colégio ela havia se obrigado a

abandonar essa e outras manias infantis para poder sobreviver socialmente. Mas por vezes, sob pressão, esse hábito voltava sem querer. Ajudava-a a se concentrar.

Nina deu partida no carro e foi saindo devagar pelo caminho de cascalho. As mãos voltaram a tremer. Precisou fincar os dedos no volante para evitar que aquele tremor tão desagradável se espalhasse pelo resto do corpo.

Karin não havia atendido nenhuma das chamadas. Tampouco Morten. E, até então, a polícia não dera nenhum sinal de vida, o que era bastante compreensível. Mesmo assim, Nina não conseguia afastar a sensação de estar sendo caçada. Simplesmente não era certo que ela estivesse rodando havia horas com um garoto de 3 anos que não era seu. Alguém devia estar à procura dele – alguma pessoa além do brutamontes furioso da estação ferroviária.

Ela aumentou o volume do rádio e ficou à espera do noticiário. Eram 18h46, segundo indicava o mostrador do celular. Reduzindo a velocidade do carro, e fazendo certo esforço para recobrar o controle dos dedos, ela mais uma vez discou o número de Karin.

Ao cabo de sete longas chamadas, por fim ela foi atendida.

– Alô? – Karin parecia ao mesmo tempo ansiosa e contida.

Nina respirou fundo. Sabia que Karin poderia desligar a qualquer momento. Portanto, precisava de calma e tato para arrancar dela todas as respostas que estava buscando.

– Karin... – começou ela, baixinho, mas num tom persuasivo, o mesmo que usava para despertar Anton de um pesadelo no meio da noite. – Karin, é a Nina. O garoto está comigo no carro. Ele está bem.

Silêncio. Em seguida, uma longa respiração entrecortada de soluços e um pesado suspiro. Karin estava lutando para controlar a voz.

– Graças a Deus. Nina, muito obrigada por tê-lo tirado de lá.

Outro longo silêncio. Parecia que ela não tinha mais nada a dizer. Nina mentalmente soltou os cachorros em cima da amiga: *como assim* “obrigada por tê-lo tirado de lá”? Que tal uma explicação? Que tal uma ajuda qualquer? Alguma luz, por menor que seja, sobre o que fazer com esse menino?

– Preciso saber algumas coisas a respeito dele – falou, enfim. – Não tenho a menor ideia do que fazer com o garoto. Quer que eu o leve à polícia? Por acaso você sabe de onde ele é?

Percebendo a estridência com que começara a falar, por um instante Nina pensou que havia assustado Karin e que ela tivesse desligado. Mas dali a pouco ouviu um choramingar do outro

lado da linha, um fungar distante que parecia vir de algum animal acuado ou ferido.

– Eu realmente não sei, Nina. Achei que você tivesse contatos... que a sua rede pudesse ajudar o menino de alguma forma.

Nina suspirou.

– Não tenho ninguém – revelou ela, e pela primeira vez se deu conta da realidade dos fatos, sentindo um nó no estômago. – Escuta, a gente precisa conversar direito. Onde você está?

Karin demorou a responder. Nina quase pôde ouvir os medos e dúvidas que a assombravam.

– Numa casa de veraneio. Um chalé.

– Onde?

Nina esperou aflita enquanto Karin remexia no telefone.

– Não posso me envolver nessa história. Simplesmente não posso. Não era para ser *uma criança*.

Essas últimas palavras saíram como uma espécie de lamento que logo resvalou para um choro sem amarras, violento, que sem dúvida ela vinha represando desde que atendera o telefone.

– Onde fica esse chalé? – insistiu Nina, com calma e autoridade. – Me diz onde você está, Karin, e eu vou ao seu encontro. Fique tranquila, tudo vai dar certo.

Karin apenas ofegava ao telefone, e dessa vez o silêncio foi tão longo que, não fosse o seu desespero, Nina teria tomado ela própria a iniciativa de desligar.

– Em Tisvildeleje – respondeu Karin afinal, a voz tão baixa que quase não dava para entender. – O chalé é de um primo meu, e o endereço é... – ouviu-se um barulho enquanto ela consultava algo, talvez um pedaço de papel – rua Skovbakken. É a última casa antes do bosque.

Seguiu-se um clique; dessa vez ela realmente desligara.

Virando-se para trás, Nina fitou o menino com o primeiro sorriso que conseguira abrir de verdade nas seis horas desde que o havia encontrado no interior de uma mala.

– Fica tranquilo, meu anjo – disse ela, e sentiu as mãos relaxarem. – Logo, logo vamos descobrir o que aconteceu e você vai voltar para casa. Seja lá onde for.

SIGITA ESTAVA DESESPERADA o bastante para pedir que ele voltasse para a Lituânia.

– Sigita... você sabe que não dá – respondeu ele meio sem jeito.

– Por que não?

– Eu trabalho, esqueceu?

Darius trabalhava para uma construtora na Alemanha. Não exatamente como engenheiro, como às vezes contava às pessoas, mas como bombeiro hidráulico.

– É o *Mikas*, Darius.

– Eu sei, mas...

Ela já devia ter previsto. Sabia muito bem que não podia contar com o inútil. No entanto... tratava-se de *Mikas*, e ela nunca havia imaginado que o menino significasse tão pouco para ele.

Darius gostava do filho, gostava de brincar com ele, ainda que por no máximo uma hora. E Mikas idolatrava o pai, que sempre aparecia nas horas mais improváveis, trazendo consigo algum brinquedo embrulhado em papel celofane.

– O banheiro dos outros é mais importante que seu próprio filho? – apelou Sigita com a voz embargada.

– Sigita...

Ela desligou. Sabia que o problema de Darius não era o trabalho. Caso se tratasse de algo que ele realmente quisesse fazer, um jogo de futebol americano ou algo assim, não havia dúvida de que telefonaria para a construtora dizendo que estava doente. Darius não era um homem ambicioso. Não dava lá muita importância ao trabalho. O problema era que ele decerto estava gostando de sua vida nova na Alemanha, que talvez incluísse uma namorada nova também, e não tinha a menor vontade de ser tragado de

volta à Lituânia, para Vilna e Tauragė, para Sigita e suas constantes reclamações.

Um plim-plim metálico anunciou que uma mensagem chegara. Um torpedo de Darius: “Me liga assim que o Mikas aparecer.”

Como se o menino fosse um cachorro que tivesse fugido e fosse voltar assim que a fome apertasse.

– A senhora está bem?

Erguendo o rosto, Sigita deparou-se com o senhor de terno cinza que a observava a alguns metros de distância, apoiado numa bengala preta.

– Estou – respondeu ela. – É que... deixa para lá, está tudo bem.

Ele a ajudou a se levantar e começou a recolher os objetos que ela havia deixado cair.

– Com esse calor, é muito importante se hidratar – alertou, solícito. – Pelo menos é o que recomendam os médicos. Mas sempre acabo me esquecendo.

– Eu sei, eu sei... O senhor tem toda a razão.

Ele tocou a aba do chapéu de feltro que levava na cabeça e se despediu:

– Uma boa tarde para a senhora.



Sigita voltou para a delegacia da rua Birželio. O sargento Gužas crispou o rosto numa careta de resignação ao vê-la de novo à sua porta.

– Sra. Ramoškienė. Achei que tivesse ido para casa.

– Não foi ele. Não foi Darius que levou o menino – informou ela. – Meu filho foi *sequestrado*, o senhor não entende?

Seu rosto agora demonstrava cansaço.

– Sra. Ramoškienė, agora há pouco a senhora afirmou que seu marido tinha levado o garoto. E, se bem entendi, a senhora voltou para dizer que ele *não* levou o garoto.

– É exatamente isso que estou dizendo!

- Mas sua vizinha não disse que...
- Ela deve ter se enganado. É uma senhora mais velha, já não enxerga direito. Além disso, deve ter visto Darius só uma vez.

Clic, clic, clic. A ponta da esferográfica do inspetor surgia e sumia, surgia e sumia. Um hábito dele, ao que tudo indicava, sempre que era preciso pensar. Sigita já não aguentava mais aquilo. Sua vontade era arrancar a caneta das mãos do homem, mas se conteve, sabia que precisava manter a postura de mulher racional e sóbria. Precisava *convencer* o sargento a acreditar no que ela estava dizendo.

Ele tirou da gaveta um bloco de anotações.

- Sente-se, Sra. Ramoškienė. Por favor, me conte mais uma vez o que foi que aconteceu.

Procurando ser o mais clara possível, Sigita repetiu para o inspetor a sequência dos acontecimentos. Descreveu para ele a mulher alta de cabelos claros e casaco de algodão. Contou sobre o

chocolate. E então deparou com o maldito lapso de memória, o buraco negro em que havia perdido quase 24 horas de sua existência.

– Como se chama a escola do menino? – quis saber o sargento.

– Voveraitè. Ele é da Classe dos Esquilos.

– A senhora tem o telefone de lá?

Sigita passou-lhe o número e esperou que ele fizesse a ligação para a Sra. Šaraškienė, diretora da escola. Logo lhe veio à cabeça a imagem compacta e senhoril da mulher, sempre impecavelmente vestida com um terninho, meias de náilon e sapatos pretos de salto baixo, como se estivesse a caminho de uma reunião de conselho em alguma empresa importante. Tinha uns 50 anos, cabelos curtos e castanhos, além de um ar de autoridade que calava a criançada no mesmo instante em que entrava na sala. Ela assustava um pouco Sigita.

Gužas explicou o motivo da ligação: Mikas Ramoška, um dos alunos do jardim de infância, estava desaparecido e era possível que uma desconhecida tivesse entrado em contato com ele no parquinho da escola.

– A senhora saberia dizer se algum de seus funcionários chegou a ver essa mulher em particular, ou qualquer outra desconhecida, conversando com as crianças no recinto da escola? – perguntou o inspetor.

– O chocolate – emendou Sigita. – Mencione o chocolate.

Gužas assentiu displicentemente enquanto ouvia a resposta da diretora. Em seguida, sem o menor constrangimento pela presença de Sigita, perguntou:

– O que a senhora pode me dizer sobre a mãe de Mikas Ramoška? Que impressão a senhora tem dela?

Sigita sentiu o rosto queimar. Que audácia! O que a Sra. Šaraškienė poderia pensar?

– Muito obrigado – agradeceu Gužas. – Eu gostaria de falar com a professora encarregada da classe do menino. Por gentileza, peça a ela que ligue para este mesmo número assim que possível. Muito obrigado pela sua atenção. – Ele desligou e disse: – Parece que um dos funcionários realmente viu a tal mulher de cabelos claros e pediu a ela que não voltasse a trazer doces para as crianças. Mas Mikas não foi o único com quem ela falou.

– Pode ser. Mas Mikas é o único que está desaparecido!

– É verdade.

Ela não pretendia perguntar. Não *queria* perguntar. Mesmo assim, foi em frente:

– O que ela falou de mim?

Um minúsculo sorriso brotou nos lábios do sargento, o primeiro sinal de humanidade que Sigita pudera detectar nele até então.

– Falou que a senhora é uma boa mãe, uma pessoa responsável. Uma das pagantes. É grata pelo seu comprometimento.

Não era preciso pagar nada pela educação de Mikas, mas, como tantas outras, aquela escola em particular oferecia programas adicionais custeados pelos pais que podiam contribuir com certa quantia mensal. O dinheiro era usado não só para manutenção e melhorias, mas sobretudo para atividades culturais com as crianças, para as quais não havia nenhuma previsão no orçamento do governo. Sigita vinha fazendo suas contribuições com certo sacrifício, sobretudo no primeiro ano, quando acabara de comprar o apartamento. Mas para ela era fundamental ser “uma das pagantes”.

– O senhor acredita em mim agora?

Gužas a encarou por um instante. E voltou a estalar a maldita caneta. *Clic, clic, clic.*

– Seu depoimento foi corroborado em certos aspectos – comentou ele, quase a contragosto.

– Então o senhor vai fazer *alguma coisa*, não vai? – suplicou Sigita. Não conseguia mais reprimir o desespero. – O senhor vai encontrar meu filho, não vai?

Clic, clic, clic.

– Sua queixa já está devidamente registrada e, claro, vamos emitir um aviso de desaparecimento para Mikas – explicou o delegado. – Vamos procurar por ele.

Sigita sentiu um enorme alívio ao ver que o inspetor havia acreditado nela. Abriu a bolsa e de lá tirou uma das fotos de Mikas que trazia na carteira. Ela havia sido tirada na festinha que a escola havia promovido para celebrar a chegada do verão. Com suas roupas de domingo e um sorriso amarelo estampado no rosto, Mikas apertava

na mão a grinalda de folhas de carvalho que se recusara a colocar na cabeça, pois alegava ser coisa de mulher.

– Muito obrigada, sargento – falou ela. – Esta foto aqui... o senhor acha que serve? É bem recente.

Sigita deixou a foto diante de Gužas e ele a recolheu sem muita convicção, como se não soubesse ao certo que utilidade ela poderia ter. Foi então que Sigita percebeu: ainda era cedo demais para qualquer tipo de alívio.

– Sra. Ramoškienė... há alguma chance de que essas pessoas que levaram seu filho sejam conhecidas da senhora? Parentes, talvez?

– Não... Acho muito difícil. Não conheço a mulher, isso eu posso afirmar. Mas não cheguei a interrogar a Sra. Mažekienė sobre o homem porque achei que fosse Darius.

– Vamos procurar sua vizinha e pedir a ela que nos dê uma descrição mais detalhada. Os

sequestradores já tentaram falar com a senhora de alguma forma? Algum pedido de resgate, alguma ameaça? A senhora teria algum motivo para suspeitar de alguém em particular? Alguém que queira coagi-la?

Sigita balançou a cabeça em silêncio. A única coisa que lhe ocorria era o fato de que ela tinha informações sigilosas sobre a Construtora Janus e talvez Dobrovolskij tivesse algum motivo para intimidá-la. Mas que motivo seria esse? Não, aquilo não fazia sentido. De qualquer modo, ninguém a havia procurado para fazer ameaças, exigências ou o que quer que fosse.

De repente ela se deu conta de que o inspetor ainda a encarava, mas já havia parado de clicar a caneta.

– O que será que eles querem? – perguntou baixinho, mal ousando pronunciar as palavras, já temendo a resposta. – O que leva alguém a roubar o filho dos outros?

– Na maioria das vezes, os sequestros infantis têm algum motivo de natureza pessoal. São crianças específicas levadas por motivos específicos, em geral alguma coisa a ver com direitos de custódia ou algo que os sequestradores querem dos pais. Mas há uma segunda categoria de sequestros. São aqueles em que os motivos não são pessoais, e nesses casos...

Sigita precisou insistir para que ele terminasse:

– Nesses casos, o quê?

– Nesses casos os sequestradores simplesmente levam a criança. Qualquer criança.

Apesar da resposta lacônica, Sigita logo entendeu. Sabia que havia um comércio de crianças, da mesma maneira que havia um de mulheres. Não conseguiu conter um gemido de dor. *Esu kaltas, esu kaltas, esu labai kaltas*. Minha culpa, minha máxima culpa. Desesperada, ela tentou afugentar as imagens que ameaçavam vir à tona.

Ela ficaria arruinada se imaginasse Mikas nas mãos de pessoas assim.

– Por favor, sargento, o senhor vai encontrá-lo para mim, não vai? – rogou ela mais uma vez, agora aos prantos, as lágrimas caudalosas turvando sua visão, os soluços entrecortando a fala.

– Vamos tentar – respondeu Gužas. – Mas vamos rezar para que Mikas esteja na primeira categoria. Estes quase sempre são encontrados, é uma questão de tempo.

Mais uma vez ele não ousou terminar seu raciocínio, mas Sigita pôde ouvir claramente as palavras que ele havia calado: os outros nunca são encontrados.

NA VERDADE, ELA NÃO dispunha daquele tempo.

Para Nina, era estranho sair para uma prosaica tarde de compras em meio a tanta confusão, mas, sabendo que o diabo residia nos detalhes e que precisava passar despercebida por algum tempo, ela se dispôs a comprar pelo menos um conjunto de camiseta, bermuda e sandálias para o menino.

Pela janela do carro, ela agora ia examinando as lojas da Stationsvej e praguejando baixinho em razão da escassez de opções. As lojas nem eram tantas assim, e naquela altura a maioria já estava de portas fechadas e vitrines apagadas. Mas chegando ao fim da rua, ela avistou mais lojas, duas das quais, para sua grande surpresa, eram de roupas infantis. Ambas se acreditavam muito

chiques; uma delas tinha até um nome francês: La Maison des Petits. Na calçada, araras exibiam macacõezinhos de cores vivas num charmoso estilo retrô, dos anos 1970, e na vitrine Nina viu um manequim que parecia ter o tamanho exato do menino. *E* a loja ainda estava aberta. Um hipermercado como os da cadeia Kvickly teria sido bem melhor e, claro, bem mais barato, mas no caminho ela vira apenas uma cooperativa que aparentemente só vendia produtos alimentícios. O tempo era cada vez mais curto. O menino jazia no banco traseiro como uma bomba-relógio prestes a ser detonada. Rodar pela cidade com um menino de 3 anos aos berros já não seria lá muito fácil, mas se o menino estivesse nu, aí seria impossível. Primeira regra de sobrevivência: não chamar atenção para si.

Nina dobrou na Olgasvej e parou seu ultrapassado Fiat numa vaga entre dois carros bem maiores. Em seguida, virou-se no banco para

recobrir o menino, que já estava com a cabeça de fora. Num reflexo, ele estendeu o braço e de novo tirou a toalha do rosto.

Nina desceu à calçada e rapidamente correu os olhos à sua volta. Num dia quente como aquele, era de se esperar que os habitantes de Vedbæk estivessem na praia, nas sombras de um parque ou em algum churrasco de quintal, mas ainda havia pessoas na rua. Na calçada oposta, uma família de suburbanos caminhava, o pai de pernas finas vestindo um short *curto* demais, a mãe vestindo um top branco que deixava à mostra os ombros já descascando de tanto sol. As duas filhas pequenas empunhavam gigantescas casquinhas de sorvetes enquanto os pais trocavam farpas para quem quisesse ouvir. Mais adiante, na calçada em que estava Nina, um idoso passeava com seu corpo-lento bassê enquanto um grupo de adolescentes dobrava a esquina da Stationsvej e caminhava em direção a ela.

– Está bem, está bem... – disse Nina, debruçando-se sobre o banco traseiro, com a porta do carro aberta. – Eu te dou um sorvete, mas é *só um*, ouviu? Não quero mais saber de birra. – Numa pausa de efeito, ela olhou de soslaio para o velhinho que já estava próximo o bastante para ouvi-la e praticamente se arrastava pela calçada. – Mamãe vai num pé e volta no outro.

Ela trancou as portas depressa e saiu marchando na direção da Stationsvej. Os adolescentes não pareciam ter notado a presença dela, muito menos o teatro que ela havia encenado: conversavam entre si ao mesmo tempo que digitavam mensagens em seus respectivos celulares. Espremendo-se, Nina passou por eles e seguiu adiante, pensando “Ótimo. Autocentrados demais para causar algum tipo de problema”.

Os proprietários da tal Maison des Petits deviam achar que a vontade de todos os pais era vestir os filhos como pequenas réplicas das crianças que eles próprios haviam sido nos anos 1970. As cores eram vivas, por vezes berrantes, e os tecidos quase sempre eram linho e algodão de produção orgânica, para que os pequerruchos não fossem expostos à vilania dos produtos químicos. Tudo muito bem-intencionado, mas Nina já previa o estrago que aquela compra faria em seu saldo bancário.

Uma jovem mãe levemente perfumada, e com um elegante par de óculos fashion prendendo os cabelos no alto da cabeça, passou por ela com um rechonchudo bebê a tiracolo. Mais uma vez Nina ficou incomodada com a camiseta suada que estava vestindo e com o cheiro que sem dúvida estava exalando. De suor e de medo. Naquele paraíso de endinheirados suburbanos ela se sentia

tão à vontade quanto um são-bernardo numa quitinete.

No centro da loja havia um pequeno contêiner de artigos em promoção, e de lá ela pescou cinco pares de cueca para o menino. Em seguida, examinou as pilhas de jeans e camisetas, mas sem saber ao certo o que precisava comprar: não tinha nem ideia de quanto tempo ficaria com o menino.

Não sabia de nada, mas decidiu vagar pelas bandas do otimismo. Um jeans, um short, duas camisas de algodão leve... Isso devia ser o bastante. Mordendo o lábio, correu os olhos pelas prateleiras de calçados, decidiu-se por um par de sandálias e foi para o balcão com sua mercadoria entre os braços. Procurou olhar o mínimo possível para a vendedora enquanto ela ia correndo as etiquetas de preço sob o leitor ótico.

– São 2.458 coroas – disse a moça, sorrindo de modo superficial.

Nina se obrigou a retribuir o sorriso. Sobrepondo-se à relutância, digitou a senha do cartão e recebeu uma enorme sacola branca com um gesto de cabeça.

Na rua, o calor não dava sinais de que iria diminuir. Nina consultou o relógio: 19h02. Ficara ausente por doze minutos. Atravessou para a esquina da Stationsvej com a Olgasvej e olhou na direção do Fiat. Nenhuma atividade estranha. Nenhuma roda de curiosos em torno do carro. Uma senhora vestindo uma camiseta maior do que o normal passou por ele sem ao menos virar o rosto. O menino decerto ainda dormia, pensou Nina com alívio. Do outro lado da rua havia um mercado. Se apertasse o passo, talvez pudesse comprar algo para comer. Não estava exatamente com fome, mas não havia comido nada desde o café da manhã e sabia que cedo ou tarde precisaria ingerir algo.

Às pressas, pegou nas gôndolas uma embalagem de pão de fôrma, um saco de maçãs e duas garrafas de água mineral. Foi só o que lhe ocorreu comprar, até que, a caminho do caixa, avistou o freezer de sorvetes junto à seção de artigos de higiene. Sorvete. Refrescante e doce. Muitas calorias. Tudo de que o menino precisava. Colocou na cesta de compras uma casquinha de sorvete embalada em papel-alumínio e foi para o caixa. A adolescente de rosto espinhento era a única alma viva no lugar. Por algum motivo Nina não conseguia tirar os olhos das unhas quadradas e incrivelmente longas da atendente enquanto ela ia digitando seu teclado.

Com as compras acomodadas num saco plástico amarelo, ela voltou à claridade das ruas. A essa altura, já se haviam completado dezesseis minutos de ausência e de repente ela percebeu que dezesseis minutos era tempo demais. Com um frio na espinha, deu-se conta de que mais

uma vez deixara vazar entre os dedos o pouquíssimo tempo de que dispunha. Então saiu correndo na direção do carro.

O Fiat se achava no mesmo lugar de antes, claro, mas algo parecia estranho. Uma mulher com seu filho pequeno no carrinho parecia estar montando guarda nas imediações, andando de um lado para o outro pela calçada da Olgasvej. Nina sentiu uma pontada de medo, mas ainda assim conseguiu se recompor e correr menos, procurando se fazer passar por uma mãe aflita porém responsável.

– Este carro é seu? – perguntou a mulher, indignada, tão logo Nina se aproximou. – É seu filho este menino?

Nina apenas fez que sim com a cabeça. Tinha a impressão de que o Fiat estava a léguas de distância. E agora que a mulher havia encontrado um alvo para despejar sua fúria, ninguém seria capaz de evitar o escândalo. De perto ela parecia mais

velha do que parecera antes, uma daquelas balzaquianas que gastavam fortunas em produtos de beleza e só traíam a idade nas pequenas rugas que se formavam quando elas sorriam ou franziam a testa. Ela estreitava os olhos, somando uns bons anos à idade aparente. E deixando Nina ainda mais apavorada.

A mulher havia estacionado o carrinho do filho de modo a bloquear a calçada. Com as mãos plantadas na cintura, ela declarou, apontando para o relógio:

– Faz vinte minutos que estou esperando por você. Ninguém abandona uma criança no carro assim. Muito menos neste calor! Ele pode ter uma insolação, sabia? É muita irresponsabilidade da sua parte. Francamente.

Nina pensou no que responder. A mulher não esperara ali por vinte minutos, e a enfermeira fora cuidadosa o bastante para deixar o Fiat à sombra de uma frondosa castanheira e com todas

as janelas abertas. Não havia o menor risco de insolação, e ninguém melhor do que ela para saber disso. Nina já vira muitas crianças sobreviverem a dias inteiros sem nenhum abrigo que as protegesse de temperaturas de quase 50 graus para depois serem vitimadas por algo muito pior: a subnutrição. Com certeza a histérica não passava de uma daquelas idiotas superprotetoras que gostavam de alardear para o mundo as suas maravilhosas qualidades maternas. Mas para Nina pouco adiantava saber disso. Seu principal objetivo era sair dali sem chamar mais atenção. Baixando os olhos, ela forçou um sorriso arrependido e disse:

– Prometi a ele um sorvete e tinha uma fila enorme lá no mercado.

Tentou, então, furar o bloqueio do carrinho que a mulher havia agressivamente deixado na calçada.

– Ah, é? Suponho que a fila também estava enorme na Maison des Petits.

Nina logo percebeu sua mancada. Não encontraria nenhuma explicação plausível para a sacola branca que trazia a tiracolo, então preferiu não explicar nada. Deu as costas para a mulher indignada, destrancou o carro e por pouco não atropelou mulher e carrinho quando, assustada, deu um passo atrás.

O menino estava se sentando no banco.

A toalha ainda cobria suas pernas e ele arregalava os olhos azuis através da janela semiaberta.

Nina ficou imóvel enquanto sua cabeça fervilhava com as possibilidades de ação. Seria melhor apenas entrar no carro e ir embora? Deveria falar com o menino? Nesse caso, o que aconteceria quando ele respondesse?

Só então ela se lembrou do sorvete que havia comprado.

Sob o olhar confuso e amedrontado do menino, ela tirou a casquinha da sacola amarela, rasgou a embalagem e entregou o sorvete através da janela, mal ousando olhar para o pobrezinho. Tampouco foi preciso, pois o garoto avidamente estendeu a mão pálida para receber o apetitoso sorvete.

– *Atju* – falou ele com voz débil, mas lentamente e com absoluta clareza, como se procurasse evitar qualquer equívoco.

– Não – disse Nina às pressas. – Esse não tinha mais. Você vai ter que se contentar com esse aí.

Em seguida, ela contornou a dianteira do carro e se acomodou ao volante o mais rápido que pôde. Ainda ouvia os berros de indignação da histérica quando deu ré para sair da vaga:

– Você nem tem uma cadeirinha para ele no banco de trás! Não entendo como uma irresponsável como você pode ser chamada de mãe!

AVONTADE DE SIGITA ERA permanecer na delegacia, mas Gužas a despachou ao mesmo tempo com educação e firmeza. Disse que tinha o telefone dela, que ligaria para dar notícias, e pela segunda vez a mandou de volta para casa.

– Talvez seja prudente que você não fique sozinha – acrescentou. – E o pai do menino?

– Trabalha na Alemanha. Não pode vir.

– Então um parente... uma amiga.

Sigita apenas assentiu, como se ainda fosse alguém que possuísse parentes e amigos. Não estava disposta a admitir sua solidão. Para ela, era algo vergonhoso, como uma doença.

Sua enxaqueca agora era tão lancinante que pairava na forma de um arco preto em torno do campo de visão. Os enjoos ameaçavam voltar. Ela

devia comer algo, ou pelo menos beber, como havia recomendado o senhor na calçada: *Com esse calor, é muito importante se hidratar.* Pagando preço de turista, ela comprou uma caixa de suco de laranja de um homem que vendia balas, cartões-postais e bijuterias de âmbar numa carrocinha verde-limão. Além de morno, o suco estava um tanto rançoso e, em razão do ácido cítrico, descia queimando a garganta.

– Eles vão encontrar Mikas – sussurrou Sigita para si mesma. – Eles vão encontrar meu filho, e ele vai estar bem...

Não havia nenhuma convicção nas suas palavras. Sigita não se julgava uma pessoa de grande imaginação. Saía-se muito melhor quando precisava lembrar fatos e números do que quando tentava imaginar lugares onde nunca estivera ou pessoas que nunca vira. Não tinha o hábito de ler e via apenas os filmes que passavam na televisão.

Mas naquele momento ela podia muito bem imaginar seu filho Mikas sendo levado num carro, escondido sob um tapete, chamando pela mãe sem ser ouvido, chorando e esperneando enquanto algum desconhecido tentava imobilizá-lo.

O que teriam feito com ele? Por que o teriam levado?

Sentindo as pernas trêmulas, ela se sentou num dos degraus largos de pedra que levavam ao rio. Alguns anos antes a prefeitura havia colocado bancos ali, mas em pouco tempo eles haviam se tornado ímãs para drogados e mendigos, e acabaram sendo retirados. Agora restavam apenas os suportes de metal galvanizado que se projetavam do concreto feito cerdas. Mais abaixo, as águas turvas e reduzidas do Neris corriam preguiçosamente, quase um arroio se comparadas à torrente do inverno.

No seu primeiro verão com Darius, o rio havia sido para eles uma espécie de lugar secreto. Bastava seguir pela margem na direção oposta à da ponte para que o caminho pavimentado desse lugar a uma trilha lamacenta em meio a um matagal de juncos. Insetos zumbiam e adejavam por toda parte, mosquitos e pernilongos miúdos, mas não havia pessoas para bisbilhotar e maldizer, o que era uma raridade em Tauragè. Ali eles podiam até se banhar. Juntos.

Sigita não conhecia ninguém como Darius, que parecia completamente à vontade com sua própria pessoa, e muito mais maduro do que qualquer um dos outros garotos. Ele havia contado que seu nome era uma homenagem ao piloto Steponas Darius, o mesmo que dera nome à rua principal da cidade, a Dariaus ir Girèno. Um nome bastante adequado, ela pensara à época. Sigita podia imaginar seu Darius fazendo coisas muito importantes no futuro.

Quando ele quis tirar-lhe a blusa, ela se retesou. Darius interrompeu-se e baixou ambas as mãos para a cintura dela.

– Você é tão magrinha... Minhas mãos quase encostam uma na outra.

Um tremor profundo tomou-a de repente, e nada tinha a ver com o frio. Deslizando as mãos sob a blusa dela, Darius acariciou-a nos seios, lenta e delicadamente. Sigita ergueu o rosto para o sol. “Não faça isso”, foi o que lhe soprou no ouvido sua avó Julija, “senão vai ficar cega”. Mas Sigita deixou que a luz do sol a ofuscasse por mais alguns momentos antes de fechar os olhos e cravar as mãos nas costas de Darius quando seus lábios se encostaram e a língua dele se intrometeu em sua boca. Dali a pouco as mãos dele desceram da blusa para a saia e a calcinha, e ela se atrapalhou com as pernas, perdendo o equilíbrio. Em vez de ampará-la, Darius caiu com ela na lama aquecida pelo sol. Imobilizada sob o corpanzil do

namorado, Sigita não encontrou ar nos pulmões para dizer o que fosse, e Darius tomou o silêncio por assentimento.

– Como você é linda... – sussurrou ele, apartando as coxas dela com as mãos ávidas.

Sigita poderia ter impedido que Darius fosse adiante. Mas queria o mesmo que ele. Seu corpo queria. E de certa forma a cabeça também. Sigita queria saber como era pecar. Sobretudo quando não precisava fazer nada além de ficar deitada ali e deixar que o namorado levasse o pecado adiante. Estava preparada para sentir dor: nos banheiros da escola ela já havia entreouvido risinhos e conversas sussurradas sobre as dificuldades e dores da primeira vez.

Mas não sentiu dor alguma. Parecia-lhe até fácil demais, natural demais, ficar prensada naquela lama quentinha enquanto ele ia se remexendo entre as pernas dela até penetrá-la como um convidado bem-vindo que poderia se demorar ali

muito mais do que o breve instante em que tudo se consumou.

Darius arquejou e rolou para o lado. Por um tempo permaneceu deitado onde estava, completamente exausto, com o zunir dos insetos voltando aos poucos, somando-se ao farfalhar dos juncos varridos pelo vento, ao chocalhar distante do trem que atravessava a ponte. Por alguns segundos, uma deslumbrante libélula azul pairou sobre os ombros dele antes de irromper mata afora.

Sexo é isso?, pensou Sigita. E nada mais?

Darius não tirara nenhuma peça de roupa; não fizera mais do que abrir o zíper da calça. Ela, por sua vez, se achava num estado deplorável com as calcinhas baixadas até os tornozelos e a saia enrolada sobre a pélvis nua. De algum modo, a blusa e o sutiã haviam sido afastados sem que ela percebesse: era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Ela logo arrumou a saia e já ia baixando a

blusa quando foi detida por Darius, que ainda tinha algo a fazer.

Algo que nenhum dos outros garotos teria feito. Algo que se coadunava perfeitamente com seu jeito de ser. Mais uma vez ele deitou a cabeça dela na lama e começou a beijá-la, um beijo molhado e profundo que foi se estendendo até deixá-la sem fôlego. Em seguida, começou a acariciá-la na virilha, dentro e fora, surpreendendo-a com um turbilhão de novas sensações.

– Darius...

– Shhh... Espera – pediu Darius, e prosseguiu no que estava fazendo, usando apenas a boca e as mãos.

Dali a pouco, Sigita não via mais nada, tampouco ouvia, apenas tremia da cabeça aos pés, levada por aquele latejante terremoto que parecia não ter fim, e só então ela se deu conta de que não era mais virgem, de que nunca mais voltaria a ser.

Não sentiu nenhuma culpa naquele momento, nem pensou em coisas como vergonha, pecado e consequências. Tudo isso viria mais tarde.

O CREPÚSCULO DE AGOSTO já avermelhava a baía quando Nina deixou a rua principal do povoado que um dia fora uma vila de pescadores e seguiu pela ruela esburacada que levava ao ermo condomínio de casas de veraneio. Tisvildeleje agora era frequentado apenas por condôminos sazonais e turistas, a maioria dos quais já havia partido com o término das férias escolares. Alguns carros de placa alemã ainda podiam ser vistos nas imediações das casas maiores e mais luxuosas, e um pequeno grupo de crianças se esbaldava numa partida de espiribol. Os demais jardins e quintais se achavam desertos, escaudados pelo sol renitente daquele fim de verão. O ano anterior havia sido cinzento e chuvoso, mas o céu atual dava a impressão de que

permanecera azul desde o mês de maio, de modo que, naquela altura, os gramados, arbustos e árvores já haviam perdido o viço e formavam uma paisagem seca de amarelos queimados e verdes terrosos. Nina consultou o relógio: 20h20.

Ela estacionou o Fiat junto à caixa de correio, atrás de um Golf azul que estampava no vidro traseiro um adesivo com os dizeres *M-Tech. As melhores soluções*. Seria o carro de Karin? Aquele não parecia ser o tipo de automóvel que ela escolheria, mas por perto não havia nenhum outro que pudesse ser o dela. Diante do chalé havia um longo e sinuoso caminho de cascalho, e a construção em si parecia bem antiga, com uma fachada vermelho-escura e janelinhas brancas de aspecto romântico, muito anteriores às modernas

vidraças de folhas duplas. Um tanto afastada dos vizinhos, era a última antes do bosque, tal como Karin dissera.

Nina guardou as chaves e o celular nos bolsos da calça e desceu do carro. O menino a observava sorrateiramente através das pálpebras semicerradas. Ela abriu a porta de trás e tomou o pulso dele. Quente, mas não febril, ela avaliou. Não havia dúvida de que ele estava cem por cento consciente, embora ainda estivesse muito quieto, a toalha já um tanto ensebada cobrindo-lhe as pernas.

Ele está tentando desaparecer, pensou Nina. Como o filhote de lebre que na infância ela havia encontrado no quintal dos fundos, tentando desesperadamente se esconder. O bichinho não oferecera nenhuma resistência quando ela o tomara no colo; apenas se encolhera nas mãos dela, leve e felpudo. Na ignorância de uma criança de 6 anos, Nina acreditara que o animal havia gostado

dela, mas ao ser colocado na cama, ele já apresentava aquele mesmo olhar mortiço do menino encontrado na mala, e na noite daquele mesmo dia, ela o encontrara morto na caixa de sapatos em que o havia deixado.

Seria possível que o menino estivesse entregando os pontos da mesma maneira?

Nina estremeceu, mas não apenas porque o dia enfim começava a refrescar. Sabia que não poderia deixar o menino no carro. Ele estava desperto e, embora nunca a tivesse visto mais gorda, ficaria bem menos assustado se fosse levado com ela para dentro da casa. Já anoitecia, e a despeito das circunstâncias, nenhuma criança gostaria de ser abandonada num carro trancado sem saber onde estava nem por que estava ali.

Ele ainda não havia mexido um músculo sequer, mas quando Nina tentou içá-lo do banco, ele recuou bruscamente, fazendo com que a toalha caísse no chão.

Nina hesitou.

Não queria que ele ficasse com medo. Não gostava do fato de que ele a encarava como se ali estivesse um monstro não muito diferente do brutamontes da estação, mas também não fazia a menor ideia de como conquistar a confiança dele.

– O que fizeram com você, meu anjo? – perguntou ela baixinho, agachando-se e procurando fisgar o olhar dele. – De onde você vem?

O menino não disse nada, apenas se encolheu ainda mais na extremidade do banco, o mais longe possível dela. Vendo a mancha de urina que ele deixara no estofado, Nina sentiu por ele um intenso carinho, o mesmo que sentia por Anton ou Ida quando eles vomitavam ou ardiam de febre, lá no apartamento de Østerbro. Quando isso acontecia, ela voltava ao quarto com gelo picado, suco de framboesa e toalhas molhadas; a vontade de vê-los curados era tão grande que o mundo parecia se resumir a ela. Tão simples ser

uma boa mãe naqueles tempos, pensou Nina. O resto é que havia ficado complicado demais.

Ela apontou para a casa, depois juntou as mãos e deitou o rosto sobre elas, indicando ao menino que ali ele poderia dormir.

– Vamos providenciar alguma coisa para você comer, uma caminha para você dormir... depois a gente vê como fica – falou, tentando sorrir.

O menino permaneceu mudo, mas algo de certo ela devia ter feito, pois ele relaxou o corpo e deslizou um pouco na direção dela.

– Bom garoto – elogiou Nina.

Lembrou-se de um artigo que havia lido anos antes sobre a capacidade das crianças de sobreviver até mesmo na mais brutal das circunstâncias. Crianças são como mísseis que se deixam atrair pela fonte mais próxima de calor, dizia o artigo. Quando perdem a mãe, procuram o calor do pai; quando perdem ambos, procuram o primeiro adulto na linha de sucessão; e assim vão

procurando até encontrarem alguém que lhes garanta a sobrevivência e, com sorte, lhes dê um pouco de amor.

Ela mostrou ao menino as roupas que havia comprado e, quando começou a vesti-lo, surpreendeu-se ao ver que ele ajudava, obedientemente esticando os braços e baixando a cabeça para que ela pudesse passar a camiseta. Nina também vestiu nele uma cueca limpa. E só. Aquelas duas peças bastavam para que ele ficasse bem mais parecido com um garoto normal de sua idade. Sem nenhuma resistência, ele deixou que ela o tirasse do carro e saísse com ele no colo. Mais uma vez, Nina ficou assustada ao constatar como o pobrezinho era mais leve do que Anton.

Agora que estava desperto, ele não deixou que ela o deitasse no ombro. Escanchado na cintura dela, empertigou o tronco e arregalou os olhos enquanto eles subiam rumo à varanda do chalé.

– E aí, baixinho? – sussurrou Nina, quase cantolando. – Não precisa mais ter medo, ok?

Ele exalava um hálito quente que recendia a vômito e medo.

Na varanda se viam alguns vasos grandes com ervas e amores-perfeitos tão bem regados que faziam um estranho contraste com a aridez do resto do jardim. Pela porta entreaberta se via um par de galochas amarelas ao lado de uma pequena gaiola de transporte para animais domésticos. Nina lembrou que Karin havia falado de um gato durante a bebedeira daquela festinha de Natal. Mr. Kitty, era esse o nome do bichano que ela havia comprado somente para ter uma companhia masculina após decidir, de uma vez por todas, que já não aguentava mais ficar à espera do Príncipe Encantado e dos 2,1 filhos que as estatísticas prometiam.

Por enquanto, Nina não via nenhum sinal do gato nem de Karin.

Bateu à porta com a mão livre, mas a porta se escancarou logo na primeira batida, e ela passou à escuridão do vestíbulo. Sentia-se no ar um cheiro forte de vinagre misturado ao de algum detergente cítrico. Os sapatos e as botas de Karin se achavam enfileirados junto à porta da cozinha, também semiaberta.

Nenhum ruído na casa.

– Karin?

Nina pisou em algo mole, que cedeu com um *ploft* sob a sola de seu sapato. Ela recuou, assustada, apoiando-se na parede para não cair.

– Karin? – chamou de novo, mas já com pouca esperança de receber alguma resposta.

Apalpando a parede a seu lado, ela encontrou o interruptor e acendeu a luz. No chão da sala se achava um sanduíche comido pela metade, comprado na delicatessen do Kvickly local, pelo que se via nos restos da embalagem. Nina sentiu um frio na barriga. Era possível que Mr. Kitty, o gato,

tivesse assaltado as compras de supermercado e arrastado o sanduíche até ali, mas a casa estava silenciosa demais, levando-se em conta a angústia e o destempero que Karin havia demonstrado ao telefone cerca de uma hora e meia antes.

Nina colocou o menino no chão e por alguns segundos ficou ali, à porta da cozinha, sem saber o que fazer.

– Não saia daqui – deu ordens ao menino. – Eu já volto.

Ele permaneceu mudo, fitando-a com os olhos circunspectos, claramente assustado. A indecisão de Nina só fazia piorar as coisas. Ela precisava fazer algo, e logo.

– Karin!

Ela correu os olhos pela sala pequena e pela cozinha. Karin havia deixado acesa uma pequena luminária verde acima do sofá. A televisão estava ligada, sem o som, no noticiário da TV2. Reconheceu o semblante sério do âncora e a faixa

vermelha das manchetes que corriam na parte inferior da tela.

Em seguida, caminhou até a janela que dava para o jardim dos fundos, onde se via muito pouco além de um bosque de pinheiros e um gramado malcuidado, atulhado de folhas e pinhas. Pescou seu celular do bolso, apertou o botão de *redial* e esperou pelo sinal. Segundos depois, ouviu outro telefone tocar por perto, aparentemente no interior de um quarto. Embora a distância não fosse grande, a campainha parecia abafada, como se o aparelho estivesse dentro de um balde ou algo assim. Depois de se certificar que o menino permanecia à porta da cozinha, ela conferiu as horas no celular: 20h28.

A placidez daqueles números sobre o mostrador azulado deixou-a um pouco mais calma. Ela colocou o celular de volta no bolso e abriu a porta do quarto.

Deparou com Karin enroscada na cama, a testa tocando os joelhos como se ela estivesse praticando alguma modalidade avançada de ioga. Mas Nina logo se deu conta de que a realidade era bem outra.

Ela estava morta.

A morte tem lá os seus sinais, detalhes insignificantes quando vistos de maneira isolada, mas inconfundíveis quando somados. Conhecendo-os, Nina não teve dúvida. Os punhos ligeiramente virados. A perna que havia escorregado inerte de sua posição original. A cabeça caída sobre o colchão com um peso além do normal.

Seu primeiro impulso foi o de sair dali em disparada, mas, contendo-se, ela se aproximou da cama. Só então pôde ver os cabelos de Karin esparramados feito um halo em torno da cabeça, dourados como sempre mas agora estriados de manchas avermelhadas. O lençol se empapava de sangue. Com cuidado, ela foi girando o corpo de

Karin, mas largou-o assim que viu a gosma de vômito e sangue que escapava da boca da amiga para escorrer pescoço abaixo. Dois dentes estavam faltando; hematomas manchavam o rosto e o pescoço. Boa parte do sangue parecia vir de um corte na têmpora esquerda, e quando Nina o tocou, o crânio cedeu sob seus dedos. A morte não havia sido instantânea, constatou. Karin tivera tempo para se jogar ali e se enroscar feito um animal ferido que abandonara o rebanho para ir morrer sozinho.

A poça de sangue só fazia aumentar.

Por sorte Nina não se afligia com sangue. No curso de enfermagem, ela sempre se revelara uma das alunas mais fortes e corajosas naquelas situações que envolviam fluidos corporais. (Decidira ser uma mulher forte desde aquele dia, 23 anos antes, e conseguira seu intento.)

Nina conseguiu se afastar da cama a tempo de virar o rosto e golfar seu próprio vômito no chão

do quarto. Os espasmos eram curtos e doloridos. Ela não havia comido nada durante o dia e só o que tinha para expelir era uma bile amarelada misturada a uma água escura.

Foi então que ouviu o grito. Um grito estridente e apavorado, desses que se ouvem à noite quando a lebre é abocanhada pela raposa.

S ENTADA NOS DEGRAUS DE PEDRA à beira do rio, Sigita esperava o enjoo e a enxaqueca passar em para poder voltar para casa. Apertava o celular entre os dedos da mão boa, esperando que ele tocasse. *Tinha* que tocar. Tinha que tocar para que ela soubesse que Mikas estava bem. Ou pelo menos para que ela soubesse que ele não pertencia à segunda categoria mencionada pelo inspetor Gužas: a dos que nunca eram encontrados.

Não. Melhor não pensar nessa possibilidade e muito menos naquilo que os sequestradores poderiam estar fazendo com o corpinho delicado e perfeito de Mikas. Não. Esse pensamento não poderia sequer se aproximar. Seria mau agouro. Além disso, dar rédeas a semelhante pesadelo serviria apenas para abrir um rasgo em seu coração,

que a deixaria sem forças até para respirar, que dirá agir. Sigita se agarrava àquele telefone como um nadador exausto se agarra a uma boia.

O telefone não tocou, e por fim foi a própria Sigita quem fez uma ligação.

– Sra. Mažekienė... – ela foi logo dizendo. – O homem que levou o Mikas... como ele era?

A confusão da senhora era palpável mesmo do outro lado da linha.

– Como ele era? Mas era o pai dele!

– Não, Sra. Mažekienė, não era. O Darius ainda está na Alemanha.

Seguiu-se um demorado silêncio.

– Sra. Mažekienė?

– Bem, achei mesmo que ele tinha engordado um pouco. Parecia bem maior do que eu me lembrava.

– Maior? Como?

– Não sei... grande e alto, eu acho. E um cabelo bem curtinho, quase careca. Mas acho que essa é a moda atualmente, não é?

– Então por que a senhora achou que era o pai de Mikas?

– O carro parecia ser o dele. Além disso, quem mais poderia estar levando o menino?

Sigita mordeu a própria boca para evitar dizer algo imperdoável. A mulher já está velhinha, coitada, falou a si mesma. Não havia feito nada de propósito. Mas seu equívoco havia custado quase 48 horas, e isso era difícil de esquecer.

– Que tipo de carro era esse? – perguntou ela assim que se recompôs.

– Um carro cinza – foi só o que conseguiu dizer a Sra. Mažekienė.

– De que marca? – insistiu Sigita, mesmo sabendo que não receberia uma resposta exata.

– Eu não entendo muito de carros – lamentou a Sra. Mažekienė. – Mas era um carro... comum. Como o carro do pai de Mikas.

Da última vez que Sigita vira Darius, ele dirigia um Suzuki Grand Vitara cinza-escuro. Portanto, a vizinha só poderia estar falando de um utilitário. Ou um *station wagon*. Ou uma van. Se ela não era capaz de distinguir entre o porte esguio de Darius e o porte avantajado de um leão de chácara com os cabelos raspados, dificilmente seria capaz de distinguir entre um off-road e um furgão. E dificilmente aquela informação teria alguma serventia.

– Tinha um bagageiro no teto! – exclamou de repente a Sra. Mažekienė. – Disso eu me lembro bem!

O filho mais velho de Dobrovolskij, Pavel, às vezes dirigia um Porsche Cayenne prata. Que não parecia nada com um Vitara. Além disso, Sigita

nunca tinha visto aquele carrão tão caro com um bagageiro no teto.

Mas isso bastou para que ela ligasse para Algirdas.

– E aí? – indagou ele. – Já está se sentindo melhor?

Sigita não respondeu. Em vez disso, perguntou:

– Como foi a reunião com o Dobrovolskij?

– Mais ou menos. Ele não ficou feliz quando viu que você não estava lá.

– Mas não teve nenhum... problema, teve?

– Sigita, o que você quer saber?

Ela não tinha certeza do que deveria dizer. Nunca havia contado grande coisa a Algirdas sobre sua vida pessoal e parecia estranho começar agora. Mas... E se o sumiço de Mikas tivesse relação com o emprego dela?

– Mikas sumiu.

Decerto ele sabia que ela tinha um filho. Sigita levava Mikas para ver o auto de Natal que a

empresa havia encenado no ano anterior, a primeira vez que a Construtora Janus vira alguma necessidade de fazer algo por seus funcionários.

– Mikas? Seu filho?

– Ele mesmo. Alguém o sequestrou.

Seguiu-se uma pausa de desconforto. Sigita quase podia ouvir as engrenagens que giravam na cabeça de Algirdas enquanto ele tentava avaliar se de alguma forma aquele fato novo poderia prejudicá-lo. De modo geral, Algirdas era um chefe bacana: simpático, informal, nem de longe um ogro ou um tirano. Mas por vezes dava a impressão de que tinha pelos funcionários o mesmo apreço que tinha pelos computadores: não queria saber o que havia dentro deles, desde que funcionassem direito.

E agora eu não estou funcionando, pensou Sigita. E ele não sabe a quem recorrer para me consertar.

– Essa história tem alguma coisa a ver com a sua concussão? – perguntou ele afinal.

– É bem provável. Não me lembro do que aconteceu. Achei que Mikas estivesse com Darius, mas não está.

– Mas por que você está querendo saber de Dobrovolskij?

– Pavel Dobrovolskij tem um Cayenne prata. E Mikas foi levado num utilitário prata ou cinza.

Sigita tinha plena consciência de que estava maquiando os fatos apenas para dar mais substância às suas suspeitas. Mas, caso Dobrovolskij tivesse ligação com aquela história, Mikas não pertenceria à tão temível “segunda categoria”. Se Dobrovolskij estivesse por trás do sequestro, bastaria descobrir o que ele queria e depois fazer o que fosse necessário para trazer Mikas de volta.

– Desculpe, Sigita, mas você pirou. Que motivo teria Dobrovolskij para levar o menino? Além disso, tenho quase certeza de que Pavel vendeu o

Cayenne. Falou que era mais fácil guardar um elefante numa caixa de fósforos do que achar uma vaga para estacionar aquela jamanta no centro de Vilna. Você já chamou a polícia?

– Já.

– Então deixe que eles cuidem do assunto, ora.

– Mas eles não estão fazendo nada! Só tem um pateta por lá, que fica clicando a porcaria de uma caneta!

– O que a caneta dele tem a ver com a história?

– Ele falou que ia procurar o Mikas, mas não creio que esteja fazendo coisa alguma. Eles nunca são encontrados. Isso quando o caso não é pessoal.

De súbito, ela se deu conta de que não estava falando coisa com coisa. Também percebeu que aquela não era nem de longe a melhor maneira de abordar Algirdas, que aquele papo de polícia só faria com que ele se retraísse ainda mais. Então se obrigou a respirar com mais calma e esperou até

que as palavras pudessem se apresentar na ordem correta.

– Algirdas, preciso saber se você se meteu em alguma encrenca com Dobrovolskij. Ou se houve algum erro nos pagamentos.

– Porra, Sigita. É essa sua cabecinha de autista que toma conta de tudo. Eu só abro os cofres quando você manda.

Fossem outras as circunstâncias, ela conseguiria se lembrar. Saberia dizer se havia um único litas faltando.

– Além do mais – prosseguiu Algirdas –, você está falando como se Dobrovolskij fosse um gângster, e ele não é.

– Mas conhece gente que é – retrucou Sigita.

No rio, ao pé dos degraus, um saco de plástico preto flutuava correnteza abaixo, enfunado pelo vento. Por um instante de puro terror, só o que ocorria a Sigita era que o tal saco era grande o bastante para conter uma criança morta.

– Olha, Sigita, realmente sinto muito por tudo isso que está acontecendo, mas Dobrovolskij não pode ser envolvido nessa história. Pelo amor de Deus, não vá enredar o nome dele nessa confusão.

Sigita não se despediu. Mal teve tempo de desligar o telefone antes de dobrar o tronco e vomitar sobre as próprias pernas o suco de laranja que havia tomado pouco antes.

NINA SE VIROU A TEMPO DE VER o vulto do menino sumir pela porta. Ouviu o tropel dos pezinhos descalços enquanto ele atravessava a sala, depois o rangido de uma porta. Por um momento, suas próprias pernas ficaram paralisadas por uma sensação de calor e moleza, e quando enfim elas se moveram, os tornozelos e os joelhos estavam perigosamente bambos.

Algumas passadas largas levaram-na até a porta, depois à cozinha. Através da janela acima da pia, ela pôde vislumbrar a cabeleira dourada do menino que corria em meio à escuridão: ele estava fugindo. Ainda cambaleante, ela saiu à varanda. De imediato, sentiu o rosto e a garganta queimarem em razão da umidade do ar.

Uma neblina borrava o bosque de pinheiros nos fundos da casa. Nina perdera o menino de vista, mas ouvia os galhos que ele ia quebrando enquanto fugia entre as árvores. Orientando-se pelo barulho, e correndo o máximo que lhe permitiam as pernas, ela partiu no encalço dele.

As galhadas dos pinheiros fustigavam seu rosto; o mato rasteiro, seco e espinhoso, dificultava seus passos. Por sorte ela agora avistava novamente os cabelos do menino, que de tão claros pareciam um fogo-fátuo em meio aos troncos pretos e à crescente escuridão. Faltava pouco para que ela o alcançasse.

Ela ia se desviando dos galhos tanto quanto podia. A certa altura, precisou dar uma guinada brusca para não atropelar o tronco caído de uma árvore e, por mais que o tornozelo direito doesse, conseguiu retomar a corrida. Quando enfim plantou as mãos nos ombros do menino, perdeu o equilíbrio e deixou que ele escapasse, mas, na

segunda tentativa, conseguiu segurá-lo pelo braço, obrigando-o a parar.

Sem nada dizer, ajoelhou-se à frente dele e o apertou num abraço forte, sentindo contra si o coraçãozinho que martelava sob a camiseta amarela e os jatos de ar quente que ele exalava.

Então ouviu um ruído que noutras circunstâncias poderia não ter importância alguma. Um clique baixinho, como o de uma porta sendo fechada com cautela em algum lugar daquela noite de verão. Poderia ter vindo de qualquer um dos chalés que margeavam o bosque, pensou Nina, recuando com o menino no matagal, procurando se esconder. Já não podia ver o chalé do primo de Karin, mas via claramente o carro que ela havia deixado ao pé do sinuoso caminho de cascalho.

Mais ruídos. O crepitar do mato seco, como se alguém o pisoteasse. A imagem do brutamonte da estação veio à cabeça de Nina. Os olhos claros,

o esgar de fúria, o queixo retesado, a violência dos chutes contra o armário aberto.

Seria possível que ele tivesse encontrado Karin e descontentado nela sua sede de vingança?

Nina conferiu as horas: 20h36.

Seu relógio de pulso andava sempre 29 segundos atrasado em relação ao que marcava o celular. Por algum motivo, ela não conseguia corrigir aquela diferença.

Mais uma vez, ela apertou o menino em seus braços. Ele tentou se desvencilhar com gestos curtos e débeis, mas permaneceu calado, talvez porque estivesse assustado demais, talvez porque intuísse a necessidade de silêncio naquele momento.

Nina aguçou os ouvidos, mas os passos no matagal já haviam cessado – se é que foram mesmo passos no matagal. Ela decidiu chamar a polícia. Vasculhou os bolsos da calça, mas não encontrou o celular.

Procurou de novo, aflita, mas sem sucesso. Ela o deixara cair. Onde e quando, isso ela não sabia dizer.

A adrenalina voltou a tomar seu corpo. O celular era seu único meio de contato com o mundo real: com Morten, com a clínica, com a rede clandestina, com a polícia. Agora ela estava sozinha. Completamente sozinha com o menino.

Uma porta bateu com estrépito, cortando o silêncio.

O coração de Nina veio à boca, disparando sob a camiseta encharcada de suor. Ela ficou de pé com o menino em seus braços.

E partiu em disparada.

O menino retesava o corpo, assustado, dificultando ainda mais as coisas para Nina, que sentia um peso extra nos joelhos e nos tornozelos. Estava ficando velha, pensou, velha demais para fugir através de um bosque de pinheiros com uma criança no colo.

Ela alcançou o Fiat e abriu às pressas a porta do lado do motorista. Erguendo o rosto, olhou para o chalé através da folhagem da aleia de bétulas. Não viu nenhum sinal de presença humana na casa e por um instante chegou a duvidar dos próprios sentidos. Os ruídos que ouvira... seriam mesmo passos? Talvez fosse apenas o mato farfalhando com o vento. Ou o gato de Karin, por que não? O telefone. Não seria o caso de voltar para tentar encontrá-lo? Ela teria coragem? Nina sentiu um impulso irracional de voltar para o corpo inerte que havia deixado no quarto e protegê-lo contra...

Contra o quê? Tarde demais. Quanto a Karin, não havia mais nada a fazer. Ela agora precisava pensar em si mesma e no garoto. Paralisada pelas dúvidas, e com o menino ainda no colo, Nina continuou observando a casa através da folhagem seca e empoeirada. Foi então que, num susto, viu a luz da cozinha se acender. Alguém andava por

lá. O vulto escuro ficou ainda maior quando se aproximou da janela, e por um instante Nina pôde vislumbrar o contorno pálido de um rosto.

Praticamente jogou o menino no banco do carona, acomodou-se ao volante e deu partida no Fiat, descendo de ré pela entrada de automóveis, aflita, por pouco não perdendo o controle da direção. O matagal roçava as laterais do carro, e a certa altura uma pedra ou uma raiz bateu contra o chassi. Nos outros chalés não se via nenhuma luz acesa, nenhum carro na frente. Ninguém por perto para ajudar. De modo atabalhado, jogando cascalho para todos os lados, ela enfim conseguiu manobrar o carro e seguir adiante, quase voando, pela estradinha esburacada que descia na direção do mar. Só então se deu conta de que havia se esquecido de ligar os faróis. O menino a seu lado começara a chorar tão escandalosamente que, se ali houvesse alguém para

ouvir, com certeza pensaria que ela estava tentando matá-lo.

Nina se obrigou a respirar fundo, reduziu a velocidade do carro e acendeu os faróis. O menino se acalmou um pouco, mas agora se achava encolhido no chão do carro, soluçando, com os braços cobrindo a cabeça. De repente, entre um soluço e outro, ele conseguiu dizer:

– *Mama. Noriu pas mama!*

Meu Deus, pensou Nina. Ele tem uma mãe em algum lugar.

JAN HAVIA DECIDIDO PASSAR a noite no flat que a empresa mantinha no centro da cidade, na Laksegade. Sobretudo porque não queria se encontrar com Anne. Com o estranho radar que possuía, ela naturalmente já havia farejado a encrença, e agora ele precisava a todo custo evitar a mulher para que ela não percebesse o tamanho exato do problema. Além disso, seria muito mais fácil lidar com Karin sem Anne por perto.

Ele comprou um jantar congelado na delicatessen da loja de departamentos Magasin e o aqueceu no micro-ondas da pequena cozinha. Ainda sentia na boca o gosto amargo da traição de Karin. Como ele podia ter se equivocado tanto? Ao que tudo indicava, ela era bem menos leal e bem mais mercenária do que ele jamais

poderia ter imaginado. No apartamento em que Karin morava, acima de sua própria garagem, Jan havia encontrado duas coisas dignas de menção: a maleta vazia e um bilhete escrito em letras de fôrma: EU ME DEMITO.

Quanta gratidão. De modo geral, ele tinha um faro bem melhor para separar o joio do trigo, os traiçoeiros dos confiáveis. E Karin tinha plena consciência do que estava em jogo. Apesar de todas as provas em contrário, ele ainda nutria a esperança de que tudo não tivesse passado de um grande mal-entendido, de que tudo ficaria esclarecido tão logo ele conseguisse falar com ela.

Mas o lituano ainda não havia ligado, o que só podia significar uma coisa: ele ainda não a encontrara. Jan sentiu o estômago se contrair só de pensar nas consequências que tudo aquilo traria para sua vida. Eram cada vez menores as chances de que ela voltasse ao normal. Ele não tinha todo

o tempo do mundo – será que Karin não se dava conta disso?

Jan serviu-se de uma xícara de café e tentou ver o noticiário na TV, mas não conseguiu se concentrar. Cogitou ir ao parque próximo para uma corrida, mas não tinha nem as roupas nem os tênis, e embora a Magasin estivesse logo ali na esquina, ele não se sentia disposto a mais uma expedição de compras. Já havia comprado uma camisa e um par de cuecas para o dia seguinte, como sempre fazia quando trabalhava até tarde e não via sentido em fazer a longa viagem de volta para casa.

O flat era tão apertado quanto uma urna funerária se comparado à fortaleza branca em que ele morava, mas tinha lá o seu charme. Jan havia deixado a decoração por conta de Marianne, sua secretária, e ela havia conseguido dar ao lugar uma atmosfera que o fazia se sentir confortável ali. Algo como a versão luxuosa de um

apartamento de estudante. Poltronas antigas estofadas com tapetes desbotados. Luminárias de aspecto retrô que ela havia encontrado em alguma feirinha de antiguidades. Sete pratos diferentes em vez de um aparelho de jantar normal, e canecas de café igualmente desconstruídas. Marianne gostava de fazer esse tipo de serviço. “Esse apartamento precisa de personalidade”, ela costumava dizer. “Senão, melhor mandar as pessoas para um hotel.” Talvez o flat lembrasse a Jan o cubículo que ele havia dividido com seu colega Kristian nos tempos de faculdade, quando o mundo ainda era novo, quando ambos ainda sonhavam em fazer fortuna no mundo da TI. Por um breve instante, perguntou-se por onde andaria Kristian e o que ele estaria fazendo agora. Até onde sabia, era o único dos dois que havia realizado o sonho de se tornar milionário.

Que dia, meu Deus, que dia... Espreguiçando o corpo, Jan sentiu uma puxada na cicatriz

cirúrgica que tinha logo acima da cintura. Coçou-a num gesto automático. Que diabos estaria fazendo o lituano? Que diabos dera em Karin?

Era nisso que ele pensava quando se assustou com a campainha do flat tocando insistentemente. Deixou o café na bancada e foi até o interfone.

– Pois não?

– É a Inger.

Jan levou um segundo para lembrar que Inger era sua sogra.

– Inger! – exclamou ele, tentando soar contente. – Pode subir!

Inger era tão magra e bonita quanto sua filha Anne. Ambas tinham exatamente o mesmo corpo. Ela agora usava um de seus vestidos africanos de estampa multicolorida, trazendo nos braços bronzeados quatro ou cinco pulseiras de ébano esculpido. Apenas uma mulher como ela

para sustentar semelhante arranjo sem parecer algo exagerado.

– Anne falou que você estava aqui – explicou ela. – Então achei que devia aproveitar a oportunidade.

– Que surpresa agradável – falou Jan. – Quer um café?

– Não, obrigada. Eu só queria trocar uma palavrinha com você.

– Opa! – fez ele, apelando para o humor. – O que eu fiz desta vez?

Inger não deu corda para a leviandade do genro.

– Anne está chateada – comentou.

– Ela disse isso?

– Claro que não. Você conhece Anne. Ela jamais diria uma coisa dessas. Mas está aborrecida com alguma coisa e eu gostaria de saber se tem relação com Aleksander.

Jan sentiu o coração retumbar no peito.

– Não, não – ele foi logo dizendo. – Isso já foi resolvido.

Inger o encarava com firmeza. Seus olhos não eram tão azuis quanto os de Anne; eram mais acinzentados.

– O que é então? Algum problema entre vocês?

Jan teve a impressão de que seu sorriso estava colado ao rosto. Sabia que não estava conseguindo disfarçar o constrangimento. E se censurava por nunca fazer a coisa certa. Admirava Inger. Achava-a uma mulher maravilhosa, ao mesmo tempo feminina e forte, o tipo de companheira que Keld merecia. Queria *muito* que ela gostasse dele.

– Eu jamais faria algo que pudesse magoar Anne – afirmou ele.

Inger arqueou as sobrancelhas.

– Tenho certeza que não. Mas não foi isso que eu perguntei.

Outra bola fora. Por vezes ele tinha a sensação de que alojava na cabeça um homenzinho com uma daquelas campainhas estridentes que disparavam nos programas de perguntas e respostas sempre que um candidato dava a resposta errada.

– Então não sei do que você está falando – falou ele. – Anne e eu estamos bem.

Inger suspirou e balançou a cabeça.

– Não tenho tanta certeza assim – disse ela, e ficou de pé, içando para o ombro a estilosa bolsa de franjas.

– Já vai?

– Não vejo sentido em ficar.

Jan teve mais uma vez a impressão de que havia sido reprovado em algum teste secreto. De modo atabalhado, indagou:

– Você falou com Keld sobre isso?

Inger voltou a encará-lo com seus olhos cinzentos. Voltou a balançar a cabeça, mas Jan não soube dizer se aquilo era apenas um “não”.

Sentira uma facada no estômago só de imaginar a sogra conversando com o marido em Tårbæk, talvez no jardim de inverno da casa, tomando um bom vinho no fim de noite, comendo um bom queijo, falando sobre ele, cogitando se o casamento dele com Anne andava mal das pernas...

– Boa noite, Jan – despediu-se ela. – Espero que vocês se acertem.

Pousou uma das mãos no braço dele antes de sair e Jan percebeu no olhar dela uma inequívoca centelha de pesar.

À janela, Jan ficou observando a sogra caminhar pela rua. De costas, ela ainda podia se passar por uma jovem mulher, os passos eram firmes e graciosos, os pés ligeiramente fora de esquadro. Certa vez, ela tinha dito às gargalhadas que estudara balé por três longos anos antes de ser dispensada do grupo. “Mas a gente passa o resto

da vida andando como pato!” Ela ainda fazia algum tipo de aula de dança à noite.

Jan se deu conta de que tremia da cabeça aos pés. Procurou se acalmar dizendo a si mesmo que o lituano ligaria a qualquer instante para informar que havia encontrado Karin. Ainda havia tempo e tudo acabaria bem.

Pouco antes da meia-noite, o telefone tocou, mas não foi o Nokia roubado. Foi seu próprio celular, com uma chamada de Anne.

– A polícia esteve aqui – disse ela, a voz falhando. – Falaram que Karin está morta.

OS DOBROVOLSKIJS ERAM RUSSOS, mas não do período soviético. A família residia em Vilna havia mais de cem anos, e o velho Dobrovolskij, o atual patriarca, ainda morava numa das antigas mansões de madeira que avizinhavam a Znamenskaya, a Igreja Ortodoxa da Aparição da Santa Mãe de Deus. Sigita já estivera uma vez na casa do homem, com Algirdas, e eles haviam sido recebidos na varanda com chá preto da Rússia, servido em copos altos folheados a ouro.

Sigita parou perto do portão do jardim, subitamente indecisa. Agora que estava ali, achava difícil que os Dobrovolskijs estivessem escondendo Mikas em algum lugar daquela casa tão linda e recém-pintada. E não havia nenhum Cayenne prata estacionado na rua.

Se estivesse mesmo envolvido no sumiço de Mikas, Dobrovolskij não usaria a própria casa como cativoiro, tão próxima da igreja que o reluzente domo podia ser visto através das copas das árvores. Enquanto os outros derrubavam os centenários casarões de madeira para construir monstruosidades de alvenaria assim que enriqueciam, Dobrovolskij preferira fazer sucessivas e minuciosas reformas. Os ornamentos no telhado e nas janelas, tão delicados, rebrilhavam com a pintura recente, e o poço no jardim servia apenas como um elemento de decoração. Sigita sabia muito bem que a casa dispunha de três banheiros novos: a obra havia sido parte do acordo entre a Construtora Janus e o velho.

Ela permanecera ao portão por tanto tempo que acabara por ser notada. Alguém afastou a cortina de renda branca numa das janelas e, segundos depois, uma moça de cabelos escuros saiu à varanda.

– A Sra. Dobrovolskaja mandou perguntar o que a senhora deseja – informou ela num lituano de sotaque forte. Muito magrinha e de aspecto juvenil, vestia apenas uma camiseta branca e calças pretas da Calvin Klein.

Sigita supôs que a moça fosse alguma parente russa ou uma hóspede ou mesmo as duas coisas. Pigarreou antes de falar:

– Desculpe. Sei que pode parecer estranho, mas... você sabe dizer se Pavel Dobrovolskij ainda possui um Porsche Cayenne prata?

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou a moça, olhando para o braço engessado de Sigita.

– Um acidente? Ele está bem?

– Não, não aconteceu nada... quer dizer, pelo menos não um acidente de carro. Eu caí da escada.

– Está quebrado?

– Está.

– Sinto muito. Espero logo que fique novo outra vez. – Ela sorriu, meio envergonhada. – Desculpe. Meu lituano ainda não é muito bom. Sou Anna, noiva de Pavel. A senhora o conhece de onde?

– Na verdade, é meu chefe quem realmente conhece Pavel. Algirdas Januse-vičius. Eles trabalham juntos em alguns projetos de vez em quando. Meu nome é Sigita.

Elas se apertaram as mãos.

– O Porsche... – insistiu Sigita. – Ele ainda tem esse carro?

Anna sorriu.

– Está tentando vender. Fala que é um elefante. Mas ninguém comprou ainda. Se você está interessada, ele está na Super Auto, uma revendedora na rua Pusu. Fica a duas quadras daqui.

O Cayenne prata se destacava no principal show-room da loja, garboso e sem placas, do outro lado de uma grade e de uma vitrine blindada. Pelo que informava a etiqueta de preço, Sigita poderia se tornar a feliz proprietária do veículo caso se dispusesse a pagar um valor equivalente a seis anos de salário. Algirdas estava certo, reconheceu ela, desesperada. Não havia nenhuma evidência de que Dobrovolskij estivesse com Mikas ou possuísse qualquer conexão com o sumiço dele.

Apenas quando essa falsa esperança se esvaiu foi que ela percebeu o quanto vinha se agarrando a ela. Tinha que ser Dobrovolskij porque Dobrovolskij era alguém que ela conhecia, alguém que tinha um rosto, um endereço. Se fosse ele o responsável, ela sem dúvida teria seu filho de volta.

Mas não era Dobrovolskij.



Sigita caminhou até o ponto do ônibus elétrico mais próximo sem conseguir controlar bem suas pernas. Não foi uma decisão pensada, mas um reflexo condicionado. Ela já havia morado naquela vizinhança também, no sótão de uma das casas de madeira em que o poço era tudo menos um elemento de decoração. Por três anos, ela escalara todo dia os degraus estreitos com dois baldes d'água de 10 litros, um para a Sra. Jovaišienė, a proprietária da casa, e outro para si mesma. Para tomar um banho de verdade, ela precisava ir até o banheiro público do bairro, a algumas quadras de distância, então o mais comum era que ela se resignasse aos “banhos de esponja”, confiando cegamente num produto mágico chamado Nuvola, que vinha numa lata de aerossol: bastava esguichar aquilo na cabeça, esperar alguns minutos e escovar os cabelos com vigor para que a pessoa tivesse todo o aspecto de quem havia acabado de sair do banho. Pelo menos em tese. Uma vez por

semana, Sigita usava emprestada a lava-roupa de manivela da Sra. Jovaišienė, mas de modo geral lavava suas roupas na pia, tal como fazia em Tauragė.

O mais provável era que a Sra. Jovaišienė já estivesse morta. Já havia passado dos 90 anos naquela época. Mesmo sabendo que seria o caminho mais curto, Sigita evitou passar pela rua Vykinto, onde ficava a tal casa. Não queria vê-la. Não queria se lembrar daquele tempo. Mikas era só o que importava naquele momento, disse a si mesma.

De volta a Pašilaičiai, ela encontrou seu apartamento exatamente como o havia deixado. Branco. Novo. Vazio. Fechou as persianas para que o sol da tarde não entrasse e se jogou na cama sem tirar a roupa. Dali a pouco estava dormindo.

O inverno chegara cedo em Tauragė no ano em que Sigita engravidou. As primeiras nevascas haviam caído já no fim de outubro. Fazia pouco que seu pai fora nomeado zelador do prédio, logo após a mudança de Bronislavas Tomkus. Na prática, isso significava que Sigita e a mãe precisavam limpar a neve das calçadas antes de irem uma para a escola e a outra para seu trabalho no correio. O pai, claro, tinha “aquele probleminha na coluna”. Não pegava no pesado, mas insistia em orientar sua pequena tropa e elevar o moral dela com suas divertidas anedotas. “Essa é a arma secreta dos russos”, comentava ele, apontando para a neve. “Vem direto da Sibéria. Mas enquanto pudermos contar com mulheres fortes e corajosas como vocês, eles não vão nos derubar!” Era como “defensoras da independência” que ele apresentava a mulher e a filha para qualquer pedestre que por eles passasse na calçada.

Tempos difíceis.

A única vantagem do inverno era que Sigita podia usar um suéter pesado para esconder a gravidez sem levantar suspeitas. Ela já havia abandonado as aulas de educação física na escola, mas sabia que era apenas uma questão de tempo até que a Srta. Bendikaitė procurasse a diretora, que, por sua vez, procuraria seus pais.

Embora na escola secundária de Tauragė não houvesse nada remotamente parecido com um curso de educação sexual, Sigita sabia muito bem o que estava acontecendo quando sua menstruação não veio em agosto, tampouco em setembro. Apenas não sabia muito bem o que fazer com aquilo. Quer dizer, poderia comprar um teste de gravidez na farmácia da praça, mas a Sra. Raguckienė, que trabalhava no caixa, havia sido colega de escola de sua mãe. De qualquer modo, que diferença faria esse teste? Ela tinha certeza absoluta de que estava grávida.

Ela não havia contado a Darius. No fim de agosto, ele fora enviado aos Estados Unidos para ficar com um tio e estudar lá por um ano. Sigita podia jurar que aquele súbito ato de generosidade dos pais do garoto devia-se sobretudo ao fato de que a mãe dele não a considerava uma namorada à altura de seu filhinho de ouro. Sigita escrevera-lhe uma carta, mas sem falar da gravidez. Afinal, era justo sua mãe quem fazia a triagem de toda a correspondência que saía de Tauragė para o estrangeiro, e os envelopes de via aérea eram quase transparentes de tão finos.

Sigita tinha saudade de Darius. Uma saudade tão grande que chegava a sentir dores no peito e no abdômen, sem dúvida um castigo por ter deixado de contar ao Padre Paulius mais aquele pecado – e por não ter a menor intenção de contá-lo. Depois de um tempo, no entanto, deu-se conta de que aquele aperto não passava de uma paixão recolhida. Mas daí a escrever as palavras

“Estou grávida” ou “Você vai ser pai”... Não. Não tinha coragem.

No início de dezembro, numa noite de quinta-feira, Sigita colocou o máximo de roupas que pôde em sua bolsa de ginástica. Tinha que ser a bolsa, pois as malas da família ficavam trancadas no sótão do prédio, um buraco amplo e sem janelas que fazia as vezes de depósito; além disso, caminhar pela Dariaus ir Girêno com uma mala em punho por certo despertaria a curiosidade das pessoas. Era bem possível que alguém tentasse interpelá-la. E também tinha que ser na quinta-feira, pois esse era o dia em que a mãe saía para visitar a vovó Julija e o pai aproveitava a oportunidade para jogar seu carteadado com os velhos companheiros da fábrica de conservas.

Sigita não se deu o trabalho de deixar uma carta. Não saberia o que dizer. Apenas Tomas, seu irmão caçula, a viu partir.

– Aonde você vai? – ele quis saber.

– Vou sair – respondeu ela, mas sem conseguir encará-lo.

– Mamãe falou que era para você tomar conta de mim.

– Você já tem 12 anos, Tomas. Sabe se cuidar sozinho.

Ela tomou o último ônibus para Vilna. Levou quase cinco horas para chegar lá, e quando chegou já passava da meia-noite, e a cidade grande de seus sonhos já havia se recolhido para dormir. Os ônibus elétricos já haviam parado de rodar e ela não tinha dinheiro para tomar um táxi. Pediu ao motorista do coletivo que lhe indicasse o caminho, depois seguiu a pé pelas ruas silenciosas, o gelo das calçadas crepitando sob o solado das botas.

Sua tia Jolita mal acreditou quando a viu. Pediu que ela repetisse seu nome duas vezes até reconhecê-la.

– Mas, Sigita... O que você está fazendo aqui?
Por que sua mãe não me ligou?

– Eu só queria visitar a senhora. Minha mãe não sabe que eu vim.

Jolita era mais velha do que a mãe de Sigita, mas não parecia. Os cabelos que roçavam os ombros eram de um preto uniforme e um par de enormes argolas douradas pendia das orelhas. Embora estivesse embrulhada num quimono de seda azulão, não dava a impressão de que estava dormindo. Da sala às suas costas vinham uma delicada melodia de jazz e um cheiro de cigarro.

Arqueando as sobrancelhas desenhadas a lápis, ela perguntou:

- Você queria *me visitar*?
- Queria – respondeu Sigita. E foi aí que começou a chorar.
- Meu amor...
- A senhora precisa me ajudar – choramingou Sigita. – Estou grávida...

– Grávida? Essa não, minha querida... –
lamentou tia Jolita, puxando-a para um sedoso e
reconfortante abraço que recendia a tabaco.

KARIN ESTÁ MORTA. KARIN ESTÁ MORTA. Karin está morta.

A ideia ainda martelava a cabeça de Nina quando ela entrou na Kildevej e tomou o caminho de volta para Copenhague. A essa altura, era quase certo que ninguém a havia seguido. Durante os primeiros quilômetros de agonia na estradinha que atravessava a região de Tibirke, ela olhava para o retrovisor a cada minuto.

Karin está morta, pensou ela, apertando ainda mais o volante. Já havia tentado se limpar com um lenço de papel que havia encontrado no porta-luvas do carro, mas o sangue nas mãos já havia secado e agora as cobria como uma fina película de ferrugem.

A contragosto, lembrou-se de novo do crânio esfacelado da amiga morta, comparando-o àqueles enormes ovos de Páscoa que os pais de Morten sempre traziam para Ida e Anton e que por algum motivo sempre caíam no chão: o chocolate sob o papel-alumínio ficava achatado, frágil, exatamente como a cabeça de Karin, pedacinhos de osso que pareciam se mover à medida que ela corria os dedos sobre o couro cabeludo.

Karin havia sido assassinada. Alguém a havia espancado até a morte.

Nina se debruçou sobre o volante do Fiat, tentando controlar a náusea. Que motivo teria alguém para matar Karin? Ela era uma das pessoas menos ameaçadoras que Nina havia conhecido, uma mulher de seios fartos, mas de um jeito maternal que sempre fazia Nina pensar em leite morno e pão caseiro. Uma mulher que inspirava segurança.

Nina enxugou os olhos com uma das mãos. Percebendo que se deixava hipnotizar pela faixa branca do asfalto à sua frente, ergueu o rosto antes que se metesse num acidente.

Elas andavam sempre juntas nos tempos da escola de enfermagem. Estudavam juntas, iam para as festinhas de sexta-feira juntas, embebedavam-se juntas, muito embora, a julgar pelas aparências, não tivessem quase nada em comum. Nina era miúda, pálida e magricela. Karin, por sua vez, parecia ter saído diretamente de um daqueles filmes de propaganda do Terceiro Reich: alta, loura, saudável, ancas generosas, uma tez dourada. Além disso, era uma mulher descomplicada. Não era burra, longe disso. Era apenas descomplicada e tinha um maravilhoso pendor para a felicidade. Pelo menos era assim que Nina a via, e talvez fosse por isso que ela havia grudado na amiga, na esperança de receber por osmose um pouco daquela felicidade, na

ânsia de estar ao lado de alguém cujo mundo era tão redondo e perfeito.

Para Nina, era um mistério que, delas, tivesse sido justamente Karin quem não conseguira realizar o velho sonho de casamento e filhos. Por algum motivo insondável, os homens nunca duravam muito ao lado de Karin. Coubera a Nina receber o pacote completo mesmo sem o ter desejado de verdade, e talvez fosse esse o motivo do gradual afastamento entre elas.

Enquanto Nina tivera o primeiro filho e caíra na estrada para salvar o mundo em terras estrangeiras, Karin havia trabalhado como enfermeira particular de uma família dinamarquesa residente em Bruxelas e, mais tarde, para uma clínica chiquérrima e provavelmente caríssima na Suíça. Elas tentavam se ver sempre que estavam na Dinamarca, mas era evidente que a distância entre elas só fazia crescer.

Como daquela vez em que Nina estava grávida de Anton. *Muito* grávida, na verdade, a poucas semanas de dar à luz. Nina ainda se lembrava da expressão de ofensa pessoal que vira no olhar da amiga ao abrir para ela a porta do apartamento novo em Østerbro, o apartamento para o qual ela e Morten haviam acabado de se mudar. Era uma daquelas raras ocasiões em que tudo parecia estar certo no mundo, e ela, talvez pela primeira e única vez em sua vida, estava se sentindo em paz consigo mesma. Havia engordado mais de 20 quilos na gravidez, mas estava feliz da vida com o barrigão ao mesmo tempo rígido e macio que era obrigada a carregar.

Karin não dissera nada. Nem sequer lhe dera os parabéns.

Os telefonemas haviam ficado cada vez mais raros desde aquela última visita, e quatro anos de silêncio já tinham se passado quando enfim Nina reencontrou a amiga naquela malfadada festinha

de Natal, já um tanto alta e com um arco de chifres de rena na cabeça.

Nina também ficara bêbada depressa, mas ainda se lembrava de Karin ter dito que voltara para ficar, que havia encontrado um ótimo emprego nas imediações de... Kalundborg, seria isso? E o que mais?

Nina fez um esforço para se lembrar de mais detalhes. Por toda parte na festa se viam copinhos de cerâmica com motivos natalinos, velas esculpidas como rechonchudos papais-noéis, barris de cerveja e, pelo chão, estranhamente, aqueles mesmos confetes que em geral só davam as caras nas festas de ano-novo.

Segundo Karin, ela voltara a trabalhar como enfermeira particular e vinha ganhando rios de dinheiro. De súbito, Nina se lembrou de ter percebido no olhar dela um visível cansaço. Karin já havia bebido muito mais do que sua cota de licor e agora apertava nas mãos um copo de plástico

com cerveja, falando da bolada que embolsava todo mês, já deduzidos os impostos. Não precisava sequer pagar aluguel, pois o emprego incluía um belo flat com vista para a baía. A penumbra da sala acentuava sua testa franzida, bem como as pequenas rugas em torno da boca, e pela primeira vez na vida Nina sentiu antipatia pela amiga. Era como se não a conhecesse mais e, com o desenrolar da noite, tivesse um desprezo cada vez maior pelas opções de vida que Karin havia feito. Naquela altura, ambas já estavam completamente bêbadas, muito mais do que costumavam ficar nas festinhas da juventude. E Nina já estava se sentindo cansada, muito tonta, e sobretudo cruel.

Talvez por isso tivesse dito todas aquelas coisas: que ainda salvava o mundo; que estava feliz; que tinha um marido perfeito, filhos perfeitos; que nas horas vagas ajudava todas aquelas crianças, mulheres e homens mutilados para os quais os

outros dinamarqueses pareciam não dar a mínima.

Ela contara a Karin sobre a rede.

A primeira parte da história era um amontoado de mentiras, mas ela havia sentido um gostinho todo especial em contar. O resto era verdade. Ela realmente consumia boa parte de seu tempo no trabalho com a rede. Tempo de mais, dizia Morten, que às vezes a acusava de trabalhar naquilo apenas porque era viciada em adrenalina. Nem tanto. Nina ainda necessitava salvar o mundo, precisava saber que não era uma pessoa impotente.

Ela voltou a enxugar os olhos, depois reduziu a velocidade. Não estava numa autoestrada, embora não fosse a única pessoa a dirigir como se estivesse. O menino estava quieto agora, encolhido no banco a seu lado, os joelhos dobrados contra o peito, os olhos arregalados para os bosques que passavam do outro lado da janela,

para a silhueta dos cavalos que dormitavam sob as árvores.

Nina procurou relembrar as palavras que ele deixara escapar enquanto chorava. Entre elas, sem dúvida estava a palavra “mama”, mas isso era tudo que ela havia conseguido entender. O resto era apenas uma sucessão de fonemas estranhos e palavras de uma língua que ela nem sequer sabia identificar. Talvez alguma língua do Leste Europeu, pensou, sobretudo levando-se em conta a pele e os cabelos tão claros do menino. Mas não devia ser russo, nem polonês. Havia poucos sons de “z” no que ele dissera. Censurando-se pela própria ignorância, Nina esfregou a ponta do nariz com o dorso da mão. Sentia-se exausta. Como se não tivesse dormido durante dias. Precisou forçar a vista para decifrar as horas no relógio.

20h58.

Ficou imaginando o que Morten e as crianças estariam fazendo naquele momento. Ida decerto estava no quarto, hipnotizada por um jogo qualquer no computador, desses que não acabam nunca. E Anton já estaria dormindo depois de ter ouvido alguma história do pai, se é que Morten teve paciência para fazer isso. O mais provável era que estivesse irritado demais. Ele havia pedido a ela que ficasse longe, certo? Teria sido isso mesmo? Nina já não se lembrava muito bem do que o marido falara.

Será que ele tinha pedido que ela voltasse para casa?

Provavelmente não. Nina sentiu a tranquilidade se espalhar aos poucos por seu corpo.

Morten não perdia as estribeiras com muita frequência.

Em muitos aspectos, lembrava um desses cachorros enormes e pachorrentos que não se incomodam de ter as orelhas e o rabo puxados o dia

inteiro, desses que parecem ter a melhor índole do mundo até o dia em que explodem e, num acesso de fúria, cravam os dentes na perna do capetinha de 7 anos que mora na casa ao lado.

Nessas ocasiões, Morten chegava a meter certo medo em Nina, sobretudo porque sua fúria era direcionada ao mundo em geral, ainda que o estopim fosse algo que ela tivesse feito. Depois de uma briga feia entre eles, Morten costumava tratar as crianças com frieza e severidade, como se os filhos fossem uma extensão da mãe e de tudo aquilo que ela tinha de mais enervante.

Nesses raros dias, ele tinha dificuldade para lidar com Anton e por vezes pedia a Ida que desligasse a televisão no quarto dela só porque o irritava saber que ela estava ligada.

Nina o imaginou agora, sozinho no sofá da sala com o laptop aberto na mesinha de centro à sua frente, incansavelmente procurando na internet oportunidades de emprego, equipamentos de

trekking, passagens baratas para Bornéu ou Novosibirsk... Qualquer coisa que lhe desse um gostinho, ainda que passageiro, de como a vida poderia ser caso ele ainda fosse solteiro.

De repente, Nina sentiu um tremor de frio apesar do calor bolorento que empestava o carro. Ainda não sabia ao certo o que precisava fazer. Agora não podia tirar mais nenhuma informação de Karin, e o que tinha era praticamente nada.



Ela saiu da Rota 16 pela Farum e parou num posto de gasolina. Tensa, virou-se no banco para fitar o menino. De olhos fechados, ele se recostava na porta do carro feito um animalzinho adormecido. Devia estar exausto, pensou ela.

Eles estavam a poucos minutos do centro de atendimento da Cruz Vermelha para o qual ela trabalhava. Nina cogitou levar o menino para lá,

mas depois iria fazer o quê? Botá-lo para dormir numa das caminhas azuis do dormitório? Sentar-se ao lado dele e ficar rezando para que o brutamontes da estação não os encontrasse?

Ele já havia encontrado Karin, disse Nina tinha quase certeza. Encontrado e matado Karin, muito embora ela tivesse abandonado seu emprego milionário e seu apartamento com vista maravilhosa para a baía para ir se esconder num chalezinho chinfrim no litoral norte do país.

O menino permaneceu imóvel quando ela desceu do carro e fechou a porta com delicadeza para não acordá-lo. Passando por alguns trailers de aluguel, Nina seguiu para a loja e entrou. Num dos lados da porta, havia um palete sobre o qual se empilhavam diversos sacos de lenha para uso doméstico, e no outro, um cesto de metal com garrafinhas de fluido para limpador de para-brisa, especialmente eficaz contra insetos mortos, tal como prometia o rótulo. Naquele momento, e

naquelas circunstâncias, Nina achou absurdo que alguém no mundo pudesse se importar tanto com semelhante bobagem.

Do outro lado do balcão, o atendente, um garoto que parecia jovem demais para estar trabalhando ali, olhava para Nina com a mesma desconfiança que todos os funcionários de lojas de conveniência costumam olhar para os clientes depois de certa hora, receosos de um assalto que lhes roube a vida e o dinheiro do caixa. Mas logo o balconista baixou a guarda, talvez porque percebeu que se tratava de uma mulher. Nina tentou tranquilizá-lo ainda mais com um sorriso, que saiu tão forçado que poderia ser confundido com uma careta.

De repente ela se lembrou do sangue nas mãos. Droga. Era bem possível que a camiseta estivesse suja também. Nem lhe ocorrera verificar. Onde ela estava com a cabeça? Enterrando as mãos nos

bolsos, ela perguntou ao garoto se podia usar o banheiro, quem sabe dar um telefonema.

Solícito, o balconista a acompanhou até uma área reservada nos fundos da loja. Nina decidiu lavar-se antes de telefonar. No banheiro, passou nas mãos um sabonete líquido de perfume enjoativo, cuidando para tirar todo o sangue que havia secado sob as unhas e nas dobras dos dedos. Achou um milagre que a camiseta estivesse limpa. Em vez de usar o secador de mãos, esfregou-as contra o jeans das calças.

Em seguida, o telefone.

Ligando para a polícia da Zelândia do Norte, Nina foi atendida por uma mensagem gravada que fornecia os números de uma empresa de táxi local, de um pronto-socorro, de uma oficina mecânica e de outros tantos serviços da mesma natureza. Já estava prestes a ser atendida por uma pessoa de carne e osso quando viu que estava sendo filmada por uma câmera de segurança.

– Polícia de Nordsjælland.

Nina permaneceu muda enquanto a cabeça cansada era tomada por pensamentos confusos. Sabia que em tempos tão tecnológicos não era mais possível acreditar em algo como um telefonema de fato anônimo.

– Alô? Você ligou para a polícia de Nordsjælland. Em que podemos ajudar?

Em nada, pensou Nina, e desligou. Mais uma vez se deu conta de que não havia mais nada que pudesse ser feito por Karin. Ela precisava se concentrar no menino.



Ele nem se mexera e ainda se enroscava contra a porta do carro. Nina cogitou deitá-lo no banco de trás, onde ele teria mais conforto, mas novamente foi acometida pela sensação de que estava sendo vigiada ou caçada. Então deu partida no Fiat e seguiu pela Frederiksborgvej. Pelo menos se

sentia mais desperta agora: pensar com clareza não lhe parecia mais um objetivo inalcançável. Pegando a saída de Værløse, tomou a autoestrada e se juntou ao fluxo intenso dos carros que voltavam para a cidade naquela noite quente de verão. Pelo menos uma coisa já estava clara em sua mente: para desvendar o mistério da origem do garoto, sua única esperança era tirar alguma informação dele próprio.

○ TELEFONE A ACORDOU. Era Darius.

– Porra, Sigita! Você mandou a polícia atrás de mim?

– Não, eu... eu voltei lá e disse que não tinha sido você. Que você não estava com Mikas.

– Então pode me explicar por que dois senhores da polícia, não exatamente gentis, estiveram aqui agora há pouco e viraram meu apartamento pelo avesso?

Ele estava cuspiendo marimbondos, mas Sigita ficou satisfeita. Isso era sinal de que Gužas de fato estava fazendo algo além de clicar sua maldita caneta. Ele entrara em contato com a polícia de Düsseldorf, onde Darius agora morava.

– Darius, eles precisam investigar. Quando os pais são divorciados, isso é a primeira coisa que passa pela cabeça deles.

– Não somos divorciados.

– Separados. Dá no mesmo.

– Você achou mesmo que eu tivesse tirado o menino de você?

Ela tentou falar sobre a mulher de casaco de algodão e das conclusões equivocadas que a Sra. Mažekienė havia tirado, mas ele estava furioso demais para ouvir.

– Francamente, Sigita. Dessa vez você passou dos limites!

Clic. Ligação encerrada.

Zonza e desorientada, Sigita se sentou na cama e assim ficou por um tempo. Ainda não anoitecera. Ela havia cochilado por menos de uma hora e sua cabeça ainda doía. Levantou-se e abriu a porta da varanda na esperança de que o ar fresco

a acalmasse e, principalmente, clareasse os pensamentos.

A Sra. Mažekienė parecia estar aguardando por isso havia algum tempo. Ela estava em sua própria varanda, sentada em meio a uma selva de tomateiros e hortênsias.

– Ah... você está em casa – disse ela. – Alguma novidade?

– Não.

– A polícia esteve aqui. Tive que dar um depoimento! – informou com orgulho.

– O que a senhora falou a eles?

– contei do casal que eu vi, do carro, e... Olha, eles perguntaram sobre você também.

– Eu já esperava por isso.

– Queriam saber se você tinha namorados, esse tipo de coisa. Agora que você está separada...

– E o que a senhora respondeu?

– Graças a Deus não sou nenhuma fofoqueira. Aliás, neste prédio todo mundo só cuida da própria vida. Foi isso que eu falei.

– Mas a senhora sabe que eu não tenho namorado nenhum. Por que não disse isso?

– E como eu poderia saber de uma coisa dessas, minha filha? Não fico bisbilhotando sua vida, espiando pela fechadura. Não sou esse tipo de gente!

– Claro que não, Sra. Mažekienė – concordou Sigita, suspirando.

Debruçando-se no guarda-corpo, a vizinha disse:

– Fiz *cepelinai*. Quer um pouquinho, meu amor?

Só de pensar nos bolinhos de batata massudos e engordurados, Sigita teve mais uma ânsia de vômito.

– A senhora é muito gentil, mas não, obrigada – agradeceu.

– Não se esqueça do estômago só porque o coração está pesado. Isso era o que costumava dizer a minha mãezinha querida, que ela descanse em paz.

Meu coração não está pesado, pensou Sigita. Está no fundo do mar, perdido na escuridão. A mesma escuridão que a invadiu de repente, fazendo com que ela se impacientasse com a vizinha intrometida, apesar de bem-intencionada.

– Desculpe – falou abruptamente –, mas eu preciso...

Ela se interrompeu e, sem se dar o trabalho de fechar a porta da varanda, correu de volta à sala e seguiu para a cozinha. Não por causa do enjoo, mas do choro que não conseguiu represar e que parecia cortar suas entranhas para arrancar delas um lamento longo e entremeado de soluços. Precisou apoiar a mão boa na pia para não cair e se inclinou como se de fato fosse vomitar.

Alguns minutos se passaram até que conseguisse voltar a respirar. Sabia que a Sra. Mažekienė acompanhava o espetáculo de seu camarote na varanda, pois podia ouvir a ladainha que ela desfiava baixinho (“Isso, minha filha, chora... Vai passar, vai passar...”), como se achasse possível consolá-la por controle remoto.

– Não existe tragédia pior – disse a velhinha ao perceber que ela já havia se acalmado um pouco.
– Quer dizer, não tem nada pior do que perder um filho.

Sigita ergueu o rosto como se alguém a tivesse ofendido.

– Não perdi filho nenhum! – rugiu, e marchou de volta à porta da varanda, fechando-a com tamanha força que as vidraças tremeram.

Mas o comentário da vizinha dilacerara seu peito.

Tia Jolita trabalhava na Universidade de Vilna como secretária do Departamento de Matemática. Na verdade, sua função era basicamente assistir um tal professor Žiemys. Sigita não tardou a descobrir o motivo pelo qual sua mãe e sua tia haviam cortado relações. Todas as segundas e quintas o professor vinha visitar Jolita. Na quinta-feira em que chegara, por muito pouco Sigita não havia esbarrado com ele bem ali, na sala da tia. Ainda dava para sentir o cheiro dos cigarros dele.

De início Sigita não conseguia entender o motivo de tanto espanto. Jolita não era casada, podia fazer o que bem quisesse. Vilna não era Tauragė. O professor era casado, certo, mas isso era problema dele. Depois de um tempo, no entanto, ela chegou à conclusão de que o mais espantoso mesmo era a trivialidade de toda a história. Sempre soubera que Jolita fizera algo de muito terrível, algo que sua mãe não conseguia

perdoar nas profundezas de seu coração católico. Jolita pecara, mas ninguém se dispusera a explicar a Sigita exatamente que pecado havia sido esse. Quando criança, pensara em algumas hipóteses, imaginara a tia dançando sobre uma mesa, rodeada por homens bêbados ou coisa do tipo. Não sabia de onde tirara essa ideia louca; talvez de algum filme.

Mas o tal pecado de Jolita se revelara bem mais mundano e regulado. Toda segunda, toda quinta. Um senhor encurvado e de barba, mais de quinze anos mais velho, que sempre deixava para trás pelo menos um par de óculos quando não era advertido. Praticamente uma rotina de casados. Talvez a relação fosse bem mais tórrida no passado, mas num passado que com certeza já ia longe.

Sigita havia saído de Tauragė para fugir das focas e bisbilhotices, dos preconceitos moralistas e provincianos. De *tudo* que fosse provinciano.

Desde os 9 ou 10 anos, ela nutria uma secreta admiração pela coragem de Jolita, imaginando que a tia fizesse tudo que tinha vontade de fazer, que havia conseguido se libertar para construir uma vida em seus próprios moldes lá na cidade grande, bem distante. Por isso Sigita a procurara. Jolita seria capaz de entender. Veria que elas eram da mesma cepa, igualmente rebeldes e livres. E quando Jolita a recebeu com um abraço e sem fazer perguntas, aquilo fora para Sigita uma confirmação de todas as coisas que ela havia sonhado.

Mas nas segundas e quintas Jolita ficava ansiosa. Limpava o apartamento. Comprava vinho. Com visível constrangimento, pedia a Sigita que saísse às cinco da tarde e não voltasse antes da meia-noite. Decerto não queria passar pelo vexame de que o professor a visse ali, a sobrinha caipira que fora burra o bastante para se deixar engravidar aos 15 anos. Quanto mais Sigita se

atrasava para sair, tanto mais aflita Jolita ficava, colocando dinheiro nas mãos dela para que comesse algo na rua ou fosse ao cinema. “Você precisa se divertir um pouco, meu amor...”, dizia, apertando as notas amassadas e úmidas na mão da sobrinha, quase a empurrando porta afora. Si-gita veria muitos filmes naquele inverno.

Com o tempo, percebeu que afinal sua tia não era uma mulher livre e independente. Não havia conseguido seu emprego ao ir para a cama com o professor – o emprego viera antes, o professor depois –, mas após dezessete anos ninguém se lembrava mais disso. Caso o professor perdesse sua posição, ela seria demitida num piscar de olhos. Para a universidade, assim como para tantas outras instituições, a independência do país não havia sido apenas flores, lábaros e hinos patrióticos. As verbas públicas andavam curtas e todos lutavam por elas feito hienas esfomeadas. O futuro de Jolita estava por um fio. O emprego, o

salário, o apartamento... tudo dependia do tal professor. Segundas e quintas.

Jolita não achava que Sigita devia se matricular numa escola.

– Ano que vem você faz isso, meu amor. Quando essa página já estiver devidamente virada – recomendou ela certa vez, balançando a garrafa térmica para ver se ainda havia café. – Mais uma xícara?

– Não, obrigada – respondeu Sigita, distraída. Sentava-se numa das cadeiras decrepitas da cozinha, com as pernas abertas para acomodar a barriga já crescida. – Mas, tia Jolita... ano que vem vou estar com um filho nos braços.

Jolita ficou imóvel por um segundo, a garrafa térmica erguida à sua frente como uma arma. Encarando Sigita com seriedade, ela disse:

– Meu amor... Você é uma moça inteligente. Sabe que não vai poder ficar com essa criança, certo?



A clínica se estabelecera havia pouco tempo num velho casarão no bairro de Žvėrynas. Ainda se sentia ali o cheiro da tinta fresca e do linóleo recém-instalado; as cadeiras da sala de espera eram tão novas que algumas ainda tinham a proteção de plástico. Sigita acomodou o corpanzil numa delas, sentando-se com a elegância de uma vaca gorda. Suava copiosamente nas costas, enchando o vestido amarelo-ovo, horrível, que Jolita havia comprado de uma amiga na universidade. Pelas últimas quatro semanas, aquele fora o único vestido grande o bastante para abrigar o barrigão de grávida, e Sigita o odiava com todas as suas forças.

Pelo menos o suplício estava prestes a acabar, consolou-se. E se agarrou a esse mesmo pensamento quando veio a onda seguinte de contrações. Ao deixar escapar um grunhido roufenho, sentiu-se um animal. Uma vaca, uma

baleia, uma elefanta. A que ponto ela havia chegado? Apoiando-se na borda da mesa à sua frente, tentou inspirar e expirar, bem fundo, tal como a instruíram, mas sem nenhum efeito.

– Aaaaah. Aaaaah. Aaaaah.

Não quero ser um animal, pensou. Quero ser Sigita outra vez!

Jolita voltou acompanhada de uma enfermeira de cabelos ruivos e uniforme verde-claro. Por que não branco? Talvez para combinar com o novo tom de menta das paredes.

– Meu nome é Julija – apresentou-se ela, e estendeu a mão. Sigita não conseguiu largar a mesa em que se apoiava, então o gesto da mulher se transformou num tapinha nas costas, supostamente reconfortante. – Seu quarto já está pronto. Se estiver em condições de caminhar, esse talvez seja o jeito mais confortável para você.

– Posso... caminhar...

Sigita endireitou as costas, ainda se apoiando na mesa. Em seguida, foi se arrastando atrás da enfermeira que tinha o mesmo nome de sua avó, mas parou quando viu que Jolita não se mexera.

Jolita torcia as mãos, tensa.

– Vai dar tudo certo, minha querida – incentivou ela. – Mais tarde eu volto.

Sigita ficou completamente paralisada. Pensou ter ouvido errado. Não era possível que sua tia fosse abandoná-la justo naquele momento. Sem pensar, estendeu uma das mãos para ela, um gesto de súplica do qual se arrependeu segundos depois quando viu que a tia recuava, afastando-se dela.

– Vou trazer um chocolate – afirmou a tia, sorrindo de modo forçado. – E refrigerante também. Você vai precisar quando estiver se sentindo mal.

Nem bem acabou de falar, saiu às pressas na direção da rua, quase correndo. E foi então que Sigita entendeu por quê.

Era quinta-feira.

NINA ESTACIONOU O FIAT NA REVENTLOWSGADE, na parte mais baixa da ruazinha estreita onde o pavimento era de paralelepípedos. Prédios residenciais típicos de Vesterbro se enfileiravam de um lado da rua, e do outro se estendia o aterro da Tietgensgade. Ao longo do aterro, o trânsito seguia lento porém ruidoso.

O menino se retorceu quando ela ajeitou o short na cintura magricela dele. Mas parecia contente com as sandálias ligeiramente grandes, pois brincava com elas, correndo os dedinhos miúdos sobre o velcro. Com delicadeza, Nina afagou a cabeça dele, depois abriu uma garrafinha de água mineral e lhe ofereceu.

– *Atju.*

O menino recebeu a garrafa com um semblante sério e bebeu com sofreguidão, derramando um pouco sobre a camiseta nova. Secou a boca com o dorso da mão, um gesto tão familiar que por um segundo Nina chegou a pensar que ali estava um menino comum, voltando para casa após um dia longo na escola.

Lentamente, ela repetiu a palavra para si mesma: *Atju*. Não teria sido isso que ele dissera antes ao receber o sorvete?

Aquela palavrinha só poderia significar uma coisa: obrigado.

Nina percebeu que, ao dizê-la, ele havia assentido com a cabeça e baixado um pouco os olhos, algo que as crianças aprendiam a fazer como uma reação automática. Além disso, “obrigado” era a primeira palavra que qualquer pai ensinava aos filhos na esperança de ter uma família minimamente educada. Não poderia ser mera coincidência, pensou Nina. Em ambas as vezes, ela dera

algo ao menino. Claro estava que *atju* era o que se dizia nessas ocasiões. Obrigado. Talvez agora ficasse mais fácil identificar que língua era aquela, pois *mama* era universal demais para servir de pista.

Nina desceu do carro. O calor ainda se desprenhia da rua e das fachadas e os vapores de óleo diesel que vinham da estação ferroviária central causavam irritação às narinas da enfermeira a cada inspiração. Uma lufada de vento ergueu do chão um maço de cigarros amassado, fazendo com que ele caísse mais adiante sobre o matinho amarelado que crescia entre os paralelepípedos da rua.

Com certa relutância, o menino deixou que ela o carregasse para fora do carro e, uma vez na calçada, deu a entender que queria ficar no chão, retorcendo-se no colo dela, arqueando as costas e jogando a cabeça para trás. Nina enfim cedeu. Com uma centelha de triunfo nos olhos cansados,

ele pisou delicadamente na calçada e deu a mão para Nina como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Estava acostumado a caminhar assim, pensou ela. Acostumado à proteção de uma mãe.



Eles subiram pela Stampesgade, viraram à direita na Colbjørnsensgade, depois seguiram pela Istedgade. O menino ainda se deixava guiar por Nina, pousando a mão na dela com a leveza de uma borboleta. Eles passaram pelo Kakadu Bar, depois pelo Saga Hotel. Ainda havia umas poucas pessoas na noite quente e escura. Na calçada dos cafés, as mesinhas estavam ocupadas por clientes que bebericavam sua cerveja, seu *latte* ou seu refrigerante, muitos de chinelos nos pés, quase todos em roupas leves de verão.

As duas primeiras prostitutas que Nina avistou eram negras, ambas de porte atlético e vestindo botas de cano alto e saíotes de cores berrantes,

muito justos sobre as coxas musculosas. Estavam a menos de 5 metros uma da outra, mas não conversavam. A primeira se recostava ao muro com um cigarro plantado entre os lábios, volta e meia revirando a bolsa à procura de algo. A outra não fazia nada além de ficar ali, observando cada carro que dobrava a esquina.

Notando que passava despercebida com o menino, Nina concluiu que eles deviam parecer relativamente normais, caminhando por ali. Um pouco tarde para estar na rua com uma criança daquela idade, claro, mas nada de muito absurdo. Apesar das prostitutas, Vesterbro também era um bairro em que moravam famílias comuns, muitas delas com crianças. Vinha se tornando uma área badalada da cidade, e diversos bares sofisticados abriram suas portas em meio às boates de striptease e sex shops.

O menino arrastava um pouco os pés, mas ainda não oferecia nenhuma resistência. Mais

adiante, à frente de uma porta, duas mulheres discutiam acaloradamente. Ambas louras, de pernas finas e rosto encovado. A discussão parou de repente, assim como começara, e uma das prostitutas tirou da bolsa uma lata de cerveja para entregar à outra.

Nina parou perto delas e o menino ficou esperando enquanto ela tentava fazer contato visual com a moça da cerveja, que, ignorando-a, baixou os olhos para o menino.

– E aí, rapazinho... – disse, engolando as palavras como se estivesse com algo na boca. Esperou que o menino reagisse de alguma forma, mas vendo que ele permanecia mudo, ergueu os olhos para Nina, confusa: – O que você quer?

Nina respirou fundo.

– Estou procurando por... – Ela hesitou, procurando as palavras certas. Percebeu que a mulher já se distraía com outra coisa, então tratou de

acrescentar: – As moças do Leste Europeu... sabe onde elas ficam?

A moça arregalou os olhos azuis, ao mesmo tempo surpresa e desconfiada. As pupilas pareciam tremer, os lábios se crispavam. Nina se deu conta de que ela a via como uma espécie de inimiga, como alguém que censurava seu modo de vida e a olhava de cima, uma folgada que com certeza tinha um marido para pagar suas contas. Talvez uma jornalista ou uma esposa traída. Ou até mesmo uma turista intimamente fascinada pela decadência e pela miséria. Fosse como fosse, claro estava que a moça não tinha a menor intenção de prestar seus serviços como guia da vida noturna de Vesterbro. Ela agora encarava Nina de modo agressivo.

– Tá perguntando por quê? – questionou ela, e deu um passo na direção de Nina.

Sentindo o bafo de álcool a poucos centímetros de seu rosto, Nina achou melhor dizer a verdade. Ou pelo menos uma pequena fração dela.

– Ele precisa da mãe – explicou, tomando o menino em seus braços. – E eu preciso encontrá-la.

Por alguns segundos, a moça manteve sua postura, o peito estufado, os olhos estreitados. Mas logo o instinto maternal falou mais alto. Ela relaxou, deu mais um gole na cerveja e examinou o menino com renovado interesse.

– Coitadinho... – disse, e estendeu a mão esquelética para fazer um carinho no rosto dele.

O menino se esquivou e enterrou o rosto no ombro de Nina. Com uma careta, a moça da cerveja puxou a amiga e se afastou com ela. Mas foi respondendo à pergunta enquanto caminhava:

– Elas estão por todo lado atualmente. Algumas na Skelbæksgade, outras na Halmtorvet. Deve ter mais um punhado na Helgolandsgade também.

Por todo lado tem uma cachorra dessas. Vai ser como procurar uma agulha no palheiro se você não souber qual é o ponto dela.

– De que país elas vêm, vocês sabem? – indagou Nina.

Chegou a pensar que não tivesse sido ouvida, mas pouco antes de dobrar a esquina, a amiga da moça da cerveja se virou e respondeu:

– As brancas são quase todas da Rússia. Mas tem outras também. O programa anda uma merca só por causa delas. Biscas nojentas...

A CAMPAINHA DO INTERFONE ROSNOU, despertando Sigita de uma estranha inconsciência. Não estivera dormindo. Não fora nada remotamente parecido com a paz do sono.

– Aqui é Evaldas Gužas, da Divisão de Pessoas Desaparecidas. Posso subir?

Sigita abriu o portão eletrônico. Seu coração retumbava de tal modo sob a blusa que o tecido chegava a fremir a cada batida. Encontraram meu filho, ela dizia a si mesma. Santa Maria, Mãe de Jesus, que eles tenham encontrado meu filho! E que ele esteja bem!

Mas tão logo abriu a porta para Gužas, e para o homem que o acompanhava, Sigita constatou que ele não tinha boas notícias a dar. Não se contentando, perguntou:

– Encontraram ele?

– Não – respondeu Gužas. – Sinto muito. Mas temos uma pista. Este é meu colega, o inspetor Martynas Valionis. Quando falei do seu caso, ele teve um estalo.

Valionis apertou a mão de Sigita.

– Podemos sentar por um instante?

– Claro, claro – falou Sigita com delicadeza, mas intimamente berrando: “Vamos logo com isso!”

Valionis se empoleirou no sofá branco, depôs sua maleta sobre a mesinha de centro, alinhando-a com a borda da mesa, num ato inconsciente de perfeccionismo, e dela tirou uma pasta de plástico.

– Por favor, examine estas fotografias, Sra. Ramoškienė. Por acaso reconhece alguma destas mulheres?

As fotos não eram obras-primas de algum retratista, mas imagens produzidas às pressas por

uma impressora a jato de tinta, ao que parecia. O inspetor as foi passando uma a uma para Sigita.

– Não – negou ela ao ver a primeira. E a segunda também.

A terceira era a da mulher do chocolate.

Sigita apertou o papel com tamanha força que chegou a amassá-lo.

– É ela – acusou. – Foi ela que levou Mikas.

Valionis meneou a cabeça, satisfeito.

– Barbara Woronska – informou ele. – Polonesa, natural de Cracóvia, nascida em 1972. Pelo que sabemos, vive aqui já faz alguns anos. Oficialmente trabalha como vendedora para uma empresa de alarmes e sistemas de segurança.

– E extraoficialmente?

– Soubemos da existência dessa tal Barbara uns dois anos atrás, quando um empresário belga registrou uma queixa, dizendo que vinha sendo chantageado por ela. Ao que parece, a empresa a

usa como acompanhante para os clientes que passam por Vilna, sobretudo os estrangeiros.

– Uma *prostituta*? – Sigita jamais poderia ter imaginado.

– Muito mais do que isso. Suspeitamos que ela seja usada como isca num esquema bem mais amplo. Uma coisa é certa: ela tem um consumo excepcionalmente alto de colírios.

Sigita não entendeu.

– Colírios?

– Sim. Os colírios são usados pelos médicos para relaxar os músculos dos olhos, o que pode ser útil em certos casos. Mas quando são ingeridos junto com alguma bebida, por exemplo, produzem um efeito bastante inusitado: em pouco tempo deixam a pessoa inconsciente, imersa num sono muito profundo. Não é raro que, após uma noite de farra, um executivo acorde depenado em algum quarto de hotel, sem dinheiro na carteira, sem os cartões de crédito, sem o

Rolex de ouro. Mas parece que a Srta. Woronska e seus comparsas aperfeiçoaram esse golpe. Enquanto a vítima está inconsciente, eles aproveitaram para tirar fotos comprometedoras e depois usam-nas para coagi-lo a assinar algum contrato de exportação em termos, digamos, muito vantajosos para as empresas lituanas envolvidas. Só que dessa vez o belga não se deixou intimidar: falou que eles podiam fazer o que bem entendessem com as tais fotos, depois veio nos procurar. Estavam nas fotos a Srta. Woronska e uma menina de no máximo 12 anos. Até dá para entender por que nenhuma das outras vítimas procurou a polícia.

Uma menina de no máximo 12 anos... Sigita logo se livrou das imagens que vieram à sua cabeça. Estava confusa. Sempre imaginara que os esboços se revelavam de alguma forma na própria aparência, mas aquela mulher, tão bonita e

elegante em seu casaco de algodão, não tinha o menor aspecto de uma chantagista.

Mais uma vez, ela examinou a foto impressa. Não era uma daquelas fotos de identificação que a polícia tira após uma detenção. Barbara Woronska não olhava diretamente para o fotógrafo e sua cabeça estava um pouco virada para a esquerda, ressaltando ainda mais a beleza do pescoço esguio. A imagem era granulada, como se ampliada muitas vezes, e a expressão no rosto da mulher era... estranha. A boca estava entreaberta, os olhos fitavam o nada. Embora se visse apenas a cabeça e o pescoço, Sigita podia jurar que a polonesa estava nua. Talvez aquilo fosse apenas um detalhe de uma das tais “fotos comprometedoras”.

– Mas por que... O que levou o senhor a pensar que foi ela quem levou Mikas?

– Duas coisas – explicou Valionis. – Primeiro: o nível de álcool no sangue do belga estava

altíssimo, embora ele afirmasse ter bebido apenas uma dose na companhia da encantadora Srta. Woronska. Nosso médico o examinou. Encontrou lesões na garganta que indicavam uma entubação. Em outras palavras, alguém poderia ter inserido um tubo e vertido alguma bebida alcoólica diretamente no estômago do homem enquanto ele estava inconsciente. Um truque bastante eficaz para desmoralizar ou incapacitar alguém, apesar do risco inerente. Muitas pessoas já morreram de intoxicação alcoólica.

Sigita ergueu o rosto.

– Mas... mas isso é...

Evaldas Gužas assentiu.

– Exatamente. Sinto muito por não termos acreditado na sua história logo de início. A esta altura, não podemos provar que foi isso que fizeram com você: não há como distinguir entre as lesões originais e as que você sofreu com a entubação no hospital. Mas todas as pessoas que

interroguei atestaram que você é uma pessoa responsável e sóbria, portanto... – Ele deixou a conclusão pairando no ar.

A agonia de Sigita se abrandou, pelo menos um pouco. Agora acreditavam nela. Passariam a procurar por Mikas com mais empenho e seriedade.

– E... Mikas?

– A outra coisa que chamou nossa atenção foi o fato de Barbara Woronska ter sido identificada como uma das quatro pessoas suspeitas em outro caso envolvendo o sumiço de uma criança – prosseguiu Valionis, consultando seu bloco de anotações por um instante.

As mãos de Sigita começaram a tremer.

– Uma criança?

Valionis fez que sim com a cabeça,

– Cerca de um mês atrás, uma mãe nos procurou desesperada, dizendo que sua filha de 8 anos havia sumido. Uma desconhecida, apresentando-se como uma vizinha, buscara a

menina na escola de música onde ela tinha aulas de piano duas vezes por semana. A professora não desconfiou de nada, pois a mãe era enfermeira e sempre mandava alguém em seu lugar quando ficava de plantão. Porém, essa professora não foi capaz de nos dar uma descrição mais detalhada da tal desconhecida. Disse apenas que talvez fosse uma destas aqui. – Ele apontou para as fotos que havia trazido.

– Mas onde ela está agora? – perguntou Sigita. – Vocês não a prenderam?

– Infelizmente, não – respondeu Gužas. – Os patrões da Srta. Woronska dizem que ela não aparece para trabalhar desde quinta-feira, e desde março ela não mora mais em seu endereço oficial.

– Mas como uma mulher dessas não está na cadeia? Com tudo isso, como se explica que ela ainda esteja por aí, roubando o filho dos outros?

Valionis fez uma careta de revolta.

– Ambas as queixas foram retiradas. O belga voltou para casa do nada, e tudo que recebemos dele foi uma carta do advogado dizendo que seu cliente queria retirar a queixa. E a enfermeira, também de uma hora para outra, disse que tudo não havia passado de um mal-entendido e que sua filha já estava em casa.

– Não é estranho? – questionou Sigita.

– É. Estamos convencidos de que os dois cederam a algum tipo de pressão. – Evaldas Gužas cravou os olhos nos de Sigita e, com uma veemência pouco gentil, continuou: – É por isso, Sra. Ramoškienė, que precisamos lhe perguntar mais uma vez: alguém teria algum motivo para submetê-la a esse tipo de pressão?

Sigita balançou a cabeça, atordoada. Se não havia sido Dobrovolskij, ela não conseguia pensar em nenhuma outra pessoa que pudesse ter algum motivo para ameaçá-la.

– Se fosse chantagem eles já teriam telefonado – argumentou. – Mas, até agora, nada.

Mais uma vez, ela se sentiu impotente. E mais uma vez agonizou com aquela imagem terrível que insistia em assombrá-la: Mikas em algum porão escuro, jogado num colchão imundo, chorando, apavorado. Como alguém pode suportar uma coisa dessas? Eu não posso. Prefiro morrer.

– Se alguém vier procurá-la, Sra. Ramoškienė, eu imploro: nos avise imediatamente – pediu Gužas. – É impossível prender uma pessoa dessas se ninguém se dispõe a falar conosco.

Sigita assentiu com vigor. Mas sabia que, se tivesse de escolher entre a vida do filho e a polícia, a polícia não teria a menor chance.

Valionis fechou sua maleta com estrépito. Os dois policiais se levantaram. Valionis entregou seu cartão a Sigita e Gužas apertou a mão dela, dizendo:

– Não perca as esperanças, Sra. Ramoškienė.
Julija Baronienė teve sua filha de volta.

Sigita sentiu um ligeiro espasmo no peito.

– Quem?

– Julija Baronienė. A enfermeira. A senhora a conhece?

O coração de Sigita por pouco não saltou boca afora.

– Não. Nunca ouvi falar.



Sigita foi para a varanda e de lá ficou vendo os dois homens atravessarem o estacionamento, entrarem num carro preto e irem embora. Inconscientemente, sua mão direita repousou sobre o ventre logo abaixo do umbigo. Certas coisas nunca são inteiramente esquecidas pelo corpo.

Ao contrário de tudo que Sigita ouvira sobre os primeiros partos, o seu fora rápido e muito, muito violento. Nos primeiros momentos, ela

havia berrado para qualquer um que estivesse à sua frente, pedindo que fizessem algo. No fim, ela continuara berrando, por horas a fio, mas para ninguém em particular. Era a mão de Julija que ela apertava, a enfermeira que de algum modo também era sua avó; Julija havia montado guarda a seu lado, e por vezes Sigita chegava a pensar que a presença daquela mulher era a única coisa que a prendia a este mundo. As mãos fortes de Julija, a voz de Julija, o rosto de Julija, os olhos muito escuros, da cor de ameixas secas. Julija não entregava os pontos, tampouco deixava que Sigita o fizesse.

– Agente firme – pediu ela. – Agente firme até o final.

Mas, quando o bebê enfim veio ao mundo, Sigita não aguentou mais: desmaiou ao mesmo tempo que algo fluía para fora dela, algo molhado e quente, de modo que agora havia apenas um vácuo frio.

– Sigita...

Mas a voz de Julija já estava longe.

– Ela está tendo uma hemorragia – avisou uma das outras parteiras. – Chamem o médico, depressa!

Sigita continuou desfalecendo, entregando-se ao frio e ao vazio de uma escuridão.



Passaram-se um dia e uma noite até que ela voltou. Despertada pela luz forte de lâmpadas fluorescentes, viu-se num quarto pequeno e sem janelas, as pálpebras pesadas, a garganta ardendo em brasa. Um braço se achava amarrado à lateral da cama com uma cânula de soro espetada à veia. O corpo era uma pedra, parecia pertencer a outra pessoa.

– Acordou, meu anjo?

Tia Jolita estava ao lado da cama. As luzes deixavam-na ainda mais pálida e com olheiras

profundas e escuras. Parecia uma velha cansada, pensou Sigita.

– Quer um pouco de água?

Sigita anuiu. Achou que não estivesse em condições de falar, mas tentou assim mesmo:

– Cadê a Julija?

Jolita franziu as sobrancelhas pintadas, que por pouco não se juntaram num único traço.

– Sua avó?

– Não. A outra Julija.

– Não sei de quem você está falando, meu amor. Tome, beba um pouquinho. Agora é só você descansar e melhorar mais um pouco, para voltarmos para casa.

Quando Jolita disse a palavra “casa”, Sigita teve a impressão de que algo escuro e venenoso começou a se alastrar por seu corpo. Algo de contornos tão nítidos que parecia uma mancha de óleo, um óleo terrivelmente nocivo, embora fosse,

na verdade, uma ausência: algo fora tirado de dentro dela.

– É menino ou menina? – perguntou.

– Procure não pensar nisso – aconselhou Jolita.

– Quanto antes você esquecer a coisa toda, melhor. O bebê vai ter uma vida boa. Com gente rica.

Sigita sentiu no nariz as lágrimas que haviam escorrido dos olhos. Lágrimas escaldantes se comparadas ao frio do corpo.

– Gente rica – repetiu ela, fazendo um teste para ver se a Escuridão dentro de si ia embora.

Jolita assentiu.

– Dinamarqueses – anunciou, como se fosse algo de especial.

A Escuridão continuava lá.



Dois dias depois, Sigita já estava de pé no quarto, vestindo uma malha cinza e jeans que por muitos meses não pudera usar. Ficar de pé era cansativo,

mas ainda não era possível sentar, e levantar da cama havia sido tão doloroso que ela não queria se deitar de novo. Por fim, Jolita voltou. Com ela estava uma mulher de cabelos claros e jaleco branco que Sigita nunca tinha visto antes.

– Então... adeus, Sigita, e boa sorte – disse a mulher, estendendo a mão.

Sigita achou estranho uma desconhecida chamá-la pelo primeiro nome. Meio sem jeito, balançou a cabeça e apertou a mão à sua frente.

Em seguida, a mulher passou a Jolita um envelope pardo, falando:

– Fizemos uma pequena dedução para cobrir as diárias extras. Em geral nossas meninas ficam só um dia.

Jolita assentiu distraidamente. Abriu o envelope, espiou o conteúdo, voltou a fechá-lo.

– Vou precisar de uma assinatura sua neste papel aqui.

Jolita recebeu o papel e a caneta.

– Não sou eu quem devia assinar? – perguntou Sigita.

Jolita hesitou um instante.

– Se preferir... Mas eu também posso assinar.

Sigita examinou o papel. Não se tratava de um documento de adoção, mas de um recibo. Referente ao “fornecimento de ervas sortidas para a produção de medicamentos naturais”. No valor de 14.426 litai.

Sigita logo se deu conta do que de fato acontecera. Uma transação comercial. Estranhos haviam comprado seu bebê, e aquele era o montante que lhe cabia na venda.

– Não posso pelo menos dar uma olhadinha nele? – pediu ela. – E conhecer as pessoas que vão levá-lo?

Seus peitos estavam inchados e latejavam dolorosamente. Julija lhe dera uma faixa elástica que ela deveria usar em torno do tronco por pelo menos uma semana para que o leite secasse.

A mulher de jaleco fez que não com a cabeça.

– Eles estiveram aqui ontem e já foram embora. Melhor assim. Tanto para eles quanto para você.

A Escuridão voltou a assolar Sigita, cavando novas passagens em seu corpo, navegando no interior das veias. Ela podia sentir o fluxo gelado sob a pele. Não havia mais nada a fazer senão receber o dinheiro. Ela estendeu a mão na direção de Jolita.

– Me dá.

– Meu anjo... – Jolita a fitou com perplexidade.
– Do jeito que você falou, até parece que eu pretendia roubar!

Sigita apenas aguardou. Enfim, Jolita lhe entregou o envelope gordo e pesado de cédulas. Sigita segurou-o com firmeza e saiu cambaleando rumo à saída da clínica. Os pontos espetavam a cada passo.

– Sigita, espere! – chamou Jolita. – O recibo!

- Você assina – ordenou ela por sobre o ombro.
- A ideia foi sua, afinal.

Jolita rabiscou sua assinatura e se despediu da mulher. Sem jamais olhar para trás, Sigita seguiu pelo corredor, atravessou a sala de espera e já estava na calçada molhada de chuva quando a tia a alcançou.

– Vamos tomar um táxi – falou Jolita. – Vou levar você para casa.

Sigita parou e, virando-se para trás, encarou a tia com toda a frieza de que agora era capaz.

– Vá para casa você – replicou. – Vou procurar um hotel. Nunca mais quero ver a sua cara. Nunca mais.



Havia quatro Baronienês na lista telefônica de Vilna. Sigita ligou para todas, querendo falar com Julija. Em vão. Depois tentou os Baronas, caso o número estivesse registrado apenas no nome do

marido. Oito Baronas. Dois não atenderam, um tinha uma secretária eletrônica que não fazia qualquer menção a uma Julija e outros dois disseram que não conheciam ninguém com esse nome. A sexta ligação foi atendida por uma cautelosa voz feminina:

– Alô?

Embora estivesse ouvindo com atenção, Sigita não teve certeza se era mesmo a voz da enfermeira.

– É a Julija? – perguntou.

– Sim. Com quem estou falando?

– Sigita Ramoškienė. Liguei apenas porque...

Foi só o que ela conseguiu dizer. A ligação foi interrompida com um sonoro *clic*.

JUÇAS FOI DE CARRO ATÉ A PRAIA. Já estava escuro, não havia mais ninguém por perto. Às suas costas, o bosque de pinheiros formava um negro paredão. Ele se despiu, ficando apenas de cuecas. A areia ainda estava quente sob a sola de seus pés. A água morna era tão rasa que ele precisou avançar algumas centenas de metros até alcançar uma profundidade que lhe permitisse nadar.

Nenhuma onda, nenhuma corrente. Apenas aquele piscinão de águas paradas e tépidas que não poderiam lhe dar o choque térmico de que tanto precisava. Talvez mais adiante ele encontrasse as águas geladas de uma contracorrente. Juças cogitou seriamente seguir mar adentro até encontrar algo mais forte do que ele mesmo.

Barbara estava esperando no hotel. Ele não havia contado muita coisa a ela, apenas que precisava prestar um pequeno serviço ao dinamarquês antes que pudessem botar as mãos no dinheiro.

Agora não haveria mais nenhuma Cracóvia, pensou ele, cortando a água com braçadas furiosas que afinal faziam seus músculos queimarem pelo menos um pouco. Ainda trazia na mente a imagem da sorridente família que pretendia construir: a mãe, o pai, as duas crianças. No entanto, ratazanas enormes já haviam começado a roer a casa, que ia sumindo a cada mordida, e a roer a perna do caçula, sem que a criança ou os pais cessassem de sorrir.

Ele interrompeu as braçadas de repente, ficou chapinhando na água. Sabia de onde haviam saído aquelas ratazanas. Ainda se lembrava do tropel delas ao entrar no estábulo com a lanterna em punho e encontrar sua avó esparramada no

chão, junto da coqueira. Ninguém julgara necessário lhe contar do que ela morrera. Mas não havia dúvida de que ela estava morta, até mesmo um menino de 7 anos saberia disso. Assim como sabiam as ratazanas.

Ele conseguira encontrar águas profundas o bastante para que seus pés não alcançassem o chão. Mas começou a nadar de volta para a costa, agora com braçadas calmas e metódicas. Não deixaria que as ratazanas levassem a melhor. E ainda havia um caminho, por estreito que fosse, que talvez ele pudesse seguir.

Juças pensou nas próprias roupas. O que fazer com elas. Decidiu molhar as mangas da camisa na gasolina do carro e fazer uma pequena fogueira na praia. Não entendia muito a respeito de fibras microscópicas e amostras de DNA, mas achava difícil que o fogo não desse cabo de todas as pistas possíveis.

A primeira coisa a dar errado: aquela não era a mulher que ele vira na estação, a magricela que mais lembrava um menino, com seus cabelos escuros e curtinhos. A mulher era loura como Barbara e tinha peitos ainda maiores. Teria sido muito mais fácil se no lugar dela estivesse a putinha magricela.

Mas a loura tentara fugir logo depois de avistá-lo. Por quê? Que motivo teria ela para fugir se fosse inocente? Deixando que os reflexos assumissem o comando, ele a golpeara algumas vezes nos braços e nas pernas ao alcançá-la. A mulher estava apavorada. Tagarelara um bom tempo numa língua que provavelmente era dinamarquês até perceber que ele não entendia nada. Só então começou a falar em inglês. Perguntou quem ele era, o que estava fazendo ali. Mas ele podia ver nos olhos da mulher que ela sabia muito bem o que ele fazia ali. Aliás, estava tão assustada que chegara a mijar no vestido.

Por que diabos ela simplesmente não respondera às perguntas? Que diabos estava pensando? Que, se dissesse “não” algumas vezes, ele se desculparia pelo incômodo e iria embora?

Sempre chegava um momento em que as pessoas se davam conta daquilo que estava prestes a lhes acontecer. Umas tentavam fugir, outras berrevavam ou suplicavam. Outras simplesmente se resignavam. Mas sempre chegava aquele instante em que a ficha caía. No início, achavam que podiam contar com todas aquelas coisas que sempre lhes deram segurança: roupas boas, talvez, ou uma casa perfeita, um sobrenome, uma posição, uma ilusão de poder. Não conseguiam acreditar que aquilo estivesse acontecendo com elas. No fim, porém, restava apenas a crueza da realidade: a de que ele não iria embora antes que elas lhes dessem o que ele viera buscar.

Apesar de todo o pânico, a loura dinamarquesa levava um bom tempo até chegar a esse ponto.

Muito mais do que costumavam levar os lituanos que passavam por suas mãos. Talvez a camada de segurança fosse mais espessa naquele país, como a camada de gordura que ele vira nos peixes do Tivoli. Retirá-la levava tempo. Mas no fim das contas ela só estava tentando descobrir o que ele queria que ela dissesse.

Ele perguntava sobre o dinheiro. Devolvi, respondia ela. Está com o Jan. Era isso que ela repetia sem parar, portanto deveria estar falando a verdade.

Depois disso, ele quis saber do menino. Quem era a putinha magricela que levava o moleque? Onde é que ele estava agora? Quem havia ficado com ele?

Foi então que ele deparou com uma enorme resistência no cerne de toda aquela lourice dinamarquesa. Ela se recusava a dizer. Mentia para ele, dizendo que não sabia. E foi aí que ele se irritou.

Precisou se afastar por alguns minutos, re-
ceando perder o controle, receando *já ter perdido*
o controle. Foi para a varanda e ficou ali, apenas
respirando, ouvindo o irritante zumbido dos per-
nilongos que pareciam desfiar uma cantilena
muito acima do tom. De repente, um gatinho
cinzento irrompeu de um arbusto à sua frente.
Parou a alguns metros de distância e miou o que
parecia ser uma pergunta. Decerto percebeu que
havia algo de errado, pois não deu um único
passo adiante e segundos depois sumiu no
mesmo arbusto do qual saíra.

Voltando para o chalé, Jučas constatou que a
dinamarquesa tinha conseguido se arrastar para a
cama. Respirava de modo estranho, com funga-
das úmidas e borbulhantes, e não esboçou nen-
huma reação quando ele entrou no quarto.

– Ni-na – engrolava ela. – Ni-na.

Jučas ficou sem saber se aquilo era uma res-
posta para as perguntas que ele vinha fazendo ou

se ela estava apenas chamando por alguém que supostamente poderia socorrê-la. Para garantir, pegou o celular que ela deixara na mesinha de cabeceira e conferiu se havia o número de alguma Nina. Havia. Ele anotou o número e sobrenome da moça, depois arremessou o telefone sobre a cama.

– Ni-na – gemeu a dinamarquesa outra vez.

Ela nem sabe que estou aqui, pensou Jučas. Só então viu a poça de sangue que começava a se formar sob a cabeça dela.



O fogo já estava se apagando. Jučas jogou um pouco de areia sobre as brasas, depois decidiu enterrar tudo que tinha sobrado de sua pequena fogueira. Com um pouco de sorte, aquilo jamais seria encontrado. Em seguida, buscou uma camisa limpa na sacola que deixara no carro.

Tentou avaliar a situação com um mínimo de lucidez. No pé em que estavam as coisas, ele não sabia onde estava o dinheiro. A loura dissera que havia devolvido a grana para o dinamarquês. O dinamarquês dizia que a grana estava com a loura. Juças acreditava na loura mais do que no dinamarquês.

E o menino? Talvez a resposta estivesse mesmo naquele “Ni-na”. Talvez fosse o nome da putinha com pinta de menino que o espiara na estação. E se ela estivesse com o moleque e por isso o dinamarquês relutasse em pagar? Pelo preço que eles tinham acordado, nada mais natural que ele quisesse ver a mercadoria antes de entregar o dinheiro.

Tão logo acabou de se vestir, Juças ligou para Barbara. Ele a deixara num hotel antes de sair da cidade. Mais uma despesa desnecessária, mas ele não poderia levá-la consigo.

– Tem uma lista telefônica aí no quarto? – perguntou ele.

Ela falou que sim.

– Preciso que você olhe um endereço para mim – prosseguiu Jučas. – Mas não ligue para a recepção nem pergunte para a telefonista, fui claro?

– Quando você vai voltar? – ela quis saber, e ele pôde perceber a aflição na voz dela.

– Logo. Mas você precisa fazer o que eu disse, é importante.

– Ok, ok. O que exatamente você quer que eu faça?

– Quero que você pegue a lista telefônica e veja se encontra o endereço de uma pessoa. Uma tal de Nina Borg.

HELGOLANDSGADE.

A rua era estreita e um tanto claustrofóbica. De um lado ficava o recém-reformado Hotel Axel com sua reluzente fachada branca e uma libélula dourada pairando acima da entrada. Nina se deu conta de que agora era moda se hospedar em Vesterbro, com vista para as prostitutas e os trombadinhas.

Um grupo de adolescentes havia se instalado bem em frente ao hotel, do outro lado da calçada. Pareciam colegiais comuns, surpreendeu-se Nina. Nada de couro, nada de meia arrastão, nada de cabelos descoloridos. Tinham todo o aspecto de jovens prontas para a noite. Ainda assim, algo nelas deixava bem claro o que estavam fazendo ali.

Todas as quatro esquadrihavam a rua regularmente, lançando olhares para os pedestres. E de vez em quando uma delas se separava do rebanho, caminhava alguns passos e sacava o celular, fingindo fazer uma ligação. Em seguida, voltava para se recostar na moto em torno da qual o grupinho se reunia. Enquanto todos os demais seguiam para algum lugar, elas permaneciam ali.

Nina apertou um pouco mais a mão do menino, depois se aproximou das moças. Algumas frases num inglês de sotaque forte se destacavam da ruidosa conversa de dois bêbados que seguiam na direção oposta:

– Dezenove. Perdeu. Agora você me deve.

Uma das moças deu uma sonora risada e cambaleou alguns passos para trás, mal se equilibrando nos saltos dos sapatos, altos demais para ela.

Eles haviam apostado na idade da garota, concluiu Nina, mas sem saber se tinham falado a mais ou a menos. Estremeceu ao lembrar que sua filha Ida logo completaria 14 anos.

– Com licença... – disse, num tom deliberadamente neutro. Intuíu que nenhuma das moças estava disposta a falar sobre outra coisa que não fosse trabalho e dinheiro.

Todas se viraram para ela, e Nina, mais uma vez, espantou-se com a pouca idade das moças. A maquiagem pesada e o gloss cintilante nos lábios faziam apenas que elas parecessem crianças fantasiadas de adultas. Era como se a qualquer momento um locutor americano fosse anunciar que ali estavam as concorrentes de algum bizarro concurso de beleza infantil e em seguida uma delas começaria a dançar e cantar.

Uma das quatro postou-se à sua frente com as pernas um pouco afastadas e os braços cruzados sobre o peito, talvez numa tentativa de

intimidação. Era baixa e muito magra e seu olhar demonstrava nervosismo.

– Preciso de ajuda com este menino – explicou Nina. – Preciso saber se uma de vocês fala a língua dele.

A moça correu os olhos pela rua, depois voltou a encarar Nina, mas com uma acintosa expressão de ceticismo.

– *Atju* – continuou Nina, apontando para o menino. – Você sabe o que isso quer dizer? Sabe que língua é?

Algo mudou na carranca da moça. Nina praticamente pôde vê-la pesando os prós e os contras, separando os dois em montinhos distintos. Sem hesitar, meteu a mão no bolso dos jeans e de lá tirou uma amarfanhada nota de 100 coroas. O resultado foi imediato. A moça a apanhou e guardou.

– Não tenho certeza, mas acho que é lituano.

Nina assentiu e procurou abrir o mais simpático dos sorrisos. Não tinha mais um tostão para dar à moça.

– E você não é da Lituânia?

A resposta era evidente, mas Nina queria manter a conversa ativa, pendurar-se ao fiapo de esperança que lhe fora oferecido.

– Letônia. – A moça deu de ombros. – Mas Marija é lituana.

Ela deu um passo para o lado e apontou para a garota alta e magricela que havia gargalhado antes, aquela que teria, ou não, 19 anos. Com os cabelos escuros e compridos presos num rabo de cavalo alto, a garota tinha algo que fazia lembrar uma potranca, pensou Nina. As pernas eram compridas demais em relação ao tronco, os joelhos eram largos e ossudos e os movimentos tinham toda a falta de jeito de uma adolescente ainda em fase de crescimento.

Com a mesma carranca da outra, ela fitava Nina com desconfiança.

– Sabe o que significa a palavra *atju*? – perguntou Nina.

Um sorriso involuntário brotou no rosto da moça, talvez por conta da pronúncia equivocada de Nina.

– Não é assim que fala – ela disse. – É *ačiū*. *Ačiū*.

Dos lábios dela a palavra havia saído com total naturalidade, o “A” um pouco mais longo que o de Nina. Os olhos tinham um brilho infantil, meigo, e o sorriso deixava à mostra uma dentição jovem e perfeita demais para a maquiagem de adulta.

– É lituano – informou ela, ainda sorrindo, a mão espalmada contra o peito. – Sou da Lituânia.

Nina voltou a apontar para o menino.

– Preciso conversar com ele. Acho que pode ser lituano também.

Caso a moça se dispusesse a ajudar, talvez ela pudesse tirar alguma informação do menino. Talvez ele até pudesse explicar como havia ido parar no interior de uma mala abandonada no guarda-volumes de uma estação ferroviária.

– Você pode me ajudar a falar com ele?

A lituana olhou de relance para as amigas às suas costas, desconfiada. Estava em dúvida, e ficou visivelmente assustada quando um rapaz de camiseta preta de repente atravessou a Helgolandsgade, vindo na direção delas.

– Enquanto a gente conversa, a gente não ganha dinheiro – respondeu.

Ainda cravava os olhos no rapaz de preto, que havia apertado o passo rumo ao grupo. A lituana recuou um pouco e deu as costas para Nina.

– Amanhã – avisou ela baixinho, sem se virar. – Depois que eu acordar. Meio-dia. Sabe a igreja?

Nina fez que não com a cabeça. Com certeza havia milhares de igrejas em Copenhague e ela não conhecia nenhuma.

O rapaz de preto já quase as alcançava. Não era muito mais velho que a lituana, pensou Nina. Poderia muito bem se passar por um aprendiz de carpinteiro ou bombeiro hidráulico. Não muito alto, mas forte, de cabelos claros e curtos, a tatuagem de uma serpente negra se enroscando no bíceps saliente.

Os lábios da lituana se moviam sem emitir um som, como se ela estivesse praticando algo para depois dizê-lo em voz alta.

– Sagrado Coração... – disse afinal.

Tão logo se juntou ao grupo, o rapaz de preto cravou a manzorra no braço da lituana e saiu puxando a moça pela calçada, sem ao menos olhar para Nina. Dali a pouco, o primeiro tapa ecoou pela rua. Seguiram-se outros dois, também fortes e barulhentos, a cabeça da moça girando

violentamente para os lados, o rabo de cavalo comprido chicoteando o ar. Só então o rapaz a largou.

Nina pegou o menino no colo e saiu com ele na direção da Istedgade. Estava furiosa com o que acabara de presenciar, mas diante das circunstâncias não havia nada que pudesse fazer. Não com o garoto junto dela. A bem da verdade, o mais provável era que ela não pudesse fazer nada pela moça ainda que estivesse sozinha. Mas isso em nada diminuía sua fúria.

Pouco antes de dobrar a esquina, ela olhou de novo para a Helgolandsgade. Já não se via mais o rapaz; talvez estivesse espreitando de alguma sombra ou alguma porta de serviço. A lituana caminhava de volta à moto preta, a cabeça derreada, os braços compridos e magros cingindo o tronco.

Uma das outras moças acariciou-a rapidamente no ombro assim que ela as alcançou. Nina

retomou seu caminho, já ouvindo às suas costas a algazarra das garotas, as gargalhadas que elas davam quase em tom de provocação. Estavam fazendo mais uma aposta e, de todas, a lituana era a que ria mais alto.



Nina voltou para o carro com o menino, que estava acordado, mas sem a disposição que havia mostrado na Reventlowsgade. Como se tivesse no colo um boneco de pano, a cada passo que dava ela sentia as pernas moles do pobrezinho batendo contra suas próprias coxas. Não conseguiu sequer deixá-lo de pé quando foi destrancar as portas do Fiat. Cobrindo a imundície do estofado com a toalha xadrez, ela depôs o menino sobre o banco traseiro, sentou-se ao lado dele e ficou ali, olhando para os letreiros de neon à sua volta. Estava exausta. Eram onze horas em ponto, ela observou. Por algum motivo, gostava de olhar

para o relógio e deparar com um número redondo. Talvez fosse a precisão que inspirava a dupla de zeros.

O trânsito na Tietgensgade já se achava bem mais tranquilo. Nos velhos apartamentos residenciais de Vesterbro, do outro lado da rua, muitas cozinhas ainda estavam com a luz acesa. E na calçada, do outro lado da janela de um bistrô, um rapaz preparava um café enquanto respondia a alguém às suas costas. Colocou o bule junto às xícaras de uma bandeja, depois se afastou com um sorriso estampado no rosto. Nina ficou se perguntando se os outros de fato tinham uma vida tão simples quanto ela imaginava.

Provavelmente não, respondeu a si mesma, amarga. Tratava-se de uma distorção na qual ela podia se considerar uma especialista, pelo menos a se acreditar no que dizia seu analista. Volta e meia ela se pegava naquela mesma ladainha de sempre, achando-se a única pessoa no mundo

que não se encaixava em parte alguma enquanto todas as demais chafurdavam na mais imperdoável felicidade, ou a única pessoa interessada em salvar o mundo e consertar o que havia de errado nele enquanto todas as demais compravam suas televisões de plasma, redecoravam suas cozinhas, faziam café em seus bistrôs, eram felizes. Essa visão distorcida das coisas muitas vezes a arrastava para longe de Morten e Ida, no tempo em que Anton ainda não era nascido, e já fazia alguns anos desde que enfim ela conseguira dar crédito ao que Olav sempre repetia: pensar daquela forma era algo nocivo não só para ela, mas também para todos os que a cercavam.

Mas agora, com aquele menino a seu lado, as coisas não lhe pareciam tão fáceis ou claras.

Nina recostou a cabeça no banco do carro, sentiu seu próprio cansaço pesar nas pálpebras.

Sua vontade era ligar para Morten. Não para falar com ele, pois isso não adiantaria nada. Mas

apenas para ouvir a voz dele, a televisão ligada no noticiário ao fundo, e lembrar a si mesma que em algum lugar ainda havia um mundo normal. Ela tateou o bolso onde já não estava mais seu celular.

Trancou as portas e ligou o rádio do carro. Talvez houvesse algo no noticiário sobre o menino desaparecido. Algo que provasse a existência dele, alguém que estivesse à sua procura. Nina pegou o pão que havia comprado e ofereceu uma fatia ao garoto, que a recebeu e começou a mordiscá-la sem ao menos erguer os olhos. Eles ficaram ali, comendo sem dizer uma palavra, o menino fechado em si mesmo, Nina afagando os cabelos dele. Assim que terminou de comer, o garoto se enroscou ao lado dela e Nina dobrou com cuidado uma ponta da toalha para cobri-lo. Deixou o corpo escorregar no banco, dobrou os joelhos contra o banco da frente e fechou os olhos. Imediatamente precisou lutar contra o sono que

ameaçava apoderar-se dela por completo. Dormir... Meu Deus. Cedo ou tarde ela precisaria dormir. No dia seguinte, poderia encontrar um telefone e ligar para Morten. Talvez ele a atendesse com menos frieza e rancor. Morten sempre acordava bem-humorado, talvez até fosse possível contar a ele sobre o menino.

Com um esforço adicional, ela reabriu os olhos para observar o menino outra vez. Ele havia adormecido com os olhos e os lábios um pouco entreabertos e, apesar de tantos sustos, respirava com regularidade, baixinho. Exatamente como Anton, com a cabeça recostada sobre o travesseiro do Homem-Aranha.

Nina enfim cedeu ao sono.

POR FIM, A PAZ VOLTOU A REINAR no apartamento. Anton custara a dormir, permanecera amuado e birrento até as nove horas, fazendo Morten perder o noticiário, e Ida, sem dúvida para provocá-lo, tinha escutado música num volume absurdamente alto em vez de usar os fones de ouvido, como mandavam as regras da casa. Ao que parecia, ela já dera por encerrado mais aquele acesso de rebeldia juvenil para ir jogar seu videogame, cujos ruídos eram abafados o suficiente para serem ignorados.

Morten havia aberto as janelas da cozinha e da sala na vã esperança de se refrescar com uma brisa, mas o ar parecia estagnado, e o dia longo ainda se grudava em seu corpo, assim como a camisa que vestia. Ele cogitou tomar uma ducha,

mas só agora, desde que buscara Anton na creche, ele teria um pouco de paz para tomar um café e ler o jornal. Deixaria a ducha para mais tarde; talvez ela o ajudasse a pegar no sono.

Em dias assim ele era tomado por uma súbita vontade de empacotar tudo aquilo numa cápsula do tempo e voltar dali a, digamos, quatro anos. Como seria bom de fato *fazer* algo: sair à cata de minerais na tundra, viajar de novo para a Groenlândia ou para Svalbard, voltar apenas quando já estivesse de saco cheio dos mosquitos e dos ursos-polares, quando já estivesse pronto para reassumir a vida familiar exatamente do ponto em que deixara, com todas as peças na mesma posição sobre o tabuleiro. Ou quase todas: havia uma ou duas que ele gostaria de repensar.

Não que ele não tivesse desejado aquelas coisas todas: os filhos, o apartamento, a hipoteca, a segurança de um emprego fixo. Queria apenas que fosse possível fazer as outras coisas também: ir

para a Groenlândia, talvez por três meses, enquanto Nina pilotava o barco doméstico sozinha. Mas isso havia sido antes de ela fugir pela primeira vez. Fugir: fora exatamente o que ela fizera, quanto a isso ele não tinha nenhuma dúvida. Uma fuga tão repentina que ele receara nunca mais voltar a vê-la. Jamais esqueceria aquele dia. Aquela lembrança permanecia sob sua pele como uma cápsula de veneno que, de vez em quando, era perfurada e deixava vazar a peçonha.

O episódio tinha acontecido cinco meses depois de Ida nascer. Nessa época eles moravam em Aarhus, num apartamento de dois quartos, insofoso porém barato, nas imediações de Ringgaden. Nina acabara de se formar na escola de enfermagem e ele fazia doutorado no Departamento de Geologia. Voltando da universidade certo dia, ele mal havia pisado na escada do apartamento quando ouviu Ida chorando – chorando, não, *berrando*. Então escalou os degraus de

três em três, praticamente arrancou a porta das dobradiças ao abri-la e encontrou a filha amarrada à cadeirinha junto à mesa da cozinha com as bochechas já inchadas e vermelhas em razão do choro prolongado. Estava pelada, não tinha sequer uma fralda, e a banheirinha de plástico verde ainda se achava com água no chão. Nina se recostava à porta dos fundos como se estivesse pregada nela, como se acuada por alguém. Morten logo se deu conta de que não era possível falar com ela naquele estado, tampouco esperar dela alguma resposta ou alguma ajuda com a menina. Estaria ali havia quanto tempo? O bastante para que Ida tivesse encharcado sua cadeirinha de xixi.

No dia seguinte, ela telefonara de uma cabine no aeroporto de Copenhague. Estava a caminho de Londres, e de lá iria para a Libéria, trabalhar como voluntária de enfermagem numa organização chamada MercyMedic. Não se tratava, claro,

de uma vaga que ela havia conseguido da noite para o dia. Mas, embora a decisão já tivesse sido tomada algum tempo antes e os preparativos já estivessem em andamento havia algumas semanas, ela não se dera o trabalho de contar ao marido o que pretendia fazer, muito menos de discutir com ele a ideia. Agora que voltava a pensar naquilo, lembrou-se que Karin a ajudara na empreitada. Um médico francês que ela conhecia estava disposto a relevar a falta de experiência profissional de Nina. E Morten fora abandonado com uma filha de 5 meses.

Apenas muito tempo depois ela conseguiu se explicar, pelo menos em parte. Morten já havia notado que ela vinha tendo dificuldade para dormir, que andava vigiando Ida com certa obsessão, dia e noite, e que estava sofrendo com um medo excessivo de desastres, reais ou imaginados. Ele tentara acalmá-la, mas a razão parecia não ter

muito efeito sobre a convicção dela de que algo de muito horrível poderia acontecer com Ida.

“Eu estava dando banho nela”, contara ela, não naquele dia, mas quase um ano depois. “De repente a água ficou vermelha. Sabia que estava imaginando coisas, mas toda hora que eu virava para olhar, a água continuava vermelha.” Fora preciso muito autocontrole para que conseguisse tirar a menina da banheira e amarrá-la com segurança na cadeirinha. E para que ela não tivesse fugido do apartamento, mas esperado até que ele chegasse em casa... Morten sabia agora que fora um milagre ela ter conseguido conter seus impulsos.

Ele já conversara com pessoas que haviam trabalhado com ela em diversos lugares infernais do planeta. Todos a admiravam, dizendo que Nina era quase desumana na frieza e na competência que conseguia arregimentar nas crises mais terríveis. Sempre que enchentes derrubavam pontes,

que granadas ateavam fogo nas tendas da enfermaria, que pacientes chegavam com braços e pernas decepados por minas terrestres... era com Nina que eles contavam em primeiro lugar. Ela era capaz de empreender sozinha uma eficientíssima cruzada para salvar o mundo. Só a própria família era capaz de reduzi-la à mais abjeta sensação de impotência.

Ida estava na porta da cozinha antes de Morten perceber que a barulheira dos videogames havia cessado no quarto dela.

– Ela vai voltar? – perguntou a menina.

Usava um short verde fluorescente e uma camiseta preta em que se lia “Só estou usando preto porque ainda não inventaram nada mais escuro”. Uma argola de prata na narina representava a mais recente derrota de Morten na sua guerra particular contra a adolescência.

Ida não dizia mais “mamãe”, ele subitamente percebeu. Era “ela” ou às vezes “Nina”.

– Claro que vai – respondeu ele. – Mas talvez tenha que passar a noite trabalhando.

Morten tinha plena consciência de que estava tapando o sol com a peneira. Mas... o sol de quem? O de Nina, que talvez não voltasse nunca mais? Ou o dele, que não admitia ter perdido o controle da família?

– Hum – resmungou Ida e deu as costas ao pai sem falar mais nada. Nenhum comentário de alívio ou censura.

– Hora de dormir! – berrou ele para a filha, que já ia longe.

– Jura? – retrucou ela, dando a entender que ia mesmo dormir, mas só porque estava com vontade.

Morten baixou o jornal e olhou para o nada, sem conseguir se concentrar na leitura. Nina mentira. Ele havia percebido claramente a mentira nas entrelinhas, nos silêncios dela, no distanciamento. Era isso que chamara sua

atenção, até mais que o fato de ela ter se esquecido de buscar Anton na creche. Mas ele não tivera disposição para confrontá-la, do mesmo modo que não tivera energia para confrontar Ida no caso dos fones de ouvido. Nos últimos tempos, ele se achava à beira de um apagão.

As coisas *realmente* tinham melhorado. Ou pelo menos era nisso que ele acreditava. Olav havia conseguido ajudá-la. Ajudar os dois, na verdade. Após um breve resumo das mais recentes peripécias de Nina em Tbilisi, o terapeuta norueguês, sabe-se lá como, conseguira convencê-la de que ela precisava de ajuda. Nem tanto por causa de Tbilisi, Dadaab ou Zâmbia, mas por causa das obsessões que a impeliram em direção a esses lugares.

Nina, enfim, tinha voltado da Libéria. Os cabelos quase raspados, o corpo esquelético, mas com uma nova... bem, serenidade talvez não fosse a palavra certa. Um novo equilíbrio, talvez. Um

equilíbrio cuidadosamente mantido que o levara a acreditar que afinal seria possível continuar com o casamento, reacender o amor entre eles. Logo depois eles se mudaram para Copenhague. Um novo começo. Nina começara a trabalhar para a Cruz Vermelha, e ele se tornara um “analista de lama”, tal como os demais geólogos gostavam de se referir ao trabalho dele, que consistia em analisar amostras de lama de perfuração colhidas nos poços petrolíferos do mar do Norte e em outros locais nem tão exóticos assim. Ambos haviam concordado que a família teria que ser a grande prioridade para que a relação tivesse alguma chance de cura.

Bem. Ele ainda estava lá. Ela ainda estava lá. Só que ela havia mentido naquela tarde. Como saber se no dia seguinte ela não iria telefonar do Zimbábue, de Serra Leoa ou de qualquer outro lugar igualmente distante e perigoso?

Porra, Nina. Ele pousou a caneca de café e se levantou com um difuso senso de urgência. Queria sair dali. Sair do apartamento. Pelo menos por algumas horas. Ou alguns anos. Quem dera as coisas pudessem estar no mesmo lugar quando ele voltasse...



Pouco depois das quatro da madrugada, Morten foi acordado pela campainha. Não era Nina sem as chaves de casa, tal como ele havia suposto. Eram dois policiais. Um de uniforme, o outro de terno.

– Gostaríamos de falar com Nina Borg – disse o de terno, sacando as credenciais num gesto que se tornara hábito muitos anos antes.

Morten sentiu o excesso de café se transformar em ácido no estômago.

– Ela não está – falou ele. – Foi passar a noite na casa de uma amiga. Algum problema?

- Uma investigação de homicídio, infelizmente.
- Podemos entrar por um instante?

OS BARONAS MORAVAM NUMA CASINHA de madeira que era uma ilha cercada de condomínios residenciais por todos os lados. Seu modesto jardim parecia uma selva quando comparado à aridez dos prédios recém-construídos. Uma pequena bicicleta vermelha se achava presa à cerca com uma corrente absurdamente grossa.

Sigita abriu o portão e caminhou até a casa. Farejando no ar um cheiro de cebolas fritas, deduziu que Julija Baronienė estava preparando o jantar. Tocou a campainha ao lado da porta, cuja tinta azul parecia estar descascando havia muito tempo. Foi atendida quase de imediato por um garoto de 12 ou 13 anos. Ele vestia uma camisa branca com gravata, limpo e arrumado demais para um moleque da sua idade.

– Boa noite – cumprimentou Sigita. – Posso falar com sua mãe?

– Quem deseja? – perguntou ele, desconfiado. Sem dúvida tinha ordens para não deixar entrar qualquer estranho.

– Diga a ela que é a Sra. Mažekienė, do conselho escolar – mentiu Sigita, de modo que não lhe batessem a porta na cara assim como haviam interrompido a ligação.

O garoto permaneceu parado por um bom tempo e Sigita precisou apaziguá-lo com um sorriso ao perceber que ele fazia um exame de consciência, receando ter aprontado alguma na escola.

– Hum, entra – disse ele afinal. – Minha mãe está na cozinha, fazendo o jantar. Daqui a pouco ela vem.

– Obrigada.

O garoto a conduziu para a sala e sumiu de vista, provavelmente indo à cozinha para avisar a

mãe. Sigita foi avaliando o cômodo enquanto esperava de pé. O sofá era grande e confortável, estofado num tom claro de marrom, com certeza novo. Fora ele, todo o resto parecia estar ali havia muito. O piso já estava escuro de tantas camadas de sinteco e diante do sofá se estendia um tapete persa em tons vivos de vermelho e turquesa. Três das paredes eram cobertas por completo com uma estante de livros ricamente talhada; pelo estilo da carpintaria, era tão velha quanto a casa em si. As prateleiras vergavam com o peso dos livros e das partituras. Na quarta parede, um piano de armário se aninhava entre duas janelas altas; a caixa era de um mogno escuro e reluzente e as teclas de marfim já se achavam um pouco côncavas e encardidas de tanto uso.

Dali a pouco chegou à sala uma mulher um tanto atarracada, acompanhada de uma menina que só podia ser sua filha, pendurada à saia dela de um modo infantil demais para os 7 ou 8 anos

que aparentava ter. Os aromas do jantar haviam atravessado a porta junto com ambas, e quando Sigita apertou a mão da mulher, supôs que a umidade fosse das batatas que ela vinha descascando.

– Julija Baronienè – apresentou-se a dona da casa. – E esta aqui é a minha Zita.

Com os olhos fincados no chão, Zita não dava o menor indício de que pretendia cumprimentar a visitante. Os cabelos escuros estavam meticulosamente partidos em duas tranças.

– A senhora vai ter que desculpá-la – prosseguiu a mulher. – Zita é um pouquinho tímida... mais ou menos igual à mãe dela.

Sigita logo reparou que não fora reconhecida. O que era natural, pensou. Tantos anos já haviam se passado... Mas assim que viu os cabelos cor de cobre da mulher, bem como os olhos muito escuros e gentis, não teve a menor dúvida: só podia ser *aquela* Julija.

– A timidez é bastante compreensível – comentou Sigita. – Levando-se em conta o que aconteceu a ela...

Julija enrijeceu.

– Do que você está falando? – perguntou.

Sigita achou que não era o caso de pisar em ovos.

– Não sou do conselho escolar – revelou. – Vim aqui para saber como foi que vocês conseguiram trazer a Zita de volta. É que... – sua voz já falhava – meu filho foi levado pelas mesmas pessoas.

Zita deixou escapar uma espécie de miado antes de se virar para a mãe e enterrar o rosto no ventre dela. Por um instante, Julija deu a impressão de que havia sido esfaqueada por Sigita, mas, à custa de um visível esforço, abriu um sorriso.

– Ah, aquela história boba... Não, não, aquilo foi um grande mal-entendido. O que aconteceu foi que Zita tinha ido embora com uma amiguinha e a mãe dela, não foi isso, meu anjo?

A menina não respondeu, tampouco largou da mãe. Parecia bem mais nova em razão do comportamento assustado.

– Foi uma vergonha perturbarmos o trabalho da polícia com essa história, mas... entendo a sua aflição. Tomara que seu filho esteja bem também, e que tudo não tenha passado de um grande equívoco. Quem sabe ele não está na casa de um amiguinho? Ou perdido por aí?

– Ele tem apenas 3 anos. E uma vizinha viu quando o levaram. Além disso... – Sigita hesitou um instante, depois disparou: – Tem que haver alguma conexão. Você não está se lembrando de mim?

Julija passeou os olhos pela sala antes de voltar a encarar Sigita e por fim reconhecê-la.

– Ah... – foi só o que ela disse.

– Eu mesma – confirmou Sigita. – Sinto muito por ter dito que era do conselho escolar. Mas depois que você bateu o telefone na minha cara,

fiquei com medo que não quisesse me receber se... se soubesse quem eu era.

Julija nem piscava, como se a revelação tivesse roubado dela a capacidade de falar ou de se mexer. Sigita ouviu uma porta bater no interior da casa, uma conversa, mas manteve os olhos fixos em Julija.

– Basta que você me diga o que vocês tiveram que fazer – pediu. – Não vou contar nada à polícia. Prometo. Só quero o meu Mikas de volta.

Julija permaneceu muda, e de repente um homem entrou na sala.

– Boa noite. Sou Aleksas Baronas. Marius disse que a senhora é do conselho escolar, é isso?

Ele estendeu a mão para Sigita. Era um pouco mais velho que Julija, um senhor de aspecto gentil, com os cabelos já um tanto ralos. Vestia um terno cinza, grande demais para o físico modesto. Levou alguns segundos até perceber o desespero com que Zita se agarrava à mãe.

– O que foi? – perguntou ele de repente.

Julija, ao que parecia, não sabia o que dizer ao marido. Foi a própria Sigita quem teve que explicar:

– Meu filhinho de 3 anos foi sequestrado pelas mesmas pessoas que levaram Zita. Eu só queria saber o que preciso fazer para tê-lo de volta.

Aleksas se recompôs mais rapidamente que a mulher.

– Mas que despropósito é esse? – disse. – Não vê que está assustando a menina? Zita nunca foi sequestrada, e nunca será. *Nunca*. Não é verdade, meu anjo? Vem cá dar um beijinho no papai. Julija, sinto muito ter que apressá-la, mas precisamos jantar logo, ou vamos chegar atrasados ao recital do Marius.

Zita, por fim, se deixou convencer e largou a mãe para se jogar nos braços do pai, que a tomou no colo e continuou:

– Não quero ser mal-educado, mas é que meu filho vai tocar numa apresentação logo mais e isso é muito importante para nós.

Sigita balançou a cabeça, mal acreditando no que estava vendo e ouvindo.

– Como vocês podem... como podem fingir dessa maneira? Como podem se recusar a me ajudar?

Ela levou a mão à boca como se com isso pudesse conter o choro, mas não pôde.

A afabilidade de Aleksas já começava a dar sinais de desgaste.

– A senhora precisa ir embora – afirmou ele. – Agora.

Sigita voltou a balançar a cabeça. As lágrimas escorriam pelo rosto: já não havia mais o que fazer para estancá-las. A angústia parecia estorvar sua garganta. Num gesto brusco, tirou da bolsa uma caneta e puxou uma das folhas de partitura que jaziam no piano. Ignorando o grunhido de

protesto de Aleksas, anotou seu nome, endereço e número de telefone em letras grandes e trêmulas acima dos pentagramas.

– Aqui está – disse. – Estou implorando: vocês têm que me ajudar.

Então foi Julija quem começou a chorar. Tentando reprimir um soluço, fugiu da sala. Zita se desvencilhou do pai para seguir no encalço dela, mas Aleksas a deteve.

– Agora não, meu anjo. Mamãe está ocupada.

Zita ergueu os olhos para o pai. De repente, foi até o piano, acomodou-se no banco com as costas eretas e os olhos fechados e começou a tocar devagar as notas, metodicamente, com a precisão de um metrônomo. Subindo e descendo. *Dó-ré-mi-fá-sol-lá-si-dó. Dó-si-la-sol-fá-mi-ré-dó. Dó-ré-mi-fá-sol-lá-si-dó...*

Aleksas crispou o rosto numa expressão de dor. Em seguida foi para junto da filha e, com delicadeza, pousou a mão sobre o punho dela,

obrigando-a a interromper as escalas. Olhando para Sigita, explicou:

– Senão ela vai ficar tocando durante horas...

O homem estava completamente perdido, pensou Sigita. Eles haviam esmagado sua família, pisoteado nela até quebrá-la, e ele não tinha a menor ideia do que fazer para restaurá-la.

Zita ainda pousava as mãos no teclado encardido como se fosse voltar a tocar assim que o pai se afastasse. Sigita estremeceu, mais uma vez assombrada pela imagem de Mikas trancafiado num porão, sozinho no escuro, cercado de pessoas que só queriam seu mal.

– Por favor, vá embora – pediu o pai da menina. – Não temos como ajudá-la, não está vendo? Nem que quiséssemos.



Durante todo o caminho de volta para casa, Sigita ficou pensando nas mãos de Zita. Naqueles dedos

de oito anos, dobrados feito garras sobre o teclado do piano. Todos, menos o mindinho da mão esquerda, que não se dobrava feito os outros, mas se espetava para cima. Naquele dedo, Zita havia perdido a unha inteira.

JAN HAVIA SE PREPARADO PARA ENCONTRAR macas de metal, lâmpadas tubulares no teto, azulejos brancos e frios, talvez até armários refrigerados com gavetas. Mas as lâmpadas na capela do Instituto Médico-Legal eram brandas e o cadáver jazia num ataúde simples, coberto por um lençol branco, um par de velas dando ao ambiente um inesperado toque de dignidade.

– Muito obrigada por ter vindo – agradeceu a oficial que o levara até ali. Jan já havia esquecido o nome dela. – Os pais moram na Jutlândia. Melhor termos uma identificação prévia antes de trazê-los para cá.

– Claro. É o mínimo que posso fazer.

Ele sentiu as paredes da garganta queimarem antes mesmo que o rosto fosse descoberto.

Ali estava uma coisa, não uma pessoa. Isso foi o que mais o surpreendeu: o aspecto humano que desaparecera junto com a vida dela. A tez parecia de cera, artificial. Impossível imaginar que ela apenas dormisse.

– É Karin – confirmou ele, apesar da sensação de que mentia. O que estava ali era apenas um arremedo da Karin que ele havia conhecido.

O espanto foi muito além de qualquer coisa que ele poderia ter imaginado. Jan se viu na pele de um daqueles personagens de desenho animado que pairam no ar antes de despencarem no abismo, gravidade zero, suspensos tão somente porque ainda não se deram conta de que já é hora de cair.

– Que tipo de relação o senhor tinha com Karin Kongsted? – perguntou a policial, colocando o lençol de volta no lugar.

– Ela acabou se tornando uma boa amiga. Fazia mais ou menos dois anos que ocupava um

apartamento acima da nossa garagem. Um estúdio completamente separado da casa, mas... nossa relação era bem diferente do que teria sido se Karin fosse apenas uma funcionária de horário comercial.

– Pelo que sei, ela era sua enfermeira particular. Por que o senhor precisava de uma enfermeira?

– Fiz uma cirurgia renal há uns dois anos. Foi assim que conhecemos Karin. E desde então... bem, passamos a admirá-la não só como profissional, mas como pessoa também. Foi uma cirurgia delicada e ainda há algumas questões médicas. Complicações que surgem de vez em quando. Era muito reconfortante ter alguém como ela por perto. Karin é... *era* uma profissional muito competente.

Para Jan, era algo surreal estar junto do corpo de Karin, falando sobre ela daquele jeito. Mas a oficial não parecia disposta a largar o osso, pelo menos por enquanto.

– O senhor talvez ache estranho, mas preciso perguntar: onde o senhor estava esta noite? Não estava em casa quando ligamos.

– Dei uma passada rápida em casa, depois tive que ir para o escritório. Não sei se a senhora sabe, mas tenho uma empresa relativamente grande.

– Eu sei.

– Devo ter ficado no escritório até as sete. Depois fui para um flat que mantemos... isto é, que a empresa mantém, e lá ainda trabalhei mais um pouco. Minha intenção era pernoitar lá.

– Onde fica esse flat?

– Na Laksegade.

– Será que podemos passar por lá mais tarde? Precisamos fazer um interrogatório formal.

Jan pensou rápido. O Nokia ainda estava em sua mala. E a mala ainda estava no flat.

– Eu gostaria muito de voltar para casa – falou ele. – Minha mulher deve estar muito abalada. Mas, se a senhora quiser, posso passar na

delegacia amanhã de manhã. – Melhor colaborar, raciocinou Jan. Pode ser importante mais tarde.

– Seria bom, sim – concordou a policial. – Embora o caso agora esteja nas mãos do departamento de homicídios da Polícia Regional da Zelândia do Norte. – De sua maleta ela retirou um pequeno panfleto da polícia da Zelândia do Norte e circulou uma das delegacias listadas nele. – O senhor poderia passar neste endereço amanhã às onze?



Jan cogitou se estava sendo seguido. O táxi navegava pelo trânsito da meia-noite feito um tubarão num cardume de arenques e ele não sabia dizer se algum carro específico vinha na cola.

Não seja paranoico, falou a si mesmo. Eles não haviam sequer determinado a *causa mortis* e com certeza não dispunham de contingente para seguir todas as pessoas relacionadas com Karin.

Apesar disso, ele correu os olhos pela calçada assim que desceu na Laksegade. O táxi seguiu em frente, deixando a rua deserta. Havia um quê de “túnel do tempo” naquela área: os paralelepípedos da rua, as lanternas de ferro fundido nos postes, até mesmo o prédio do Danske Bank, que mais lembrava uma fortaleza medieval.

Jan subiu ao flat e logo pegou o Nokia na mala. Nenhuma chamada durante sua ausência.

Dali a vinte minutos, ele já seguia a caminho de casa em seu próprio carro. Agora tinha certeza quase absoluta de que não o seguiam: a autoestrada estava quase vazia naquela hora, e quando ele parou numa área de piquenique entre Roskilde e Holbæk, seu Audi era o único carro no estacionamento.

Ele sacou o Nokia e fez a ligação. Esperou um bom tempo até que o lituano atendesse.

– Alô?

– Nosso acordo acabou – afirmou Jan o mais calmamente possível.

– Não – retrucou o lituano, incisivo.

– Você ouviu o que eu disse!

– O dinheiro não estava lá. Ela disse que tinha deixado com você.

– Não minta para mim. O dinheiro estava com ela. – Ele vira a maleta vazia no quarto dela. Vazia, a não ser pelo maldito bilhete: eu me demito. – Ela levou o dinheiro e agora está morta. Foi você que a matou, não foi?

– Não.

Jan não acreditou no lituano.

– Fique longe da minha família. Não tenho mais nada a ver com você. Acabou.

Um breve silêncio.

– Só depois que você me pagar – replicou o lituano, e desligou.

Jan permaneceu quieto por alguns segundos, procurando se acalmar. Em seguida arremessou o

celular contra o chão algumas vezes até ter certeza de que o aparelho estava completamente destruído. Foi para o banheiro fétido do lugar, tirou o chip do que sobrara do telefone, jogou-o numa das privadas e deu descarga. Molhou algumas toalhas de papel e limpou o aparelho antes de jogá-lo na lata de lixo que havia do lado de fora. Ainda se deu o trabalho de remexer o malcheiroso conteúdo com um graveto até ver o aparelho sumir entre os restos de fruta, caixas de pizza e tocos de cigarro.

O que mais?

Não, não havia outro jeito.

Primeiro a cartelinha de plástico. Não mais do que 2 centímetros de largura e comprimento, alguns milímetros de espessura. Não muito maior, na verdade, do que o chip do telefone, mas as gotículas de sangue que ela abrigava continham informações codificadas mil vezes mais complexas do que o DNA eletrônico do telefone. Ele

pisoteou a cartela com a sola do sapato e jogou-a no lixo também.

Depois a foto. Pescou-a da carteira e a fitou pela última vez, tentando se dobrar ao fato de que teria que abrir mão dela e de tudo que significava. Sacou seu isqueiro Ronson, ateou fogo ao papel e jogou a foto ainda em brasas no mesmo lixo.

Só então voltou para o Audi e ficou ali, esperando que as mãos parassem de tremer, pelo menos o bastante para que pudesse seguir viagem.

SIGITA OUVIU O TOQUE ABAFADO DO CELULAR em sua bolsa. Foi como se uma corrente elétrica tivesse perpassado por seu corpo. Aflita, despejou todo o conteúdo da bolsa sobre a mesinha de centro. Qualquer outro gesto menos dramático não permitiria que ela encontrasse o aparelho rápido o bastante.

– Alô?

Infelizmente, não era Julija Baronienė. Tampouco alguma voz desconhecida dizendo a ela o que fazer para que Mikas fosse libertado.

– A LTV está disposta a colocar no ar um alerta sobre o desaparecimento do seu filho – informou Gužas. – Sobretudo se você for ao estúdio para fazer um apelo direto aos sequestradores.

Sigita retesou-se. Horas antes teria concordado sem hesitar. Mas agora... Ela pensou em Julija e no marido dela, no medo que havia se apoderado de ambos. Pensou também na pequena Zita, na unha que sumira do mindinho dela.

– Não seria perigoso demais para Mikas? – perguntou ela.

Intuiu que o investigador ruminava sua resposta; quase podia ouvir a caneta que certamente ele clicava enquanto pensava.

– Você já teve alguma notícia dos sequestradores? – indagou Gužas afinal.

– Não.

– Quer dizer, então, que mais de 48 horas já se passaram sem nenhuma tentativa de contato por parte deles, correto?

– Correto.

– Muito estranho. As instruções em geral não demoram a chegar. Para que os pais não chamem a polícia.

- Mas Julija Baronienė chamou.
- Sim, chamou. Poucas horas após o sumiço da filha. Mas retirou a queixa 24 horas depois.
- Porque estava sendo ameaçada. É isso que você acha, não é?
- É.
- Então quer dizer que é *realmente* perigoso aparecer na televisão.
- É uma questão de pesar as opções. Já registramos o desaparecimento de Mikas e enviamos uma descrição dos supostos sequestradores para todas as delegacias na Lituânia. Também já avisamos a polícia na Alemanha, onde mora o pai do garoto. Avisamos até a Interpol, muito embora não haja qualquer indício de que Mikas tenha saído da Lituânia; pelo contrário, o vínculo com o caso da Sra. Baronienė nos leva a crer que se trata de uma operação local. Tudo isso, e até agora nada. Nenhuma pista sobre o paradeiro do seu filho ou dos sequestradores. É por isso que estou

aventando a possibilidade de pedir ajuda em público.

Em público. Sigita estremeceu só de ouvir aquelas palavras.

– Não tenho certeza...

– Seu apelo seria incluído no último noticiário da LTV. Sabemos que ele geraria muitas ligações e algumas delas acabam sendo úteis. E como desta vez temos uma foto dos supostos sequestradores para apresentar, estamos muito esperançosos de que a investigação seja beneficiada.

O homem fala como se tivesse engolido um dos seus relatórios, pensou Sigita. Como será que ele fala quando está de folga? Por um instante ela se distraiu com a imagem mental que fez do investigador, paramentado da cabeça aos pés como um pescador de fim de semana, exibindo o peixe que acabara de fisgar e dizendo: “A direção da corrente nos levou a crer que a truta pudesse estar

ativa no quadrante superior esquerdo da área de busca.”

Devo estar muito, muito cansada, disse Sigita a si mesma. Ou então isso é resultado da concussão. Era como se a imaginação, que de modo geral ela mantinha trancada a sete chaves, estivesse brotando das profundezas da sua mente. Não estava gostando nada daquilo.

– Consultamos seu marido – prosseguiu Gužas – e ele concordou com a inserção no noticiário. Mas seria muito bom se você se dispusesse a fazer esse apelo diante das câmeras. Por nossa experiência, sabemos que isso produz efeito até mesmo naquelas pessoas que em geral não falam com a polícia. Sobretudo quando há uma criança envolvida.

Sigita esfregou o rosto inteiro com a mão boa. Estava exausta. Quase não havia comido ou bebido durante o dia. E a dor de cabeça era tão frequente que quase não incomodava mais.

– Não sei, estou confusa. Você acha mesmo que pode ajudar?

– Não sugeriria isso a você caso os sequestradores já tivessem feito algum contato. Ou para negociar ou para coagir. Nessas circunstâncias, uma comoção pública serviria apenas para aumentar a pressão sobre os sequestradores ou até mesmo colocar em risco a vida da criança. Mas esse contato não foi feito, certo?

Ele está me testando, pensou Sigita. Ainda não acredita em mim.

– Não – respondeu ela. – Mas se for perigoso para Mikas, não vou fazer apelo nenhum.

– Como eu disse, é uma questão de pesar as opções. Não estou dizendo que não haja risco nenhum, mas, no nosso entendimento, essa talvez seja a maior chance de encontrarmos Mikas.

Sigita podia ouvir o próprio coração batendo no peito. Como era possível decidir sobre algo tão vital com a cabeça assim, tão atrapalhada?

– Naturalmente, podemos fazer essa inserção na TV sem a sua autorização – afirmou Gužas afinal, vendo que o silêncio tendia a demorar.

Sigita viu nisso uma ameaça. Furiosa, retrucou:

– Não. Não vou fazer apelo nenhum. E se você fizer alguma coisa sem a minha autorização, eu...

– Não havia o que dizer. Que ameaças ela poderia fazer? Era ele quem tinha todas as armas na mão.

Sigita pensou ter ouvido um suspiro do outro lado da linha.

– Sra. Ramoškienė, não sou o inimigo.

A fúria de Sigita foi embora tão depressa quanto tinha chegado.

– Não, não é. Eu sei.

Mas assim que desligou ficou se perguntando o que seria mais importante para um jovem policial

tão ambicioso quanto Gužas: prender os criminosos ou salvar as vítimas?

Vendo que a blusa estava ensopada de suor, Sigita decidiu proteger o braço engessado com um saco plástico e arriscar um banho. Precisou jogar o xampu diretamente no couro cabeludo em vez de medir uma quantidade razoável na palma da mão, assim como foi impossível fazer um turbante com a toalha para secar os cabelos. Chegada a hora do noticiário, ela ligou a televisão, nervosa. Apesar do que falara Gužas, nada foi dito sobre Mikas Ramoška, nenhuma matéria sensacionalista sobre um menino de 3 anos desaparecido desde sábado. Sigita, claro, ficou ainda mais confusa, assolada pelas dúvidas, cogitando se não teria sido melhor seguir o conselho do inspetor, imaginando que pudesse haver alguém na cidade que tivesse visto seu filho, alguém que pudesse ajudar.

Quando ouviu o celular tocar, tentou alcançá-lo com tamanha pressa que acabou por derrubá-lo no chão. Pegou-o de volta e atendeu sem ao menos olhar o visor.

– Alô.

– Sou eu.

– Eu quem?

– Tomas.

Por pouco ela não perguntou “Que Tomas?”. Viu a tempo que se tratava de seu irmão caçula, do qual nunca ouvira a voz de adulto, apenas a voz roufenha e desafinada da puberdade. Ele tinha 12 anos quando ela fugira de Tauragé e desde então não haviam se falado.

– Tomas!

– É, sou eu.

Silêncio. Sigita não tinha a menor ideia do que dizer. O que dizer a um irmão após oito anos de separação?

– Ficamos sabendo pela mãe de Darius que Mikas... que ele... sumiu.

– É – foi só o que saiu da garganta de Sigita.

– Sinto muito. Daí fiquei pensando... Se tiver alguma coisa que eu possa fazer...

Sigita foi tomada de um súbito carinho pelo irmão, que roubou o pouco que ainda sobrava de suas forças, de modo que ela se esborrachou no sofá com o telefone no colo, as lágrimas novamente escorrendo. Não tinha o hábito de chorar. Mas já perdera a conta de quantas vezes havia chorado naquele dia.

– Sigita?

– Estou aqui – ela conseguiu dizer. – Obrigada por se preocupar comigo. Obrigada por ter ligado, Tomas.

– Hum... De nada. Espero que o encontrem.

Sigita não conseguiu dizer mais nada, e talvez o irmão tivesse percebido isso, pois desligou sem se despedir. Mas o importante era que ligara. Sigita

tinha notícias de casa apenas esporadicamente e, desde que se separara de Darius, perdera sua fonte mais confiável de informações sobre Tauragė. Havia, portanto, um milhão de coisas que ela gostaria de ter perguntado ao irmão: o que ele estava fazendo depois de se formar no colégio, se já saíra de casa, se tinha uma namorada, se estava feliz...

Sobretudo se havia conseguido perdoá-la.

Talvez sim. Caso contrário não teria ligado.



Sigita foi para a cama, mas dormir estava fora de questão. A imaginação que ela julgava não ter, e que resolvera dar as caras em tão má hora, insistia em criar visões terríveis e ela não sabia o que fazer para interromper aquilo.

Se alguém machucar meu filho, disse ela a si mesma, eu *mato* o desgraçado.

Não se tratava de um arroubo de fúria, como fazem os bêbados numa briga de fim de noite: “Eu vou te matar! Eu vou te matar!” Não, não era isso.

Era uma decisão.

Que de algum modo a acalmou. Sigita mais ou menos acreditava que os sequestradores seriam capazes de intuir essa decisão e que recuariam ao se dar conta do preço que pagariam caso fizessem algum mal a Mikas. Tratava-se, claro, de um grande desatino, como bem sabia o lado racional de seu cérebro, mas ainda assim aquilo a acalmava: “Se alguém machucar meu filho, eu mato o desgraçado.”

Ela foi para a varanda e se acomodou na cadeira de plástico que mantinha ali. Não precisou vestir nada sobre a camisola, pois o concreto devolvia para a noite fresca o calor que havia absorvido durante o dia. Sigita pensou em Julija Baronienė, que recebera sua filha de volta. Pensou também

em Gužas e Valionis. Teriam eles voltado para casa ou ainda estariam trabalhando? Mikas seria um caso importante para a polícia? Ou haveria tantas crianças desaparecidas que ninguém faria hora extra só porque uma sumira?

Eles queriam que eu fosse para a televisão, pensou Sigita. Isso significa que o caso de Mikas é realmente importante. Ela se lembrou da inglesinha que desaparecera, mas não do nome dela. O caso permanecera nos noticiários durante meses, até mesmo o Papa se interessara por ele. Mas a menina não havia sido encontrada.

Meu Mikas, no entanto, *vai* ser encontrado, garantiu ela a si mesma, com toda a convicção. Não existe outra hipótese e é nisso que preciso acreditar. Caso contrário, não vou aguentar.

Um táxi entrou no estacionamento diante do prédio. Sigita consultou o relógio. Duas da madrugada. Quem poderia estar chegando a uma hora daquelas? Uma mulher desceu do carro e

olhou ao redor, confusa. Decerto uma visitante, tentando se localizar melhor. Em seguida, caminhou para o bloco de Sigita.

É *ela*, pensou Sigita de repente. Julija!

Levantou-se tão rápido que acabou batendo o dedão do pé contra o batente da porta. Alheia à dor, irrelevante agora, ela saltitou até o interfone e abriu o portão antes mesmo que a campainha tocasse. Mancou até a escada do prédio e seguiu Julija com os olhos enquanto ela subia.

– Eu tinha que vir – explicou Julija assim que a alcançou. – Aleksas não queria de jeito nenhum, então esperei que ele dormisse. Eu tinha que vir.

– Vem, entra – pediu Sigita.

PARA SIGITA, ERA ESTRANHO QUE ALGUÉM pudesse dizer coisas como “Por favor, sente-se” ou “Quer um café?” quando a vida de uma criança estava por um fio.

– Posso chamá-la de Sigita? – perguntou Juliya, mexendo nervosamente a xícara de café em suas mãos. – Ainda vejo você como uma menina, embora já seja uma mulher.

– Pode, claro – respondeu Sigita.

Ela havia se acomodado na poltrona, ou melhor, na beirinha da poltrona, quase caindo dela. Fechava a mão direita com tamanha força que as unhas fincavam a palma, mas intuía que não seria uma boa ideia apressar a mulher. De repente se lembrou dos pombos-correios do avô: às vezes eles pousavam no telhado do pombal, mas não

entravam, acrescentando assim alguns preciosos minutos ao tempo oficial da corrida. “Não adianta apressar as coisas”, assegurou ele. “Vem, Sigita, senta aqui do meu lado; eles vão entrar quando for para entrar.”

O avô de Sigita morrera em 1991, o ano da Independência, e a mulher dele, vovó Julija, não tinha o menor interesse pelo negócio de pombos-correios. Vendera os melhores a um vizinho e abandonara os demais a seus próprios recursos até que uma nevasca levou embora o telhado do pombal, cinco ou seis anos depois.

Sigita simplesmente olhava para Julija, obrigando-se a esperar calada.

– Você não pode contar nada para a polícia – falou Julija afinal. – Promete?

Sigita prometeu, mas isso não pareceu bastar.

– Ele ficou furioso porque chamamos a polícia – prosseguiu Julija, a xícara tremendo na mão. –

Falou que tinha machucado Zita só por causa disso. Por nossa culpa.

– Não vou contar nada.

– Promete?

– Sim, eu prometo – repetiu Sigita.

Julija cravava os olhos nela. De súbito, pôs a xícara sobre a mesa e baixou a cabeça para tirar do pescoço o colar que estava usando. Não era bem um colar, observou Sigita, mas um crucifixo: um pequenino Jesus de ouro sobre uma cruz de madeira preta. Apesar das dimensões, via-se claramente a expressão de dor no rosto da imagem.

– Você acredita em Deus? – perguntou Julija.

– Sim – respondeu Sigita, pois aquele não era um bom momento para divagações sobre a fé ou a falta dela.

– Então jure sobre isto aqui. Toque este crucifixo e prometa que não vai contar à polícia nada do que eu vou contar.

Com delicadeza, Sigita pousou a mão sobre o crucifixo e reiterou sua promessa, mesmo achando que aquilo nada acrescentava à palavra já dada. Mas se fosse para apaziguar Julija...

– Ele nos mandou um envelope. Para que ficássemos sabendo o que ele tinha sido obrigado a fazer. Dentro do envelope estava uma das unhas da minha filha. Uma unha inteira. Eu sabia que era da Zita, porque na véspera eu tinha deixado que ela brincasse com meu esmalte. – Com a voz embargada, Julija acrescentou: – Depois ele falou que, se voltássemos a falar com a polícia, ia levar Zita de novo e dessa vez ia vendê-la para uns homens que ele conhecia. Desses que gostam de fazer sexo com meninas pequenas, sabe?

Sigita engoliu em seco.

– Mas, Julija... se ele for preso, não vai poder fazer nada contra sua filha.

– E você acha que eu posso correr esse risco? Ninguém fica preso para o resto da vida. Além do

mais, tenho certeza absoluta de que ele não está sozinho.

Para Sigita, era um milagre que ela tivesse tido a coragem de procurá-la.

– Eu não sabia que ele faria isso – sussurrou Julija, quase como se tivesse ouvido as palavras não ditas por Sigita. – Eu não sabia que ele levaria seu filho.

– Mas você conseguiu trazer sua filha de volta. *Como?*

Julija permaneceu calada por tanto tempo que Sigita receou não receber uma resposta.

– Eu entreguei... você – revelou. – Ele queria saber seu nome, e eu contei.

Sigita arregalou os olhos, perplexa.

– Ele queria saber *meu nome?*

– Sim. É que... nunca registramos as meninas. Lá na clínica, quero dizer. Os nomes não são anotados em nenhum lugar, porque os pais... isto é, os novos pais, todos eles dão um jeito de forjar

uma certidão de nascimento para os bebês. Como se eles fossem filhos legítimos...

Sigita sentiu uma pontada aguda em algum lugar do abdômen. Eu estava certa, pensou ela. Isso é castigo de Deus. Culpa minha, porque vendi meu primogênito. Havia naquilo tudo uma lógica sinistra que nada tinha a ver com as luzes da razão.

– Mas por quê...? O que ele queria comigo?

Julija balançou a cabeça.

– Não é bem ele. Ele é apenas um pau-mandado. Só pode ser o outro. O dinamarquês.

– Como assim?

– Ele apareceu lá na clínica uns meses atrás. Queria saber quem você era, estava disposto a pagar uma fortuna pela informação. Mas a Sra. Jurkiene não tinha o que dizer, já que não havia registro nenhum. No entanto, ele acabou me reconhecendo. Fui eu quem levei o bebê para ele naquela ocasião. O *seu* bebê. Então ele perguntou

se eu não me lembrava de algo sobre você, qualquer coisa que pudesse identificá-la. É claro que eu me lembrava de você. Você quase morreu e eu cuidei de você aquele tempo todo... Mas fiquei de bico calado, falei que não lembrava de nada.

Julija chorava enquanto falava, mas de um jeito estranhamente silencioso, como se os olhos estivessem apenas vertendo água. Calou-se por um instante, talvez para recuperar o fôlego, depois prosseguiu:

– Ele não quis acreditar em mim. Então ficou me oferecendo aquela dinheirama toda, insistindo para que eu dissesse algo. O outro homem estava lá com ele, meio afastado, os braços cruzados diante do peito, sem dúvida para proteger o dinamarquês milionário. Tipo um guarda-costas, sabe? Eu não estava entendendo por que ele queria encontrar você depois desse tempo todo. Então ele acabou indo embora e eu

achei que a história tivesse terminado aí. Mas não tinha.

– O dinamarquês... – Sigita tentava dar um mínimo de ordem aos pensamentos cada vez mais confusos. – Foi ele que...?

– Sim. Foi ele que ficou com seu filho. Com seu primeiro filho, quer dizer. – Julija a encarou com os olhos muito escuros e úmidos. – Achávamos que era a coisa certa a fazer, entende? Tanto para as meninas quanto para os bebês. Esse pessoal costuma ser muito rico: só com muito dinheiro para conseguir um filho dessa maneira. Acreditávamos que eles iam cuidar muito bem dos bebês, tratá-los como se fossem realmente seus. Que outro motivo eles teriam para querer que ninguém achasse que os bebês eram adotados? E as esposas... elas ficavam sempre tão contentes! Quando recebiam os bebês, os abraçavam com a maior emoção, choravam horas a fio... Mas, no caso do dinamarquês, foi só ele que buscou o

bebê, nunca vi a cara da mulher. Só fui me dar conta disso depois.

– Você disse que *achava* que era a coisa certa a fazer. Não acha mais?

– Sim. Na maioria dos casos, pelo menos. Mas já dei meu aviso prévio lá na clínica. Não quero mais trabalhar para eles. Não vai ser fácil, porque o salário é muito bom e Aleskas é professor, não ganha muito. Mas não quero mais saber daquela clínica.

– Ainda não entendi... Foi o dinamarquês que levou Zita?

– Não diretamente. Foi o guarda-costas. Não sei o nome dele. Foi mais de um mês depois, eu até já me esquecera do dinamarquês. Ele não tinha acreditado quando eu disse que não me lembrava de você. Então pegou a Zita. Conteí que seu nome era Sigita, mas ele não se deu por satisfeito: também queria saber qual era seu sobrenome, onde você morava. Eu não sabia nada disso,

claro. Daí ele ficou me ameaçando, falando que ia machucar minha filha. Eu precisava fazer alguma coisa. Revirando a papelada lá da clínica, acabei encontrando um recibo assinado por sua tia, não por você. Mas isso deve ter bastado, porque ele acabou devolvendo Zita.

Fornecimento de ervas sortidas para a produção de medicamentos naturais: 14.426 litai.

Sigita lembrava-se muito bem do tal recibo. Quanto ao resto da história, ela ainda não estava entendendo nada.

– Se você fizer o que eles estão pedindo, vão devolver seu menino como devolveram a minha Zita.

– Mas eu não sei o que eles querem de mim! – choramingou Sigita. – Não me disseram nada!

– Talvez algo tenha dado errado – aventou Julija. – Talvez o guarda-costas não esteja conseguindo falar com o dinamarquês ou algo assim.

Sigita balançou a cabeça.

– Mesmo assim não faz sentido. – Repentinamente, ela ergueu os olhos para a enfermeira. – Você disse que a clínica não guarda nenhum registro das meninas. Mas e das pessoas que compram os bebês? Não tem nada sobre elas também?

– Claro que tem. Se não tivesse, como íamos poder registrar os nascimentos?

– Ótimo. Então me dê o nome dele.

– Do dinamarquês?

– Sim. Julija, você me deve isso. E o endereço também, se puder.

Julija ficou apavorada.

– Não posso.

– Claro que pode. Você fez a mesma coisa para salvar sua filha. E agora vai ter que me ajudar a salvar *meu* filho. Caso contrário... – Sigita engoliu em seco, descontente com o que estava para dizer. Mas era a vida de Mikas que estava em jogo. – Caso contrário, vou ter que procurar a

polícia para que *eles* consigam o nome do dinamarquês lá naquela clínica.

– Mas você prometeu! Jurou sobre o corpo de Cristo!

– Eu sei. E realmente não quero quebrar minha promessa.

Julija ficou muda por um tempo, paralisada feito um animal acuado. Era difícil olhar para ela.

– Amanhã de manhã eu tento – disse afinal –, antes de a secretária chegar. Mas... e se eu não encontrar?

– Vai ter que encontrar – retrucou Sigita. – Vai ter que encontrar, Julija.



O telefone tocou pouco antes das nove na manhã seguinte.

– O nome dele é Jan Marquart – informou Julija. – Anote aí o endereço...

NINA ACORDOU QUANDO ALGUÉM ESMURROU a janela do carro com golpes fortes e rápidos. Abriu os olhos a tempo de avistar a corcunda de um homem que atravessava a rua às pressas, seguindo para a Estação Central. Acima dos inúmeros postes de luz da Reventlowsgade, o céu amanhecia cinzento.

Sentindo a rigidez da nuca, ela se lembrou vagamente de ter passado a noite quase inteira se debatendo com o peso da própria cabeça. Era mesmo difícil dormir no interior de um carro, mas nem o desconforto havia impedido que ela caísse no sono. Aos poucos, afastou os joelhos que ainda pressionavam o banco do motorista, alheia aos protestos dos músculos e tendões.

Abriu a porta do carro e alongou as pernas na direção da calçada.

O menino ainda dormia. Esparramara-se no banco durante a noite e agora espichava os braços com as palmas das mãos viradas para cima. Sem dúvida esquecera onde estava, pensou Nina com uma ponta de inveja. Mesmo dormindo, ela não havia podido contar com a dádiva do esquecimento e agora se sentia tão cansada quanto na véspera.

Devagar, saiu do carro e caminhou alguns passos para afugentar o formigamento das pernas. Ainda tinha mais de seis horas pela frente até que pudesse ir ao encontro da prostituta lituana, e dali a pouco o sol se encarregaria de transformar a região de Vesterbro num forno fedendo a óleo diesel. Ela precisava encontrar algum refúgio temporário, de preferência em algum lugar que incluísse a possibilidade de um banho. Nina

podia sentir o cheiro azedo do próprio suor a cada movimento que fazia. Sentia-se imunda e exausta.

O menino se remexeu no banco, ainda sonolento, mas despertando aos poucos. Espreguiçou-se e ficou ali por um bom tempo, fitando o estofamento à sua frente com os olhos semiabertos. Virou o rosto e olhou para Nina, reconheceu-a, e o doce semblante do sono subitamente deu lugar a um discreto esgar de decepção. Mas algo mudara. A carranca ainda estava lá, mas não a hostilidade. Percebia-se no olhar dele uma centelha de familiaridade, de segurança, talvez inspirada por tudo aquilo que haviam passado juntos no dia anterior. O olhar vazio de Karin, a poça de sangue sob a cabeça dela, a fuga atabalhoada do chalé, as prostitutas na Helgolandsgade, as fatias de pão seco.

Ele agora sabia com quem podia contar. Só não sabia por quê.

Nina deu um pequeno sorriso. Foi só o que conseguiu produzir. Ainda nem eram seis horas da manhã e a perspectiva de mais um longo e solitário dia com um menino desconhecido a tiracolo roubou o pouco ar que ela ainda tinha nos pulmões. Não, aquilo não seria possível.

Só então aventou a possibilidade de voltar para casa.

A ideia lhe parecera totalmente fora de propósito após os acontecimentos malucos da véspera, mas a conversa fria e difícil que tivera com Morten agora parecia flutuar distante nos confins de sua lembrança. Ela nem sabia dizer se ele estava tão furioso quanto pensava. Talvez não. Talvez ele até fosse capaz de entender por que ela e o menino haviam precisado sumir do mapa. Bastava encontrar a forma certa de contar a ele. Ela poderia dizer que a história sobre Karin fora apenas um pretexto que tinha inventado, que na verdade ela havia sido convocada pela rede e que

o menino ficaria com eles por apenas alguns dias até ser mandado de volta para os parentes em... na... Inglaterra, talvez. Era bem possível que Morten engolissem uma história assim.

Morten não gostava que ela trabalhasse com os residentes ilegais. Em princípio concordava que algo precisava ser feito. Opunha-se com fervor à política do governo no que dizia respeito aos refugiados e aos demais imigrantes; ficava muito aborrecido quando ouvia no noticiário mais uma história grotesca sobre alguma deportação ou alguma família despedaçada. Seu problema com a rede era apenas pessoal. Morten achava que aquele trabalho não fazia bem à mulher. Achava que Nina se dedicava a ele apenas para fugir de si mesma e dos próprios filhos, daquilo que deveria ser sua vida familiar. Quando estava de bom humor, brincava com ela, acusando-a de ser viciada em adrenalina. Quando estava puto, não dizia muita coisa, mas sua antipatia pela rede crescia

proporcionalmente ao número de noites que Nina passava fora de casa.

O apartamento de Østerbro. Naquele momento não havia no mundo outro lugar em que ela preferisse estar. Céus, como ela queria voltar para casa... Subir aquelas escadas com o menino no colo, talvez deixá-lo diante da TV enquanto botava a água do café para ferver e tomava sua tão sonhada ducha naquele banheiro apertadinho, naquele chuveiro de cortina com desenhos de polvo. Ficaria uma eternidade sob a água quente, lavando os cabelos com seu xampu ecologicamente correto, sem perfume, cheirando apenas a limpeza. Em seguida, ainda de pés descalços, iria à cozinha e arrumaria a mesa para um café da manhã com leite, cereal, uvas-passas e muito açúcar. As crianças teriam que ir para a escola e o menino poderia dormir mais algumas horas na cama de Anton até que eles precisassem voltar a Vesterbro para falar com a lituana.

Sim, era isso que ela iria fazer. Voltar para casa. Nina sentiu um alívio profundo, quase físico, como se alguém tivesse literalmente tirado um peso de seus ombros. Olhando pelo retrovisor dentro do carro, ela sorriu com sinceridade para o menino ao arrancar com o carro para pegar a Åboulevarden. Ah, como tudo mudava de figura pela manhã, mesmo numa manhã como aquela! Morten com certeza a ajudaria. *Claro* que ajudaria. Por que diabos ela havia pensado que não?

MORTEN FAZIA UM CAFÉ PARA O INSPETOR de terno e para si mesmo; o policial uniformizado já havia aceitado um refrigerante. Suas mãos se deslocavam em rotinas desde muito automatizadas, sem nenhuma orientação do cérebro: encher a chaleira de água, acender o fogo, limpar o bule, abrir a lata do pó.

Sua mulher pode muito bem estar morta, susurrou uma voz cínica em sua cabeça. E você aí, fazendo café.

– Leite, açúcar?

– Só leite, obrigado.

Morten abriu a geladeira e correu os olhos pelo conteúdo: embalagens de presunto cru, frascos de mostarda, conservas de pepino e beterraba... Quatro e meia da manhã. Ele podia sentir o

cheiro de suor noturno que seu corpo exalava, sentia-se sujo e disfuncional.

– Ela disse que Karin estava doente, ou não estava se sentindo bem, alguma coisa assim. Não lembro direito. Mas falou que a amiga estava precisando de ajuda.

– E quando foi isso?

– Ontem à tarde. Pouco depois das cinco. Ela deveria ter ido buscar Anton na creche. Anton é o nosso filho caçula. Deveria, mas esqueceu.

– Isso foi um acontecimento incomum?

Morten balançou a cabeça de modo vago, um gesto de dúvida mais que de negação.

– Houve um tempo em que ela andou meio... ausente. Mas não ultimamente. Não, ela... Acho que ela se distraiu porque estava preocupada com Karin. Elas foram colegas na escola de enfermagem, eram muito próximas... Mas já fazia um tempo que não se viam.

Ele pôs o bule sobre a mesa e buscou as xícaras. Serviu o leite na jarrinha de aço inoxidável que ganhara dos pais.

Nina também poderia estar morta.

– Vocês não estiveram com ela em nenhum momento? – perguntou Morten.

– Não. Um vizinho ouviu alguém gritar. Foi ele quem encontrou o corpo.

– Quem gritou? Karin?

– Achamos que não. Acreditamos que nessa altura ela já estava morta havia algum tempo. Não sabemos de onde veio esse grito, mas nossa testemunha tem certeza absoluta do que ouviu. Não chegou a ver ninguém, mas ouviu um carro indo embora. Não sabemos que tipo de carro era, nem se era sua esposa que estava nele, ou alguma outra pessoa deixando a cena do crime. Nossa equipe ainda está vasculhando a área com cães farejadores. Foi assim que encontramos o celular da sua esposa.

A incerteza não era nenhuma novidade para Morten, que no passado já havia sofrido com ela durante dias, por vezes até semanas, numa época em que os telefonemas de Nina vinham ficando cada vez mais espaçados e ele imaginava coisas horríveis em razão daquilo que via na TV. Mas o que estava acontecendo agora era bem pior. Mais específico. Mais perto de casa. Morten foi tomado de uma raiva estranha. Aquilo não era Darfur, porra. Não era para estar acontecendo ali, nem agora que ela voltara para casa.

O inspetor bebeu o café.

– Que altura tinha sua mulher? – indagou.

– Um metro e sessenta e nove – respondeu Morten automaticamente.

E então paralisou-se, com a xícara a meio caminho da boca, cogitando se a pergunta fora feita para a identificação de Nina ou do corpo dela. Depois se deu conta de que talvez houvesse uma terceira possibilidade.

– O senhor não acha que... que ela possa... que ela possa ter alguma coisa a ver com esse assassinato, acha?

– Ainda estamos esperando pelos resultados da autópsia. Mas os golpes foram muito violentos, desferidos com muita força. Tudo indica que o assassino é um homem.

A resposta não trouxe nenhum alívio para Morten.

Dali a pouco, Anton surgiu à porta da cozinha. Os cabelos estavam úmidos de suor e o pijama de Homem-Aranha, grande demais, havia deslizado de um dos ombros, deixando-o à mostra.

– Mamãe já chegou? – perguntou ele, esfregando o olho com o dorso da mão.

– Ainda não – respondeu Morten.

Anton franziu a testa. Ao que parecia, ainda não havia registrado a presença dos dois desconhecidos, pois arregalou os olhos quando viu o policial uniformizado. Chegou a abrir a boca,

mas não disse nada. Morten se sentiu impotente, sem saber que explicação compreensível poderia dar para um menino de 7 anos.

– Volta pra cama, vai – foi só o que falou, como se nada de importante estivesse acontecendo.

Anton fez um breve aceno de cabeça e saiu em disparada para o quarto, pisoteando o corredor com os pezinhos descalços.

– Quando sua mulher aparecer, por favor nos avise imediatamente – pediu o inspetor. – Ela é uma testemunha importante.

– Claro – concordou Morten, agora mais impotente do que antes.

Se ela aparecer.

O TRÂNSITO NA JAGTVEJ JÁ COMEÇAVA a aumentar sob o céu cinzento da aurora, mas as ruas secundárias em torno da Fejøgade ainda estavam desertas de carros e pedestres. Talvez por isso ela tivesse avistado imediatamente a viatura. Sem as luzes azuis de um carro de polícia, poderia muito bem ser confundido com um táxi, mas estava estacionado de um jeito displicente, como se o motorista não tivesse se dado o trabalho de parar junto ao meio-fio. Nina ainda teve tempo de pensar que aquele era o tipo de desleixo que o marido tanto abominava: Morten com certeza ficaria irritado se o carro ainda estivesse ali quando ele saísse para levar as crianças à escola. Então ela se deu conta de que a engenhoca sobre o teto do carro não era de um

táxi. Viu também que as luzes estavam acesas em seu apartamento no terceiro andar.

Morten não teria se levantado tão cedo. Tinha um horário de trabalho flexível quando não estava nas plataformas e, embora estivesse sozinho com as crianças, poderia dormir até bem mais tarde desde que o café estivesse pronto às sete e meia. Ainda eram 5h58. Cedo demais.

Nina passou direto por seu prédio, sem reduzir a velocidade. Era possível, claro, que os policiais tivessem parado ali apenas para tomar seu café matinal num lugar tranquilo, mas, nesse caso, por que Morten estaria de pé? O mais provável era mesmo que estivessem atrás dela. Por causa de Karin? Ou por causa do garoto?

Nina não queria acreditar no que estava acontecendo. Já exaurida pelos acontecimentos da véspera, viu-se atropelada por uma nova onda de cansaço quando pensou que seria obrigada a abrir mão de sua tão sonhada ducha quente e de um café normal em companhia da família. Parou o Fiat mais adiante e ficou ali, com as mãos plantadas no volante, o pé na embreagem, tentando decidir o que fazer.

Parte dela queria dar um ponto final naquela história. Sem drama.

Poderia entregar o menino aos profissionais da lei, e fazê-lo de um modo tranquilo, ordeiro, para que ele não ficasse desnecessariamente assustado. Se de fato quisesse, convenceria a si mesma de que estava fazendo a coisa certa, de que o menino seria muito bem cuidado em alguma instituição em Amager, e que para ele, dali em diante, o brutamontes da estação não passaria de um simples pesadelo numa infância feliz e segura. O

Serviço de Imigração dispunha de intérpretes; não precisavam sair à cata de prostitutas lituanas com rabo de cavalo e pernas de potranca. Caso o menino tivesse uma mãe responsável e amorosa em algum lugar, ela sem dúvida seria encontrada.

Só Deus sabia o quanto queria acreditar nessas coisas todas. Todo santo dia ela colocava em prática suas técnicas de distanciamento, tentando não se importar com cada coisa que havia de errado no mundo. Ou melhor... importando-se, sim, mas de modo civilizado, ainda com um louvável nível de engajamento, mas deixando-o de lado sempre que voltasse para o marido e os filhos, sem nenhum prejuízo à solidez de suas convicções humanistas. Naquele exato momento, Nina se sentia mais como uma daquelas fanáticas de cabelos desgrenhados e olhos esbugalhados das sociedades de proteção animal. Tão desesperada quanto. Tivera sua cota de dias pacatos, felizmente, mas sempre que ousava pensar que aquela

serenidade talvez fosse permanente, vinha uma Natasha ou uma Rina, uma Zaide ou uma Li Hua, para pôr abaixo suas defesas. A realidade lhe arranhava a pele nua com a aspereza de uma lixa.

Nina enfim desligou o carro. Saiu, fechou a porta com delicadeza e olhou para trás, para a porta aparentemente sólida de seu prédio, para as janelas do terceiro andar. Ela poderia escolher. Poderia fazer o que qualquer um faria em seu lugar: levar o menino pela mão e subir com ele ao encontro da polícia, confiante de que havia feito tudo que se poderia esperar de um adulto responsável. Em seguida, acertaria os ponteiros com Morten, contando a ele toda a verdade numa daquelas torrentes confessionais que em geral desaguavam numa inflamada discussão sobre as prioridades dela, sobre as preocupações que ela causava, naquele território que de tão familiar chegava a ser reconfortante, e que terminava em muitas lágrimas e carinhos: as mãos dela sobre o

rosto dele, correndo da testa às bochechas e à nuca úmida. Um grande alívio.

Tudo isso poderia acontecer desde que ela se permitisse acreditar naquilo em que o resto do mundo parecia acreditar tão cegamente: que a Dinamarca era um porto seguro para aquela gente tão sofrida que chegava ao país.

No interior do apartamento, alguém andava de um lado para o outro em movimentos bruscos, feito um predador confinado numa gaiola. Nina reconheceu, aflita, o vulto alto e quase atlético de Morten. Depois, outro homem surgiu nas imediações da janela, mais baixo e roliço, gesticulando calmamente.

Um profissional, pensou Nina, cada vez mais contrária à ideia de subir. Morten estava nas mãos de um daqueles policiais que faziam cursos sobre a melhor maneira de lidar com civis sob pressão. Um policial que estaria dizendo coisas como “Estamos fazendo tudo que está ao nosso

alcance e somos muito bons no que fazemos” ou “Somos profissionais muito bem treinados, e o melhor que você pode fazer por Nina agora é confiar em nós”.

Esse mesmo policial diria a Nina algo nessa linha assim que o menino fosse entregue: “Vamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance para descobrir o que aconteceu a ele.”

De repente, Morten se aproximou da janela e olhou para a rua. Sem pensar, Nina recuou alguns passos. Ficou se perguntando se ele a tinha visto. A penumbra da aurora já dera lugar ao sol forte da manhã, expondo-a para quem quisesse ver. Mas ela estava a certa distância do prédio, e o Fiat se escondia em meio a outros carros. Nina ficou imóvel, ciente de que qualquer movimento chamaria atenção. Mas não conseguiu deixar de olhar. Morten enfim deu as costas para a janela e só então ela pôde voltar ao carro. Jogou-se no assento, bateu a porta e deu partida no motor. Ao

arrancar, pisou fundo no acelerador e o carro praticamente saltou para a rua, depois morreu. Ela havia se esquecido do freio de mão. Xingando, ligou o automóvel de novo e seguiu adiante. O instinto de fuga já se instalara outra vez e voltar atrás não era mais uma opção.

Nina ainda cogitava se Morten a tinha visto e, em caso afirmativo, se avisaria a polícia. Cerca de mil anos antes, quando eles se amaram pela primeira vez, ele havia erguido o rosto dela para fitá-la nos olhos, e o que se deu em seguida foi um momento da mais pura intimidade, da mais inabalável confiança. Agora, no entanto, ela não podia sequer confiar que ele a deixaria partir sem mandar a polícia no seu encalço. Restava-lhe apenas esperar que sim.

Olhando pelo retrovisor, ficou um tanto aliviada ao ver que a viatura continuava abandonada no mesmo lugar, com as luzes e os faróis ainda desligados. Pouco depois, um utilitário cinza

enorme, com um rack de teto cafona, surgiu na esteira do Fiat, bloqueando a visão da retaguarda. Bem, pelo menos ela agora poderia seguir mais tranquila com o menino no banco de trás. Ela sucumbiu à traiçoeira esperança de que Morten de fato a tinha visto, mas, de caso pensado, a deixara escapar. Era bem possível que ele tivesse feito algum sinal da janela, um discreto aceno talvez, e, no íntimo, torcesse por ela, esperando que ela conseguisse fazer o que precisava fazer, confiando nela, disposto a esperar pacientemente até que ela voltasse para casa, para os desenhos amalucados de Anton na geladeira, para as maquiagens baratas com que Ida começara a atulhar as prateleiras do banheiro. E quando aquilo tudo acabasse, aquele apartamento e tudo o que havia dentro dele seria o bastante para ela. Teria que ser.

Nina passou por um sinal amarelo quando entrou na Jagtvej. O trânsito da manhã ainda não

congestionava as pistas duplas da avenida, mas, atrás do Fiat, Nina ouviu um tumulto de buzinas e freadas. O utilitário que a seguia também havia furado o sinal amarelo no cruzamento, mas não a tempo de evitar o desastre: ele batera em outro mostrengo e agora se achava no meio da rua, bloqueando todo o tráfego na direção de Nørrebro.

Nina engatou a quarta marcha e seguiu indômita no seu pequenino Fiat, nutrindo no peito uma secreta satisfação com o acidente entre as duas jamantas poluentes. Esperava que os motoristas estivessem se divertindo bastante enquanto trocavam insultos e números de telefone, enquanto lamuriavam o estrago feito em seus carros. Uma espécie de justiça cósmica, pensou ela: quanto mais lataria, mais espaço para as batidas.

O MOTORISTA DO LAND ROVER BERRAVA para Jučas, nervoso, dedo em riste. Jučas não entendia uma só palavra do que dizia o imbecil, tampouco se importava com isso. Erguia as mãos num gesto de impotência e, não fosse pela viatura que vira estacionada a menos de 200 metros dali, já teria apagado o filho da puta. Não por uma questão de fúria, mas de frustração. Porra, como seria bom poder plantar um murro nos cornos daquele infeliz arrogante e sentir a cartilagem dele se rachando.

Forçou um sorriso e apontou para a frente intacta do Land Rover.

– Não foi nada. Meu carro, amassado um pouco, mas tudo bem. Tenha um bom dia.

Estilhaços dos faróis dianteiros do Mitsubishi salpicavam o asfalto, mas não havia nada a fazer naquelas circunstâncias. O que ele precisava era sair dali o mais rápido possível, antes que a putinha magricela sumisse de novo. Ignorando a ladainha do dinamarquês, que agora gritava em inglês, ele voltou para o próprio carro, deu ré e contornou o outro veículo.

– ... dirigindo feito um maluco por aí... Você acha que o sinal vermelho serve para quê? Decoração de Natal?

Juças apenas acenou e foi embora, pensando ter visto Nina dobrar à direita no cruzamento seguinte.

– Você viu para onde ela foi? – perguntou a Barbara, que levou um tempo para responder.

– Não – foi só o que ela falou.

Juças olhou de relance para a namorada. Ela parecia estranhamente distante, como se nada

daquilo lhe dissesse mais respeito. Talvez o acidente a tivesse deixado um pouco zonzá.

– Não foi nada sério – assegurou ele. – Só um farol quebrado. Eu mesmo conserto, se achar uma oficina.

Barbara não disse nada. Naquele momento, ele não tinha tempo para bajulá-la, para puxar papo e saber o que estava acontecendo. Ligou a seta para a direita, mas, claro, precisou esperar uma eternidade até que uma centena de ciclistas at-ravessasse a rua. Ficou se perguntando qual seria era o problema com a gente daquela cidade. Será que eles não têm dinheiro para comprar um carro? Parecia que metade da população insistia em se locomover sobre duas rodas, atrapalhando o trânsito.

Cruzamento seguinte. Ele hesitou, produzindo um clamor de buzinas às suas costas. Nenhum sinal do Fiat. Decidindo-se pela esquerda, logo se viu num labirinto de ruelas sem saída e canteiros

de flores, uma infinidade deles, sempre no meio da rua. Dando ré e pisando fundo no acelerador, tentou voltar à avenida, mas naquela altura já não havia muito o que fazer. Três ou quatro ruas mais adiante, ele enfim se deu por vencido.

– Merda! – rugiu, e esmurrou o volante com ambas as mãos. Estacionou assim que pôde e ficou ali, esperando a raiva diminuir.

– O menino estava com ela – comentou Barbara de repente.

– *O quê?* – Juças virou o rosto para encará-la. – Tem certeza?

– Tenho. Estava no banco de trás. Vi o cabelo dele.

Juças teria preferido o dinheiro, quanto a isso não havia dúvida, mas no pé em que estavam as coisas, o menino era quase isso. Melhor do que nada.

– Você falou que eles iam adotar o menino – lembrou Barbara.

– Hein? É, falei. E vão mesmo.

– Então o que ele está fazendo naquele carro?

Os pais adotivos não iam buscá-lo?

– Era esse o combinado. Mas aí a putinha dessa Nina Borg entrou na parada.

– Mas por que você tirou as roupas dele? – perguntou ela. – Foi para fazer a foto?

Juças respirou fundo, tentando manter a calma.

– Para que fosse mais difícil identificá-lo – respondeu. – Agora dá um tempo. Você só está pi-orando as coisas, fazendo esse monte de perguntas.

Não gostou nem um pouco do jeito como ela o fitou. Como se não confiasse mais nele.

– Porra, Barbara – rugiu. – Não sou desses pervertidos nojentos. Se por um minuto você chegou a pensar que...

– Não, não – ela logo tratou de dizer. – Não pensei nada disso.

– Ótimo. Porque não sou.



Juças voltou com o carro para a rua e ficou dirigindo a esmo, contando com a sorte. Mas o Fiat já havia realmente sumido de vista. Por fim, ele voltou para o prédio de Nina e parou nas imediações.

– Fique no carro – ordenou a Barbara. – Ela vai acabar voltando. Me liga quando a polícia for embora ou se você a vir com o menino.

– Para onde você está indo? – ela quis saber, voltando a fitá-lo, mas não como antes.

Juças sorriu. Tudo estava bem. Ela ainda contava com a proteção dele e era exatamente isso que ele pretendia lhe dar.

– Tenho umas coisinhas para fazer. Não vou demorar.

PASSAVA POUCO DAS SETE DA MANHÃ, e a piscina pública da Helgaskade fora aberta minutos antes. Nina fez o depósito para duas toalhas na recepção e subiu a ampla escadaria que levava ao vestiário feminino no primeiro andar.

Não havia quase ninguém entre o sem-número de armários, e as três mulheres que ali estavam, mudas e tímidas, davam as costas umas para as outras enquanto dobravam suas roupas, preservando sua privacidade naquele espaço essencialmente público. Uma delas era mais jovem, observou Nina, e as outras duas já deviam passar dos 40, ambas muito bem conservadas. Nenhuma se virou para olhar quando ela entrou com o menino encolhido a seu lado, tremendo um pouco em razão do friozinho da manhã.

Nina levou-o para o banheiro e ele fez xixi, os quadris projetados para a frente, as mãos cruzadas na nuca. Nina se lembrou de que Anton fazia a mesma coisa, só para alegar depois que não precisava lavar as mãos. Talvez aquilo fosse um hábito universal entre os meninos daquela idade. Ela sorriu ao pensar nisso.

As três mulheres já tinham se retirado para a caverna de ecos em que ficava a piscina quando ela voltou ao vestiário e começou a se despir com movimentos lentos e pesados por causa do corpo dolorido. Era como se ainda estivesse se recuperando de uma gripe forte. Tudo bem, não havia nenhuma pressa. Depois, plantou o menino num dos bancos de madeira chumbados à parede, foi para um dos chuveiros e deixou a água quente cair forte sobre o peito e a barriga.

Notou que andava se alimentando mal nos últimos tempos. Podia ver as costelas, que se projetavam sob a pele. Sempre fora muito magra,

mas começara a definir ainda mais com o nascimento dos filhos. As carnes foram sumindo: já não se viam mais as curvas macias que um dia ela tivera em torno das clavículas, dos ombros e dos quadris, o rosto estava chupado. Esquecer-se de comer não era um bom sinal. Mas era isso que acontecia sempre que ela se excedia no trabalho ou que Morten partia para as plataformas de Esbjerg. Ela perdia o apetite. Alimentava os filhos mecanicamente e não colocava nada na própria boca.

– Vamos comer alguma coisa mais tarde, ok? – prometeu ao menino. – Um café da manhã completo, que tal?

Ele não esboçou nenhuma reação além de arregalar um par de olhos curiosos e balançar as perninhas no ar. Nina voltou a lhe dar as costas, lavando o corpo com o sabão líquido que retirava do armazenador a seu lado. O perfume adocicado e forte era quase uma extravagância na aridez

cinzenta do vestiário e Nina se entregou àquele momento de prazer, deliciando-se com o banho quente, sentindo-se de novo limpa e viva. O vapor embaçava os espelhos e os boxes de vidro à sua volta. Depois de pegar mais um pouco de sabão, ela começou a esfregar os cabelos com gestos rápidos e vigorosos. Fazia pouco que os havia cortado bem curtinhos. Morten não entendia aquilo, mas não era ele quem precisava pelejar todo dia com uma cabeleira pesada, ressecada e indomável. Já estava com os cabelos nos ombros quando se decidiu pelo corte quase masculino, e para ela foi um grande alívio. Sobretudo no trabalho, pois agora não era mais necessário inventar um penteado politicamente correto antes de sair para a clínica. Muitos dos homens que habitavam os abrigos da Cruz Vermelha viam as funcionárias como um misto de carcereiras e servidoras públicas. Sentiam-se ao mesmo tempo superiores e humilhados, tal como explicara um

dos psicólogos da instituição. Devia ser isso mesmo. De qualquer modo, sempre havia uma possibilidade de conflito pairando no ar, e por causa disso Nina procurava se apresentar do modo mais neutro e assexuado possível. Quando cortou os cabelos curtos, o alívio foi estranhamente mútuo. Boa parte de sua feminilidade parecia ter sumido junto com os cabelos e Nina não sentia a menor falta dela. Morten, sim, mas fazia tempo que ela deixara de regular sua aparência de acordo com as opiniões do marido.

Nina correu a mão sobre o abdômen rígido e bem definido. Apesar dos dois partos, já não havia em seu corpo quase nada que indicasse a presença de uma mulher. Pobre Morten.

Percebendo que o menino se remexia impaciente no banco, Nina voltou à realidade, fechou o chuveiro e buscou uma das banheirinhas infantis que o lugar oferecia, enchendo-a. O menino não ofereceu nenhuma resistência quando ela

o despiu das roupas novas e o acomodou na banheira de plástico. Agachada, ela esfregou com calma os ombros dele, o peito, as costas e os pés. O menino ia recebendo tudo isso com surpreendente tranquilidade, seguindo com um dedinho os fiapos de água que escorriam do peito à barriga, e quando uma bolha de sabão milagrosamente se desprende da borda da banheira para estourar contra a cerâmica do piso, ele abriu para Nina um sorriso de deleite e surpresa – o primeiro desde que os destinos de um e de outro haviam se cruzado na véspera.

Nina sentiu uma nova onda de alívio. Não poderia afirmar com absoluta certeza, não era nenhuma especialista em pedofilia e abuso infantil, mas tudo levava a crer que o menino não fora vítima de semelhante barbaridade. Caso contrário, sem dúvida teria reagido de outra forma, com medo e desconfiança.

O alívio que ela sentiu foi quase doloroso na sua ferocidade. O menino ainda estava inteiro. A salvação, no sentido mais amplo da palavra, ainda era possível.

Nina tirou-o da banheira e secou-o com uma das toalhas. Depois, em silêncio, ambos começaram a se vestir e Nina penteou os cabelos dele com os dedos.

Quem seria aquele menino?

Nina observou pacientemente enquanto ele insistia em vestir sozinho a camiseta. Talvez tivesse sido sequestrado e trazido para a Dinamarca para ser explorado em algum esquema de prostituição ou abuso, mas por que diabos teria sido colocado dentro de uma mala e abandonado num guarda-volumes? Nina não tinha muita informação sobre esse tipo de crime. No trabalho, já tinha visto sua cota de degradação humana e brutalidade, mas naqueles casos os motivos não eram nada sutis, e os métodos, singelos demais para que o mais

pateta dos criminosos pudesse fazer uso deles. Ninguém precisava ser um gênio para dobrar um pai iraquiano que já gastara quase todo o seu dinheiro com os traficantes que o haviam ajudado a atravessar a fronteira. Tampouco era difícil atrair moças do Leste Europeu para o país e depois vendê-las por hora em lugares como a Skelbækgade. Um espancamento aqui, um estupro coletivo ali, um bilhete com o endereço da família dela em algum vilarejo da Estônia... em geral era isso que bastava para arruinar até mesmo o mais obstinado dos espíritos. E o melhor de tudo para os exploradores cínicos era que as pessoas comuns não davam a mínima importância a nada daquilo. Ninguém convidara aquele bando de refugiados, prostitutas e órfãos para a Dinamarca, ninguém sabia quantos deles havia no país. Os crimes cometidos contra essa gente nada tinham a ver com os dinamarqueses de direito, muito menos com a justiça local. Só as pessoas

retardadas como Nina é que não conseguiam tapar o sol com a peneira.

Nina era sensível demais e sabia disso. Sobre tudo quando havia crianças envolvidas. Nesses casos, ela se sentia tão frágil quanto a pele nova que nasce, fina e quebradiça como um pergaminho, para cobrir uma ferida ainda não cicatrizada. As coisas já eram suficientemente difíceis quando ela tinha apenas Ida, mas, com a chegada de Anton, sua emotividade com relação às crianças do centro da Cruz Vermelha havia adquirido proporções absurdas. Sabia, claro, que aquilo era produto da sua imaginação, mas por vezes era como se os olhares daquelas crianças a seguissem por toda parte, farejando a sensibilidade dela, atropelando suas poucas defesas para se instalar nas profundezas da alma.

As crianças recolhidas no abrigo do centro costumavam ser mais velhas que o menino da mala, pensou Nina. Tinham no mínimo 10 anos.

Muitas vezes a equipe de funcionários tinha tempo para formar apenas a mais superficial das impressões. Algumas delas, sobretudo as que vinham do Leste Europeu, haviam sido vendidas pelos pais e treinadas pelos compradores para mendigar e roubar; além disso, eram instruídas a fugir dos abrigos na primeira oportunidade, depois que eram recolhidas da rua. Assim que ouviam o celular tocar, tomavam o primeiro trem para os subúrbios e sumiam de novo no sub-mundo metropolitano de onde foram tiradas. Outras seguiam adiante, para a Suécia ou para a Inglaterra, onde eram esperadas por parentes. Outras tantas eram claramente sozinhas no mundo, trazidas para a Dinamarca com o único propósito de fazer dinheiro para seus proprietários. Feitas as contas, mais de setenta por cento sumiam dos abrigos sem que ninguém tivesse notícia delas depois.

Mas o menino da mala era novinho demais até para a mais inescrupulosa gangue de ladrões. Seria ele refém de algo? Faria parte de algum esquema para fraudar o sistema de seguridade social? Nina sabia que isso já havia acontecido antes, sobretudo na Inglaterra.

Ele era um menino bonito, percebeu ela de repente. Não sabia dizer que importância isso teria entre os pedófilos, mas por algum motivo a beleza o deixava ainda mais vulnerável. Não era difícil imaginar que em algum lugar do planeta algum tarado desalmado tivesse encomendado um pequeno europeu para uma noite de prazer. Ou várias noites. Fitando o menino parado à sua frente com a camiseta vestida ao contrário e as sandálias novas perfeitamente calçadas nos pezinhos magros, Nina teve engulhos só de imaginá-lo na cama com um adulto pervertido.

Obrigou-se a abrir um sorriso.

E imaginou que destino teria aquele menino caso ele fosse entregue à polícia. Algum orfanato na Lituânia? Nas mãos de algum parente que não pensaria duas vezes antes de vendê-lo outra vez a quem se dispusesse a pagar mais? Ou quem sabe nas mãos de um padraсто brutamontes de cabelos quase raspados e ombros de urso, cujas manzoras golpearam Karin até a morte? Nina sentiu um tremor. Não havia outro jeito: ela precisava descobrir algo sobre aquele menino.

Saiu com ele do vestiário, segurando-o com firmeza pela mão. A primeira coisa a fazer era providenciar algo para comer e, assim, tentar descobrir que igreja seria aquela que a prostituta lituana mencionara ao sussurrar “Sagrado Coração”.

O ENDEREÇO FICAVA NA DINAMARCA. Óbvio. Sigita não sabia dizer por que cismara que o dinamarquês morava na Lituânia. Mais uma vez baixou os olhos para aquelas letras de fôrma meticulosamente desenhadas e ficou pensando no que fazer.

Gužas telefonara meia hora antes de Juliya. Queria saber se ela tinha mudado de ideia quanto ao apelo na TV e se os sequestradores haviam feito algum contato. Ela dissera que não. Tampouco contara ao inspetor sobre Juliya e o dinamarquês.

Preciso ir à Dinamarca, pensou. Preciso encontrar esse homem e lhe perguntar o que devo fazer para ter meu filho de volta.

Mas, de súbito, um pensamento sinistro infiltrou-se em sua mente. E se não houvesse nada que ela pudesse fazer? E se o dinamarquês já tivesse nas mãos o que queria e pouco se lixasse para ela?

Ele quer meus dois filhos, pensou Sigita com um frio na barriga. Já tem o primeiro; agora quer o segundo.

Seu primogênito lhe havia aparecido em sonho durante as poucas horas em que ela enfim conseguira dormir, vencida pelo cansaço. Saíra da escuridão, grande como um adulto, mas com a cabeça de um feto, cego e calvo, nu e assexuado. Estendendo os braços para ela, entreabria a boca ainda malformada para sussurrar: “Mamãe... Mamããããããe...” Sigita recuara, apavorada. Mas então notara que ele trazia algo entre os braços compridos e azulados, ainda molhados de líquido amniótico. Era Mikas, que se debatia feito um peixe nos tentáculos de uma anêmona-do-mar.

“Mikas!”, berrara ela, mas o homem-feto já lhe dera as costas para voltar à escuridão, levando Mikas consigo.

Sigita acordara com a camisola embolada, o tecido ensopado de suor grudando no corpo feito uma segunda camada de pele.

Ela agora ligava para o aeroporto. Um voo sairia para Copenhague à 1h20 e a passagem lhe custaria 840 litai. Sigita tentou se lembrar de quanto dinheiro tinha no banco. O bastante para a passagem, mas... e quanto ao resto? Não seria nada fácil ter que se virar num país estrangeiro com pouco ou nenhum dinheiro. E pelo que ela ouvia dizer, as coisas lá fora eram muito mais caras.

Quem sabe Algirdas não pudesse lhe dar um adiantamento?

Talvez. Mas não sem fazer perguntas. Sigita refletiu um instante. Preciso ir, decidiu. Com ou sem dinheiro. A menos que eu ligue para Gužas

agora mesmo e deixe tudo nas mãos dele. Nesse caso, é bem possível que eles façam mais alguma barbaridade contra Zita. Nina ficou pensando naquela família tão pequena e sofrida, nas mãozinhas que Zita fechava feito garras sobre as teclas do piano, no pavor e no desespero de Julija. Não, ela não poderia fazer nada que trouxesse esse tipo de consequência para a família da enfermeira. Além disso, também era provável que eles fizessem algo a Mikas. Sigita ainda não conseguia tirar da cabeça a imagem da unha que Julija havia recebido num envelope. O que não era nada, absolutamente *nada*, levando-se em conta tudo aquilo de que eram capazes semelhantes monstros.

O voo para Copenhague ainda era dali a muitas horas.

Sigita resolveu visitar sua tia Jolita pela primeira vez em oito anos.

Pah... Pah... Pah... Pah... Um enorme bate-estacas amarelo cravava no chão o alicerce de mais um prédio novo e, a poucos metros de distância, um guindaste içava mais um bloco pré-fabricado de concreto para colocá-lo no lugar. Ao que parecia, alguém decidira que havia espaço suficiente para mais um prédio residencial no terreno gramado envolto por edifícios cinzentos da era soviética. O ar se empestava de poeira e fumaça e o asfalto das ruas sofria com o peso dos tratores. Sigita sentiu pena dos habitantes do bairro. Dez anos antes, Pašilaičiai, onde ela morava, nem sequer existia e por vezes ela chegava a pensar que aquilo não era bem um bairro, mas uma grande obra sem prazo de entrega. Apenas recentemente eles haviam reinstalado os postes de luz e as calçadas após a última e caótica série de construções.

Sigita entrou no prédio da tia e, deixando para trás a barulheira infernal, foi escalando devagar os degraus até o terceiro andar.

A campainha foi atendida por uma senhora muito magra e de cabelos grisalhos. Sigita levou alguns segundos até perceber que ali estava sua tia. Jolita também precisou de um tempo para reconhecer a sobrinha.

- O que você quer? – indagou ela.
- Preciso lhe fazer algumas perguntas.
- Vai, pergunta.
- Será que posso entrar?

Jolita refletiu um instante, depois deu um passo para o lado, deixando que Sigita passasse ao estreito hall do apartamento.

– Sem barulho, por favor – pediu. – Tenho um inquilino que é barman. Trabalha até as quatro, cinco da madrugada. Fica furioso quando é acordado antes do meio-dia.

O barman habitava o que costumava ser a sala, constatou Sigita enquanto acompanhava a tia até a cozinha pequena e comprida. Uma senhora de mais idade sentava-se à mesa minúscula,

tomando seu café. Outras duas xícaras limpas esperavam na mesa para serem usadas, viradas de cabeça para baixo sobre os pires de modo que ficassem protegidas da poeira e das moscas, exatamente como a mãe de Sigita também costumava fazer. O perfume do café recém-preparado vinha da cafeteira nova que ainda se achava ao lado da caixa de onde saía. Sobre a mesa também havia uma garrafa de xerez e um prato de cupcakes com cobertura de marzipã.

– Esta é a Sra. Orlovienè – apresentou Jolita. – Greta, esta é minha sobrinha, Sigita.

A mulher meneou a cabeça com certa reserva.

– A Sra. Orlovienè está alugando o quarto dos fundos – prosseguiu Jolita. – Portanto, não vai dar para você voltar, se era isso que estava pensando.

– Não – retrucou Sigita, um tanto assustada. – Não foi para isso que eu vim.

Que diabos haveria acontecido a tia Jolita que ela tinha na lembrança? Os cabelos negros feito carvão, a maquiagem colorida, o jazz na sala, os cigarros do professor? Daquela primeira Jolita so-
bravam apenas os brincos de argola que ainda balançavam rentes ao pescoço encarquilhado, agora mais ridículos do que exóticos. Como era possível que alguém envelhecesse tanto em oito anos? Era de dar medo.

– Então você só pode ter vindo para se desculpar – aventou Jolita.

– *O quê?*

– Bem, foi o que pensei. Afinal, não seria de todo descabido que você enfim estivesse sentindo um pouquinho de culpa por ter cuspidido na cara de uma família que sempre a amou e que só tentou ajudá-la.

Sigita ficou tão perplexa que num primeiro momento nem sequer conseguiu se defender.

– A senhora... Você... Eu... – gaguejou ela. – Nunca cuspi na cara de ninguém!

– Oito anos sem dar notícias... Se isso não é uma bela cusparada, então não sei o que é.

– Mas...

– Primeiro eu tive pena de você. Aqueles problemas todos, e você tão novinha. Queria ajudar. Mas você fez comigo exatamente o que fez com seus pais. Sumiu do mapa sem nem olhar para trás, sem ao menos um “obrigado”.

Sigita ficou ali, boquiaberta. De repente notou o interesse com que a Sra. Orleviené vinha acompanhando a conversa: com os olhinhos brilhando e os lábios entreabertos, ela dava a impressão de que estava assistindo a um capítulo de novela.

– Sua avó Julija morreu, você sabia disso? – perguntou Jolita.

– Sabia – ela conseguiu dizer. – Mamãe... ela me mandou uma carta. – Duas semanas após o enterro. Sigita havia sofrido muito com todo o

episódio, mas não tinha a menor intenção de deixar que a tia soubesse.

– Café? – ofereceu a Sra. Orlovienè, erguendo uma das xícaras não usadas. Depois apontou para o braço engessado de Sigita. – Quebrou?

– Quebrei – respondeu ela automaticamente. – Quanto ao café, não, obrigada. Jolita, alguém apareceu aqui para fazer perguntas a meu respeito?

– Sim – falou Jolita sem hesitar. – Um rapaz esteve aqui semanas atrás. Queria saber seu sobrenome, onde você morava.

– E o que você fez?

– contei a ele – disse Jolita com calma. – Por que não contaria?

– Era um rapaz educado – acrescentou a Sra. Orlovienè. – Não exatamente o que eu chamaria de um cavalheiro, mas educado.

– Como era esse rapaz? – perguntou Sigita, muito embora tivesse quase certeza de que já sabia.

– Grande – disse a Sra. Orlovienè. – Feito um desses... como é mesmo que eles chamam agora? – Ela ergueu os braços esqueléticos para arremedar a pose de um halterofilista. – E quase careca. Mas muito educado.

Por fim, os pensamentos de Sigita começaram a se organizar em sua mente, em vez de se atropelarem num caos aleatório. Sabia que Jolita jamais teria aceitado inquilinos se não tivesse sido obrigada pelas circunstâncias. Claro que não havia mais nenhum professor nas segundas e quintas. Provavelmente, nenhum emprego também. Mas havia xerez e bolo na mesa, além de uma nova máquina de fazer café.

– Ele lhe deu algum dinheiro? – perguntou à tia.
– Não é da sua conta.

O que equivalia a “sim”. De súbito, Sigita pegou na prateleira a velha lata de café em que Jolita costumava guardar o macarrão. O macarrão e outras coisinhas mais.

– Sigita!

Jolita ainda tentou detê-la, mas Sigita fora mais rápida. Com o braço engessado, ela agora apertava a lata contra o peito para destampá-la com a mão direita, e quando Jolita tentou pegá-la para si, o recipiente foi ao chão e o macarrão se espalhou sobre o surrado linóleo da cozinha. Sigita logo fincou o pé sobre o envelope pardo que também caíra.

– Onde você estava com a cabeça? – urrou ela, não conseguindo se controlar.

– Shhhh! – fez Jolita. – Você vai acordá-lo.

– Um homem que você nunca viu na vida aparece aqui e oferece dinheiro para você dizer quem eu sou! Um homem que mais parece um

gorila! Onde você estava com a cabeça? Sabia que ele levou o meu Mikas, sabia?

– Eu não tenho culpa!

– Você facilitou as coisas – acusou Sigita com a voz trêmula. – Você me vendeu. E nem me alertou. E depois levaram Mikas!

Boquiaberta, a Sra. Orlovienè por pouco não deixou a xícara cair, e foi nesse instante que a porta da cozinha se escancarou, revelando a figura de um rapaz seminu, vestindo apenas cuecas pretas, com cara de pouquíssimos amigos. Os cabelos tingidos de azul se espetavam nas mais diversas direções, ainda emplastrados de gel.

– Que gritaria é essa aqui, porra!? – rosnou ele.

Ninguém deu mais um pio. A Sra. Orlovienè escorregou um pouco na cadeira, numa vã tentativa de desaparecer. Jolita permaneceu imóvel, a não ser pelas mãos que agora ela esfregava uma contra a outra, nervosa, um gesto que Sigita conhecia muito bem.

– E você aí, quem é? – perguntou o rapaz, fulminando Sigita com o olhar.

– É minha sobrinha – respondeu Jolita. – Veio fazer uma visita, mas já está de saída.

– É melhor que esteja mesmo – disse o barman.
– Tem gente aqui que precisa dormir, porra.

Em seguida, voltou à sala, batendo a porta da cozinha às suas costas. Segundos depois, e com ainda mais força, bateu a da sala, fazendo com que as paredes do apartamento tremessem um pouco.

Sigita enfim pôde pegar o envelope no chão. Dentro dele havia oito notas de 500 litai e mais algumas de valor menor. Sigita não se deu o trabalho de contá-las.

– Quatro mil litai – falou ela. – Foi esse o seu preço?

– Não – respondeu a Sra. Orlovienê. – Primeiro ele queria pagar apenas 3 mil, mas no fim concordou com 5 mil.

Jolita fez um gesto para silenciá-la. Em seguida, voltou-se para Sigita.

– Não vejo o porquê de tanto drama. Se um imbecil se dispõe a pagar 5 mil litai por uma informação que está na lista telefônica, que motivo eu teria para recusar?

– Ele não sabia meu sobrenome, e você contou para ele – retrucou Sigita, pegando 3 mil litai do envelope.

– Que *diabos* você está fazendo?

– Esta vai ser a sua contribuição. Preciso deste dinheiro para trazer meu filho de volta – explicou Sigita, e jogou no chão o envelope com o resto das notas.

A Sra. Orlovienė o apanhou com uma agilidade incrível. Jolita ficou onde estava, encarando a sobrinha. Então balançou a cabeça e disse:

– Você se acha uma vítima, não é? Coitadinha da Sigita, teve uma vida tão difícil... Mas aposto que você nunca parou para pensar no que tem

sido a vida para sua mãe. Depois que você sumiu daquele jeito, sem ao menos deixar um bilhete. Ela perdeu uma filha. Já parou para pensar nisso, Sigita? Parou?

A acusação teve o efeito de um soco no estômago de Sigita.

– Minha mãe sabia muito bem onde eu estava. Sempre soube. Foram eles que viraram as costas para mim, não o contrário.

– Você se deu o trabalho de perguntar?

– Como assim?

– Você fica lá, naquele seu apartamento chique, esperando que eles vão visitá-la, não é isso? Mas foi você quem fugiu de casa. É você que precisa tomar a iniciativa se quiser voltar para casa outra vez.

Agora não, pensou Sigita. Não estou em condições de pensar nisso agora. Ela baixou os olhos para o relógio. O avião partiria dali a duas horas.

– Tenho que ir – avisou, mas ficou ali, esperando, mesmo sem saber o quê.

Jolita suspirou.

– Leve a porcaria do dinheiro – cedeu. – Espero que você consiga trazer o menino de volta.

JESU HJERTE KIRKE, ERA ESSE O NOME em dinamarquês. A Igreja do Sagrado Coração ficava na Stenosgade, espremida entre uma loja de roupas femininas e uma escola particular.

Nina havia perguntado a uma senhora na confeitaria da Istedgade, onde comprara rosquinhas para ela e para o menino. Elas tinham pelejado um pouco com a tradução; Nina supôs que se tratasse de uma igreja católica, e os conhecimentos da tal senhora sobre o lugar haviam ajudado no restante.

Depois disso, Nina entrara num bar pequeno e imundo, um lugar chamado “A Caverna”, e o barman havia permitido que ela usasse não só o banheiro, mas também o telefone. Ela tinha

ligado para Magnus, mas a conversa com o chefe foi breve e insatisfatória.

– *Fan i helvete*, onde você se meteu? A organização dos turnos já foi para o espaço e Morten está ligando desde as sete horas. A polícia está atrás de você, Nina. Por acaso isso tem alguma coisa a ver com Natasha? – falou Magnus com seu forte sotaque sueco, e tão depressa que Nina nem sequer teve tempo de responder, pois ele continuou: – Não. Não precisa falar nada. Eu nem quero saber. Só me diz uma coisa: você... está bem? Morten quer saber se você está bem.

Nina respirou fundo.

– Sim, estou bem – respondeu ela. – Mas não vou voltar hoje. Por favor, fale para Morten que ele não precisa se preocupar.

Seguiu-se um tempo até que Magnus dissesse algo. Nina pôde ouvir quando ele encheu os pulmões enormes para depois bufar ruidosamente.

– Bem, já que você não morreu... ele pediu para lhe dizer que... – Magnus hesitou de novo e, baixando a voz quase a ponto de não ser ouvido, acrescentou: – Pediu para dizer que esta foi a última vez. Se você voltar viva, esta foi a última vez.

Nina sentiu uma pontada forte no peito e segurou o fone a certa distância, lutando para controlar a voz.

– Se eu voltar viva – repetiu ela, com um risinho débil. – Quanto drama. Quanto drama desnecessário. Por que eu não estaria viva? Estou ótima. Só que preciso fazer uma coisa.

Magnus resmungou algo para si mesmo, depois voltou à linha e, pela primeira vez, pareceu irritado:

– Tudo bem. Se você não quer ajuda de ninguém, Nina, é você que sabe. Mas Morten estava muito preocupado, pode acreditar. Falou que a polícia encontrou seu celular.

Ouvindo isso, Nina sentiu um demorado frio na espinha. Bateu o telefone tão forte que o barman da Caverna ergueu as sobrancelhas e sorriu ironicamente para os dois clientes empoleirados à ponta do balcão. Nina nem sequer tomou conhecimento. Impaciente, tomou a mão do menino, arrancou-o da partida de futebol de botão que ele vinha acompanhando com interesse e saiu arrastando-o para o carro, alheia aos protestos. Estava estressada demais para se preocupar. Saiu com o Fiat, dobrou a esquina na Halmtorvet e foi seguindo pela Stenosgade enquanto acompanhava os segundos no relógio do carro: 13, 14, 15...

Ficou irritada ao se dar conta de que movia os lábios. Estava contando os segundos em voz alta. Meu Deus, será que estou ficando louca?

Louca. Maluca. Mentalmente debilitada. (Talvez a ponto de estar fazendo tudo aquilo de propósito?)

Ela conseguiu estacionar o Fiat diante da igreja, numa vaga pequena demais para a maioria dos carros. No banco de trás, o menino olhava pela janela de modo acintoso, tendo decidido que não olharia para Nina. A confiança e a docilidade que havia demonstrado durante o banho já não estavam mais lá. Com certeza não a perdoava pela violência com que fora arrancado do bar para ser jogado no carro.

A luz forte do sol turvava os números do relógio. Nina se recostou no banco e tirou da sacola da confeitaria uma rosquinha e uma garrafa de água mineral. Não estava com fome, mas reconhecia aquele tipo de letargia dos dias longos e escaldantes que, sem nenhum apetite, ela passara nos acampamentos de Dadaab. Se não ingerisse algo, logo, logo não conseguiria mais formular um pensamento coerente. Ela apenas mordiscava o biscoito seco e insípido para depois engolir os pedacinhos com um gole de água morna.

Dali a pouco, saiu para a calçada e correu os olhos pela igreja.

Jesu Hjerter Kirke, Sacred Heart, Sacré Coeur. As traduções em inglês e francês vinham em letras um pouco menores, logo abaixo do nome dinamarquês. Um nome muito católico, pensou Nina com seus botões, cheio de dramaticidade mas com pouco significado. A moça lituana de certo era católica, caso contrário, não saberia sequer da existência daquela igreja.

A missa estava anunciada para as cinco da tarde, observou Nina, mas naquele momento as portas estavam fechadas, um cadeado pendurado ao enorme portão de ferro fundido que dava acesso ao adro.

Nina voltou para o carro, olhando a igreja com uma vaga sensação de desconforto. Em Copenhague deveria haver muitas outras igrejas semelhantes, sólidos blocos de tijolos vermelhos espremidos entre prédios residenciais, uma ou duas

torres apontando para o céu. Aquela parecia particularmente espremida se comparada aos amplos terrenos da Catedral de Viborg (cidade em que seu pai fora enterrado) e das igrejinhas caiadas nas paróquias rurais a seu redor.

(Vai tu até lá, e cava a minha cova.)

Nina correu os olhos pela rua, procurando pela lituana, imaginando se ela iria mesmo aparecer. Se aparecesse, tentaria comprar algumas horas do tempo dela. Virou-se para o menino, mas ele ainda se recusava a fitá-la. O sol ricocheteava de uma janela qualquer, obrigando-o a apertar os olhos.

(Ah, este mundo é frio, e toda a sua luz é apenas sombra.)

Nina estremeceu e, sem pensar, jogou a toalha de piquenique sobre as perninhas do menino, apesar do calor. Foi aí que avistou a lituana, o vulto pálido que espiava através do vidro traseiro.

Nina sinalizou para que ela entrasse no carro e abriu a porta do carona, avisando:

– Estou disposta a pagar. É só você me dizer quanto é.

Eram 12h06.

A moça logo se acomodou no banco e esquadrinhou a rua antes de fechar a porta. Além do perfume forte, exalava o cheiro de algum produto químico adocicado, talvez um creme rinse. Vasculhando a bolsa, encontrou um chiclete.

– São 500 coroas a hora, 3 mil o período de oito horas. De quanto tempo você vai precisar? – perguntou ela, virando-se para olhar o menino. Em seguida, sorriu para Nina, um sorriso enviesado e inesperadamente sincero. – Ele é tão miudinho, tão fofinho...

Estendeu a mão para Nina, que, meio surpresa, a apertou.

– Marija – apresentou-se a moça, escandindo as sílabas.

Nina assentiu.

– Vou pagar pelas oito horas – informou.

Fez uma oração silenciosa, pensando na conta bancária. Estava perigosamente próxima do saldo negativo na última consulta que havia feito, mas não sabia dizer se isso fora antes ou depois do depósito de seu último salário. Nunca fora muito boa com questões financeiras.

Deu partida no carro, mas ficou indecisa, sem saber para onde ir. Um McDonald's? Um café?

Não. De repente ela se decidiu, virou à esquerda e seguiu pela Vesterbrogade, rumo a Amager. Um pouco de ar fresco faria bem a todos.

A TRAVÉS DAS PERSIANAS AMARELADAS, era possível ver a rua, o estacionamento, a fachada encardida do que deveria ser um armazém. Um ônibus passava a cada vinte minutos. Jan sabia disso porque fazia quase quatro horas que ele estava plantado diante da tal janela.

Não havia se preparado para o tédio, mas aquilo não era lá muito diferente de uma prova oral em que o examinado diz tudo o que sabe em dez minutos, depois começa a se repetir *ad infinitum*. Mesmo assim, ele não deveria *ser capaz* de se entediar enquanto falava do brutal assassinato de uma pessoa de quem fora muito próximo. Jan tinha a sensação de que, a cada repetição, os lábios iam ficando mais grossos, e a boca, mais

seca. Ele já desistira de aparentar qualquer naturalidade.

– Conheci Karin Kongsted há dois anos e meio, em Berna; ela trabalhava como enfermeira na clínica em que fiz minha cirurgia renal. Provavelmente ficamos mais próximos que o normal porque éramos dois dinamarqueses em terra estrangeira. É muito comum isso acontecer. Depois de operado, eu ainda precisaria de muitos cuidados médicos, mas não poderia mais me ausentar do trabalho. Karen concordou em voltar para a Dinamarca como minha enfermeira particular, o que se revelou uma excelente solução.

Naquele momento, ele estava repetindo sua história a um investigador mais velho, um homem muito calmo, quase fleumático, de forte sotaque da Jutlândia. Chamava-se Anders Kvistgård e, bem mais formal que os outros, insistia em chamar Jan de “Sr. Marquart”. De camisa branca e gravata preta sob um pulôver azul-

marinho um tanto surrado, ele mais parecia um empregado ferroviário, pensou Jan.

O Sr. Kvistgård era o terceiro investigador a interrogá-lo. O primeiro havia sido um homem bem mais jovem, que o abordara num tom de camaradagem, como se ambos jogassem no mesmo time de futebol. Em seguida, veio uma mulher, que aos olhos de Jan era jovem e feminina demais para a posição que ocupava. Em ambos os casos, a mesma ladainha: “O senhor não se incomodaria de recontar exatamente como...” E lá ia Jan, de volta à estaca zero.

– Uma enfermeira particular – disse o investigador com cara de ferroviário. – Isso não é um pouco... extravagante demais?

– Meu tempo é o bem mais precioso que possumo. Não posso ficar duas horas numa sala de espera toda vez que preciso tirar sangue. Pode acreditar: o salário de Karin foi um ótimo investimento.

– Entendo. Mas fora isso, como era o seu relacionamento com a Srta. Kongsted?

– Excelente. Karin era uma pessoa muito simpática e calorosa.

– Calorosa até que ponto?

Jan despertou de sua quase sonolência. Aquela pergunta era nova.

– Como assim?

– Vocês dois estavam se pegando? Brincando de médico enquanto a patroa estava ausente? Pelo que sei, a enfermeira morava na sua casa.

Jan ficou boquiaberto. Era quase surreal ouvir aquilo de um sexagenário que mais parecia ser um bilheteiro da Rede Ferroviária Dinamarquesa. Muito bizarro. O sujeito o encarava com uma expressão de genuína curiosidade.

– Não, eu... Mas que absurdo! Sou um homem casado!

– Muitos homens são casados e isso não impede que setenta por cento deles tenham uma aventura por fora. Mas esse não era o seu caso, certo?

– Já disse que não!

– Tem certeza?

A essa altura, Jan já suava nas mãos e na testa. Cogitava se eles já sabiam de algo. Talvez fosse melhor abrir logo o jogo com naturalidade em vez de ser flagrado numa mentira. Mas também era possível que estivessem apenas blefando.

Dando-se conta de que a demora para responder equivalia a um mea-culpa, ele acabou confessando:

– Foi uma coisa rápida. Acho que fui tomado de surpresa pela... Ah, sei lá. O senhor já passou por alguma cirurgia mais séria?

– Não – respondeu o ferroviário.

– O alívio por ainda estarmos vivos pode acarretar uma certa... exuberância.

– E foi nesse ímpeto de exuberância que o senhor começou um relacionamento com Karin Kongsted?

– Eu não chamaria de “relacionamento”. Logo nos demos conta de que aquilo era um equívoco. E nenhum de nós queria magoar Anne.

– Quer dizer então que sua mulher nunca ficou sabendo do seu caso?

– Por favor, pare com isso. Não foi um caso. Foi no máximo... bem, me parece um tanto sórdido dizer que foi apenas uma “pulada de cerca”, porque não foi, mas o senhor entende o que quero dizer.

– Não sei se entendo, Sr. Marquart. Do que o senhor está falando? De uma noite? Uma semana? Alguns meses? Quanto tempo o senhor levou para perceber que se tratava de um equívoco? Aliás, tem certeza de que a Srta. Kongsted entendia que, embora estivesse dormindo com o

senhor, era melhor que não visse aquilo como um relacionamento?

Jan tentou permanecer calmo, mas estava se sentindo como um boneco de vodu nas mãos daquele homem, que espetava suas agulhas com incrível precisão, observando-o impassível.

– O senhor está distorcendo tudo – acusou ele.
– Karin era... como eu disse, Karin era uma pessoa muito calorosa, muito... feminina. Mas tenho absoluta certeza de que percebia a importância que o casamento tem para mim.

– Que ótimo. Mas... e a sua mulher? Ela também tem essa certeza?

– Claro! Quer dizer... Não contei a Anne sobre o... episódio com Karin. E ficaria muito agradecido se o senhor não contasse também. Anne se magoa muito facilmente.

– Então vamos torcer para que isso não seja necessário. O senhor pode me dizer por que Karin Kongsted saiu de casa tão de repente ontem?

– Não, eu... Eu não estava lá. Mas já que ela foi encontrada naquele chalé de veraneio, o mais provável é que tenha resolvido descansar por alguns dias.

– Devo concluir então que o senhor não viu isto aqui?

Kvistgård pegou uma pasta transparente e a colocou sobre a mesa, diante de Jan. Dentro dela estava o bilhete de Karin, as palavras eu me demito bem legíveis através do plástico.

– Não levei isso a sério. Achei que se tratava de uma brincadeira. Ela vinha reclamando do calor, dizendo que estava quente demais para trabalhar. Como eu disse... acho que ela apenas quis tirar uns dias de folga e... e arrumou um jeito pouco tradicional de avisar.

– Segundo informou sua esposa, Karin Kongsted parecia aborrecida ou abalada com alguma coisa quando saiu de carro.

– É mesmo? Bem, quanto a isso eu não sei de nada. Não estava lá.

– Não, não estava. Mas ligou para a SecuriTrack para localizar o carro que ela estava dirigindo. Por que fez isso, Sr. Marquart?

Jan agora sentia uma pressão nos ouvidos, um ruído agudo esfuziando em sua cabeça. Sabia que ainda estava com um sorriso duro colado ao rosto, mas sabia também que já não havia mais nenhum espaço para leviandade. Não havia como diminuir a importância dos fatos, fingir que eles não significavam nada, alegar que aquele telefonema não passava de uma medida rotineira da empresa quando um dos carros desaparecia. Não, não dava mais. O maldito investigador com cara de ferroviário o desequilibrara totalmente, induzindo-o a uma queda livre sem nenhuma rede de proteção à vista.

– Entendo que o senhor precise refletir sobre tudo isso com um pouco mais de calma – falou

Anders Kvistgård. – Sugiro que ligue para seu advogado. É muito pouco provável que o senhor não seja indiciado.

A PRAIA DO AMAGER STRANDPARK TINHA quase 2 quilômetros de comprimento e um aspecto surpreendentemente natural para um ambiente artificial. Apesar do calor escaldante, estava quase vazia. Semanas de muito sol e nenhuma chuva deviam ter saciado a fome de praia e de queimaduras de primeiro grau dos veranistas. Para a maioria deles, as férias já tinham acabado, pensou Nina. No ponto que ela escolheu para se instalar com o menino e a lituana, não havia mais ninguém, exceto dois estudantes deitados numa toalha de banho pequena demais e com um livro aberto à sua frente, e a única pessoa que ela vira no caminho até ali fora um rapaz de patins, encharcado de suor, que por pouco não atropelara o menino ao passar por ele na calçada de cimento.

Agora lá estavam eles, sentados lado a lado nas toalhas recém-compradas, mirando as águas calmas e espelhadas do mar. Nenhum sopro de vento para encapelar a superfície; as ondas apenas lambiam a areia num silencioso ir e vir. Entre eles também pairava um incômodo silêncio, observou Nina. O menino sentava-se quieto, com a cabeça baixa, vez ou outra enchendo a mão de areia só para vê-la escoar entre os dedos. Marija se espichava em sua toalha com os olhos semiabertos sob os óculos novos que havia comprado na loja de conveniência. Despira as calças jeans, revelando um par de pernas compridas e muito brancas, tão esguias quanto o tronco escondido sob a camiseta. Não dissera muita coisa no carro; concordara com o passeio na praia, mas com a condição de que o pacote incluísse toalhas, filtro solar, óculos escuros e um biquíni novo. Valendo-se da experiência que tinha nas negociações com a filha adolescente,

Nina por fim conseguira fechar o pacote sem o biquíni. Para o menino, ela encontrara nos fundos da loja um baldinho de plástico vermelho com uma peneira, uma pá e um ancinho amarelos. Em seguida, eles haviam parado num quiosque para comprar sorvete. Segurando o menino pela mão, Marija apontara para o desbotado cartaz com as fotos dos sorvetes e picolés, e para grande alívio de Nina ele respondera à pergunta da lituana, escolhendo a maior de todos as opções. Depois dessa primeira chama de esperança, no entanto, ele voltara ao recato e à mudez de antes, por mais que Marija tentasse puxar papo com indagações carinhosas. Na praia, ele deliberadamente lhes dera as costas para brincar sozinho com a areia.

Olhando de relance para Marija, Nina decidiu quebrar o silêncio. Ela e a moça poderiam pelo menos conversar um pouco. Mas o que perguntar a alguém como Marija? Algo sobre o trabalho

dela nas ruas? Sobra a vida antes de Copenhague? Os sonhos que ela tinha para o futuro, se é que ainda havia algum? O fato de Nina ter comprado o tempo da lituana causava entre elas um vago desconforto; afinal, o que Nina fizera não era lá muito diferente do que faziam os homens que procuravam Marija na Helgolandsgade.

– Há quanto tempo você está na Dinamarca?

Nina por pouco não tinha perguntado se ela gostava de sua vida no país. Contivera-se a tempo.

Erguendo a cabeça, Marija olhou para Nina e abriu um pequeno sorriso ao mesmo tempo afável e distante.

– Sete semanas – respondeu ela, e apontou o queixo na direção da cidade atrás delas, acrescentando: – Cidade muito bonita.

Nina correu os olhos pelas pernas compridas da moça. Pouco acima de um dos joelhos, havia duas cicatrizes pequenas, redondas e rosadas.

Queimaduras de cigarro, deduziu ela, e logo se lembrou do baixote musculoso com a serpente tatuada no braço. Mas talvez aquilo não fosse obra dele, pois fazia menos de dois meses que Marija estava na cidade, e as cicatrizes, já devidamente curadas, pareciam mais antigas do que isso.

Ao notar que estava sendo observada, a lituana deslizou a mão sobre a perna até cobrir as cicatrizes. De repente, ficou de pé, atirando areia para todos os lados.

– Vou nadar – avisou, indicando o mar espelhado. – Rapidinho.

Nina assentiu com um sorriso e a lituana despiu a camiseta, revelando um sutiã de algodão branco com alças largas. Dessa vez, Nina lembrou-se da filha Ida, daquele dia na semana anterior em que a vira no quarto atulhado, admirando-se no espelho.

Ida comprara um sutiã. Um daqueles modelos justos de tecido elástico que firmavam os seios sem irritar a pele, o que havia sido uma escolha sensata. Esse dia acabaria chegando, pensara Nina na ocasião, ciente de que a filha era muito mais bem aquinhoadada do que ela no quesito “peitos”. Morten costumava brincar que Ida tinha muito mais peito que a mãe jamais teria se não apelasse para o silicone. Apesar disso, algo perturbara Nina ao ver a filha diante daquele espelho com as costas nuas e muito magras voltadas para a cama, as escápulas espetando o tecido do sutiã novo que ela havia comprado com seu próprio dinheiro e sem nenhuma consulta prévia. Sem ao menos pedir permissão.

Nina sacudiu a cabeça. Afinal, que permissão Ida precisaria pedir? Permissão para crescer?

De calcinha e sutiã, Marija correu para o mar e mergulhou assim que os joelhos submergiram na água, os braços fazendo um arco perfeito sobre a

cabeça. Reapareceu alguns metros adiante e começou a nadar de um lado para o outro, indo num *crawl* bastante razoável para depois voltar de costas, as pernas levantando água para todos os lados.

– Vem também! – berrou ela para o menino, pela primeira vez com um sorriso bem aberto. – *Ateik čia!*

O menino largou sua peneira por um instante, olhou para a água com visível entusiasmo e, então, ergueu os olhos para Nina, que sentiu um calorzinho no peito ao perceber que ele estava pedindo sua permissão.

Ela assentiu, depois puxou-o para perto a fim de ajudá-lo a tirar a camiseta e a cueca. Assim que se viu nu, o menino saiu correndo na direção do mar, molhou os pés na água e deu um grito de alegria assim que a primeira onda atropelou suas canelas. Arriscou mais alguns passos, mas logo perdeu o equilíbrio e caiu de bunda na água, os

olhinhos brilhando com um misto de medo e excitação. Marija correu para acudi-lo, ofereceu sua mão. Nina viu que eles estavam conversando: Marija disse algo e o menino respondeu com o resmungo a que as crianças sempre recorrem quando precisam de ajuda. Sorrindo, Marija afagou a cabeça dele até desgrenhar por completo os cabelos dourados. Continuou a falar e saiu puxando o menino pela mão, pisoteando a água com ele, o menino rindo muito, deixando à mostra os dentinhos de leite ainda tão brancos, e Marija ria também, um riso estridente e um tanto infantil.

– Vem! – berrou ela, acenando para Nina. – Muito boa!

Nina retribuiu o aceno, mas fez que não com a cabeça. Queria deixar o menino sozinho com Marija. Sem dúvida ele sentia falta de ter por perto alguém que o compreendesse. O mesmo talvez pudesse ser dito de Marija, pensou ela,

observando a jovem alta e magricela que saltitava na água. Ouvir alguém falando sua língua natal talvez não fosse para ela uma ocorrência comum, sobretudo alguém que não representasse nenhuma ameaça. Não havia nenhum motivo para que Nina se metesse entre eles naquele momento. Marija sabia muito bem o que precisava fazer: conquistar a confiança do menino e tentar descobrir de onde ele vinha. Qualquer coisa seria útil, pensou Nina. Seu nome, o nome de uma cidade ou de uma rua. Qualquer coisa que ajudasse a tirá-lo daquele vazio em que ele vinha flutuando e depois ancorá-lo em algum lugar, ao lado de *alguém*.

Marija não fizera nenhuma pergunta sobre nada e Nina deduziu que o não questionar talvez fosse uma tática de sobrevivência. Era quase um milagre que ela tivesse decidido enfrentar o homem da tatuagem de serpente para ajudar.

E outro milagre vinha acontecendo ali, bem diante de seus olhos.

Marija perguntou algo ao menino e ele, às gargalhadas, desvencilhou-se do abraço dela para dar sua resposta, mas não sem antes atacá-la com uma saraivada de água. Instintivamente, Nina soube o que era, mesmo antes de ouvi-lo repetir a resposta ainda mais alto:

– Mikas!

Era esse o nome dele.



Marija e o menino cujo nome era Mikas permaneceram na água até os lábios dele ficarem roxos de tanto frio e os dentes baterem feito castanholas. Os cabelos longos, negros e molhados de Marija envolviam os ombros dela e o olhar ainda era risonho quando ela se jogou na toalha ao lado de Nina para se espichar sob o sol quente da tarde e aproveitá-lo ao máximo.

Nina embrulhou Mikas com a outra toalha e foi secando o corpinho miúdo, primeiro os ombros, depois as costas e as pernas. Ajudou-o a se vestir e lhe passou o baldinho com as ferramentas de plástico. Mikas logo saiu galopando para a areia molhada e com tamanho entusiasmo que Nina e Marija sorriram uma para a outra como se fossem os pais do menino, orgulhosos de seu rebento. Em seguida, Marija se reergueu e, abraçando os próprios joelhos, olhou para Nina com um semblante de preocupação.

– Agora sei o nome dele – falou com seu inglês carregado. – É Mikas, e o sobrenome da mãe é Ramoškienė. Ele lembrou quando perguntei como o pessoal da escola chamava a mãe dele.

– O pessoal da escola? – repetiu Nina, surpresa com o prosaísmo da coisa.

Não sabia quase nada a respeito da Lituânia, e quando pensava no país, as imagens que lhe vinham à cabeça não eram exatamente as mais

solares: os prédios severos do período soviético, as prisões infestadas de tuberculose, a máfia violenta. Não lhe ocorria que por lá também houvesse escolas maternais.

– Mais alguma coisa?

Marija fez mais uma pergunta a Mikas e ele respondeu de pronto, mas sem erguer os olhos do que vinha fazendo.

– Ele é de Vilna. Tenho certeza – prosseguiu Marija. – Perguntei se ele gostava de andar de ônibus elétrico e ele falou que sim. Mas não no inverno, porque o chão fica todo grudento. – Ela sorriu, orgulhosa da própria engenhosidade. – Falou que às vezes o deixam apertar o botão de PARE, mas só quando o motorista diz “Žemynos gatvė”.

Nina vasculhou sua bolsa até encontrar uma caneta e um bloquinho vagabundo, brinde de algum laboratório farmacêutico.

– Você anota tudo isso para mim?

– Claro.

Com o bloco em punho, Marija escreveu o nome da mãe de Mikas e o da rua próxima à qual ele com certeza morava.

Nina recebeu a anotação, pensando ter nas mãos um verdadeiro tesouro. Mas depois se deu conta de que aquelas informações não eram o bastante. Havia algo que ela precisava desesperadamente saber.

– Pergunta sobre a mãe dele – falou para a lituana. – Se ele mora com ela... Por que não está lá com ela agora... Se ele sabe o que aconteceu.

Marija franziu a testa e Nina deduziu que ela procurava as palavras certas para abordar o menino sem assustá-lo demais. Condoeu-se ao pensar que a lituana também havia passado os seus maus bocados. Mais que isso, revoltou-se com as circunstâncias da vida dela, furiosa com aqueles porcos dinamarqueses, holandeses e alemães que se sentiam no direito de usar garotas como

Marija para satisfazer seus desejos mais baixos, sugando toda a juventude delas para depois cuspir de volta ao mundo um bagaço de gente. O que esses homens diriam uns aos outros? Que a escolha é delas e portanto elas não têm do que reclamar? Que na verdade estão ajudando essas garotas a construir uma vida nova com o dinheiro que pagam? Quanta generosidade!

Com tantos homens assim, tão magnânimos, muitos milhões seriam angariados numa campanha nacional para ajudar essas moças que vinham da África e do Leste Europeu. Por que diabos eles não fechavam o zíper das calças e organizavam uma campanha semelhante?

Marija se colocara ao lado do menino e, após ajudá-lo a emborcar o balde cheio de areia, passou o dedo pela borda do castelinho, sorrindo enquanto dizia algo.

Mikas ficou visivelmente perturbado com a pergunta. Contorceu-se um instante e começou a

reencher o balde, mas sem grande entusiasmo. Dali a pouco, deixou a pá de lado para olhar à sua volta, como se procurasse algum esconderijo possível. Só então voltou os olhos para Marija e respondeu com algumas poucas palavras.

Marija anuiu, depois pousou a mão sobre o rosto dele a fim de garantir mais alguns segundos de atenção. Chegou a fazer uma segunda pergunta, mas Mikas se fechou em copas, não fez mais que grunhir baixinho, claramente amedrontado, antes de sair correndo na direção da água.

Marija olhou para Nina com ar acusatório, culpando-a por tudo, ou no mínimo pelas perguntas que insistira em fazer.

Nina se levantou às pressas e alcançou Mikas com algumas poucas passadas. Levou-o ao colo e o abraçou com o máximo de delicadeza possível. De início, ele tentou se desvencilhar, chutando-a com os pezinhos descalços, depois caiu murcho

sobre o ombro dela, não porque decidira confiar em Nina, mas porque se dera por vencido. Marija também havia ficado de pé e agora se vestia com irritação.

– E a mãe dele? – quis saber Nina.

A pergunta ficou pairando no ar enquanto a lituana abotoava as calças sem ao menos erguer os olhos.

– Marija – insistiu Nina, tocando-a no braço.

– Desculpa – disse Marija, encarando Nina. Respirou fundo e emendou: – É que ele ficou tão... tão nervoso. Não estou gostando disso.

Nina balançou a cabeça devagar, mas precisava saber.

– O que ele falou sobre a mãe?

– Não entendi direito. As crianças falam só o que elas querem e pronto. Mas disse que morava com a mãe, que gostava dela, mas que não conseguia acordá-la.

Nina franziu a testa. Não podia acordar a mãe? Ela olhou para Marija, confusa.

Seria possível que a mãe de Mikas estivesse doente? Ou inconsciente? E isso teria relação com a viagem involuntária do menino para a Dinamarca? Nina tinha dois filhos; sabia muito bem que a noção de tempo de uma criança de 3 anos não é lá grande coisa. Censurou-se mais uma vez por sua própria incompetência com línguas estrangeiras.

Precisava saber se Mikas fora vendido pela mãe. Coisas assim realmente aconteciam, disso ela também sabia.

– O que aconteceu para que ele se separasse da mãe? Ele falou alguma coisa?

Marija arqueou as sobrancelhas desenhadas a lápis.

– Falou que a moça do chocolate o levou. Não sei o que isso quer dizer.

– Ele sente falta da mãe? Quer voltar para ela?

Marija retesou-se e, fuzilando Nina com o olhar, respondeu:

– Claro que ele sente falta da mãe. É uma criança!

NA PORTA DE VIDRO QUE LEVAVA AO SUBSOLO estava escrito SUNNY BEACH – BRONZEAMENTO ARTIFICIAL E WELLNESS. Pouco abaixo ainda se lia: *Lâmpadas novas!* Na recepção, do outro lado de uma mesa, uma funcionária morena falava ao telefone numa língua que Juças não conseguia identificar. Lituano não era, pelo menos isso ele sabia dizer. De uniforme branco, a mulher mais parecia uma enfermeira ou a atendente de uma clínica qualquer. Nos cálculos de Juças, era velha demais para ser uma prostituta. Talvez fosse mesmo possível se bronzear naquela espelunca.

A mulher baixou o telefone por um instante e perguntou algo que Juças não compreendeu.

– Bukovski – ele disse, depois emendou em inglês: – Quero falar com Bukovski.

– Só um instante – disse ela. – Seu nome?

Juças apenas crispou o rosto e, de súbito, os gestos da mulher adquiriram um nervosismo que antes não se via neles. Ela ficou de pé e sumiu nos fundos do estabelecimento, voltando dali a pouco com a permissão esperada.

– Pode entrar.

O lugar era surpreendentemente espaçoso, pensou Juças. Sem janelas, mas com um competente sistema de refrigeração que deixava o ambiente fresco, quase gelado. Havia duas ou três bicicletas ergométricas, diversos equipamentos de musculação já um tanto surrados e uma ampla coleção de halteres. Não se tratava de uma daquelas academias para balzaquianas com medo de engordar ou para quarentões em busca de “uma vida mais saudável”. Aquilo era um poço de testosterona, tal como podia atestar o carpete cinza que recendia a suor. Juças logo se sentiu em casa.

Dimitri Bukovski o recebeu de braços abertos, cumprimentando:

– Meu amigo, há quanto tempo!

Eles trocaram um abraço de macho, desses com muitos tapas nas costas, e Jučas enfrentou com galhardia os dois beijos russos que Dimitri plantou em seu rosto. O homem era produto de uma sopa de etnias: um pouco de polonês, de russo, de alemão, até mesmo um toque de lituano. Com certeza já passava dos 50, tinha uma incipiente calvície, mas dava a impressão de que levantar 200 quilos no aparelho de supino não era nenhuma extravagância. O peitoral e os bíceps estufavam sua camiseta preta. Anos antes, num porão semelhante em Vilna, fora ele quem havia iniciado Jučas no mundo da musculação pesada. Agora morava em Copenhague e, entre os três contatos que Jučas tinha no país, era o único que não sairia correndo para falar com Klimka na primeira oportunidade.

– Gostei do lugar – comentou Jučas.

– Até que não é mau – concedeu Dimitri. – Administramos como um clube, para podermos escolher mais ou menos quem frequenta. Algumas pessoas treinam pesado aqui. E aí, quer dar uma malhada?

– Poxa, era tudo que eu queria agora, mas não vai dar. Estou meio com pressa – respondeu Jučas, sinceramente consternado.

– Entendo. Sei que você não veio aqui só para me fazer uma visitinha. Ainda está trabalhando para Klimka?

– Sim e não.

– Hum... Tudo bem, não é da minha conta. Venha comigo, vamos lá para o escritório.

O escritório de Dimitri não passava de um cubículo no qual se espremiavam uma mesa e duas poltronas de couro. As paredes se cobriam com fotos, quase todas de Bukovski ao lado de alguma celebridade, cantores e atores, alguns políticos

também. Em posição de destaque ficava a foto em que ele, sorrindo de orelha a orelha, apertava a mão de Arnold Schwarzenegger.

– Lar, doce lar – disse Dimitri, apontando vagamente para sua coleção de fotos.

Jučas apenas assentiu.

– E aí? Achou alguma coisa para mim? – questionou.

– Achei. – Dimitri abriu um pequeno cofre chumbado à parede sob a foto de Schwarzenegger. – Você pode escolher entre uma Glock e uma Desert Eagle. – Ele colocou as duas armas sobre a mesa, diante de Jučas.

Ambas eram usadas, mas estavam em boas condições. A primeira era a tradicional Glock 17 preta de 9 milímetros. A outra era uma Desert Eagle prata de calibre 44, terrivelmente pesada; parecia mais nova que a Glock. Uma de cada vez, Jučas pegou-as, ejetou os pentes para se certificar de que estavam vazios, destravou os pinos de

segurança, mirou uma das fotos e puxou o gatilho. A Magnum era um pouco mais dura que a Glock.

– Quanto é? – perguntou ele. – São limpas?

Juças não tinha a menor intenção de comprar uma arma que estivesse sendo procurada pelos crimes de outra pessoa.

– Camarada, está me estranhando? Acha que eu ia vender uma mercadoria suja para você? São 2 mil pela Glock, 3 mil pela Magnum. Dólares americanos. Mais 500 e você leva munição extra.

– Qual delas você escolheria?

Dimitri encolheu os ombros gigantescos.

– Depende. A Magnum impõe mais respeito. É boa para meter medo. Mas se for para acertar alguém, eu ficaria com a Glock.



Juças comprou a Glock. Que ainda por cima era mais barata.

NINA DEIXOU MARIJA NA Vesterbrogade às 16h47.

Não pôde deixar de notar que seu relógio estava dois minutos adiantado em relação ao relógio do arco nas imediações da Axeltorv. Ficou se perguntando qual dos dois estaria certo.

A lituana ficou parada um instante, sem saber ao certo para onde ir. Tinha areia nos cabelos molhados, notou Nina, mas fora isso, pouco sobrava da moça que ela vira na praia. Marija não estava mais sorrindo.

Sentindo no rosto as lufadas de monóxido de carbono e pó de asfalto que vinham da rua, Nina ficou observando pelo espelho retrovisor até vê-la tomar a direção da Stenosgade com os ombros duros e erguidos como se estivesse com frio.

Precisou conter o impulso de correr ao encontro dela e arrastá-la de volta para o carro. No entanto, Marija não havia pedido nenhuma ajuda, e Nina também não tinha oferecido. Anotara o nome e o telefone dela, depois passara num caixa eletrônico na Amagerbrogade para sacar o dinheiro do pagamento. Isso era tudo que ela podia fazer naquele momento.

Era bem provável que a polícia estivesse monitorando sua conta bancária e tivesse notado o saque recém-realizado, mas Nina disse a si mesma que aquilo não tinha a menor importância. Pelo menos por ora.

Já havia intuído ao ouvir o menino chamar pela mãe no chalé e agora tinha absoluta certeza: Mikas não vinha de algum orfanato da Ucrânia ou de Moscou. Não era um órfão, não estava sozinho no mundo. Tinha uma mãe, e a julgar pelo pouco que Marija conseguira descobrir, o mais provável era que ele tivesse sido sequestrado. Não vendido,

emprestado ou doado, mas levado. E de algum modo fora parar nas mãos do homem que matara Karin. Como e por quê, apenas os deuses sabiam, mas não era com isso que Nina se preocupava agora.

Caso ainda estivesse viva, a mãe do menino já devia ter procurado a polícia lituana e seria uma questão de tempo até que Mikas fosse devolvido à Sra. Ramoškienė, à sua escolinha e aos ônibus elétricos de Vilna. Até mesmo a polícia dinamarquesa seria capaz de lidar com o caso, pensou ela. Eram especialmente eficazes quando precisavam *tirar* alguém do país. Talvez até fizessem algo para descobrir quem estava por trás daquele sequestro. Não por Mikas ou pela mãe dele, mas porque Karin havia sido morta. Ninguém matava um legítimo cidadão dinamarquês sem a devida punição.

Simples assim.

Nina sentiu uma benfazeja corrente de serenidade se espalhar pelo corpo.

Ela poderia levar Mikas para seu apartamento na Fejøgade e de lá telefonar para a polícia. Talvez lhe permitissem ficar com o menino enquanto verificavam as informações que Marija conseguira tirar dele. Nina sabia que podia ser bastante convincente quando queria, e dificilmente alguém afirmaria que para Mikas seria melhor ficar nas mãos de alguma assistente social desconhecida. Nina queria ficar com ele até que a mãe fosse trazida de Vilna e ele enfim pudesse voltar para os braços dela.

Nina imaginou a tal Sra. Ramoškienė chegando numa torrente de risos e lágrimas, tomando suas mãos num gesto mudo de gratidão. De repente sentiu as próprias lágrimas brotando de algum lugar recôndito. Não tinha o hábito de chorar, sobretudo nos momentos de sucesso. Lágrimas de alegria eram para as senhoras idosas.

Mas a gente não vê muitos finais felizes por aí, né?, perguntava seu lado cético. As coisas raramente terminam do jeito que queremos.

– *Desta vez* tudo vai dar certo – rebateu ela, teimosa.

CASAS MUITO GRANDES DEIXAVAM Sigita nervosa. Por algum motivo, ela achava que os moradores tinham a autoridade e o poder para decidir, difamar e condenar. Por mais que dissesse a si mesma que aquilo era uma grande san-dice, que as pessoas eram todas iguais, no fundo ela continuava convicta da sua ideia.

A casa que Sigita agora via à sua frente não era grande: era enorme, a ponto de não se poder abarcar toda a sua extensão com uma simples olhada. Ficava isolada de tudo, empoleirada num penhasco à beira-mar, inteiramente protegida por muros brancos. Aquilo mais parecia uma fortaleza, e Sigita ficou surpresa quando encontrou o portão aberto, permitindo a entrada de

qualquer um. Que sentido fazia então construir uma fortificação daquelas?

O táxi foi embora. Ela ainda mal acreditava na fortuna que precisara pagar. Como uma viagem de 100 quilômetros podia ser mais cara que a passagem aérea da Lituânia para a Dinamarca? Agora pouco sobrava do dinheiro que havia tomado de sua tia Jolita. Sigita se arrependeu de não ter levado a grana toda. Levar apenas uma parte lhe parecera mais palatável, menos parecido com um roubo. E no fim das contas, Jolita consentira.

Pois lá estava ela agora. Nem imaginava o que fazer em seguida, tampouco tinha certeza de que ali terminaria sua busca. O nome na placa de metal afixada ao muro branco estava correto: MARQUART. Era ali que o homem morava, o dinamarquês que roubara seus dois filhos. Talvez Mikas estivesse ali.

Entrar sorrateiramente na casa estava fora de questão, pois as câmeras de segurança, posicionadas com discrição, já haviam registrado a presença dela. Resignada, Sigita seguiu pelo caminho que levava à porta principal da fortaleza branca.

Tocou a campainha e uma melodia alegre soou no interior da casa, talvez alegre demais para a formalidade dos muros altos, dos gramados que pareciam não ter mais fim, da pesada porta de teca.

Sigita ouviu passos e dali a pouco foi atendida por um garoto. Logo soube quem era, por causa da semelhança com Mikas.

– Olá – cumprimentou ele, e acrescentou algo que Sigita foi incapaz de compreender.

Sem saber o que responder, ela ficou parada ali, olhando para o menino. Além dos jeans e da camiseta, ele vestia um reluzente par de tênis vermelhos da Ferrari e trazia na cabeça um boné

também da escuderia – com a aba para trás, claro. Era magro e talvez um pouco baixo para sua idade. Na verdade, mais do que magro: era quase esquelético. Apesar disso, o rosto parecia inchado e a pele bronzeada não conseguia esconder uma palidez mais profunda, sobretudo em torno dos olhos. Num dos braços, uma bandagem de gaze escondia o que só podia ser a agulha de um cateter intravenoso. Ele estava doente, pensou Sigita. Meu filho está muito, muito doente. O que teria acontecido a ele naquela terra estrangeira?

Ele voltou a dizer algo, e pela entonação, sem dúvida se tratava de uma pergunta.

– Sua mãe ou seu pai estão em casa? – perguntou Sigita em lituano, totalmente alheia ao fato de que ele não iria entender.

O garoto era muito parecido com Mikas e tinha alguns traços de Darius também, nos olhos e no sorriso. Parecia-lhe absurdo que não falassem a mesma língua.

– Seu pai está em casa? Ou sua mãe? – indagou ela de novo, mas agora em inglês, mesmo re-
ceando que ele fosse novo demais para falar uma
língua estrangeira.

Surpreendeu-se quando ele respondeu:

– Minha mãe. Espere.

O garoto sumiu no interior da casa e voltou dali
a pouco acompanhado de uma mulher de porte
delicado, aparentando ter entre 40 e 50 anos. Si-
gita examinou a pessoa que havia se tornado a
mãe de seu filho. Uma camisa rosa-clara e um par
de jeans brancos acentuavam sua delicadeza, e
uma certa hesitação nos modos dava a impressão
de que ela não sabia direito como se portar, nem
mesmo ali, na própria casa. Como o garoto, ela
tinha os cabelos claros e a pele bronzeada e a
semelhança entre eles, ainda que superficial,
bastava para que ninguém questionasse o
parentesco.

– Anne Marquart – apresentou-se ela, estendendo a mão. – Em que posso ajudá-la?

Mas assim que notou os traços de Sigita, arregalou os olhos, perplexa, exatamente como fizera a própria Sigita ao reconhecer o filho. Não havia como apagar as pegadas da genética. Vendo os traços do filho no rosto da desconhecida, ficou apavorada.

– Não! Vá embora! – berrou.

Ameaçou fechar a porta, mas Sigita avançou um passo, pedindo:

– Por favor, só quero conversar. Por favor...

– Conversar? – repetiu a mulher. A contragosto, abriu a porta e acrescentou: – É, talvez seja melhor conversarmos.



Vidraças que iam do teto ao chão traziam o mar e o céu para o interior da sala. Um exagero, pensou Sigita, sobretudo agora que o vento estava mais

forte e as ondas começavam a mostrar suas gar-
ras. Será que essa gente nunca ouviu falar de cor-
tinas? Afinal, casas existiam para proteger as
pessoas da natureza.

A sala era enorme e cavernosa. Numa das
paredes, havia uma lareira que Anne Marquart
acendeu com controle remoto, feito uma tele-
visão. O piso era de uma pedra de veios cinzentos
e azulados que Sigita não reconhecia. No centro
do cômodo, com diversos metros de espaço vazio
a seu redor, ficava um sofá em forma de fer-
radura, estofado em couro vermelho. Sigita sabia
que estava numa daquelas casas que as revistas de
decoração imploravam para fotografar, mas
aquilo superava em muito até mesmo a sua pró-
pria necessidade de ordem e limpeza, e ela se sen-
tia pouco à vontade naquela catedral de pedra e
vidro.

– O nome dele é Aleksander – disse Anne com
seu inglês britânico, bem mais correto que o de

Sigita. – É um menino maravilhoso. Carinhoso, esperto, valente... Sou louca por ele.

Antigos nós de culpa e remorso se desfizeram no coração de Sigita quando ela ouviu isso e uma oração silenciosa brotou em sua cabeça: “Santa Maria, mãe de Deus, obrigada por este momento...” A despeito do que acontecesse a seguir, pelo menos ela agora sabia que seu primogênito não estava vagando na escuridão, sozinho e triste, como o menino-feto de seus pesadelos. Chamava-se Aleksander. Tinha uma mãe que o adorava.

A essa altura, ele já havia sumido mais uma vez, indo para outro lugar da casa. Anne lhe dissera algo em dinamarquês e o rostinho dele se iluminara com um amplo sorriso, seguido de um triunfante “Uhul!”. Sigita deduziu que ele recebera permissão para fazer algo que em geral era bastante regulado pelos pais. Jogar videogame? Mexer no computador? Não havia dúvida de que

os Marquarts eram ricos o bastante para cobrir o filho de presentes. Sigita sentiu uma pontada na alma ao se perguntar: e se Mikas descobrisse o tipo de vida que leva o irmão? Ficaria com inveja?

A pergunta fez reacender todo o receio que ela tinha pelo destino do caçula.

– Não vim aqui por causa de Aleksander. Mas por causa de Mikas, meu menino. Por acaso ele está aqui? A senhora sabe onde ele está?

Anne parecia surpresa.

– Seu menino? Não, eu... Quer dizer então que você tem outro filho?

– Tenho. O nome dele é Mikas. Está com 3 anos agora.

Algo se passava com Anne. Ela fitava a xícara de chá como se a qualquer momento uma verdade profunda e essencial fosse ser revelada ali. Ergueu a cabeça bruscamente para perguntar:

– Mesmo pai?

– Sim – respondeu Sigita, mas sem entender a intensidade que Anne havia conferido à pergunta.

– Meu Deus... – sussurrou ela. – Mas ele só tem 3 anos...

Sigita estranhou quando viu as lágrimas silenciosas que começaram a escorrer pelo rosto da dinamarquesa.

– Não é justo – prosseguiu a Sra. Marquart. – Como vamos suportar uma coisa dessas?

– Não entendi – replicou Sigita, hesitante.

– Você viu que ele está doente?

– Vi.

– Ele sofre de síndrome nefrótica. Praticamente não tem mais as funções renais. Precisa fazer diálise duas vezes por semana. Montamos uma pequena clínica no porão para que ele não precisasse se despencar para Copenhague a toda hora, mesmo assim... Ele quase nunca reclama,

mas é difícil para ele. E... cedo ou tarde... nem a diálise vai adiantar mais.

– Ele pode receber um transplante? – perguntou Sigita.

– Já tentamos. Meu marido doou o rim, mas não somos... não somos os pais biológicos dele, sabe. Aleksander rejeitou o rim, apesar de toda a medicação, e agora está pior do que antes...

Foi então que Sigita entendeu por que Jan Marquart fizera aquilo. E por que Mikas havia desaparecido.

QUIETINHO NO BANCO DE TRÁS, os olhos semiabertos, o menino não esboçou uma reação sequer quando Nina estacionou na Fejøgade. A viatura já partira; as janelas do terceiro andar estavam fechadas e não se via ninguém do outro lado delas. Talvez Morten ainda não tivesse voltado, pensou ela, ou tivesse levado as crianças para a casa da irmã, em Greve. Era o que ele costumava fazer quando farejava uma crise no ar. Não gostava que elas soubessem que havia algo de errado, que o vissem perdendo a cabeça. E, naquele momento, o mais provável era que Morten estivesse furioso.

Os olhos de Nina se fecharam, cedendo ao peso da consciência. Naquela noite ela teria que consertar as coisas: pousar a cabeça no ombro dele,

correr as mãos sobre seu rosto, dizer que agora estava tudo bem, que ele não precisaria mais se preocupar. As crianças poderiam passar a noite com Hanne e Peter; eles as buscariam pela manhã.

Nina tirou Mikas do carro e o carregou para o apartamento. Ele estava acordado, mas cansado e mole, como se tivesse consumido todas as energias na praia; nem sequer se mexeu quando ela tirou as chaves do bolso. No apartamento vizinho, alguém jogava um barulhento videogame, e a julgar pelos ruídos que vinham da cozinha, a Sra. Jensen já preparava o jantar. Nina não estava nem um pouco disposta a responder às perguntas curiosas da mulher, que com certeza seriam muitas, então procurou ser o mais silenciosa possível ao destrancar a porta e entrar em casa.

O apartamento estava tranquilo e fresco, e pela primeira vez desde que fora buscar a mala na véspera, Nina sentiu uma real pontada de fome.

Deixou as sandálias no vestíbulo e seguiu descalça para a sala. Mikas escorregou do colo dela para o sofá e ficou ali, inerte, reduzido a um pacotinho de cansaço.

Os restos do café da manhã ainda se achavam sobre a mesinha diante da televisão. Duas tigelas de leite já azedo com cereal murcho. Um jornal intocado. Uma refeição feita às pressas, diagnosticou Nina, levando as tigelas para a cozinha para esvaziá-las no lixo e colocá-las na máquina de lavar louça. Em seguida, despejou cereal numa tigela limpa para Mikas, juntou o leite e foi generosa no açúcar, sabendo que o menino não havia comido nada além do sorvete, uma rosquinha de padaria e algumas fatias de pão desde que fora retirado daquela mala. Decerto estava tão fraco das pernas quanto ela. Só agora Nina se dava conta de como estava zozza depois de tantas horas sem comer.

Preparou para si um sanduíche de pão preto com salame, cravou-o entre os dentes e voltou à sala com a tigela de cereal em uma das mãos e a garrafa de leite na outra, sentindo no peito uma estranha e pequenina chama de felicidade. Puxa, como era bom estar em casa. Só o que faltava agora era rever Morten e as crianças.

Mas tudo a seu tempo. Inclusive o telefonema que precisaria dar à polícia.

Deixou o cereal diante de Mikas, jogou-se na poltrona ao lado do sofá e saboreou seu sanduíche sem nenhuma pressa, olhos fechados, pensamentos ao léu. Logo depois foi para o quarto. Enquanto trocava a camiseta suja e úmida por uma camisa limpa, podia ouvir o tilintar metálico que vinha da sala, Mikas batendo a colher na tigela ao devorar o cereal.



A campainha tocou.

Não o som melodioso e discreto do interfone, mas o estridente e antiquado da porta, que Anton costumava fazer soar quando queria anunciar sua presença, ainda que sua algazarra ao subir as escadas fosse em si o melhor anúncio de todos. Não, não era ele quem estava à porta. O mais provável era que fosse Birgit, a vizinha, que certamente a ouvira chegar.

Talvez até ela já soubesse que a polícia passara por lá, fazendo perguntas. Birgit não era má pessoa, não mesmo, mas tinha uma curiosidade sem limites, e por vezes Nina desejava que a parede entre os dois apartamentos fosse um pouco mais grossa. Sobretudo agora que ela tanto queria passar mais alguns minutos sozinha com o pequeno Mikas.

Resignada, alcançou a corrente de segurança da porta, mas algo a fez hesitar. O silêncio era grande demais no corredor, pensou. Anton estaria fazendo o chão tremer de tanto pular, quem

sabe até as paredes, e Birgit em geral deixava aberta a porta de seu próprio apartamento para continuar berrando com os filhos por sobre os ombros. Nenhum barulho do lado de fora. Nenhum arrastar de pés, nenhum assoar de nariz, nenhum pigarro. Aquele silêncio não era natural.

Num gesto automático, Nina prendeu a corrente antes de entreabrir a porta para ver quem era.

Uma mulher esguia e de cabelos claros esperava no corredor, sorrindo polidamente, mas com alguma reticência.

– Por favor... – disse ela, inclinando-se um pouco. – Acho que você conhece meu filho. Sou a mãe de Mikas. Posso entrar?

De imediato, as fantasias de final feliz voltaram a inundar a imaginação de Nina, as mesmas que ela havia acalentado no carro: a mãe do pequeno Mikas tomando sua mão para agradecer com a veemência e emoção de que apenas uma mãe é

capaz. Pois lá estava ela agora, a mãe do menino, em carne e osso. Tudo estava prestes a se tornar realidade.

No entanto, mesmo quando já ia soltando a corrente da porta, Nina intuía que algo estava errado. A mulher tomou a iniciativa de empurrar a porta, sorrindo ainda, mas agora como se estivesse pedindo desculpas. Como se não estivesse querendo entrar, observou Nina. Só então ela percebeu que Mikas havia chegado ao vestíbulo. Ainda com as sandálias novas, abraçado à tigela de cereal, ele esperava, enquanto uma poça escura de xixi crescia no chão a seu redor.

Sem apagar o sorriso, a mulher estendeu os braços na direção dele. Mikas estremeceu da cabeça aos pés, deixando que a tigela escorregasse das mãos e se espatifasse ruidosamente no piso de tábuas corridas.

Havia um homem atrás da mulher de cabelos claros. Com certeza tinha esperado contra a

parede do corredor, para que não fosse visto. Os ombros enormes sob a jaqueta de couro preenchiam todo o vão da porta. Nina logo o reconheceu. O corte neonazista dos cabelos, a ira no olhar, as manzorras fechadas em punho. Com uma delas, ele segurava uma arma, uma pistola semi-automática preta. Não havia nenhuma pressa no comportamento dele, pensou Nina. Os gestos eram calculados e precisos, gestos sem dúvida repetidos muitas vezes no passado. Bastou um passo largo e firme para que adentrasse o apartamento. Com calma, ele fechou a porta às suas costas e Nina acompanhou a cena com inusitada tranquilidade. Recuando alguns passos, ela sentiu o pé deslizar quando pisou na poça de xixi, leite e cereal.

Burra, disse a si mesma no interminável segundo que se seguiu. *Claro* que ela não é a mãe do menino. Você não teve tempo de ligar para ninguém. Então veio a primeira coronhada, e

com ela o mundo se reduziu a uma escuridão avermelhada que não demorou a resvalar para o breu.

BARBARA O AGARRAVA PELO BRAÇO, berrando:
– Chega, Jučas! *Chega!* Assim você vai matá-la!

Jučas. Não Andrius.

Ele enfim baixou a arma. A putinha com jeito de menino se encolhia a seus pés com uma das faces completamente coberta de sangue.

Barbara era uma folha em branco, tamanha a sua palidez. Não tinha mais o aspecto de uma mulher jovem, e pela primeira Jučas aventou que importância teria a diferença de idade entre eles dali a dez, vinte anos. Quando ela fizesse 50, ele teria acabado de completar 40. Como seria voltar todo dia para os braços de uma cinquentona?

– Não fala besteira. Não vou matar ninguém – retrucou ele, mas sem a menor ideia do que faria com a mulher magricela caso não a matasse.

Desvencilhou-se de Barbara e, passando por cima do corpo caído, saiu à procura do garoto. Para onde ele teria ido?

Barbara encontrou o menino no banheiro, agachado junto do vaso sanitário. Ele se espremia de tal modo no canto que parecia estar tentando atravessar a parede. Deixava escapar um pequeno gemido cada vez que exalava.

– Calma, meu amor – disse Barbara, agachando-se diante dele. – Ninguém vai machucar você!

O garoto não engoliria mais aquela mentira. Fechou os olhos bem apertados e continuou choramingando, cada vez mais alto.

– Faz esse moleque calar a boca – ordenou Jučas.

Barbara olhou para ele e falou:

- Ele está assustado, só isso.
 - Então dá a porra de um chocolate pra ele.
- Você ainda tem aquele colírio aí com você?
- Não – respondeu ela. Mas ele achou que ela estava mentindo.
 - Fica aqui. E vê se cala esse merdinha!



A putinha permanecia deitada. Juças pegou a bolsa dela, a única coisa que ela levava consigo ao subir com o menino, e esvaziou o conteúdo sobre a bancada da cozinha. Carteira, caixa de lenços, balas de hortelã já vencidas, chaves do carro, outros dois chaveiros, uma agenda amassada. Nenhum celular. Depois de guardar as chaves no bolso, ele desceu para a rua e procurou pelo Fiat vermelho. Encontrou-o lá pela metade do quarteirão, escondido atrás de um enorme contêiner de plástico verde destinado à coleta de vidro para reciclagem. No banco traseiro, havia

uma toalha imunda e fedorenta, além de duas sacolas de plástico, uma com roupas infantis e a outra com restos de maçãs, pão e brinquedos de praia. E só. No porta-malas estavam apenas uma caixa de plástico repleta de bobagens – cabos de bateria, latas de óleo, um spray de espuma para pneus furados e outros itens de emergência para carros pouco confiáveis –, um par de galochas, uma lanterna e um saco de lixo grande, cheio de garrafas vazias.

Juças pegou apenas a toalha e voltou a trancar o Fiat.

O dinheiro não estava com ela, disso ele agora tinha absoluta certeza. E também não estava com a loura peituda, que teria dito caso estivesse. Antes de morrer, ela sem dúvida teria dado com a língua nos dentes.

Pois agora não havia mais dúvida.

O dinamarquês mentira.

Havia algumas coisas que ele ainda não entendia. Por exemplo: o que a putinha estava fazendo com o pirralho? E como a loura peituda entrara naquela história? Mas ele sabia o principal: o que fazer para que o dinamarquês pagasse o que devia.



Juças buscou o Mitsubishi e, subindo na calçada, parou-o bem à frente da entrada do prédio. Chegando ao apartamento, viu que Barbara pelo menos conseguira arrancar o menino do banheiro. Estava agachada ao lado dele, abraçando-o enquanto o ninava. Parecia estar funcionando: ele havia parado de chorar.

A putinha ainda jazia no mesmo lugar em que tinha caído. Mas estava respirando, observou Juças.

– Ela está bem – ele apaziguou Barbara. – Vou descer com ela para o carro.

Barbara não disse nada. Apenas o fitou com olhos tão arregalados e assustados quanto os do menino.

– Estou fazendo isso por você – alegou Jučas.

Barbara assentiu obedientemente.

Ele embrulhou o corpo inerte da putinha na toalha imunda e abriu a porta com os quadris. O corredor ainda estava deserto. O que ele diria caso encontrasse alguém? Que ela havia caído e ele a estava levando para o hospital? Mas ninguém apareceu. Acomodou-a no banco de trás do Mitsubishi, cobriu-a inteiramente com a toalha, depois estacionou o carro em outro lugar menos chamativo, sem infringir a lei. Até ali, tudo bem.

Voltando ao apartamento, deparou com Barbara sussurrando algo para o menino. Em polonês, não em lituano.

– Para com isso – mandou Jučas. – Ele não está entendendo merda nenhuma do que você está falando.

Jučas detestava quando a namorada falava em sua língua natal. Ficava com a sensação de que havia uma parte dela à qual ele nunca teria acesso. Quando os dois se mudassem para Cracóvia, ela conversaria em polonês com todo mundo, de repente ele se deu conta. Com todo mundo menos com ele. Por que não tinha pensado nisso antes? Pois é, não tinha. Pensava apenas na casa, em Barbara, na vida que compartilhariam ali.

O dinamarquês tornaria tudo aquilo possível. O dinamarquês e seu dinheiro. Jučas ainda se lembrava da sensação de triunfo que tivera logo no início de toda aquela história, ao pensar em como seria fácil.

Fora Klimka quem o convocara para tomar conta do dinamarquês, enfatizando que não queria nenhuma sujeira com aquele cliente em particular. Era um ótimo cliente, com negócios não só em Vilna, mas também em alguns lugares

da Letônia, e pagava a Klimka uma ótima grana para manter longe os outros tubarões. Numa visita a Vilna, o dinamarquês havia pedido um único guarda-costas para acompanhá-lo na cidade. Discrição era essencial.

Portanto, Jučas tinha servido de babá para o homem desde o momento em que ele descera do avião com sua malinha ridícula, a malinha que abrigava uma quantidade absurda de dólares americanos, tal como Jučas ficaria sabendo mais tarde. Eles haviam ido direto para uma espécie de clínica particular, onde o dinamarquês tentou comprar informações sobre uma lituana qualquer que aparentemente dera à luz um bebê. Ao ver a fortuna que ele oferecera à diretora da clínica, Jučas ficara preocupado. Era como se o dinamarquês nem tivesse ideia do que estava esfregando na cara da mulher. Uma décima parte teria bastado; na verdade, teria sido até demais. Muita gente já perdera a vida por menos.

Jučas tinha ligado para Klimka pedindo reforço. Klimka recusara; o dinamarquês havia deixado claro que queria apenas um guarda-costas. Jučas teria que se virar sozinho por ora, mas se a barra ficasse pesada, poderia ligar, claro.

Ah, ótimo, pensou Jučas. No caso de alguma merda, ele precisaria de ajuda ali na mesma hora, não a alguns telefonemas de distância. Durante todo o dia, ele se mantivera totalmente alerta, mal prestando atenção no que o dinamarquês dizia ou fazia, ocupado em seu trabalho de sentinela. Quando a enfermeira não quis cooperar e eles voltaram para o hotel, Jučas ficou aliviado.

Cedo demais, como viu depois. Numa crise de depressão, o homem enxugara toda a bebida do minibar, depois descera para o andar térreo do hotel, já tão bêbado que o barman do local se recusara a servi-lo. Não satisfeito, o idiota resolvera ir para a rua, sem a maleta de dólares, ainda bem, mas com dinheiro suficiente no bolso para se

meter em todo tipo de encrenca. Não havia nada que Jučas pudesse fazer senão xingar e segui-lo.

Aquele seria apenas o início de uma noite muito longa. Mas, à medida que mandava a bebida para dentro, o dinamarquês botava para fora toda a sua história. Jučas foi ouvindo, de início sem prestar muita atenção, mas depois com grande interesse. Planos começavam a se formar em sua cabeça. E na manhã seguinte, após despejar o dinamarquês em seu jato particular, verde de ressaca mas sem danos maiores, foi até com certo carinho que Jučas afivelou o cinto do homem e deixou à frente dele um número suficiente de sacos para vômito.

Tivera certo trabalho para tirar da enfermeira a informação que o dinamarquês tanto queria, mas acabara conseguindo: afinal, já possuía alguma experiência em obrigar as pessoas a fazerem coisas a contragosto. E ao descobrir que Sigita Ramoškienė de fato tinha um segundo filho, as

peças do quebra-cabeça haviam se encaixado à perfeição.

Ele fizera uma proposta ao dinamarquês. O preço era fácil de lembrar, e não negociável: 1 milhão de dólares americanos.



Ele ainda não entendia por que as coisas haviam desandado daquela maneira. Mas pelo menos sabia que não deixaria o dinamarquês lhe passar a perna.

– Me dá ele aqui – ordenou a Barbara, já estendendo os braços para o menino.

Ela o abraçou ainda mais forte.

– Quem sabe não ficamos com ele? É tão novinho... Podia muito bem ficar conosco.

– Ficou maluca?

– Rapidinho ele vai esquecer tudo isso. Daqui a um ano, vai achar que sempre foi nosso filho.

– Barbara, solta esse moleque.

– Não. Andrius, chega. Por mim, ficamos com ele e vamos para a Polônia agora mesmo. Chega de bater nas pessoas. Chega de violência.

Ele balançou a cabeça. A mulher havia pirado completamente. Péssima ideia tê-la trazido. Mas o plano era que ela o ajudasse a entrar no prédio sem chamar muita atenção, e sem dúvida dera certo. Agora ele se arrependia de não ter só arrombado a porta.

– A grana – alegou ele.

– Não precisamos dela – retrucou Barbara. – Podemos morar com a minha mãe, pelo menos no começo. Depois você arranja um emprego e arrumamos um lugar só nosso.

Juças precisou respirar fundo para manter a ira sob controle.

– Você pode até querer viver o resto da sua vida como uma ratazana de esgoto – replicou ele –, mas eu, não.

Resoluto, ele puxou o menino pelo braço e o arrancou de Barbara. Por sorte, o moleque não gritou. Apenas se amoleceu, como se tivesse perdido a consciência. Agora era Barbara quem choramingava.

– Cala essa boca, porra – mandou Jučas. – Nem todos os vizinhos são surdos.

– Andrius – implorou ela. Dava a impressão de que estava se desintegrando. As lágrimas e o muco nasal molhavam seu rosto, dando-lhe um aspecto inchado, feio.

Mas Jučas ainda tinha por ela certo carinho.

– Shhhh... Para de chorar, vai. Volta para o hotel, depois eu passo lá e pego você. Assim que eu botar a mão no dinheiro, pegamos o carro que Dimitri descolou e nos mandamos para Cracóvia.

Barbara assentiu, mas Jučas não sabia dizer se ela havia acreditado nele ou não.

Voltando para o Mitsubishi, ele viu que a putinha se mexera. A toalha tinha escorregado e agora se via um pouco do rosto e dos ombros dela. Merda. Porém, o melhor a fazer era sair logo dali. Mais tarde ele poderia parar em algum lugar para recobri-la. Ele acomodou o menino na cadeirinha que por sorte ainda estava lá, instalada entre os bancos do motorista e do carona. Teve alguma dificuldade para atar todos os cintos e fivelas – a função havia sido de Barbara até então –, mas felizmente o moleque continuava quieto. Virava o rosto para não fitá-lo, mas, fora isso, era um boneco de tamanho natural, de braços e pernas moles, nenhum sinal de birra ou rebeldia.

Já estava quase terminando quando Barbara saiu do prédio. Fez que não a viu. Acomodou-se ao volante e foi embora sem ao menos olhar para trás. Não poderia levá-la consigo.

Sabia que talvez tivesse que matar alguém. A putinha pelo menos, quem sabe o dinamarquês também. Não queria que ela visse.

JUČAS PASSOU DUAS VEZES DIANTE da casa para se situar melhor. Havia um muro, mas os portões de ferro fundido estavam escancarados: nada o impedia de entrar com o carro até a porta da casa. Fácil demais para ser verdade. Na Lituânia, os ricos precisavam se proteger melhor.

Na terceira vez, ele atravessou o portão e seguiu em frente. Deixou o carro deslizar pelo declive a fim de minimizar o barulho do motor. Não parou diante da entrada principal, mas foi seguindo pelo caminho até a garagem enorme nos fundos. Ali também os portões estavam totalmente abertos. Havia vagas para cinco ou seis carros, mas naquele momento se achavam apenas um Audi *station wagon* azul-marinho e um esportivo

baixo, escondido por uma capa antipoeira. Ele estacionou ao lado do Audi e desligou o motor.

O menino permanecera quieto durante toda a viagem, jamais olhando para Juças. De vez em quando chorava baixinho, quase em silêncio. Nada de berros e soluços, apenas o choramingar tímido de um bicho indefeso, o que talvez fosse pior. A vontade de Juças era consolá-lo de alguma forma, dizer que não pretendia machucá-lo, mas sabia que era inútil. Sabia que daquele dia em diante ele seria o monstro que povoaria os pesadelos do moleque para o resto da vida. Pensou em Barbara, no modo como ela o havia fitado no apartamento... como se ela começasse a ficar com medo dele também. Porra, não sou desses filhos da puta que batem em mulher e criança, disse a si mesmo.

Totalmente a contragosto, Juças voltou a se lembrar da outra. Da loura. Encolhida naquela cama, o olhar turvo, sem sequer perceber a

presença dele no quarto. O fiapo de voz que engrolava: “Ni-na. Ni-na.”

Antes de descer do carro, Jučas ainda ficou um instante com as mãos plantadas no volante, ruminando as ideias. De que diabos adiantava fugir de Klimka e daquele mundo sórdido em que ele vivia, no qual o medo é um porrete que os mais fortes usam para intimidar as pessoas? De que adiantava sonhar com uma casinha e um jardim em Cracóvia, com Barbara tomando sol no quintal, se ele jamais conseguisse tirar da cabeça toda aquela merda?

Por fim, ele desceu. Procurou intensificar a ira, pois só com ela seria possível enfrentar o que estava por vir. Abrindo a porta traseira, espiou a putinha desmaiada sob a toalha imunda. Tudo era culpa dela, pensou. Dela e do filho da puta do dinamarquês que tentava lhe tirar o dinheiro. A culpa era dos dois, e ambos teriam que pagar. Ninguém passa a perna em Andrius Jučas.

Lá estava ela agora, a ira. Uma onda de calor que corria pelo corpo inteiro, fazendo com que as mãos e os pés formigassem, tremessem um pouco, mas de um jeito bom. Era melhor cuidar da putinha enquanto ela não passava de um objeto inanimado. Pegou a sacola com as compras que Barbara fizera e esvaziou o conteúdo sobre o banco: bananas, refrigerante quente, a porcaria de um sabonete que ela havia comprado só porque cheirava a rosas e lírio-do-vale. Embora não tivesse a menor vontade de tocar na mulher, ele se acomodou no banco de trás e levantou o tronco dela para cima das próprias pernas. Ela não pesava quase nada, constatou. Pouco mais que uma criança. Em seguida, enfiou a sacola na cabeça dela e só então se deu conta de que não tinha nada para amarrá-la. Decidiu, então, dar um nó nas alças sob o queixo da moça, e isso teria que bastar. Tranquilizou-se assim que viu o plástico ser sugado a cada respiração. Quando

voltasse ao carro, sem dúvida já a encontraria morta.

Afastou-a com nojo e limpou as mãos nas calças como se ela o tivesse contaminado. A putinha teve o que merecia, pensou, embriagado pela fúria. Mais uma vez desceu do carro e baixou as portas da garagem. Não foi a imagem da mulher que espocou à sua frente na súbita escuridão. Foi a imagem do Porco. O Porco do orfanato. O filho da puta que levava as criancinhas para aquele porão escuro e úmido que fedia a mijo, gasolina e a velhos que não tinham o hábito de tomar banho.

Porcos filhos da puta, todos eles, pensou Juças. Pois agora o mundo ficaria sabendo que ninguém se aproveitava mais dele.

Encontrando o interruptor mais próximo, ele acendeu as lâmpadas fluorescentes do teto e não demorou a localizar o que tinha em mente: o sistema automatizado dos portões, algo que um

ricaço como o dinamarquês com certeza teria. Bastaram dois puxões para que ele arrancasse todos os fios da caixa. Pronto. Até agora, tudo bem.

No interior da garagem, havia uma porta que certamente dava para a casa, mas estava trancada. Juças cogitou arrombá-la aos chutes, mas decidiu que seria bem mais fácil tocar a campainha. Olhando para o carro, viu que o menino continuava lá, amarrado à cadeirinha, observando-o através do para-brisa. Com um único tapão no interruptor, ele apagou todas as luzes que acendera antes. Menino e carro sumiram na escuridão da garagem.

SIGITA TREMIA DA CABEÇA aos pés.

– Vocês não podem fazer uma coisa dessas!
– berrou ela, e por alguns segundos não se deu conta de que havia berrado em lituano. Procurou desesperadamente pelas palavras em inglês, para que a mulher entendesse. – Vocês não podem tirar o rim de um menino de 3 anos! Ele é novo demais!

Anne arregalou os olhos, perplexa.

– Claro que não, Sra. Ramoškienė. Não é isso... não é isso que vamos fazer.

– Então por que o levaram? Por que mandaram alguém até Vilna para roubar meu filho e o trazer para a Dinamarca? – Sigita não tinha certeza de nada, mas só poderia ser aquilo que acontecera.

– Não sei onde está seu filhinho, nem por que o levaram. Mas de uma coisa você pode ter certeza: jamais faríamos algo que... – Anne se calou de repente, voltou os olhos para o mar e assim ficou por alguns instantes. Então, num tom de voz bem diferente, acrescentou: – Você me dá licença um minuto? Vou ligar para o meu marido.

Essas pessoas são ricas o bastante para comprar qualquer coisa, pensou Sigita. Compraram meu primeiro filho. Depois compraram alguém para roubar o segundo.

– Ele só tem 3 anos... – choramingou ela.

Foi aí que alguém tocou a campainha da casa, fazendo soar aquela melodia tão alegre e tão descabida diante das circunstâncias. Ambas se assustaram, e dali a pouco Aleksander veio correndo do corredor, dizendo algo em dinamarquês.

– Ele adora atender a porta – explicou Anne, distraída. – Com ele em casa, nem precisamos de um mordomo.

Em seguida, rápido demais para uma ocorrência normal, a porta da casa se escancarou até bater contra a parede e um homem irrompeu no hall. Parecia ocupar todo o espaço à sua volta, pensou Sigita, não apenas porque era fisicamente enorme, mas sobretudo porque irradiava uma fúria que fazia encolher tudo ao redor. Com uma das mãos ele imobilizava Aleksander e com a outra empunhava uma arma.

– No chão, as duas! – gritou ele. – Agora!

Sigita logo soube quem era aquele homem, ainda que nunca o tivesse visto. Era ele quem havia levado Mikas.



Aleksander começou a se debater, tentando se desvencilhar, mas o homem o agarrou pelos

cabelos, puxou a cabeça dele para trás e o imobilizou de novo. O garoto deixou escapar um lamento de dor, medo e revolta.

– Por favor, não o machuque! – suplicou Anne.

– *Por favor!*

Falou algo em dinamarquês para o garoto, esperou que ele se aquietasse e se jogou no chão, tal como o homem havia instruído.

Sigita permaneceu onde estava, rígida como um pilar, ouvindo o sangue que zumbia nos ouvidos.

– Onde ele está?

Insatisfeito com a rebeldia, o homem deu um passo adiante, botou a arma na cabeça de Aleksander e perguntou:

– Ele quem?

– Você sabe muito bem! O meu Mikas!

– Com este aqui você não se importa? É só do caçulinha que você gosta, é?

Claro que não. Naquela altura, Sigita já tinha plena consciência de que Mikas não era o único motivo de sua visita.

– Para o chão, vadia – ordenou ele. – Vai ser melhor para todo mundo se eu não perder a paciência.

Não falou em tom de ameaça; apenas deu uma informação. Assim como as placas no jardim zoológico de Vilna, nas jaulas dos predadores: *Por favor, não suba na cerca.*

Sigita, por fim, se deitou.

– O que você quer? – perguntou Anne em inglês. – O que veio fazer aqui?

O homem não respondeu. Apenas obrigou Aleksander a se estender ao lado delas e foi correndo as mãos pelo corpo de Anne, profissionalmente, sem nenhuma intenção sexual. Assim que encontrou o celular no bolso dela, arremessou o aparelho contra o chão até quebrá-lo. Esvaziou a

bolsa de Sigita, pegou o telefone dela e o destruiu da mesma forma.

– Foi ele que levou Mikas – explicou Sigita. – Meu filho Mikas. Acho que seu marido o pagou para fazer isso.

Ouvindo isso, o homem ergueu a cabeça e negou:

– Não. Ele ainda não pagou. Mas vai pagar.

JÁ ERAM QUASE OITO E MEIA DA NOITE quando enfim eles o liberaram. Jan tinha a impressão de que fora atropelado por uma betoneira.

– Vá para casa e tente não pensar muito no assunto – aconselhou seu advogado enquanto ambos se despediam no estacionamento.

Jan assentiu em silêncio. Sabia que seria impossível não pensar. Pensar em Anne. Pensar nos pais dela, Inger e Keld. Pensar em Aleksander e num cooler em algum lugar do planeta, abrigando um rim que teria no máximo doze horas de vida útil antes de virar refugo de açougue. Pensar no lituano e em Karin, que estava morta, por mais que lhe custasse acreditar.

Eles haviam mostrado as fotos da perícia. Queriam deixá-lo emocionalmente abalado, e

tinham conseguido. Ele já vira Karin no Instituto Médico-Legal, mas era pior vê-la no local onde fora morta, encolhida numa cama com os cabelos ensanguentados. A violência ficava ainda mais real, mais palpável. Era possível *ver* a brutalidade daqueles golpes, a força física que lhe tirara a vida. Jan sentia um frio no estômago sempre que se lembrava das mãos enormes do lituano e das palavras que ele dissera antes de desligar o telefone: *Só depois que você me pagar.*

Jan sabia que a polícia ainda não o deixaria em paz. Não havia contado a eles sobre o lituano, nem sobre Aleksander e o rim de que ele tanto precisava. Embora tivesse jogado fora o Nokia roubado, a foto do garoto e a amostra de sangue com o DNA compatível, ele ainda acalentava uma esperança irracional demais, fora de qualquer prognóstico realista.

Talvez eles tivessem farejado as coisas que ele omitira. Talvez por isso o tivessem interrogado

por tanto tempo, mesmo depois de ele ter mandado o amor-próprio às favas e contado sobre a visita de Inger. Naturalmente, eles haviam despachado alguém até a casa dos sogros em Tårbæk para comprovar o álibi. Pensar nisso era quase insuportável para Jan. Ele imaginava Keld franzindo a testa, deixando o cachimbo de lado e se levantando para receber o policial, depois ouvindo sobre a morte de Karine e as suspeitas que recaíam sobre o genro. Por um instante de desespero, Jan chegou a imaginá-lo pegando o velho Mercedes preto para ir buscar a filha em casa e trazê-la de volta.

Claro que ele não faria uma coisa dessas. Eles eram casados e Keld tinha um enorme respeito pela instituição do matrimônio. O que não significava que ele precisava respeitar o homem com quem sua filha havia casado, e Jan sabia que, àquela altura, esse respeito já fora reduzido a cinzas. Se é que um dia ele existira. Em meio a tantos

dissabores, o desprezo do sogro tinha um amargor especial.

– Tudo vai dar certo – garantiu o advogado, dando um tapinha no ombro dele. – Você tem pelo menos um álibi parcial e eles não têm nenhuma prova concreta que vincule você ao crime. Pelo contrário, eu acho. Quanto àquela outra coisa... Bem, será bastante difícil para eles inverterem o ônus da prova.

Jan anuiu e entrou no carro.

– Voltamos a nos falar amanhã – disse, e bateu a porta antes que o homem pudesse acrescentar o que quer que fosse.

A outra coisa...

Tratava-se do que dissera o investigador de pulôver azul, o que parecia um agente ferroviário: “Pessoas como o senhor não precisam matar ninguém com as próprias mãos. Afinal, é muito mais fácil pagar pelos serviços de alguém.”

Uma suspeita que talvez fosse pior que uma acusação direta de homicídio. Especialmente porque estava muito próxima da verdade. Ele *de fato* havia localizado Karin e oferecido dinheiro a uma pessoa para ir buscá-la. Para buscá-la, não para matá-la. Mas como provar uma coisa dessas agora que ela estava morta?



O caminho de volta para casa lhe parecera longo, muito embora ele não estivesse ansioso para chegar. Após várias semanas de céu azul e muito sol, nuvens começavam a chegar do oeste, escurecendo o crepúsculo. Um vento forte vergava os pinheiros de tal modo que eles pareciam que iam tombar sobre a casa. A porta automática da garagem mais uma vez não funcionou. Cansado demais para se aborrecer, ele deixou o carro do lado de fora. Podia sentir o cheiro do mar, apesar de ter fumado três cigarros durante a viagem. O mar

e mais alguma coisa: o cheiro úmido e carregado de ozônio do temporal que estava para cair.

Ele mal havia inserido a chave na fechadura quando a porta se escancarou, tão abruptamente que o molho de chaves caiu ao chão. Algo o acertou no rosto e ele cambaleou para trás até se esborrachar de costas no cascalho, aos pés dos degraus de entrada.

O lituano assomava à soleira e a contraluz lhe conferia um aspecto quase sobrenatural: o de um gigante de histórias infantis. Com a mão direita ele empunhava uma arma e com a esquerda apertava a nuca de Aleksander como se tivesse garras no lugar dos dedos. Um som involuntário emanou das profundezas de Jan. Por favor, não. Não o meu Aleksander.

– Pelo amor de Deus... – sussurrou ele, sem se dar conta de que havia falado em dinamarquês e que não seria entendido. – Solte o meu filho.

O lituano o fitava diretamente nos olhos.

– *Agora* você vai me pagar – exigiu ele, com uma voz rascante.

ANTON ESTAVA CANSADO E MAL-HUMORADO. “Chatolento” era a palavra que a mãe de Morten havia inventado para essas ocasiões. Um amálgama de chato e sonolento, o neologismo descrevia à perfeição o estado em que seu próprio filho se achava com perturbadora frequência, um misto de muito cansaço e dificuldade para dormir.

Se pelo menos Nina não tivesse levado o carro, pensou Morten. Naquele dia em particular, teria sido ótimo ser poupado da caminhada desde a escolinha de Anton até o apartamento na Fejøgade, arrastando atrás de si um birrento de 7 anos. Anton insistia em seguir sozinho, pois achava uma humilhação ser levado pela mão feito

uma criancinha, mas sempre ficava para trás e Morten precisava forçá-lo a andar.

Ela tinha telefonado para o chefe, mas não para ele. Magnus passara o recado quase em tom de desculpa:

– Ela está bem. Falou que você não precisa se preocupar.

Claro que era bom saber que ela não jazia morta num valão qualquer na Zelândia do Norte, mas a informação não era lá muito útil. Ela ainda andava por aí, naquela realidade alternativa à qual ele não tinha nenhum acesso, em que a violência e o desastre pareciam espreitar a cada esquina. Mesmo sabendo que estava sendo irracional, Morten não conseguia afastar a sensação de que Nina trouxera aquele mundo consigo ao voltar para a Dinamarca, atrapalhando irremediavelmente o eterno piquenique que teria sido a vida da família Borg.

– Tô com fome – choramingou Anton.

- Faço um sanduíche para você assim que a gente chegar em casa.
- Com pão branco?
- Não, com pão de centeio.
- Mas eu não gosto de pão de centeio.
- Gosta, sim.
- Gosto, não! Tem *sementinhas*!

Morten suspirou. A rabugice alimentar de Anton ia e vinha ao sabor de seu estado de espírito. Quando estava descansado e feliz, mandava para dentro o que lhe fosse servido, coisas até um tanto sofisticadas para sua idade, como azeitonas, brócolis e fígado de galinha. Nas demais ocasiões, no entanto, seu repertório encolhia bastante, resumindo-se a leite e cereal.

- A gente vê o que faz quando chegar em casa – replicou Morten vagamente.
- Mas eu tô com fome *agora*.

Morten se rendeu e comprou um picolé.

Assim que entreabriu a porta, ele sentiu o cheiro e ficou preocupado. Dois andares abaixo, Anton subia as escadas obedecendo a um método próprio que consistia em ir pulando dois degraus e descendo um, e ao que tudo indicava era essencial fazer o maior barulho possível a cada pulo.

Morten acendeu a luz do hall e as silhuetas de antes tomaram sua forma de sempre: casacos, cachecóis, sapatos, botas, um solitário skate encostado à parede. Mas nas tábuas do piso destacavam-se duas poças: uma de sangue e outra, um pouco mais adiante, de leite com cereais, que derramara de uma tigela emborcada. Além disso, havia um elemento que ele farejara mesmo antes de entrar: urina.

– Anton – chamou ele com firmeza.

No patamar abaixo, o menino apenas ergueu o olhar para ele.

– Vá ver se Birgit está em casa. De repente você pode ir brincar com Mathias.

– Mas eu tô com fome.

– Faz o que eu estou mandando!

Anton arregalou os olhos, assustado. Morten pensou em apaziguá-lo de alguma forma, mas naquele momento isso não seria possível. O medo que estava sentindo deixava pouco espaço para qualquer outra coisa. Ele fechou a porta do apartamento e tocou a campainha dos vizinhos. Mathias atendeu, mas Birgit surgiu atrás dele num piscar de olhos.

– Olá – cumprimentou ela. – Vocês foram assaltados?

– Não, por quê? – perguntou Morten, ainda mais assustado.

– Vi um carro de polícia parado de manhã na frente do prédio.

– Ah. Bem, é que... Olha, será que você pode ficar com Anton por uma horinha mais ou menos? É uma história comprida, depois eu conto.

Ele acenou com a fofoca do mesmo modo que teria acenado com um bife para um cachorro faminto. Sabia que a curiosidade era uma das principais forças motrizes da vida da vizinha.

Birgit não ficou lá muito satisfeita por ter que esperar, mas talvez tenha percebido a tensão que ele tentava esconder.

– Tudo bem – concordou ela. – Mathias, mostra para Anton aquele seu joguinho novo.

– UhUUUUul! – exclamou Mathias, e Anton também se entusiasmou. Ambos saíram correndo para o quarto do menino.

– Obrigado – agradeceu Morten.

Birgit permaneceu onde estava, discretamente tentando espiar além da porta que Morten voltava a abrir. Não viu muita coisa, pois ele foi rápido ao fechá-la.

Cuidando para não pisar nas poças de sangue, leite e urina, Morten correu os olhos pela cozinha e pela sala. Ninguém ali. Ida também não estava

no quarto; tinha ido passar a tarde na casa de uma colega de escola, lembrou ele. Mas em seu próprio quarto havia uma camiseta suja jogada sobre a cama. Uma camiseta de Nina. Ela passara em casa.

Sem ao menos piscar, Morten tentou organizar os pensamentos. Que diabos poderia ter acontecido? A poça de sangue no hall era grande demais. Não podia ser resultado de algum acidente bobo, um corte no dedo ou algo assim. E o xixi... o que explicava aquilo? De repente, lhe vieram à cabeça aquelas cenas de perícia dos seriados de TV. Algo a ver com traços de urina e fezes quando os músculos cedem no momento da morte.

Momento da morte. Não.

Não.

Morten sacou o celular. Precisava chamar a polícia.

Então ouviu um ruído discreto. Um choramingar, uma respiração ofegante. Às pressas, ele abriu a porta do minúsculo banheiro.

Uma mulher que ele nunca vira antes estava sentada na tampa do vaso. Tinha um aspecto péssimo: sem dúvida chorara muito e parecia extremamente vulnerável. Os cabelos claros desciam até os ombros, desalinhados, caídos do que ainda restava de um coque. Apesar disso, havia uma certa elegância no pescoço esguio e nas pernas compridas.

– Onde está Nina? – perguntou Morten, perplexo.

A mulher ergueu os olhos inchados na direção dele.

– *Już po wszystkim* – disse. E acrescentou num inglês vacilante: – Acabou. Está tudo acabado.

Morten ficou zozzo. *Nina*. Que diabos teria acontecido a ela?

ELA ACORDOU PORQUE ESTAVA SUFOCANDO. Não conseguia respirar. Alguma coisa úmida, preta e pegajosa grudava-se a sua boca, seu nariz e seus olhos, e a cada vez que ela tentava respirar, inalava apenas escuridão. Nenhum ar. Não havia ar.

O pânico já se instalara antes mesmo que ela pudesse recobrar inteiramente os sentidos. Tateando na escuridão à sua frente, ela deparou com algo macio e pesado. Um cobertor, talvez. Tentou livrar-se dele, mas o pano enroscou-se nos braços e ombros. Ela agora se debatia feito um mergulhador preso no fundo do mar, tentando voltar à superfície.

O peito doía muito. E a escuridão ainda se afer-rava ao rosto. Procurando respirar em haustos

curtos e fortes, de repente ela percebeu um perfume de rosas. Um presságio de morte, pensou. Rosas e lírios sempre lhe lembravam velórios. Por fim, ela conseguiu libertar uma das mãos do cobertor e levou-a à cabeça.

Um saco plástico.

Primeiro tentou rasgá-lo. Depois, esforçou-se para abrir buracos a fim de respirar. Cada poro de seu corpo parecia clamar por oxigênio. Os pulmões se retorciam em dolorosas câibras. Mais uma vez, ela cravou os dedos no plástico, e dessa vez algo cedeu. O saco se afrouxou o bastante para deixar passar um fiapo de ar.

Calma. Não se afobe. Respire devagar.

Os pensamentos iam e vinham e ela tentou domesticá-los naquela massa escura e pastosa a que fora reduzido seu cérebro.

Alguém havia amarrado um saco plástico em sua cabeça. Bastava retirá-lo para que conseguisse respirar. Foi o que ela fez. Com um único puxão,

desvencilhou-se da sacola e sorveu todo o ar que pôde, em inspirações longas e ruidosas.

A escuridão ainda era a mesma à sua volta. Por alguns segundos de delírio, ela ficou em dúvida se estava ou não de olhos abertos e um impulso absurdo a fez tocar as pálpebras, apenas para checar.

“Você não está morta, Nina. Respire fundo e se acalme.”

O pensamento tranquilizou-a: as palavras soavam verdadeiras na escuridão.

Nina se apoiou nos cotovelos, virou um pouco o rosto. Era dolorido mexer-se. Doía-lhe sobretudo uma das faces, um lado da cabeça que parecia ao mesmo tempo pesado e delicado. Algo empapava a bochecha e parte do pescoço. Sangue, deduziu ela mecanicamente, sem nenhuma emoção. Foi aí que se lembrou: o brutamontes da estação havia invadido seu apartamento com uma arma na mão. Estranhou que ele não a tivesse

matado ali mesmo, no hall. Por algum motivo, ele preferira esperar.

Virando o rosto para o outro lado, viu pela primeira vez um pequeno rasgo de luz em meio à escuridão. E ouviu alguém gemer baixinho feito um animal trancafiado.

Mikas.

Soube na mesma hora que era ele, mas os gemidos eram tão débeis que pareciam vir de outro planeta. Onde estaria o menino?

Tateando de novo no escuro, ela agora deparou com a superfície fria de um vidro. Uma janela de carro. Deduziu que estava na traseira de uma van. O chão era de um feltro áspero que lhe pareceu novo ao ser apalpado. Seguiu tateando até que encontrou uma espécie de grade metálica. Uma divisória para cachorros? Com os olhos mais acostumados ao breu, ela se deu conta de que a luz que vira antes vinha das frestas do que parecia ser a porta de uma garagem. Uma garagem ou

um estacionamento, pensou, farejando no ar os cheiros de borracha e gasolina. Não havia qualquer indício de que o brutamontes estivesse por perto. Apesar disso, Mikas continuava a gemer do outro lado da grade.

Estava com medo.

– Mikas! – chamou ela, sentindo a língua espessa e amorfa ao falar, debatendo-se com a náusea. – Mikas! – voltou a gritar, e sacudiu a divisória para ver se ele reagia. – Não precisa ter medo. Estou aqui.

Sabia muito bem que o menino não falava sua língua, mas achou que ele ficaria pelo menos um pouco mais tranquilo ao saber que não estava sozinho. Talvez até reconhecesse sua voz.

Mikas ficou calado por um instante, como se estivesse de orelhas em pé, mas dali a pouco voltou a choramingar baixinho.

Nina se ajoelhou e começou a tatear todo o espaço ao redor, correndo os dedos por todos os

sulcos e protuberâncias que ia encontrando pelo caminho. Parou quando encontrou um pequeno aro rente ao chão. Puxando-o, sentiu que o feltro se deslocara um pouco. Havia uma espécie de alçapão ali. De repente, percebeu que talvez estivesse num daqueles carros em que o pneu sobressalente fica alojado sob o piso do porta-malas. Terminou de abrir o alçapão e, ainda apalpando, encontrou ao lado do pneu o pacote de plástico que esperava encontrar: o kit de ferramentas do carro.

Nina se permitiu um momento de exultação. Caso o brutamontes tivesse pensado que ela ficaria parada, aguardando a morte com um saco plástico mal-amarrado na cabeça, ou que um porta-malas bastava como cativeiro, ele se enganara redondamente. O desprezo que ela agora sentia pelo homem foi se misturando à fúria que desde o início crescia em seu peito. Eram todos iguais aqueles canalhas. Os abutres que se

alimentavam da carne dos fracos. Os pedófilos, os estupradores, os cafetões. A escória do mundo. Não passavam, todos eles, de uma gentilha *burra*.

O brutamontes não era nenhuma exceção. Não encostaria nem mais um dedo em Mikas, muito menos nela.

Nina tirou uma chave inglesa do kit de ferramentas. Chegou a erguê-la, mas mudou de ideia. Estilhaçar a janela seria barulhento e arriscado demais. Se o homem havia deixado Mikas ali, com certeza pretendia voltar. O menino era propriedade sua, a propriedade que ele tanto se esforçara para reaver. Com um novo plano na cabeça, Nina se aproximou da grade. Não teve dificuldade para localizar no escuro os parafusos que a prendiam ao carro, tampouco para encontrar a chave certa no kit.

Estava nisso quando a garagem se iluminou de repente. Instintivamente, ela se abaixou no portamalas. Pensou ter ouvido vozes. Cogitou gritar

por ajuda, mas algo lhe dizia que o tiro sairia pela culatra: era bem possível que o brutamontes estivesse de volta. Nesse caso, fazer o quê? Fingir-se de morta?

Ela chegou a pegar de volta a sacola de plástico, mas não encontrou forças para colocá-la na cabeça.

Dali a pouco, no entanto, a garagem voltou à escuridão anterior. Ela esperou encolhida, mas ninguém veio até o carro.

Levou um tempo para desaparafusar a divisória. Precisou parar duas vezes para controlar a náusea, mas por fim conseguiu o que queria. Deixou a grade num canto e chamou:

– Mikas!

No banco da frente, apenas silêncio.

Sem hesitar mais, ela foi serpenteando pelos espaços vazios até conseguir pular para o banco do motorista. Podia sentir o menino tremendo a seu lado, mas via apenas o pequeno vulto dele.

Rapidamente, ela abriu a porta do carro para acender a luz do teto. Lá estava Mikas, apavorado, piscando os olhos contra a claridade. Talvez nem a reconhecesse. Achava-se amarrado à cadeirinha exatamente como estaria qualquer menino de 3 anos para uma visita à casa da avó ou um passeio no parque. Com a boca fechada num bico de choro, tentava em vão desatar a fivela com os dedos trêmulos.

Nina o ajudou a se soltar.

Segundos depois, ouviu o tiro.

ANNE E UMA DESCONHECIDA SE ACHAVAM deitadas no chão da sala com os braços estendidos como se fossem as vítimas de um assalto a banco. Jan viu uma de suas caixas de ferramentas esvaziada sobre a mesinha de centro, de modo que alicates, chaves de parafuso, pedaços de arame e rolos de fita isolante se espalhavam sobre o tampo de vidro. Só então percebeu, no torpor em que se encontrava, que os pés e as mãos de Anne haviam sido colados ao chão com fita isolante, imobilizando-a naquela estranha posição. No rosto, ela não exibia nenhuma expressão. Nem medo, nem raiva, apenas... Jan não sabia ao certo que nome dar àquilo. “Determinação” não chegava nem perto. Os olhos tinham a cor das sombras na neve.

A outra mulher se achava na mesma situação; um dos braços estava engessado, mas também fora grudado ao chão, num ângulo diferente. Fisicamente, ela lembrava um pouco Aleksander, notou Jan. E sentiu um frio no estômago ao se dar conta de quem ela deveria ser. Nem sequer fazia ideia de como e por que ela aparecera ali, mas a desconhecida só poderia ser a mãe biológica de Aleksander.

Jan sentiu um filete de sangue escorrer das narinas e, num gesto automático, secou-o com o dorso da mão. Precisava recobrar a calma. Precisava assumir o controle da situação em vez de se deixar dominar pelo lituano. Virando-se para ele, afirmou:

– Nada disso é necessário. – Falou pausadamente em inglês, para que fosse entendido. – O que você quer?

– O que você me deve – respondeu o homem.

– Tudo bem. E a sua parte no nosso trato?

O homem ficou imóvel por um instante. Depois apontou a arma na direção da porta.

– Venha comigo.

A outra mulher, a mãe lituana de Aleksander, começou a gritar algo incompreensível. O homem rosnou de volta e ela se calou no mesmo instante.

De início, Jan ficou na dúvida, mas depois concluiu: tirar aquele homem da sala em que se encontrava Anne só podia ser uma boa ideia. Quem dera ele também largasse Aleksander... O menino estava apavorado, quase em pânico. Os olhos se abriam enormes no rosto magro e pálido e havia rastros de lágrimas nas bochechas. Jan forçou um sorriso, que saiu duro.

– Fique tranquilo, Sander. Daqui a pouco ele vai embora.

– Calado – rugiu o lituano. – Se quiser falar, só em inglês.

– Apenas disse a ele para não se preocupar.

- Não faça isso de novo.
- Está bem, está bem...

Não seria prudente atirar o homem, que já estava visivelmente furioso, por mais que tentasse controlar os gestos.

Eles seguiram juntos pelo corredor e desceram a escada que levava à porta dos fundos, que o homem fez Aleksander abrir. Com a arma em punho, ele acendeu a luz da garagem. Jan viu um carro desconhecido e, dentro, no banco da frente, um menino.

Era ele. O menino da fotografia. Jan logo o reconheceu, mas sem entender. Jan não pagara pelo menino, apenas por um dos rins.

– O que ele está fazendo aqui? – perguntou ao lituano.

E nesse instante começou a perceber a verdade, a ligar os pontos. Nunca fora a intenção do lituano entregar um órgão limpinho e perfeitamente transplantável. Como ele faria isso? Não tinha

acesso aos médicos, tampouco à tecnologia para uma cirurgia daquelas. A mala que Karin fora buscar na estação não continha um cooler, mas uma criança viva.

Karin.

Não era de se espantar que ela tivesse surtado.

Em seu estado de agonia, Jan foi assaltado por uma imagem bizarra: era como se ele tivesse perdido um bife num restaurante e recebido à mesa uma vaca com um cutelo de açougueiro.

– Não foi esse o combinado – continuou ele, entre dentes. – Você não falou que se tratava de uma criança viva.

– Perfeitamente compatível – retrucou o homem. – Mesmo pai, mesma mãe. Agora quero meu dinheiro.

– Claro – concordou Jan, de algum modo conseguindo reprimir na voz o medo que estava sentindo. – Vamos voltar lá para cima. Vou lhe dar o dinheiro.

O lituano apagou a luz que acendera. O menino não havia sequer se mexido, e ao ver o pobrezinho, Jan não pudera deixar de se condoer.



– Dólares – exigiu o homem. – Não... isso aí. – Ele apontou a pistola para o laptop de Jan.

– Mas posso transferir o dinheiro para uma conta à qual só você tem acesso – arriscou Jan, mas viu que não adiantaria. Dígitos numa tela de computador não eram dinheiro no mundo lituano. – Ninguém tem um valor desses em casa!

O homem se aproximou, ainda com Aleksander em suas garras. Displícientemente, como se o garoto fosse um brinquedo do qual ele mal se lembrava que tinha em mãos.

– Você disse que o dinheiro estaria disponível.

– E estava. Mas Karin fugiu com ele.

– Karin? Quem é Karin?

– A mulher que você... – Jan preferiu não dizer a palavra “matou”. Achou que não seria uma boa ideia trazer o assunto à tona. – A mulher do chalé. O dinheiro estava com ela. Não tenho culpa se você não conseguiu encontrar.

De rabo de olho, ele viu Anne se mexer. Não faça isso, pensou, como se pudesse alertá-la por telepatia. Não chame a atenção dele, sobretudo agora.

A outra mulher disse algo em lituano. Contorceu-se, talvez tentando se libertar. O homem rugiu algo e ela se aquietou de imediato. Dava para ver que ela estivera chorando.

– Ela não sabia onde estava a grana – afirmou o lituano, voltando a encarar Jan. – Senão teria dito. – Ergueu a arma, apontou-a para a cabeça de Aleksander. – Última chance. Não estou de brincadeira.

Jan abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu, nenhum ruído. Aleksander poderia morrer

porque o imbecil não sabia o que era uma transferência bancária, pensou, já perdendo o chão sob os pés. Inclinando-se um pouco, cogitou arremeter contra o lituano e roubar a arma dele, tirar o filho daquelas garras, fazer qualquer coisa que desse fim àquela sufocante sensação de impotência.

– Sei onde está o dinheiro – interveio Anne de súbito, com seu inglês perfeito.

O lituano agora olhava para ela. Provavelmente se perguntava se a dinamarquesa estava falando a verdade.

Porra, Anne, pensou Jan. Não vê que não dá para blefar com um cara desses?

– Não acredito – replicou o homem. – Ela não sabia de nada dessa história.

Mesmo assim, ele buscou o estilete que se achava junto às ferramentas dispersas na mesa e usou-o para cortar as fitas que atavam Anne ao chão.

Ela se sentou. Sangrava num dos pulsos em razão de um corte acidental, mas não parecia se dar conta disso.

– Então, cadê a grana? – questionou o gigante.

– Vou buscar – respondeu Anne. – Não vai levar nem um minuto.

Ela voltou logo depois com dois envelopes parados recheados. Jan ficou boquiaberto quando ela despejou sobre o chão os maços gordos e verdes de notas de mil dólares.

Anne havia pegado o dinheiro, não Karin. A novidade deixou Jan zozinho.

– Anne... o que você... por quê?

O lituano tinha os olhos grudados no dinheiro e, pelo menos por um momento, não se importou que eles falassem em dinamarquês.

– Faz dois anos que decidi me separar de você, Jan – revelou Anne. – Sabe por que não me separei? Por causa daquela maldita máquina de diálise no porão. Mas quando vi a maleta na cama de

Karin com todo esse dinheiro dentro, não pensei duas vezes. Ali estava a minha oportunidade. Eu não fazia a menor ideia do que você pretendia fazer com tanto dinheiro, mas a intuição me dizia que você não chamaria a polícia caso ele sumisse. *Eu* poderia ficar com ele. E depois teria condições de cuidar de Aleksander sem a sua ajuda.

– Mas...

– Você ainda não entendeu? Deve estar se perguntando se isso tem alguma coisa a ver com aquele seu affaire ridículo com Karin. É, Jan, eu sei de tudo. Mas isso não tem a menor importância. Você nunca parou para pensar nisso, mas eu, sim. Você quase matou Aleksander, Jan. Porque era *você* que precisava dar ao menino o rim de que ele tanto necessitava. Era *você* que precisava cuidar de tudo. Porque para você... antes a morte do que deixar que alguém ficasse sabendo. Você quase matou Aleksander só *porque não queria que meu pai ficasse sabendo que você não podia*

me dar um filho. Foi com a minha família que você se casou, Jan, não comigo. Foi ou não foi? Era o meu pai que você queria, não era? Pois então fique com ele, porque estou indo embora.

Jan ouviu o que ela disse, mas não chegou a registrar as palavras. Viu o lituano largar Aleksander. O menino correu para Anne e ela o abraçou com sofreguidão, sem notar que o sangue do pulso escorria para os cabelos dele.

– Recolhe tudo isso aí – mandou o lituano. – Recolhe tudo e coloca de volta nos envelopes.

Jan demorou alguns segundos até perceber que a ordem fora dada a ele. Sentia-se num corpo que não era o seu, como se tudo estivesse se dissolvendo, dentro e fora dele. Deu um passo adiante, não na direção do dinheiro, mas na de Anne. Não deu nenhuma importância quando viu o homem erguer a arma. Tampouco se importou quando viu o cano faiscar e sentiu no peito o impacto da bala.

O DINAMARQUÊS CAIU PESADAMENTE sobre os maços de dinheiro. Juças virou-se para mirar a dinamarquesa, mas a mulher não estava mais lá. Ele podia ouvi-la correndo em algum lugar da casa, talvez no hall. Ela e o filho, claro.

Juças baixou os olhos para o dinamarquês para decidir se iria atirar uma segunda vez, mas o homem parecia já ter jogado a toalha, e naquele momento o mais importante era alcançar a mulher antes que ela tivesse tempo de chamar por socorro. Matar o garoto não seria nada divertido, mas agora não havia outro jeito. Ele teria que fazer uma pequena faxina naquela casa de modo que não sobrasse ninguém para identificá-lo. O caçula ele poderia levar, já que Barbara gostava tanto dele, porém o mais velho teria que partir:

poderia contar a alguém tudo que presenciara. Juças não queria acordar certa manhã em Cracóvia com a polícia batendo à sua porta.

Quatro ou cinco passadas rápidas levaram-no até a parte da frente da casa. Ninguém no hall e a porta ainda estava trancada. Para onde teriam ido? Abrindo outra porta, ele deparou com uma enorme cozinha de armários brancos e bancadas de mármore preto. Mas nada da mulher e do garoto. Então voltou para o hall; talvez tivessem fugido para a garagem, pensou. Por sorte, ele havia destruído a caixa de controle; ninguém conseguiria sair depressa de lá.

Dali a pouco, ele ouviu um baque surdo no andar de cima. Ótimo. Agora sabia onde procurar. Correu para a escada e subiu ao segundo pavimento.

O primeiro cômodo era um quarto, provavelmente o do casal. Juças acendeu a luz, procurou debaixo da cama, olhou no banheiro. Nada.

Seguindo pelo corredor, encontrou o que parecia ser um escritório feminino, com uma escrivaninha de madeira clara e um sofá de estampa floral junto à janela. Nada ali também.

Abriu mais duas portas às pressas. Um banheiro e um quarto de menino. Gastou um tempo precioso abrindo cada um dos armários e derubando ao chão uma miniatura de castelo medieval, mas ainda sem encontrar nenhum sinal da mulher e do garoto. Em seguida foi para a última porta no corredor.

Estava trancada.

Ele ergueu a Glock e apontou para a fechadura. O disparo foi ruidoso, mas o estrago feito à porta foi bem menor do que havia imaginado. Apesar da surdez temporária, ele pôde ouvir um grito abafado, mas que parecia vir de cima. Deduziu então que a porta dava para a escada de um sótão. Disparou um segundo tiro e a porta foi cedendo à

medida que ele a golpeava com os ombros. Um terceiro tiro bastaria para abri-la.

Foi então que algo o acertou por trás. Algo duro e pesado, de bordas afiadas. A pancada na nuca fez com que ele cambaleasse por alguns segundos. Já ia se virando quando foi atingido por um segundo golpe e perdeu o equilíbrio. Nem teve tempo sequer de mirar, mas atirou assim mesmo e acabou acertando a balaustrada da escada. Ainda atordado, foi atingido mais uma vez pela maldita caixa de ferramentas, agora no rosto, e desabou de costas no chão.

Sua agressora era a lituana. Ela agora o encarava com um esgar de fúria, totalmente descontrolada. Um pedaço de fita isolante ainda estava pendurado no braço engessado. Ela o havia golpeado apenas com o braço são, como se a caixa de ferramentas não passasse de uma bolsa. Ainda teve forças para desferir um último golpe, que o acertou no braço direito. Ele agora não podia sentir

os dedos, muito menos a arma que eles seguravam. A tresloucada enfim largou a caixa metálica, mas saltou para cima da Glock.

Ela vai me matar, pensou Jučas. Caralho, se a puta conseguir pegar essa arma, vai me matar.

Com o braço esquerdo, ele agarrou um punhado dos cabelos dela e a puxou para o chão. Embora não estivesse berrando, a mulher lutava como se possuía por um demônio, a ponto de lhe acertar uma joelhada no peito. Ainda sem conseguir usar o braço direito, Jučas sentiu um baque na perna, mas demorou uma fração de segundo para associar o estalo que ouvira ao tiro que a mulher havia disparado. Não sabia dizer o tamanho do estrago. Sabia apenas que, se não desse um jeito naquela vadia *agora mesmo*, algo de muito pior acabaria acontecendo. Juntando forças, ele se jogou em cima dela, imobilizou-a com o peso do corpo e, usando o braço esquerdo, infelizmente bem menos ágil que o direito, tentou

segurá-la pela cabeça para depois, com apenas dois puxões, um para trás e outro para o lado, quebrar o pescoço dela.

Não entendeu por que a coisa não funcionou. Apenas sentiu o golpe que dessa vez o acertou na lateral do pescoço. Deu-se conta de que estava sangrando, e muito, a julgar pelo ritmo desenfreado do coração. Estranho. O latejar no peito não era lá muito diferente daquele outro que ele adorava sentir quando treinava na academia.

Mas o latejar foi arrefecendo aos poucos, cada vez mais distante. Como se ele estivesse se afastando de si mesmo. De repente, Jučas avistou com absoluta clareza a família de seus sonhos. A mãe, o pai e as duas crianças. Jantando juntos, rindo muito. No entanto, por mais que ele os chamasse, que gritasse para eles, ninguém o ouvia. Ele estava do lado de fora, não conseguia entrar.

MESMO ANTES DE ABRIR A PORTA DO HALL, Nina já sabia que a casa era enorme. A escadaria que levava ao pavimento principal não ficaria fora de lugar em alguma mansão corporativa concebida para impressionar, mas ainda assim havia um número suficiente de detalhes domésticos para sugerir que de fato se tratava de uma moradia particular: uma coleção de botas disposta com meticulosidade numa prateleira; casacos de inverno e cachecóis pendurados em ganchos no amplo espaço sob a escada; duas bolas de futebol americano numa rede.

Tudo mais era branco, inclusive a própria escadaria, e Nina precisou de alguns segundos para acostumar os olhos à profusão de lâmpadas de halogênio.

Pairava no lugar um estranho silêncio, como se a casa tivesse engolidos todos os seres vivos que ali haviam pisado e agora os estivesse digerindo. Nina percebia alguns sinais de movimento, mas os poucos ruídos que de fato chegavam a seus ouvidos eram abafados e difusos. Passos apressados, uma porta abrindo e fechando, um tropel de saltos e solados sobre a madeira do piso. E um tiro. Sentindo a adrenalina invadir cada célula de seu corpo exausto, Nina aguçou os ouvidos.

Nada.

Ou melhor... algo. Algo mais próximo do que os passos ouvidos pouco antes. Ela subiu a escadaria o mais silenciosamente possível e mais uma vez apurou a audição. Um gemido pastoso veio do outro lado das portas duplas ao fim do corredor. Um gemido humano. Os reflexos condicionados de socorrista logo entraram em ação, jogando para escanteio a enxaqueca que ela própria sentia. Alguém estava ferido. Ela precisava saber se havia

apenas um ou mais feridos, qual era a gravidade dos ferimentos, quais seriam as primeiras providências a serem tomadas.

Nina consultou o relógio.

Eram 21h37, mais tarde do que havia imaginado.

Ela enfim irrompeu na sala enorme.

Um homem e uma mulher jaziam no chão. A mulher estava imobilizada com tiras largas de fita isolante, mas, fora um braço engessado, que obviamente já fora tratado e portanto era irrelevante naquele momento, ela parecia estar bem. Muito nervosa, mas sem nenhum ferimento visível. Nina ignorou-a e foi acudir o homem. Ele se achava deitado meio de lado com os braços e as pernas jogados, lembrando um skatista após o tombo. Sobre o piso de pedra ao redor dele, espalhava-se uma bizarra quantidade de dinheiro. O sangue na área do esterno havia empapado a

camisa branca e escorrido até se misturar com o suor sob os braços.

Nina recapitulou as prioridades do atendimento emergencial: vias de acesso, respiração, circulação. Ajoelhando-se ao lado do homem, inclinou a cabeça dele para examinar a boca. Não encontrou sangue nem qualquer outra obstrução, o que era um bom sinal. Ele piscava os olhos sem nada fixar em particular, mas parecia acordado.

– O que aconteceu? – perguntou ela, não apenas para saber, mas sobretudo para estabelecer contato e descobrir se o homem seria capaz de responder.

Ele não chegou sequer a balbuciar, apenas fechou os olhos, não desfalecendo, mas cedendo ao desânimo. Sua respiração estava regular apesar das dores, e as mãos estavam um tanto quentes. Não havia nenhum indício de hemorragia interna ou externa. Afastando a camisa ensanguentada para o lado, Nina viu que ele fora atingido por

uma bala na região do peito, acima do coração. O ferimento de entrada não era lá muito grande e não se via nenhum ferimento de saída, o que significava que a bala ainda estava lá em algum lugar, quem sabe alojada na escápula. Isso também era um ótimo sinal. Em geral, ferimentos de saída davam muito trabalho. Com todo cuidado, Nina examinou a ferida, abrindo-a um pouquinho. Viu que havia farpas de osso em meio ao tecido ensanguentado. A clavícula do homem fora reduzida a pó. Os fragmentos pontudos espetavam o ombro, aumentando não só as dores como também o sangramento, mas as artérias principais pareciam ter sido poupadas e o homem não corria risco de vida. Ele começava a balançar o corpo para a frente e para trás, talvez na tentativa de aplacar as dores que, sem dúvida, eram terríveis.

– Procure ficar quieto – orientou Nina. – Se mexer muito, só vai piorar a dor.

Ele obedeceu sem protestar, mas os olhos permaneceram fechados.

Nina procurou à sua volta algo que pudesse transformar numa compressa de emergência, mas aquele não era o tipo de casa em que se encontravam toalhas nas mesas, mantas no sofá ou almofadas nas poltronas. Decidiu, então, tirar a camisa e improvisar com ela uma atadura. Também não conseguiu achar nada para cobrir o homem e aliviar os efeitos do choque, e para apoiar a cabeça havia apenas os maços de dólares ensanguentados.

Sabendo que já fizera tudo a seu alcance, Nina enfim foi dar atenção à mulher.

Ela se debatia febrilmente, querendo se livrar da fita. Os cabelos castanhos, muito suados, grudavam-se à testa. Dava para ver que ela tinha chorado muito. Nina notou algo de familiar nos traços dela, mas não soube identificar o quê.

Enquanto socorria o homem ferido, Nina havia ignorado as súplicas da mulher mais jovem, que talvez por isso tivesse ficado com a impressão de que a outra não estava disposta a ajudá-la. De qualquer modo, ela já se aquietara. Com os olhos ainda úmidos, falou num inglês pausado:

– Por favor. Me ajude.

Entre as ferramentas espalhadas sobre a mesinha de centro, Nina localizou um estilete e usou-o para cortar as fitas que a prendiam ao chão. De um único salto, a mulher ficou de pé. Correndo a uma velocidade que não condizia com o porte miúdo, ela usou o braço livre para pegar a caixa de ferramentas e sumiu da sala.

Nesse mesmo instante, tiros foram disparados no andar de cima. Dois tiros sucessivos.

Nina ficou em dúvida por um instante. Olhou de relance para o homem ferido. Não sabia dizer até que ponto a condição dele era estável, mas não havia muito mais o que fazer para ajudá-lo.

Esfregando as mãos contra o rosto, notou que elas estavam trêmulas, com pequenos espasmos que ela não conseguia controlar. Mais uma vez conferiu as horas, procurando se acalmar. Foi quando o subconsciente enfim lhe ofereceu uma resposta: agora ela sabia quem deveria ser aquela mulher.

Eram 21h39. Nina lançou um derradeiro olhar para o homem ferido, depois se levantou e correu atrás da mãe de Mikas.

SIGITA NÃO CONSEGUIA SE DESVENCILHAR. O homem se esparramava sobre ela, imobilizando-a, agarrando-a pelos cabelos com uma das mãos. Era muito pesado. Por um segundo, ela fez uma bizarra associação com Darius e o sexo entre ela e o marido, mas naquele momento a história era bem outra: não terminaria em risadas e satisfação. Ela deixara a arma cair e nem fazia ideia de onde ela estava. Respirar ficava cada vez mais difícil com o corpanzil que a comprimia ao chão. Pessoas já haviam morrido assim, sufocadas em boates ou arquibancadas de estádios, mas seria possível morrer sob o peso de uma única pessoa? Tudo indicava que sim.

Onde fora parar a força provocada pelo pânico, que se apossara dela minutos antes? A força que

lhe permitira erguer aquela caixa de ferramentas e golpear a cabeça do homem quase a ponto de arrancá-la do pescoço? O homem levava Mikas. E por mais que ela tivesse suplicado e implorado, deitada no chão daquela sala ridiculamente grande, ele não dissera onde estava o menino. Nem mesmo quando sumiu com o dinamarquês e voltou tão depressa que ela supôs que Mikas estivesse por perto. Ele não fizera mais do que rosnar para ela, mandando-a calar a boca caso quisesse ver o filho vivo, e depois disso ela não ousara dar um pio sequer.

Voltaram-lhe à mente aquelas imagens infernais que nos últimos dias ela tanto procurara evitar. E se Mikas estivesse preso numa caixa qualquer ou no porta-malas de um carro, mal conseguindo respirar? Ou pior. Sigita imaginou o corpinho do filho na carroceria refrigerada de uma van, congelando e sem cor, eviscerado como um animal. Quem disse que ele estava vivo?

Como ela poderia confiar nas coisas que aquele homem tinha dito? Eles precisavam apenas de um rim, não queriam saber do resto: dos olhinhos azul-escuros, das risadas contagiantes, da carinha de aflição quando ele começava a falar tão rápido e de forma tão atabalhoada que nem mesmo a mãe conseguia entender.

O homem não se mexia. Estaria morto? Mais uma vez ela tentou se desvencilhar, apesar do pouco ar que ainda tinha nos pulmões.

De repente, no entanto, alguém surgiu para ajudá-la, rolando o corpanzil para o lado de modo que ela pudesse se reerguer. Sigita sorveu todo o ar que pôde, com sofreguidão, e se sentou em seguida, vendo a outra se agachar ao lado do gigante. A outra era a morena de cabelos curtos que a libertara das fitas adesivas. Estava apenas de sutiã e parecia ter recebido um banho de tinta vermelha. Não, aquilo não era tinta. Era sangue. Também havia sangue na parede, um

amplo arco vermelho que parecia ter sido grafitado com um spray. A mulher pressionava as mãos contra o pescoço do homem, tentando em vão conter o sangue que vazava de um rasgo na lateral. Aos poucos Sigita foi se dando conta de que aquilo era obra sua. Ela tinha disparado a arma duas vezes, ainda se lembrava dos coices que sentira, mas não sabia dizer onde o acertara, tampouco *se* o acertara. Parecia que sim. Na perna e no pescoço. Se ele morresse ali, teria sido ela a assassina.

– Mikas? – indagou ela, ainda um tanto sem fôlego.

– Ele está bem – disse a morena, sem ao menos erguer os olhos.

Como assim, está bem? Onde está o meu filho? Está machucado? Está com medo? Sigita não encontrou forças para fazer todas as perguntas que precisava e queria fazer.

A porta semidestruída se entreabriu dali a pouco e Anne botou a cabeça para fora. Uma cena quase cômica.

– Alguém mais foi atingido? – perguntou a morena, sem rodeios.

– Não – respondeu a Sra. Marquart, arregalando os olhos para o corpanzil desfalecido, para o sangue generalizado. – Eu e meu filho... nós estamos bem.

A morena se debruçou ainda mais sobre o homem que havia levado Mikas e disse algo que Sigita não conseguiu ouvir. Ele não respondeu, mas emitiu um ruído segundos depois, nada mais que um chiado sibilante. O sangue já não jorrava tanto. Levantando-se com dificuldade, Sigita viu que também estava coberta de sangue. Tinha sangue nos cabelos, no pescoço, na camisa. O sangue *dele*. Sentiu um arrepio. Ver-se ensopada no sangue de outra pessoa talvez fosse pior do que se ver ensopada no seu próprio. Ela se sentia

ainda mais suja. Anne falou algo em dinamarquês, provavelmente para Aleksander, que ainda se achava do outro lado da porta estilhaçada. Sigita esperava que ele não estivesse vendo nada daquilo.

– Tem alguma coisa que a gente possa fazer? – indagou ela.

A morena não respondeu de imediato, apenas continuou agachada ao lado do homem, comprimindo o pescoço dele. Era tão magrinha que Sigita podia contar as costelas que ela exibia no tronco nu, podia ver que os ombros esqueléticos tremiam com o esforço que vinham fazendo.

Então, seus ombros murcharam e a mulher se endireitou.

– Ele está morto.

Sigita voltou os olhos para o corpanzil.

– Eu atirei nele – sussurrou.

Não sabia ao certo o que estava sentindo. Subitamente se lembrou de que havia prometido matar

quem machucasse seu filho. Seria necessário que um ato fosse concebido na cabeça antes de se tornar realidade? Ela cogitara aquela morte. E agora lá estava o morto. Ao formular sua promessa, ela tinha sentido uma estranha calma em meio ao caos, mas agora a tranquilidade lhe parecia muito remota.

– Acho que você se enganou – replicou Anne, abaixando-se para recolher a arma. – Acho que fui eu quem atirou nele.

Sigita virou-se para ela, confusa. De que diabos ela estava falando?

Com a mais absoluta serenidade, Anne ergueu a arma e mirou a moldura da porta.

– Cuidado – alertou, disparando.

– Talvez seja melhor assim – concordou a morena, pensativa. – A polícia vai acreditar muito mais na palavra *dela*.

Sigita, por fim, entendeu. Ela era uma forasteira naquele país, uma estrangeira sem credibilidade,

dinheiro ou contatos. Ainda se lembrava da dificuldade que tivera para convencer Gužas, mesmo falando a língua dele.

– Eu não tive outra escolha – continuou Anne, apontando o queixo para o corpo inerte. – Foi autodefesa.

Sigita engoliu em seco, depois assentiu.

– Claro – falou ela. – Você tinha que proteger seu filho.

Algo aconteceu quando elas se entreolharam. Um acordo tácito. Mais que isso, uma aliança.

– Não o seu, mas o meu – disse Sigita. – Posso doar meu rim. Se não tiver nenhum problema de compatibilidade.

– É melhor você ir embora agora – avisou Anne. – Mas espero que volte. Em breve.

– Vou voltar – afirmou Sigita.

Ouvindo isso, a morena abriu um sorriso, breve porém intenso o bastante para acender um brilho

nos olhos muito escuros e apagar a dureza das feições.

– Ele está lá embaixo, na garagem – informou ela. – Na van cinza.



Mikas se achava junto da porta, com a garagem escura às suas costas. Apoiava-se no batente como se ainda estivesse aprendendo a andar. Sua expressão ao avistar a mãe não foi de felicidade nem de medo, mas uma mistura de ambos. Sigita não conseguiu tomá-lo no colo por causa do maldito gesso. Então se ajoelhou ao lado dele e, com o braço bom, puxou o filho para bem junto dela. Seu pequenino estava quente, visivelmente assustado, e cheirava a xixi. Mas se apertava a ela como um macaquinho que enterra o rosto no pescoço da mãe.

– Meu filhinho, meu filhinho querido... – sus-surrou Sigita.

Ela sabia que haveria pesadelos e tormentas. Mas agachada ali, sentindo na pele o hálito quente do filho, ela teve a impressão de que algo – a vida, o destino, talvez até Deus – enfim a perdoara pelo que ela havia feito.

O TEMPO SERIA CURTO, PENSOU NINA. Dali a alguns minutos, tudo começaria: a polícia, as ambulâncias, os socorristas, tudo aquilo que vinha na esteira da morte e dos desastres. Elas dispunham apenas do tempo que os primeiros carros vindos de Kalundborg levariam para chegar.

Anne havia ligado para o número de emergência com o celular do filho. Emprestara seu *station wagon* azul-marinho para que a lituana pudesse sair dali com o filho. Melhor seria que nenhum dos dois estivesse presente quando chegassem as autoridades, dissera. Jan ainda se encontrava no chão da sala, mas agora com o mínimo de conforto que a esposa tinha providenciado: uma almofada sob a cabeça, um cobertor, os devidos curativos.

Anne dava a impressão de que poderia ser partida em duas por um vento forte, mas sob aquela fragilidade cor-de-rosa habitava uma inesperada força. Não parecia nem um pouco abalada com o fato de que um homem jazia numa poça de sangue no andar de cima, tampouco com o fato de que assumira a responsabilidade pela morte dele. Ela e Nina haviam coberto o corpo com uma colcha, pensando sobretudo em Aleksander, e Anne gentilmente emprestara a Nina uma camisa creme para substituir a outra que ela tinha usado como atadura de emergência. Uma camisa Armani, Nina viu na etiqueta, e ficou um tanto constrangida de meter os braços ainda mal-lavados naquelas mangas tão caras.

Anne saiu com ela da casa e, contornando-a, conduziu-a até uma entrada independente nos fundos.

– É aqui – avisou Anne, digitando o código do alarme. – É só subir a escada e entrar. Vou voltar para ficar com Jan até a ambulância chegar.

Nina apenas assentiu. A porta do flat de Karin fora lacrada com uma daquelas fitas amarelas da polícia, mas ela a abriu mesmo assim e passou por baixo da fita. A luz no pequeno hall se acendeu automaticamente: havia um sensor escondido em algum lugar. Nina encontrou o interruptor e acendeu a luz da sala também.

A casa de Karin. Os casacos e as botas de inverno no hall, o perfume dela ainda no ar. Aquela sua típica mistura de bagunça e ordem. Pilhas de livros e papéis que iam se acumulando porque ela não via aquilo como desorganização. Mas Nina poderia apostar que as roupas no cesto de roupa suja estariam dobradas à perfeição.

Ela reconheceu de imediato a cadeira de balanço que tinha acompanhado Karin desde os tempos de faculdade. Mas fora isso, estava claro

que o gosto da amiga mudara na mesma proporção do saldo bancário. Os móveis eram luxuosos. Uma máquina italiana de café expresso podia ser vista na quitinete. Nas paredes, arte moderna.

Sobre a mesa de trabalho, havia uma pequena impressora, mas nenhum laptop. Com certeza a polícia o levara para ser periciado, junto com alguns papéis – via-se claramente que as pilhas tinham sido remexidas e uma das gavetas ainda se achava semiaberta.

Nina se jogou na cadeira de balanço. Não estava ali para bisbilhotar. Estava ali para se despedir, tanto quanto possível.

O medo de Karin. Era isso que sempre lhe voltava à cabeça. Não havia dúvida de que Karin estava apavorada durante as últimas horas de sua vida, mesmo antes de ser encontrada pelo lituano. Quem a teria assustado tanto assim? Jan Marquart? O homem não parecia ameaçador,

mas pensando bem, não o conhecera antes que um projétil de 9 milímetros lhe esfacelasse o ombro e o deixasse em estado de choque, numa poça de sangue no meio de sua sala de estar.

Karin o conhecia bem mais. O bastante para ficar apavorada ao desobedecer uma ordem dele. Ela havia ficado com os maços de dólares que ainda se espalhavam em torno de Jan. O que teria imaginado que ele faria? Por que fugira de maneira tão precipitada daquele flat simpático para ir se esconder num chalé no meio do nada?

Decerto porque tinha medo de homens que colocavam criancinhas em malas, pensou Nina, bem como das pessoas que pagavam esses homens. Karin achava que eu seria capaz de salvar o menino. E acho que acabei salvando mesmo. Mas não havia ninguém por perto para salvar Karin.

As sirenes já se faziam ouvir ao longe. O tempo estava se esgotando. Nina se levantou para apagar as luzes e ir embora. Já ia levando a mão ao

interruptor quando notou os diversos cartões-postais, post-its e fotografias que Karin pregara na porta da geladeira.

Havia toda uma seção dedicada a Nina. No canto superior esquerdo, uma foto das duas, tirada séculos antes durante um concerto na faculdade, quando ambas eram colegas no curso de enfermagem. Karin tinha uma cabeleira enorme, amarrada num coque alto no topo da cabeça, bem ao estilo que fora moda após os anos 1980; o rímel em torno dos olhos faria inveja a Cleópatra e os brincos por pouco não roçavam os ombros. O olhar risonho voltava-se para a câmera com a mesma vivacidade de sempre. Nina, claro, estava toda vestida de preto, mas pelo menos conseguira forçar um sorriso para o fotógrafo, ainda que bem menos exuberante.

Karin guardara aquela foto por dezessete anos, pensou Nina. Por quantas portas de geladeira ela já teria passado?

Um pouco abaixo, estava uma foto do casamento de Nina, tirada às pressas diante da escultura da porca com seus leitões nas imediações do cartório. Nina já não lembrava mais quem havia tirado aquela foto tão artística, mas tanto ela quanto Morten pareciam ridiculamente jovens, entreolhando-se com uma seriedade e uma intensidade tão grandes que pareciam presagiar as turbulências do futuro. O vestido de Nina mal disfarçava a barriguinha de quatro meses onde estava Ida.

E mais abaixo vinham as fotos do nascimento de Ida e Anton que ela e Morten haviam distribuído aos amigos como se fossem cartões-postais de algum lugar exótico, retratos pós-parto daquelas criaturinhas frágeis e enrugadas e ainda meio roxas, acompanhados de uma minúscula impressão digital.

Minha vida está pendurada aqui, pensou Nina, pregada nessa porta de geladeira ano após ano,

junto com fotos de sobrinhos e sobrinhas, cartões de Natal e lembretes de consultas odontológicas. Podendo ser vista a qualquer instante, sempre que ela quisesse.

Vendo aquilo, Nina de repente foi tomada por uma mistura de sentimentos ruins, uma sopa amarga de tristeza, remorso, autocensura e culpa. Seria preciso algum tempo para decifrar aquilo, muito mais do que ela dispunha. Por fim, apagou as luzes, saiu do flat e fechou a porta, ouvindo às suas costas o clique da trava eletrônica. As sirenes já uivavam mais próximas. Ela lançou-se sobre os degraus da frente e ficou ali, esperando. Sabia que o mais correto seria voltar para o lado de Jan, mas naquele momento não tinha estômago para fitá-lo. O empresário não matara Karin com as próprias mãos, mas havia pagado o homem que o fizera. O medo que Karin sentira de fato tinha fundamento.

Sua cabeça ameaçava explodir com a enxaqueca. Nina sabia que deveria procurar um hospital, mas queria apenas voltar para casa. *Enfim* voltar para casa, se possível. Ela havia lavado os braços e as mãos tanto quanto as circunstâncias permitiram, pois sua vontade era ficar de molho numa banheira durante horas. Por mais que tivesse se esfregado, no entanto, ainda podia sentir o sangue pegajoso do lituano entre os dedos e sob as unhas.

Ela não sentira medo. Pelo menos, não dele.

Encontrara-o caído numa poça de sangue que só fazia crescer em torno de sua cabeça. Ele não se mexia por vontade própria, mas devido aos pequenos espasmos que faziam tremer seu corpo de gigante, como se estivesse com frio. Ao vê-lo naquele estado, Nina não havia sentido mais do que pena. Era isso que o aspecto dele inspirava: pena.

Ao empurrá-lo para longe do corpo da mulher, ela logo vira o sangue que jorrava do pescoço em jatos regulares. Sabia que o homem estava morrendo. Mesmo assim, num gesto instintivo, ajoelhara-se ao lado dele para tentar estancar a hemorragia com os próprios dedos, chegando ao ponto de sentir a textura da artéria perfurada. No entanto, por mais que tentasse comprimi-la, via que o sangue continuava a vazar por entre os dedos num fluxo quente e incontrolável.

O homem a fitara com um olhar já distante e opaco. Como se alguém tivesse fechado uma cortina sobre as pupilas. Nina conhecia aquele olhar. Claro que conhecia. Enfermeiras viam pessoas morrendo a toda hora.

Mas ali era diferente.

O cheiro do sangue quente, a visão daquela torrente escarlate e pegajosa, tudo isso a deixara um pouco tonta.

Não perca a noção do tempo, Nina. Fique atenta. Não vá esquecer a hora de novo.

Ela tinha sacudido a cabeça com irritação, tentara de novo olhar nos olhos dele. Havia algo que ela precisava saber.

– Foi você que a matou?

O homem piscava os olhos, respirando de modo ruidoso, como se inalasse água em vez de ar. Mas não dizia nada. Talvez estivesse com a traqueia ferida também. Nina nem sequer sabia dizer se ele tinha ouvido a pergunta. Então repetiu:

– Karin. A mulher do chalé. Foi você que a matou?

Dessa vez ele entreabriu os lábios e engrolou algo que poderia ser qualquer coisa, uma tentativa de resposta ou um mero gemido de dor. Os olhos estavam vidrados, duas pedras secas e negras numa praia deserta. Mesmo sem receber resposta, Nina agora tinha absoluta certeza.

Eu poderia deixá-lo morrer, pensou, baixando os olhos para as próprias mãos. Poderia desistir e parar de tentar. Ele matou minha amiga Karin, não merece destino melhor.

Mas não foi o que ela fez.

Em vez disso, enterrou os dedos ainda mais fundo na ferida, pensando: de repente, se eu conseguir uma posição melhor ou se apertar com mais força... Ela agora estava usando as duas mãos, mas o sangue ainda jorrava para os antebraços. E quando enfim ele parou de fluir, não foi porque ela conseguira estancá-lo, mas porque não havia nada mais a ser bombeado na artéria.

O homem inflou o peito, depois murchou-o bruscamente. Nina permaneceu como estava durante alguns segundos, apertando os dedos em vão, sentindo reacender no próprio peito uma dor muito antiga.

Ficou aliviada apenas quando se convenceu de que havia feito tudo a seu alcance. O lituano teria morrido de qualquer jeito.

NINA PEDIU À POLICIAL QUE A LEVOU em casa para que a deixasse diante do prédio. Não queria que ela a acompanhasse até o apartamento: ter que ser gentil com uma desconhecida estava além das suas forças naquele momento. Aliás, quase tudo estava.

Ela sabia que Morten estava à sua espera. A policial já a havia alertado. Ele logo fora notificado e, segundo informara a mulher, estava “muito aliviado e feliz por tê-la de volta, sã e salva”.

Nina crispou o rosto numa careta quando, já ao pé da escada, se lembrou dessas palavras. Claro que Morten estava aliviado, mas “feliz por tê-la de volta” sem dúvida era um exagero. Já fazia algum tempo que a palavra “feliz” não se aplicava

mais ao casamento deles. Na verdade, Morten parecia qualquer outra coisa, menos feliz, quando enfim eles se reencontraram.

Ele certamente a vira da janela, pois já a esperava à porta, com os braços cruzados.

– Até que enfim... – disse ele sem grande alarde, quase sussurrando.

Não estava furioso, nem aflito. Exibia no olhar uma expressão que Nina não sabia muito bem como definir. Assustada, chegou a baixar a cabeça como se ele tivesse arremessado algo contra ela. Precisou reunir forças para galgar os últimos degraus e adentrar o corredor.

Agora eles estavam frente a frente, tão próximos que Nina precisou refrear o impulso de se jogar nos braços dele e aninhar a cabeça em seu ombro.

– Posso entrar? – perguntou ela.

Procurara falar com naturalidade e segurança, mas a garganta já se fechava naquele nó apertado

que em geral culminava em lágrimas. Tratou, então, de afugentá-las, pois não queria chorar naquele momento. Precisava de forças para consolar o marido.

Erguendo os olhos para Morten, pensou ter visto algo se desprender da alma dele, algo muito pesado e sombrio, pois de repente, após um suspiro, ele pousou as mãos na nuca dela e a puxou para junto de si.

Resignado com a própria impotência diante dos fatos.

Talvez fosse isso que ela tinha ouvido na voz dele ou que vira nos seus olhos. Aquela impotência abjeta e acachapante que ele sentia toda vez que algo a sugava para longe da família.

– Nunca mais – exigiu ele, apertando-a com tamanha força que chegava a doer. – Nunca mais faça isso de novo.

SETEMBRO

HAVIA FARINHA POR TODA PARTE na cozinha, na mesa e no chão, pedaços de massa grudados à torneira da pia, até mesmo algumas pegadas de farinha no corredor.

– Que diabos vocês estão fazendo? – perguntou Morten, deixando de lado a bolsa do laptop.

– Ravióli! – bradou Anton, erguendo em triunfo uma tira de massa salpicada de farinha.

Deus nos acuda, pensou Morten. Nina estava tendo um daqueles seus esporádicos ataques de dona de casa. Era a cara dela não querer comprar uma caixa de massa e dar o assunto por encerrado. Ele ainda sentia arrepios ao se lembrar daquele boi morto que certo dia havia aparecido

na geladeira. Por boa parte das 24 horas seguintes, o apartamento inteiro se transformara num açougue enquanto Nina serrava, cortava, empacotava e congelava pedaços de carne orgânica. No fim das contas, ele tivera que convencer sua irmã a ficar com grande parte do bicho, pois ela vivia em Greve e tinha um freezer extra no quintal de casa.

Pois agora lá estava ela de novo, o rosto todo sujo de farinha, cortando o ravióli numa máquina que ele nem sequer sabia ter em casa.

– Belo trabalho – Morten falou displicentemente para o pequeno Anton.

– Olá – cumprimentou Nina. – E aí, o que eles disseram?

– Esben vai no meu lugar desta vez. Mas prometi cobrir o turno dele depois. Lá pelo dia 23.

De modo geral, a cada mês e meio Morten passava duas semanas nas plataformas de petróleo do mar do Norte, mas dessa vez ele havia pedido

para não ir. O que de fato queria era sair com a família para algum lugar. Já conseguira trocar de turno com um companheiro de trabalho, mas Nina preferira ficar em casa.

– O que eu realmente preciso é de uma boa dose de vida normal – alegou ela.

À custa de certo esforço, ele tinha conseguido arrastá-la até a clínica para que Magnus fizesse pelo menos um primeiro exame. Magnus havia suturado o corte na cabeça, apalpado toda a superfície do crânio e recomendado que ela fizesse um check-up mais completo no hospital.

– No mínimo você teve uma concussão – comentara ele, examinando as pupilas com sua lanterna. – E sabe tanto quanto eu que precisamos fazer o possível para não piorar o quadro. Você foi muito imprudente. – Ele olhou para Morten. – Se algo assim acontecer outra vez, não deixe de jeito nenhum que ela durma. Muitas

vezes a pessoa entra num coma extremamente perigoso sem nem perceber.

Morten ficara com a boca seca ao ouvir aquilo e apenas assentira. Mesmo após ter ouvido dos médicos do hospital que o crânio de Nina estava em perfeita ordem, as palavras de Magnus continuavam a perturbá-lo. Por uma semana, não conseguira ter uma única noite de sono tranquilo ao lado da mulher, preocupado com ela, conferindo a toda hora se estava bem, do mesmo modo que fazia com os filhos recém-nascidos, indo ao quarto deles várias vezes à noite só para ver se estavam respirando.

Dali a menos de duas semanas, Nina já estava de volta ao trabalho. E Morten quase podia jurar que a Operação Ravióli tinha tudo a ver com a necessidade dela de provar que estava no controle da própria vida. Provar que era capaz de atender as necessidades do trabalho *e* da família, de ser

uma boa mãe, de fazer tudo isso e estar *ali* de novo.

A vontade de Morten era dizer a ela que nada daquilo era necessário, que era natural se sentir irritadiça e cansada, que não haveria o menor problema caso precisasse pedir ajuda. E se houvesse a necessidade de provar algo, com certeza não seria a sua capacidade como chef.

Já fazia alguns minutos que Morten vinha fitando a mulher, enfeitiçado pela vitalidade e intensidade dos olhos dela. Certa vez, ele encontrara uma pedra, um pedaço de dolerito que tinha o tom plúmbeo das tempestades e lembrava de tal modo os olhos de Nina que ele o havia trazido no bolso da calça desde a Groenlândia até a Dinamarca.

- Está olhando o quê? – perguntou ela.
- Nada.

Nina segurou o rosto do marido entre os pulsos, para não sujá-lo de farinha, e lhe deu um beijo.

– Estamos fazendo três tipos de ravióli: um de espinafre e ricota, outro de *prosciutto* e emental, outro de camarão trufado. Então, gostou?

– Adorei – elogiou Morten.

NINA JÁ ADORMECERA HAVIA MUITO tempo quando Morten enfim foi para o quarto. Ao acordar, encontrou o marido ajoelhado a seu lado na cama. Ela estendeu o braço para ele e o puxou. Morten deixou-se cair sobre ela e a beijou com certa ferocidade, apertando o queixo com uma das mãos, acariciando pescoço, peitos e braços, entrelaçando os dedos nos dela, imobilizando-a com o peso do corpo.

Seus olhos eram quase invisíveis na escuridão. Nina via apenas um discreto reflexo de luz enquanto percebia algo, uma espécie de melancolia que parecia descer sobre eles. Era possível que esse sentimento já estivesse ali desde o começo e ela não tivesse percebido.

Ela virou o rosto para o radiorrelógio, querendo saber as horas.

– Não – disse Morten com firmeza. – Agora não.

Ele virou o aparelho para que os dígitos não ficassem mais visíveis. Depois, puxou o rosto da mulher para junto do seu na escuridão e aos poucos foi abrindo as pernas dela.

Nina, enfim, cedeu. Entregou-se ao marido. Entregou-se aos sentimentos e sensações, àquela zona mental em que o tempo não tem a menor importância.



Ela voltou correndo para casa. Não conseguia evitar o pânico mesmo sabendo que estava sendo histérica, que com certeza encontraria o pai sentado à mesa da cozinha como ele sempre fazia, com um sanduíche de salada de ovo e uma cerveja sem álcool à sua frente, a água já fervendo para o

café. Era sempre assim. Por vezes, no máximo três ou quatro vezes por ano, ele retornava para casa, muito embora o período escolar ainda não tivesse terminado, e em geral voltava para o trabalho no dia seguinte. Em geral. Mas às vezes se passavam duas ou três semanas, as semanas do “não muito bem”. Era isso que sua mãe dizia quando as pessoas perguntavam. “Não, o Finn não está muito bem no momento.” E ouvindo isso as pessoas não perguntavam mais nada, pelo menos não aquelas que o conheciam.

Salada de ovos e agrião, pensou ela. Ele estará sentado à mesa da cozinha, tendo acabado de cortar um bom punhado de agrião do porquinho de topiaria mais ou menos disforme que Martin havia feito na escolinha. E estará bebendo uma cerveja sem teor alcoólico porque terá acabado de tomar seus remédios.

Ela consultou o relógio. Onze e vinte. Se conseguisse vê-lo à mesa da cozinha, nem precisaria entrar. Poderia dar meia-volta e chegar de novo à escola ainda a tempo de assistir à aula seguinte.

Mas ele não estava à mesa da cozinha.

O casaco de lã grossa se achava pendurado no gancho de sempre no corredor. Os sapatos estavam perfeitamente alinhados na sapateira, a maleta ao lado deles. Ela entreabriu a porta do quarto, pensando que ele estivesse tirando uma soneca, mas não estava. Em seguida, notou que a porta da escada que levava ao porão encontrava-se aberta. E ouviu o barulho.

Ela estava atrasada para as aulas de dinamarquês e geografia e o professor a conduziu para o corredor a fim de que ela se explicasse. De início, ela não sabia o que responder.

– Precisei mudar de roupa – falou afinal.

Só algum tempo depois todos entenderam o que de fato havia acontecido, e assim, claro, começaram a fazer outro tipo de pergunta. Por que ela apenas voltara para a escola?

O psicólogo da escola fizera esse questionamento, além de outros tantos que invariavelmente começavam com “O que você estava sentindo quando...” ou “Em que você estava pensando quando...”. Ela não tinha respostas. Não se lembrava de ter sentido isso ou aquilo, tampouco de ter pensado no que quer que fosse. Não sabia muito bem o que estava fazendo. Mas sabia, sim, que descera ao porão e encontrara o pai na banheira, ainda vestido; a água estava vermelha. Ela se lembrava de que, ao vê-la, ele havia mexido a boca para dizer algo como num filme sem som, mas ela não conseguira ouvir o que era. Estava olhando para aquela gosma vermelha no braço dele. E foi aí que o tempo desapareceu, pensou ela,

mesmo sem saber como. Lembrava-se de ter procurado a vizinha, a Sra. Halvorsen, para que ela chamasse uma ambulância. O que ela não entendia, o que não fazia o menor sentido, era que mais de uma hora se passara. Que de repente já era meio-dia e meia e ela havia trocado de roupa. Fui para lá na mesma hora, repetia ela, para si e para os outros. Fui para lá na mesma hora.

O telefone a despertou do pesadelo. Tateando no escuro, conseguiu encontrar o aparelho antes que Morten acordasse com o toque. Ou pelo menos pensou ter conseguido.

Inicialmente, ouviu apenas uma respiração ofegante do outro lado da linha. Estava prestes a desligar quando enfim uma voz feminina apavorada suplicou:

- Por favor, venha.
- Quem está falando?
- Natasha. *Por favor...*

Nina aprumou-se na cama e acendeu a luz do abajur. Ouviu Morten resmungar algo, ainda meio dormindo, e a não ser pela palavra “merda”, não entendeu nada do que ele disse.

– Natasha, o que aconteceu?

Por alguns longos segundos, Nina ouviu apenas o soluçar descontrolado da moça.

– Ele... ele tocou na Rina.

– Denuncie para a polícia – replicou Nina, irritada. – Se você não denunciar, *eu* denuncio.

– Acho que ele está morto – continuou Natasha. – Por favor, venha... Acho que eu o matei.

Ouviu-se um clique e a ligação foi interrompida. Nina deixou-se cair na cama ainda sentindo na boca um gostinho de sangue, resquício do pesadelo de que fora despertada. Morten rolou na cama, dando as costas para a luz, e voltou a dormir. Não que tivesse acordado por completo. O lençol que o cobria deslizou, deixando exposta parte de suas nádegas.

Chame a polícia, disse ela a si mesma. Anda, vai. Você está careca de conhecer o número. Porra, caralho. O talho no couro cabeludo nem havia cicatrizado por completo, as enxaquecas volta e meia ainda surgiam.

Nina fechou os olhos por um instante. Em seguida, saiu lentamente da cama, vestiu a mesma camiseta da véspera, foi para o banheiro e jogou um pouco de água no rosto. Vestiu-se o mais rápido que pôde, pegou as chaves do carro que tinha pendurado junto à porta da sala. Do lado de fora, aquela noite escura de setembro apertava a cidade num úmido abraço, não muito mais fresca do que fora o dia. Estertores de um verão que não queria morrer.

Eram 4h32, observou ela.

AGRADECIMENTOS

Nossos mais sinceros agradecimentos a:

Anders Trolle

Daiva Povilavičienė

Henrik Friis

Henrik Laier

Inger Laier

Joana Mikalauskaitė Nørskov

Juozas Mikalauskas

Justina Mikalauskienė

Kirstine Friis

Liudvika Strakauskienė e a creche Žemyna

Lone Emilie Rasmussen

Pranas Povilavičius

E aos muitos outros cuja ajuda e cujo apoio tornaram possível este livro.

Lene e Agnete, agosto de 2008

Sobre as autoras

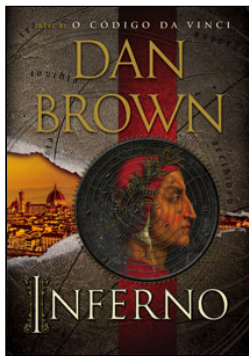
© Lisbeth Holten



AGNETE FRIIS é jornalista e escritora infantojuvenil. LENE KAABERBØL já publicou mais de trinta títulos e vendeu mais de dois milhões de livros

como autora de fantasia, ganhando prêmios nacionais e internacionais.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Inferno

DAN BROWN

No meio da noite, o renomado simbologista Robert Langdon acorda de um pesadelo, num hospital. Desorientado e com um ferimento à

bala na cabeça, ele não tem a menor ideia de como foi parar ali.

Ao olhar pela janela e reconhecer a silhueta do Palazzo Vecchio, em Florença, Langdon tem um choque. Ele nem se lembra de ter deixado os Estados Unidos. Na verdade, não tem nenhuma recordação das últimas 36 horas.

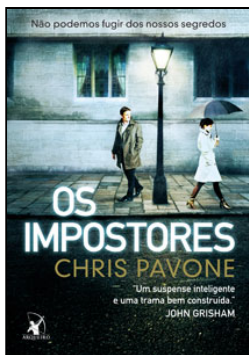
Quando um novo atentado contra a sua vida acontece dentro do hospital, Langdon se vê obrigado a fugir e, para isso, conta apenas com a ajuda da jovem médica Sienna Brooks.

De posse de um macabro objeto que Sienna encontrou no paletó de Langdon, os dois têm que seguir uma série inquietante de códigos criada por uma mente brilhante, obcecada tanto pelo fim do mundo quanto por uma das maiores obras-primas literárias de todos os tempos: *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri.

Mais uma vez superando as expectativas, Dan Brown nos leva por uma viagem pela cultura,

pela arte e pela literatura italianas – passando por lugares como a Galleria degli Uffizi, o Duomo de Florença e a Basílica de São Marcos.

Inferno é uma leitura eletrizante e um convite a pensarmos no papel da ciência para o futuro da humanidade.



Os impostores

CHRIS PAVONE

Kate Moore é uma mãe que trabalha fora e luta para equilibrar as despesas e o orçamento, criar os filhos, manter viva a chama do casamento... e guardar um segredo cada vez mais difícil de suportar. Por isso, quando seu marido, Dexter,

recebe uma proposta de emprego em Luxemburgo, ela agarra a chance de deixar para trás sua vida dupla e recomeçar do zero longe de Washington.

Em outro país, Kate se reinventa, enquanto Dexter trabalha sem parar num emprego que ela nunca entendeu e para um cliente que ela não pode saber quem é. Em pouco tempo, a confortável vida europeia com que sonhava se revela uma rotina cansativa, em que o marido vai ficando cada vez mais distante e evasivo e ela, solitária e entediada.

Chega então outro casal americano, que faz amizade com Dexter e Kate. Mas ela logo desconfia que os novos amigos não sejam exatamente quem dizem ser – e fica apavorada diante da possibilidade de estar sendo perseguida por fantasmas do passado.

Assim, Kate começa a investigá-los e acaba descobrindo camadas e mais camadas de

mentiras que a cercam e, por trás disso tudo, um golpe extremamente bem elaborado que ameaça sua família, seu casamento e até sua vida.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julietta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos
lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



@editoraarqueiro

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila
Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

